

Revista **Linguística**

Volume 15, número 3 de set. - dez. de 2019

**Organizadores da edição:
Alessandro Boechat de Medeiros
Adriana Leitão Martins**

O número Projeções funcionais, cartografia sintática e nanossintaxe traz nove artigos originais que tratam dos núcleos funcionais e sua importância na variação translinguística, adotando, em sua maioria, a cartografia sintática e a nanossintaxe.

ISSN: 2238-975X

UFRJ

COMISSÃO EDITORIAL

Editor-chefe

Aleria Lage, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editores

Aniela Improta França, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Andrew Nevins, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Marcus Maia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editores Honorários

Miriam Lemle, UFRJ

Maria Luiza Braga, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editor Fundador

Lilian Ferrari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Conselho Editorial

Anthony Naro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fernanda Ferreira Spoladore, Michigan State University, EUA

Gabriela Matos, Universidade de Lisboa, Portugal

Kees Hegenveld, Universidade de Amsterdam, Holanda

Leticia Sicuro Correa, Departamento de Letras - PUC/RJ

Leo Wetzels, Universidade Livre de Amsterdam, Holanda

Luiz Amaral, University of Massachusetts, USA

Maria Armanda Costa, Universidade de Lisboa, Portugal

Maria Cecília Mollica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Roberto Almeida, Concordia University, Canada

Ruth Lopes, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Organização da Edição

Alessandro Boechat de Medeiros e Adriana Leitão Martins

Redação e Assinaturas

Programa de Pós-Graduação em Linguística - Faculdade de Letras da UFRJ

Av. Horácio de Macedo, 2151 - Sala F. 321. Ilha do Fundão Cidade Universitária

CEP 21941-917 - Rio de Janeiro - RJ. E- mail: ppglinguistica@letras.ufrj.br

Editor Operacional

Elir Ferrari, Editorarte / UERJ

Design e Diagramação

Rafael Laplace, Agoobook/Agoodigital

<http://www.agoodigital.com>

Revista **Linguística**

Rio de Janeiro | Volume 15 | Número 3 | set. - dez. 2019

Projeções funcionais, cartografia sintática e nanossintaxe
Functional projections, syntactic cartography and nanosyntax

UFRJ

Programa de Pós-Graduação em Linguística
Faculdade de Letras UFRJ

Sumário

- 6** **Apresentação**
Alessandro Boechat de Medeiros

Artigos

- 21** **Falhas de transitividade são de análise**
Aquiles Tescari Neto
- 43** **Preposições de ALVO no português brasileiro: uma comparação entre 'para' e 'até'**
Thayse Letícia Ferreira e Renato Miguel Basso
- 69** **Posição SUBJP: o caso dos sujeitos locativos no Português Brasileiro**
Lívia de Mello Reis, Sandra Quarezemin
- 88** **Perguntas com –WH adverbiais altos, cartografia e o caso das interrogativas com como assim em PB**
Simone Lúcia Guesser, Raquel Sousa, Flore Kédochim
- 118** **Path e ilha semântica; place e condição de referencialidade**
Teresa Cristina Wachowicz
- 141** **Cartography and Microparametric variation: Criterial V2 in Swiss Romansh varieties**
Giuseppe Samo

161 **Evidências advindas da aquisição do português do Brasil para os tipos de Perfect**

Nayana Pires da Silva Rodrigues, Adriana Leitão Martins

185 **Nanossintaxe do espanhol paraguaio: léísmo, objeto nulo e marcação diferencial de objeto**

Valdilena Rammé, Rocio Esther Gonzalez Fariña

213 **Considerações teórico-experimentais sobre a estrutura subjacente a 'sluicing' com apagamento de preposição**

Cilene Rodrigues, Ludmila Milhorange

PROJEÇÕES FUNCIONAIS, CARTOGRAFIA SINTÁTICA E NANOSSINTAXE – ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DAS LÍNGUAS NATURAIS

FUNCTIONAL PROJECTIONS, CARTOGRAPHY AND NANOSYNTAX - SOME CONTRIBUTIONS TO THE STUDY OF NATURAL LANGUAGE

Alessandro Boechat de Medeiros¹

1. Introdução

Desde os anos oitenta, por conta de trabalhos como o de Borer (1984), núcleos funcionais² ganham tremenda importância dentro da pesquisa em linguística formal, e, hoje em dia, no mainstream da teoria gerativo-transformacional chomskyana, considera-se que eles são os responsáveis pela variação interlinguística: os parâmetros que distinguem as línguas do mundo seriam diferentes enfeixamentos de traços (ou de traços com diferentes “forças”; e. g., CHOMSKY, 1995) em núcleos como C ou I, disparando movimentos que distinguem, por exemplo, os diversos ordenamentos de constituintes que encontramos nas línguas do mundo.

No final dos anos oitenta, particularmente a partir do trabalho de Pollock (1989), núcleos funcionais já amplamente incluídos na tradição dos estudos formais, como C e I, começaram a ser “desmembrados”, por razões essencialmente empíricas, em múltiplos cabeças, cada um com, supostamente, um subconjunto dos traços que o núcleo original albergava em versões anteriores

1 Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: alboechat@letras.ufrj.br

2 De fato, a proposta original de Borer defende que a variação paramétrica é reflexo de onde (em qual nível de representação) uma determinada regra do sistema flexional pode aplicar-se em uma dada língua. Particularmente, Borer (1984) considera que regras flexionais inserem clíticos e grande parte do trabalho procura mostrar como seu sistema explica as variações sistemáticas nos licenciamentos dos clíticos nas línguas sob análise no trabalho.

da teoria. Em Pollock (1989), por exemplo, o núcleo flexional I é desmembrado em, pelo menos, *T* e *AGR*, com *T* tomando *AGR* na estrutura funcional expandida do sistema flexional. Um pouco mais tarde o próprio Chomsky (CHOMSKY, 1993) adotaria uma divisão como essa, ainda que desmembrando a concordância em duas (de sujeito, *AGRs*, e de objeto, *AGRo*) e colocando o núcleo de concordância com o sujeito mais alto, na estrutura sintática, do que o núcleo que alberga traços de tempo. A verificação dos traços de Caso se dá na relação especificador-núcleo, e *AGR_s* verifica nominativo, enquanto *AGR_o* verifica acusativo. O esquema a seguir o mostra:

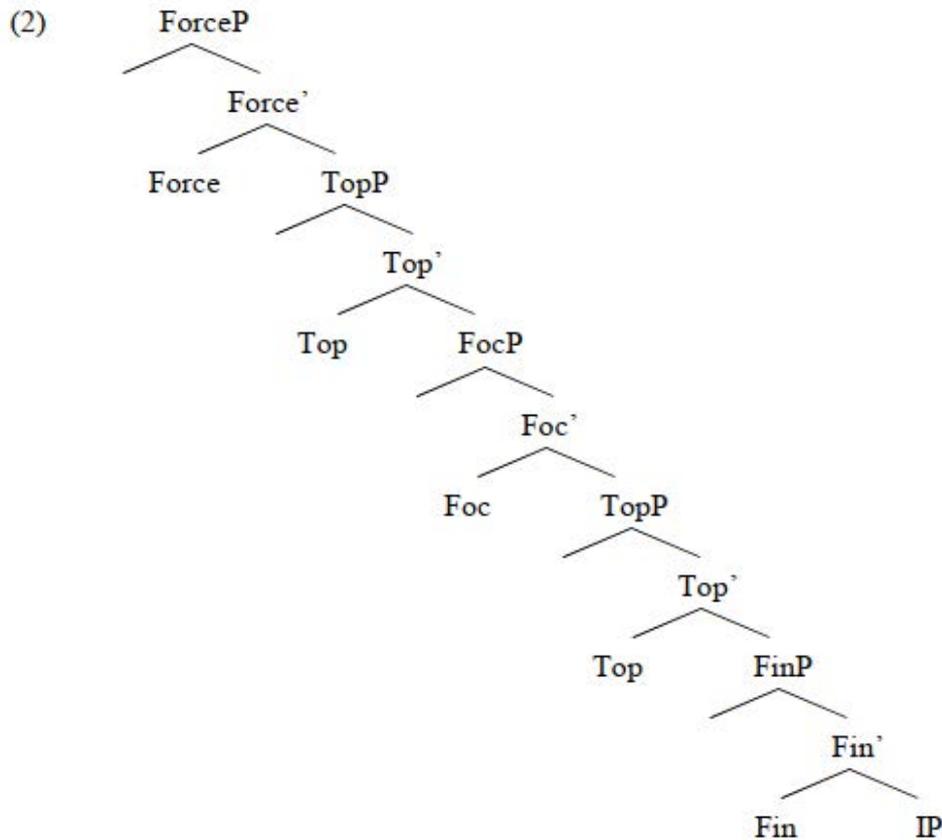
$$(1) [_{AGRS}P [_{AGRS} AGRs [_{TP} [_{T'} T [_{AGRoP} [_{AGRo} AGRo [_{VP} \dots V \dots]]]]]]]^3$$

Na mesma linha, Rizzi (1997) expande a camada funcional C, dividindo-a em diversos núcleos associados ao que se convencionou chamar na literatura de estrutura informacional da sentença (foco, tópico, força). O trabalho é tido por muitos como inaugurador da chamada *empreitada cartográfica*, uma corrente dentro do gerativismo chomskyano que, entre outras coisas, tem produzido mapas muito precisos da periferia esquerda das sentenças, dando conta também dos ordenamentos possíveis entre classes de advérbios (CINQUE, 1999) e entre tópicos, focos e complementizadores em diversas línguas estudadas.

Na proposta de Rizzi (1997), por exemplo, o sintagma complementizador da sentença, CP, torna-se uma camada ou região em que temos, pelo menos, um núcleo, hierarquicamente mais baixo, que seleciona o tipo de flexão (se finita ou não-finita – o núcleo *Fin*) do verbo principal ou do auxiliar da sentença complemento, e um núcleo, mais alto, que codifica a força ilocucionária da sentença (se declarativa, interrogativa, relativa, entre outras – o núcleo *Force*). Entre esses dois núcleos que compõem a camada CP (a qual está, de fato, numa espécie de fronteira entre o que é estritamente sentencial e o que faz parte do discurso), podemos ter ainda núcleos de foco (*Foc*) e tópico (*Top*), que projetam posições (especificadores) para os constituintes sintáticos que serão o foco (incluindo-se aí os sintagmas-QU) e o(s) tópico(s) da sentença. Tais núcleos selecionam como complementos, respectivamente, aquilo que será a parte da sentenças que veicula a informação pressuposta e a parte da sentença que veicula o comentário. Ao tópico é permitido ocorrer mais de uma vez (é recursivo, pelo menos em algumas línguas), podendo, essas ocorrências, “ensanduichar” um foco; focos, por outro lado, só ocorrem uma vez na estrutura (pois uma segunda ocorrência sua, mais alta, tomaria como seu complemento uma informação não-pressuposta – outro foco –, o que é simplesmente

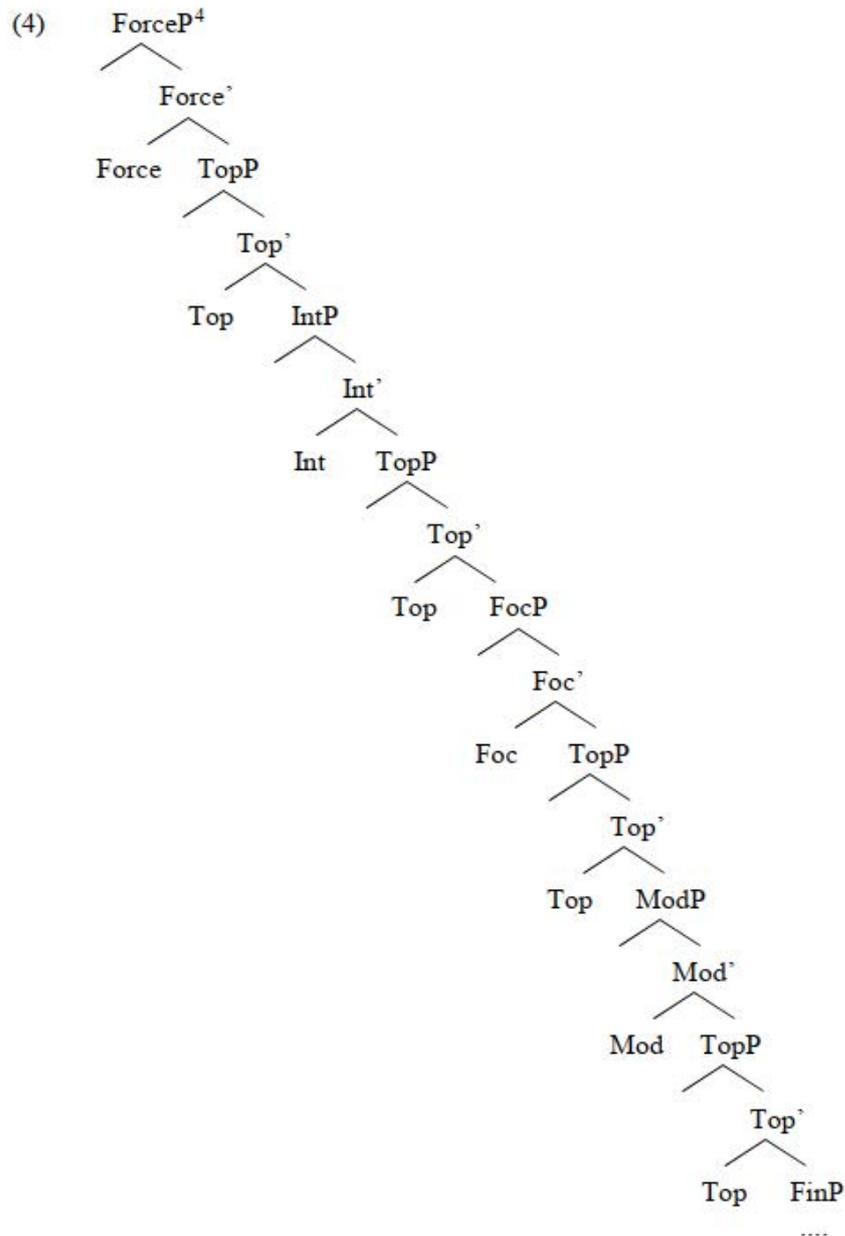
3 Já em Chomsky (1995) os núcleos de concordância são eliminados do sistema flexional. A função de atribuição/checagem de traço acusativo fica sob a responsabilidade do *vezinho* e a concordância de sujeito deixa de existir, sob a alegação de que ela não tem função nenhuma em LF – e sua existência seria uma violação do *Princípio da interpretação plena*.

contraditório). A proposta de Rizzi costuma ser representada no seguinte esquema arbóreo, em que fica clara uma cartografia, um gabarito sintático, um mapeamento das posições sintáticas na periferia esquerda da sentença, com funções bastante específicas para a organização da informação.



Tal hierarquia tem o poder de explicar, entre muitas outras coisas, por que, em italiano, quando o complementizador é a preposição *di*, que realiza o núcleo Fin e seleciona IP encabeçado por flexão infinitiva, não é possível focalizar ou topicalizar um constituinte qualquer da sentença complemento imediatamente à direita da preposição, mas quando o complementizador é *che* (que ocupa o núcleo Force e tem força declarativa), constituintes focalizados ou topicalizados podem ocorrer imediatamente à direita da conjunção. Esta constatação justifica a cisão mínima do C em, pelo menos, Fin e Force.

Propostas posteriores, como a que encontramos em Belletti (2004), estabelecem uma hierarquia de posições de tópico e foco entre o sintagma verbal e os núcleos da camada IP. Belletti propõe que haveria uma diferença entre o foco “mais baixo”, logo acima do VP, que seria tipicamente informacional ou identificacional, e o foco “mais alto”, na camada CP, que seria tipicamente contrastivo. Fundamentalmente, o artigo de Belletti se baseia em dados de posposição do sujeito em italiano para propor essa cartografia intermediária. O esquema a seguir ilustra a proposta:



O trabalho de outros sintaticistas que abraçam a cartografia sintática tem mostrado que existe também uma hierarquia de posições para a modificação adverbial, como mencionado anteriormente. Essa hierarquia, como a da periferia esquerda da sentença e a da periferia do VP, é bastante rígida, e vem sendo observada em diversas línguas analisadas nos últimos anos. Uma vez que tal mapa existe, muitos pesquisadores dentro da cartografia sintática assumem que os advérbios ocupam, de fato, posições em especificadores de núcleos funcionais no chamado *middlefield*, uma versão expandida do IP; esses núcleos se organizam rigidamente, o que faz com que somente determinadas ordens de

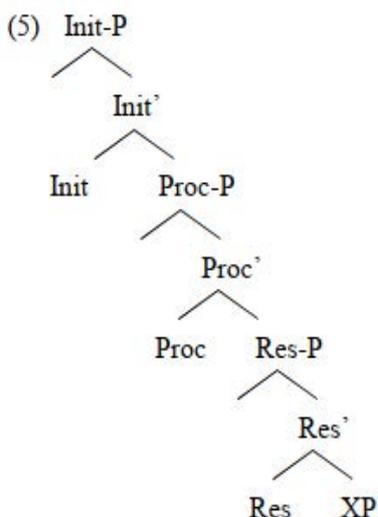
4 Se estivermos tratando de uma oração encaixada, Qemb ocorreria acima e FinP e abaixo do primeiro núcleo Top.

advérbios sejam observadas, jamais outras – tendo como corolário a propriedade de transitividade na sequência dos advérbios (cf. TESCARI NETO, neste volume). O trabalho de Cinque (1999) figura entre os principais a tratar das hierarquias possíveis entre os advérbios, e estudos recentes têm mostrado que a hierarquia proposta naquele trabalho (ou com pequenas variações dele) pode ser de fato universal.

Como vemos, todas as propostas (e suas revisões) são motivadas por razões empíricas fortes, e a chamada *cartografia sintática* tem-se mostrado bastante poderosa dos pontos de vista descritivo e explicativo.

Partindo também da ideia de desmembrar núcleos assumidos nos estudos tradicionais sobre a estrutura das sentenças, a *Nanossintaxe* (e. g., STARKE, 2009) defende a ideia radical de que cada traço projeta um núcleo numa estrutura sintática. Isso significa que determinados itens lexicais ou morfemas podem ser as realizações de regiões inteiras de uma árvore sintática rica e complexa.

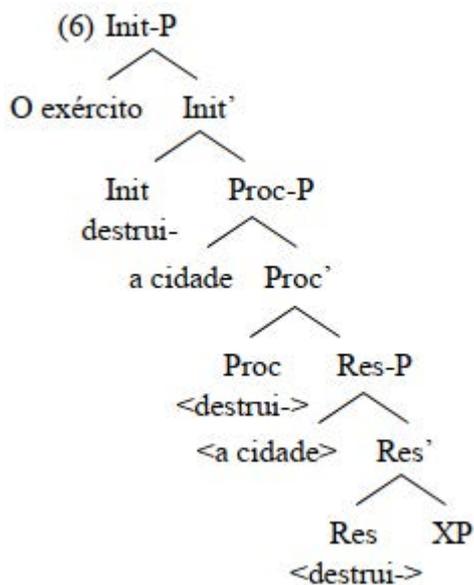
Uma das primeiras propostas que podemos chamar de “nanossintática” é encontrada no trabalho de Gillian Ramchand (e. g., RAMCHAND, 2008). Ramchand (2008) assume que verbos projetam estruturas verbais com até três núcleos formadores: um núcleo de estado, mais baixo na estrutura, que veicula o estado resultante se for complemento de um núcleo que veicula um processo, conforme o esquema a seguir, e, por fim, outro núcleo que veicula um estado, mais alto, que, ao tomar como seu complemento a estrutura que codifica o processo, é interpretado como subevento iniciador deste. Observe-se a estrutura a seguir:



Assim, verbos que denotem eventualidades dinâmicas podem, por exemplo, projetar somente

os dois núcleos mais altos (como o verbo *ler*, que teria como complemento de Proc o objeto direto do verbo, e este seria interpretado como um PATH ou tema incremental para o processo), ou os dois núcleos mais baixos (por exemplo, a versão intransitiva do verbo *abrir*, na qual o sujeito do verbo é simultaneamente especificador do Res-P e do Proc-P) ou os três núcleos (como é o caso do verbo *destruir*, que discutirei com mais detalhes abaixo).

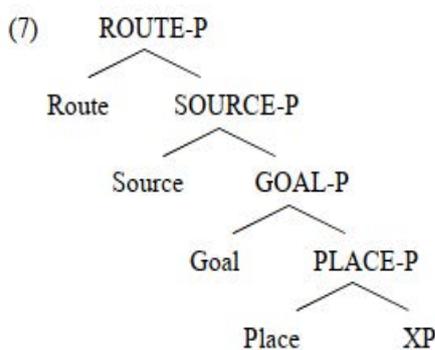
Como exemplo, tomemos a frase *o exército destruiu a cidade*. Ramchand (2008) propõe que um verbo como *destruir* projete Res-P e abra posição para o complemento (*a cidade*) em seu especificador; tal complemento recebe um papel aspectual (e. g., TENNY, 1992; BORER, 2005) nesta posição. O verbo então se desloca e toma o Res-P projetado por ele mesmo como seu complemento, e, nesta nova posição, projeta Proc-P. O objeto direto, que estava no especificador de Res-P, se move para o especificador de Proc-P, passando a receber outro papel aspectual. A proposta capta a intuição de que, na sentença, *a cidade* passa pelo processo de destruição e atinge o estado resultante deste processo. Por fim, mais uma vez o verbo se desloca, toma agora Proc-P como seu complemento, e projeta Init-P, outro estado, cujo especificador será ocupado pelo iniciador do processo, *o exército*. O esquema a seguir ilustra a estrutura final, com os movimentos já realizados:



O que era um único núcleo verbal na estrutura do VP é, portanto, desmembrado em três núcleos, caracterizando três subeventualidades distintas que compõem a eventualidade (complexa) que o verbo expressa.

Na mesma linha, trabalhos como o de Pantcheva (e. g., PANTCHEVA, 2009) desmembram a estrutura de sintagmas locativos para além da decomposição PATH-PLACE proposta por Jackendoff

em diversos trabalhos (e. g., JACKENDOFF, 1983). A autora mostra, a partir de evidências de diversas línguas, que o tradicional núcleo PATH pode ser desmembrado em GOAL, SOURCE, ROUTE, entre outros⁵. A estrutura tem uma ordem rígida, em que GOAL toma diretamente o sintagma PLACE e indica uma transição, em que a figura se desloca de fora de um lugar específico (PLACE) para o interior desse lugar. O núcleo SOURCE, quando ocorre na estrutura, toma o sintagma GOAL e inverte a trajetória, mantendo uma única transição: agora, a figura começa no lugar (PLACE) e se desloca para fora dele. ROUTE faz com que a estrutura tenha duas transições, e a figura entra e sai do lugar (PLACE). ROUTE toma o sintagma SOURCE (que por sua vez só ocorre tomando GOAL-P, que por sua vez precisa ter como seu complemento um PLACE-P). Assim, a estrutura mais geral possível, considerando o desmembramento proposto neste parágrafo para o PATH, pode ser representada pelo seguinte esquema:



Diferentemente da proposta original de Ramchand (2008), em que o mesmo item projeta até três núcleos sintáticos, Pantcheva adota a ideia de que determinados itens realizam regiões da estrutura sintática em (7).

A nanossintaxe defende que a lexicalização é pós-sintática, e que um mesmo item lexical/morfema pode lexicalizar diversos nós terminais em uma estrutura sintática. É claro que o item que lexicalizará determinado conjunto de nós deverá ter uma especificação de traços compatível com a do conjunto de nós terminais em questão. Mas, ao contrário de outras abordagens teóricas (particularmente a da Morfologia Distribuída; HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), em que se adota o *princípio do subconjunto* – um expoente fonológico é licenciado em determinado terminal sintático se ele for especificado com pelo menos um subconjunto dos traços do nó terminal, mas nunca com um traço não contido no nó sintático em questão (HALLE, 1997) –, a nanossintaxe adota o *princípio do superconjunto*. No princípio do superconjunto, são os traços contidos nos nós terminais sintáticos que

5 Pantcheva (2011) propõe ainda os núcleos SCALE, que desfaz as transições introduzidas pelos núcleos mais baixos, e BOUND, que delimita a trajetória, seja na origem, seja no alvo. Ambos podem tomar como complementos quaisquer núcleos que introduzam transições.

devem constituir um subconjunto dos traços que especificam o item/morfema. Isso quer dizer que um mesmo item pode (seguindo algumas restrições) realizar diversas estruturas sintáticas que contenham um subconjunto de seus traços. Por exemplo, podemos pensar que, adotando o desmembramento do VP proposto em Ramachand (2008), a raiz do verbo *abrir* tenha como especificação os traços que correspondem aos núcleos Res, Proc e Init, o que lhe permite lexicalizar a versão transitiva do verbo; mas esse mesmo item, pelo princípio do superconjunto, também pode lexicalizar a versão intransitiva do verbo, que projeta somente os núcleos Res e Proc. O traço correspondente ao nó Init é um “lixo” (*junk*; STARKE, 2009) que sobra na versão intransitiva. Evidentemente a teoria propõe um princípio para minimizar o “lixo”, e, assim, o item a ser escolhido para lexicalizar determinado conjunto de nós é aquele que minimiza o lixo em um determinado contexto.

2. Os artigos deste volume

Depois desta breve e incompleta apresentação das teorias adotadas pela maioria dos artigos deste número, passo a uma apresentação igualmente breve dos nove textos que compõem o volume.

Nosso artigo inicial trata de um tema caro à empreitada cartográfica: a hierarquia proposta por Cinque (1999) e trabalhos subsequentes para os constituintes adverbiais na estrutura sintática. Tescari Neto discute um problema apontado por alguns teóricos para a proposta inicial de Cinque (1999) sobre as hierarquias funcionais que dão conta dos ordenamentos dos constituintes adverbiais, a saber, as chamadas *falhas de transitividade*. Intuitivamente, se há um ordenamento (rígido) para os constituintes modificadores, espera-se que esse ordenamento obedeça a propriedade de transitividade: se o constituinte adverbial A precede o constituinte adverbial B, e este precede o constituinte adverbial C, então o constituinte A precede o constituinte C. Uma das principais críticas às propostas de Cinque e trabalhos subsequentes se volta para este ponto, apresentando (supostas) falhas de transitividade – ou seja, algo como A precedendo B, B precedendo C, mas C também precedendo A. Tescari Neto mostra, em seu artigo *Falhas de transitividade são falhas de análise*, que, na verdade, não há falhas de transitividade, porque (a) o que realmente importa é a primeira posição de soldagem do constituinte adverbial e (b) há movimento de constituintes, por razões de escopo, que podem alterar a ordem superficial dos constituintes. Ou seja, as (supostas) falhas de transitividade não são de fato falhas, mas ordenamentos que a própria teoria admite como possíveis – desde que, no momento em que o advérbio é inserido na derivação, esta inserção obedeça à hierarquia estabelecida.

O segundo artigo deste volume, de Thayse Letícia Ferreira e Renato Miguel Basso, intitulado *Preposições de ALVO no português brasileiro: uma comparação entre ‘para’ e ‘até’*, trata, dentro do arcabouço teórico da nanossintaxe (STARKE, 2009), das preposições referidas no título, usando para

tal o conjunto de propostas de Pantcheva (2011). Como já discutido acima, a análise de Pantcheva reúne bastante evidência translinguística para uma decomposição do PATH (JACKENDOFF, 1983) em diversos núcleos que se organizam rigidamente. No artigo de Ferreira e Basso, defende-se, apontando-se inúmeras evidências para tal, que a preposição *para* do português brasileiro aponta para o alvo sem atingi-lo – ou seja, o movimento tem um alvo, mas não há necessariamente transição. Assim, *para* é a lexicalização de uma estrutura que envolve os núcleos PLACE, GOAL e SCALE (uma vez que este último oblitera transições; cf. nota 4). Já a preposição *até* indica que há um alvo para a trajetória e que essa trajetória é limitada. Assim, os autores defendem que ela lexicaliza os núcleos PLACE, GOAL e BOUND.

O terceiro artigo do volume, intitulado *Posição SUBJP: o caso dos sujeitos locativos no Português Brasileiro*, trata de sentenças com sintagmas preposicionais e determinantes locativos em posição pré-verbal, como nas frases: *naquele restaurante não aceita/aceitam cartão de crédito* e *aquele restaurante não aceita/*aceitam cartão de crédito*. As autoras, Livia de Mello Reis e Sandra Quarezemin, propõem que tanto o PP_{LOC} quanto o DP_{LOC} dessas sentenças ocupam a mesma posição na hierarquia sintática do *middlefield*, a saber, a posição de especificador do Subj-P. No entanto, as derivações dos dois tipos de sentença são distintas. O DP_{LOC} move-se do interior do VP para o especificador do TP, onde verifica o seu Caso nominativo e os traços de concordância, e depois se move para o especificador do Subj-P, onde se torna sujeito da predicação – por isso, a concordância com o verbo é obrigatória, e sentenças como **aquele restaurante aceitam cartão de crédito* são agramaticais. O PP_{LOC} também move-se do interior do VP, mas diretamente para o especificador de Subj-P, onde é também interpretado como sujeito de predicação; a posição de especificador de TP, onde se checam os traços de Caso e concordância verbal, é ocupada, na proposta, por um *pro*, o que faz com que a interpretação do sujeito da sentença (o sujeito de *aceitar*) seja arbitrária ou impessoal.

Na sequência, temos *Perguntas com -WH adverbiais altos, cartografia e o caso das interrogativas como 'como assim' no PB*, de Simone Lúcia Guesser, Raquel Sousa e Flore Kédochim. O artigo trata de sentenças como a seguinte interrogativa: *como assim ele demitiu a Maria?* No artigo, as autoras mostram que *como assim* veicula não só uma semântica causal, mas também uma de propósito, uma elucidativa e uma de incredulidade. O artigo então faz uma análise cartográfica para a leitura de incredulidade, explicando por que *como assim* não pode ocorrer *in situ*, por que não ocorre em contextos encaixados e por que é insensível à negação. Na proposta das autoras, *como assim*, na interpretação de incredulidade, é um constituinte diretamente soldado no especificador de Int-P (cf. esquema (4) acima), o qual toma um sintagma de tópico que alberga um Force-P. Esse Force-P corresponde à sentença que vem na sequência de *como assim* (no exemplo, *ele demitiu a Maria*), e

caracteriza um ato de fala sobre o qual se requisita confirmação. A inserção direta de *como assim* em Int-P explica por que sentenças como **ele demitiu a Maria como assim?* são agramaticais. O fato de *como assim* tomar um ato de fala também explica por que ele não pode ocorrer em contextos encaixados. Por fim, enquanto o pronome interrogativo adverbial *como* sofre restrições quanto ao seu deslocamento em contextos não causais (por exemplo, a frase *como o João não consertou a bicicleta?* é agramatical a não ser que sua interpretação seja causal), as sentenças com *como assim* de incredulidade são perfeitamente gramaticais (*como assim ele não demitiu a Maria?*). Isso reforça a ideia de que *como assim* é gerado em posição mais alta que a negação (assim como na interpretação causal da sentença *como o João não consertou a bicicleta?*).

O artigo seguinte, *Path e ilha semântica; place e condição de referencialidade*, de Teresa Cristina Wachowicz, investiga os fenômenos de alternância causativa, causativização de intransitivos e inversão locativa nos verbos do português brasileiro usando os recursos teóricos da nanossintaxe. No artigo, a autora se vale do termo *ilha semântica*, inspirada no conceito de ilha sintática de Ross (1967), para tratar de casos em que a alternância causativa não é permitida, como vemos no par: *João atravessou a rua/*a rua atravessou*. Para a autora, quando o objeto é material remático incremental – no caso, material remático do núcleo *Proc* de Ramchand (2008) (ver discussão acima) – este objeto fica impedido de ser alçado a sujeito da sentença numa alternância causativa como a que vemos neste parágrafo. Entendendo o complemento no exemplo (e nos verbos de tema incremental de modo geral) como um PATH, PATH cria uma “ilha semântica”, pois um complemento interpretado como PATH não pode ser alçado a sujeito de uma versão intransitiva do verbo sob análise. Quanto a transitivização de verbos intransitivos, como no caso de *João correu o cachorro da sala*, PPs locativos parecem ter uma função crucial no seu licenciamento. Do mesmo modo, alguns elementos interpretados como locativos são promovidos a sujeito, como ocorre no par de sentenças: *Maria secou a roupa no varal/o varal secou a roupa*. Ou seja, enquanto PATH é um restritor de alternância, PLACE é um seu facilitador. A autora faz uma discussão interessante sobre esses pontos, associando-os à condição de referencialidade, e, ao final, descreve brevemente dois experimentos linguísticos de produção eliciada comparando crianças e adultos, mostrando que as previsões de sua proposta se verificam neles.

O sexto artigo, de Giuseppe Samo, intitulado *Cartography and Microparametric variation: Criterial V2 in Swiss Romansh varieties*, trata, como seu título sugere, de variação paramétrica no romanche suíço. Adotando propostas de Rizzi (2017) para a variação paramétrica entre línguas – a qual, em linhas gerais, defende que traços morfossintáticos em núcleos funcionais deflagram as operações sintáticas *merge*, *mover* e *spell-out* – o autor faz um estudo da periferia esquerda de três variedades do romanche, comparando-as com o alemão, interessado em situações em que a ordem

V3 se manifesta no romanche e também na ausência da ordem V2 em orações subordinadas no alemão (desde que conjunções como *dass* estejam presentes), restrição que não ocorre no romanche. O artigo explica a variação entre as três variedades do romanche e entre elas e o alemão apelando para diferenças microparamétricas associadas aos núcleos Mod, Subj e Force da periferia esquerda das sentenças.

Em seguida, temos *Evidências advindas da aquisição do português do Brasil para os tipos de Perfect*, de Nayana Pires da Silva Rodrigues e Adriana Leitão Martins. O artigo assume a existência de um nó sintático de *perfect* como parte da estrutura flexional das sentenças, e de uma divisão para o *perfect* em três tipos: existencial, universal e de resultado (PANCHEVA, 2003). Em estudo de caso longitudinal de uma criança em fase de aquisição, as autoras partem da hipótese de que a emergência dos três tipos de *perfect* associados ao tempo presente ocorreria simultaneamente, uma vez que os três tipos de *perfect* estariam representados sintaticamente em único nó. Mas os dados obtidos com a pesquisa revelaram que a emergência não é simultânea: primeiro, manifesta-se o *perfect de resultado*, depois o *universal* e, por fim, o *experiential*. Com a refutação da hipótese inicial, as autoras propõem uma cisão do nó *perfect* em três nós, com a seguinte hierarquia: *perfect experiential* mais alto que *universal*, que, por sua vez, é mais alto do que o de resultado.

O oitavo artigo, de Valdilena Rammé e Rocío Esther Gonzáles Fariña, intitula-se *Nanossintaxe do espanhol paraguaio: leísmo, objeto nulo e marcação diferencial de objeto*. Como seu título sugere, o artigo buscará explicar o *leísmo* (ocorrência do clítico *le* no lugar de *lo* em contextos de objeto direto), a ocorrência de objeto nulo e a marcação diferencial do objeto (MDO: a presença de preposição *a* precedendo objeto direto de verbo) no espanhol falado no Paraguai, usando ferramentas teóricas fornecidas pela nanossintaxe. A partir da análise dos dados, verifica-se que o *leísmo* e os casos não padrão de MDO estão associados a constituintes nominais com os traços +animado e/ou +definido. Também se verifica que os constituintes sujeitos ao *leísmo* resistem ao apagamento na posição de objeto – ou seja, não licencia sua expressão via objeto nulo. Usando o princípio do superconjunto e a distinção entre duas classes de acusativo, as autoras propõem especificações para os itens *le* e *a* que explicam por que o primeiro consegue lexicalizar objetos diretos de Caso acusativo (Acc 2; cf. FARIÑA; RAMMÉ, neste volume) e por que a preposição ocorre também em tais contextos nos casos não-padrão de MDO. Já o pronome nulo objeto seria a lexicalização de Acc1 (cf. FARIÑA; RAMMÉ, neste volume), e por isso não pode ter como antecedente elementos que licenciem *leísmo* e MDO.

O número se encerra com *Considerações teórico-experimentais sobre a estrutura subjacente*

a 'sluicing' com apagamento de preposição, de Cilene Rodrigues e Ludmila Milhorce. Em sentenças como *o João dançou com alguém, mas eu não sei quem*, envolvendo sluicing (um tipo de elipse em orações interrogativas em que a única coisa que resta pronunciada é a sua expressão-QU), a preposição *com* que tomaria o QU na segunda oração é apagada. A pergunta é: o que ocorre aqui? Considerando propostas já encontradas na literatura, o trabalho apresenta os resultados de dois experimentos envolvendo julgamentos de aceitabilidade para apagamentos de preposições em casos de *sluicing* em português do Brasil. O primeiro experimento testa se o que ocorre em português é um apagamento do CP interrogativo com COMP duplo (algo como *quem que o João viu na festa ontem?*). Assim, em sentenças como *o João dançou com alguém na festa, mas eu não sei quem*, a hipótese prevê que teríamos como sequência para *quem* a oração *que o João dançou na festa*, e esta sequência seria elidida. O experimento, no entanto, ao comparar as sentenças envolvendo *sluicing* (*o João dançou com alguém na festa, mas eu não sei quem*) com as interrogativas com duplo COMP (*quem que o João dançou na festa*) mostrou diferenças nos graus de aceitabilidade (dentro de uma escala de três pontos) atribuídos pelos participantes às duas sentenças, sendo as sentenças com *sluicing* significativamente (do ponto de vista estatístico) mais aceitáveis do que as interrogativas com duplo COMP. Isso certamente desfavorece uma análise em que a sentença *o João dançou com alguém na festa, mas eu não sei quem* é derivada com uma elipse do seguinte modo: *o João dançou com alguém, mas eu não sei [_{CP} quem [_{xp} ~~que o João dançou~~]]*. A hipótese do experimento 2 é que tenhamos uma clivada na segunda oração, com o seguinte apagamento: *o João dançou com alguém, mas eu não sei [_{CP} quem [_{xp} ~~é a pessoa~~ (~~com~~) ~~que(m)~~ o João dançou]]*. O desenho experimental é mais ou menos o mesmo, comparando, em termos de graus de aceitabilidade (mas agora com uma escala mais ampla, de cinco pontos), sentenças com a clivagem e relativa cortadora (*a professora duvidou de um aluno de literatura, mas eu não sei quem é o aluno que ela duvidou*) e sentenças com *sluicing*. Aqui, no entanto, diferentemente do que ocorre no experimento 1, há correlação entre as estruturas, o que favorece a hipótese inicial deste experimento – a saber, que temos elisão de uma clivada nos casos em que a preposição não se realiza.

REFERÊNCIAS

- BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. In.: RIZZI, L. (Org.). *The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*. EUA: Oxford University Press, 2004. v. 2. p. 16-51.
- BORER, Hagit. *Parametric Syntax*, Dordrecht: Foris, 1984.
- _____. *Structuring Sense*, Oxford: Oxford University Press, 2005.

CHOMSKY, Noam. A Minimalist Program for Linguistic Theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Orgs.). *The View from Building 20*. Cambridge: The MIT Press, 1993.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts, London: The Massachusetts Institute of Technology Press, 1995.

CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*, New York: Oxford University Press, 1999.

HALLE, Morris. Distributed Morphology: Impoverishment and Fission. In: *MIT Working Papers in Linguistics*, 30, 1997. p. 425-449.

_____; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Orgs.). *The View from Building 20*. Cambridge: The MIT Press, p. 111-176, 1993.

JACKENDOFF, Ray. *Semantics and cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.

MARANTZ, A. "No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon". In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. et al. (Orgs.) *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, University of Pennsylvania, v. 4, n. 2, 1997. p. 201-225.

PANCHEVA, R. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHER, M.; VON STECHOW, A. (Eds.). *Perfect Explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 277-308.

PANCHEVA, Marina Blagoeva. Directional expressions cross-linguistically: nanosyntax and lexicalization. In: *Nordlyd* 36, 1 special issue on Nanosyntax. Svenonious, P; Ramchand, G. Starke, M.; Taraldsen, K.T. (Eds.), 2009, p. 7-39.

_____. *Decomposing Path: the nanosyntax of directional expressions*. Tese de doutorado, Universidade de Tromsø, 2011, 301p.

POLLOCK, Jean-Yves. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, Vol. 20, No. 3, p. 365-424, 1989.

RAMCHAND, Gillian Catriona. *Verb meaning and the lexicon*. Cambridge, 2008.

RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. In *Elements of Grammar*, Liliane HAEGEMAN, (ed), Dordrecht: Kluwer, 1997. p.281-337.

_____. On the format and locus of parameters: The role of morphosyntactic features. *Linguistic Analysis* 41. 2017. p. 159–191.

_____; BOCCI, Giuliano. The Left Periphery of the Clause: Primarily Illustrated for Italian. In *The Blackwell Companion to Syntax*, Martin EVERAERT & Henk VAN RIEMSDIJK (eds) 1-30, Hoboken: John Wiley & Sons. 2017.

ROSS, John Robert. *Constraints on Variables in Syntax*. Tese de doutorado – MIT, 1967.

STARKE, M. Nanosyntax: A short primer to a new approach to language. *Nordlyd*, v. 36, n. 1: Special issue on Nanosyntax, 2009.

TENNY, Carol. The Aspectual Interface Hypothesis. In: SAG, Ivan; SZABOLSCI, Anna (orgs.). *Lexical Matters*. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 1992.

FALHAS DE TRANSITIVIDADE SÃO FALHAS DE ANÁLISE
TRANSITIVITY FAILURES ARE FAILURES IN THE ANALYSIS

*Aquiles Tescari Neto*¹

RESUMO

O texto apresenta um conjunto de dados apresentados por críticos à teoria cartográfica de Cinque (1999) sobre os advérbios especificadores. Trata-se de dados envolvendo o que os críticos chamam de “falhas de transitividade na sequência funcional”. Após uma breve explanação sobre a principal metodologia utilizada pela Cartografia sintática para se chegar às hierarquias funcionais – nomeadamente, os testes de *precedência-e-transitividade* –, serão apresentados dados de advérbios (de IP) envolvendo aparentes violações às hierarquias e contra-argumentos às críticas feitas a partir desses dados. Justificarei que tais casos estão muito longe de servirem como contra-argumentos às hierarquias cartográficas de IP e ilustram, na verdade, falhas na análise dos críticos.

Palavras-chave: Cartografia Sintática, Advérbios, Núcleos Funcionais, Transitividade, Hierarquia de Cinque.

ABSTRACT

The text presents a set of data offered by Cinque’s (1999) cartographic theory critics. These data involve what Cinque’s critics call “transitivity failures in the functional sequence”. After a brief explanation of the main methodology used by Syntactic Cartography to arrive at its functional

1 Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. *LaCaSa* – “Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino” (<https://is.gd/LaCaSaUnicamp>). E-mail: tescari@iel.unicamp.br. O autor agradece o apoio financeiro recebido pela FAPESP (processo 2016/20853-6). Agradece também os dois pareceres da *Linguística*, que contribuíram para um aperfeiçoamento da versão aqui apresentada, e as intervenções dos pós-graduandos da disciplina LL-218 (*Tópicos de Teoria Sintática*, turma de 2019, IEL, UNICAMP), que discutiram uma versão preliminar deste trabalho.

hierarchies, we will present some sentences involving apparent violations of the IP-adverbial hierarchies and some counterarguments to the criticisms made through these data. I will argue that such cases are far from serving as counterarguments to the IP-cartographic hierarchies. They actually illustrate flaws in the analysis of cartography critics.

Keywords: Syntactic Cartography, Adverbs, Functional Heads, Transitivity, Cinque's Hierarchy.

1. Introdução

Uma das críticas mais frequentes que a Cartografia Sintática tem recebido ao longo desses seus vinte anos acerta o eixo metodológico, justamente o eixo ao qual essa abordagem tem oferecido suas maiores contribuições – através de suas hierarquias – para a diagnose da posição de constituintes sintáticos (inclusive na testagem de movimentos). Os críticos da Cartografia, quase sem exceção, costumam trazer à discussão os casos que van Craenenbroeck (2009: 2) chama de “falhas de transitividade na sequência funcional” (*transitivity failures in the functional sequence*). Trata-se de (supostas) rupturas nas ordens canônicas lineares — e este é um detalhe importante — esperadas pelas hierarquias cartográficas.

Um dos métodos de que se valem os estudiosos da cartografia para determinar a posição dos constituintes nas hierarquias é a transitividade. Para propor, por exemplo, sua hierarquia universal de advérbios e núcleos funcionais, Cinque (1999) valeu-se de testes de precedência e transitividade, entre advérbios (AdvPs) de diferentes classes, partindo da combinação de dois advérbios por vez nas duas ordens possíveis (no espírito do esquema indicado em (1) e (2) a seguir):

- (1) a. $AdvP_A > AdvP_B$ ²
b. $*AdvP_B > AdvP_A$
- (2) a. $AdvP_B > AdvP_C$
b. $*AdvP_C > AdvP_B$
- (3) $\therefore AdvP_A > AdvP_B > AdvP_C$

Assim, o extrato da hierarquia em (3) é obtido, por *transitividade*, a partir das relações de *precedência* em (1-2). Partindo da reconstrução de “extratos” da hierarquia – obtidos via testes de *precedência-e-transitividade* aplicados a línguas distintas, tendo em vista o *Princípio da Uniformidade* (Chomsky 2001) –, pode-se chegar a uma hierarquia (mais) completa de categorias funcionais, tanto

2 O símbolo “>” indica precedência.

no domínio da oração, como feito por Cinque (1999, 2006), como no domínio de outras projeções estendidas, como a projeção estendida do N (Laenzlinger, 2011; Giusti, 2006).

O programa cartográfico, em sua tentativa de determinar as sequências funcionais da oração e de seus sintagmas, enfrenta – no dizer de seus críticos, conforme mencionado acima – um grande desafio: trata-se das assim chamadas “falhas de transitividade na sequência dos constituintes funcionais” (*transitivity failure in the functional sequence*). Ilustram essas supostas falhas os casos em que, por exemplo, um advérbio A precede um advérbio B, que, por seu turno, precede um advérbio C, muito embora C, no entanto, também preceda A, contrariamente ao que se poderia esperar pela transitividade. (4) a seguir ilustra, em norueguês, esse caso.

(4) *Norueguês* (Nilsen, 2013, *apud* van Craenenbroeck, 2009: 2-3).

a. *mulingens* ‘possivelmente’ > *ikke* ‘não’

Ståle	har	<*ikke>	muligens	<ikke>	spist	hvetekakene	sine.
S.	tem	não	possivelmente	não	comido	cereais	seus

‘S. possivelmente não tem comido os cereais dele’

b. *ikke* ‘não’ > *alltid* ‘sempre’

Ståle	har	<*alltid>	ikke	<alltid>	spist	hvetekakene	sine
S.	tem	sempre	não	sempre	comido	cereais	seus

‘S. não tem sempre comido os cereais dele’

c. *alltid* ‘sempre’ > *muligens* ‘provavelmente’

Dette	er	et	morsomt gratis	spill	hvor	spillerne	
este	é	um	divertido grátis	jogo	onde	os jogadores	
alltid		muligens	ert	et	klikk	fra	å vine \$1000!
sempre		possivelmente	SER.pres	um	clique	de	para ganhar \$1000

‘É um jogo divertido e grátis, em que você está sempre possivelmente a um clique de ganhar cem dólares.’

‘Driblar’ o desafio imposto pelos casos de “falhas de transitividade” exige, sem dúvidas, um estudo “de caso”. Muitas das “falhas” de transitividade aludidas na literatura (Ernst 2007, van Craenenbroeck, 2009, Zyman 2012, dentre outros) são, na verdade, apenas aparentes

contraexemplos às hierarquias cartográficas. Mais do que isso, conforme argumentaremos na sequência, tais falhas são, no melhor dos mundos possível, falhas nas análises feitas pelos críticos que não compreenderam, ou, talvez, não quiseram compreender, o espírito da cartografia sintática.

A propósito da “falha” em (4c), p.ex., o problema dessa ocorrência, conforme sugerido em Tescari Neto (2013, capítulo 5, seções 3 e 4), não seria um contraexemplo à hierarquia de Cinque, uma vez que *o que conta é o “momento”, na história derivacional, em que um determinado modificador é inserido na derivação* – naturalmente respeitando as hierarquias cartográficas. Com base na teoria da atribuição de escopo de Kayne (1998), Tescari Neto argumenta que toda vez que um advérbio entra na derivação, sua inserção é precedida pelo movimento do constituinte ou porção da sentença sob o seu escopo, seguido pela inserção do advérbio e movimento do remanescente. Sem entrar, agora, em detalhes dessas etapas derivacionais – uma vez que a seção 3 tratará com vagar da derivação de (4c) e de outros casos que podem ser tratados no mesmo espírito do que lá se proporá (cf. figura 4 da seção 3 e texto relacionado) –, pode-se, a propósito de (4c), argumentar que *alltid* ‘sempre’ é inserido antes de *mulligens* ‘possivelmente’. Ocorre que, antes de *mulligens* ser inserido, um núcleo *probe* atrai *ert et klikk fra å vine \$ 1000* – i.e., a porção da estrutura sob o escopo de *mulligens* – ao seu especificador. *Mulligens* é inserido, respeitando a hierarquia de Cinque, e, então, o remanescente, i.e., *spillerne alltid* move-se à esquerda do advérbio (ver a derivação sugerida na figura 4 e texto relacionado). O fato de o movimento do remanescente – conforme será argumentado com vagar na seção 3 – carregar consigo o advérbio mais baixo, *alltid* ‘sempre’, cria a ilusão de que os dois advérbios não seriam rigidamente ordenados, ou que se deveria propor um núcleo em posição mais baixa na sentença (Nilsen 2004) para legitimar o advérbio mais alto em uma posição baixa, a fim de manter a ideia das hierarquias. Se se assume a teoria da atribuição de escopo de Kayne (1998), como veremos na seção 3, esses problemas são contornados, como propõe Tescari Neto (2013) e não há a necessidade de propor uma posição baixa para advérbios altos (*contra* as previsões de Nilsen, 2003).

Se, por um lado, esses (aparentes) contraexemplos podem, em princípio, lançar dúvidas sobre a validade das hierarquias cartográficas – e sua possível utilização como diagnóstico para movimentos –, podem, por outro, surpreendente e incontestavelmente levar a uma compreensão o mais abrangente possível dos princípios e das regras da Gramática Universal (GU): se se almeja entender como as categorias funcionais são dispostas hierarquicamente na GU, faz-se necessária uma compreensão dos princípios de construção de frases, de combinação de elementos, bem como das restrições a operações

de movimento. Isso pode ser feito com base no estudo de ocorrências envolvendo violação das hierarquias. Assim, mesmo aquilo que os críticos chamam de “falhas de transitividade” é importante para os cartógrafos, uma vez que, muito mais do que suscitarem um engenhoso tratamento *ad hoc*, tais casos podem ilustrar não só de que modo a soldagem (‘merge’) e o *movimento* se alternam na história derivacional como também as alturas, nas hierarquias, a que “blocos ou *chunks* de constituintes” podem ser carregados (por exemplo como material remanescente).

O trabalho tem por objetivo principal discutir alguns casos de aparentes falhas na sequência funcional para sugerir que, na verdade, tais casos não ilustram falha alguma nas hierarquias cartográficas; antes, exemplificam, sim, falhas nas análises dos críticos da cartografia. Dito de outro modo, esses casos exemplificariam uma incompreensão, talvez, pelos críticos, da metodologia cartográfica. Para atingir esse objetivo principal, o trabalho se organiza da seguinte forma: na seção 2, apresentamos, com exemplos, a metodologia da precedência-e-transitividade, introduzida a partir dos esquemas em (1-3) acima; na sequência, em 3, oferecemos alguns dos contraexemplos dos críticos da cartografia. Cada contraexemplo será reanalisado com base em pressupostos cartográficos, combinados com considerações minimalistas sobre a interação entre soldagem e movimento na história derivacional.

2. Da Cartografia de IP

Grande parte das contribuições à “cartografia” de IP tem sido oferecidas nos trabalhos de Cinque (1999, 2004, 2006s.). Para chegar à ordenação dos advérbios e dos núcleos funcionais do IP (ou *middlefield*), Cinque (1999) testa a posição relativa de AdvPs das mais diferentes classes sintático-semânticas, seguindo a metodologia discutida a propósito dos exemplos (1-3): os testes de precedência-e-transitividade. O autor traça um paralelo entre a ordenação dos AdvPs e a ordenação dos núcleos funcionais semanticamente correspondentes (afixos livres e presos, auxiliares, Vs funcionais, etc.). Uma vez que os AdvPs e os núcleos funcionais correspondem em termos de número, classes semânticas e ordem relativa, Cinque conclui – também com base em evidências independentes – que os AdvPs **são os especificadores únicos dos núcleos funcionais** correspondentes, conforme a hierarquia a seguir:

(5) A Hierarquia Universal das Projeções Funcionais do *Middlefield*:

[*francamente* Modo_{Ato de fala} > [*surpreendentemente* Modo_{Mirativo} > [*felizmente* Modo_{Avaliativo} > [*evidentemente* Modo_{Evidencial} > [*provavelmente* Modalidade_{Epistêmica} > [*uma vez* T_{Passado} > [*então* T_{Futuro} > [*talvez* Modo_{Irrrealis} > [*necessariamente* Modalidade_{Necessidade} > [*possivelmente* Modalidade_{Possibilidade} > [*normalmente* Asp_{Habitual} > [*finalmente* Asp_{Tardivo} > [*tendencialmente* Asp_{Predisposicional} > [*novamente* Asp_{Repetitivo(I)} > [*frequentemente* Asp_{Frequentativo(I)} > [*de/com gosto* Modalidade_{Volitiva} > [*rapidamente* Asp_{Acelerativo(I)} > [*já* T_{Anterior} > [*não ... mais* Asp_{Terminativo} > [*ainda* Asp_{Continuativo} > [*sempre* Asp_{Contínuo} > [*apenas* Asp_{Retrospectivo} > [(*dentro*) em breve Asp_{Aproximativo} > [*brevemente* Asp_{Durativo} > [(?) Asp_{Genérico/Progressivo} [*quase* Asp_{Prospectivo} > [*repentinamente* Asp_{Incoativo(I)} > [*obrigatoriamente* Modo_{Obrigaçao} > [*em vão* Asp_{Frustrativo} > [(?) Asp_{Conativo} > [*completamente* Asp_{SingCompleto(I)} > [*tudo* Asp_{PlurCompleto} > [*bem* Voz > [*cedo* Asp_{Acelerativo(II)} > [*do nada* Asp_{Incoativo(II)} > [*de novo* Asp_{Repetitivo(II)} > [*frequentemente* Asp_{Frequentativo(II)} > ... (Cinque, 1999:106, modificada em Cinque, 2006)^{3,4}

As sentenças em (6-8), a seguir, adaptadas de Tosqui e Longo (2003: 89) – que são as “versões” portuguesas das sentenças correspondentes em inglês, citadas em Cinque (1999: 33) –, ilustram o expediente metodológico do teste de precedência e transitividade, já discutido na seção anterior, a propósito dos dados em (1-3).

(6) Advérbios de ato de fala (*honestamente*) > advérbios avaliativos (*infelizmente*):

- a. *Honestamente* eu sou *infelizmente* incapaz de ajudá-lo
- b. **Infelizmente* eu sou *honestamente* incapaz de ajudá-lo

(7) Advérbios avaliativos (*felizmente*) > advérbios evidenciais (*evidentemente*):

- a. *Felizmente* ele tinha *evidentemente* formado sua opinião sobre o assunto
- b. **Evidentemente* ele tinha *felizmente* formado sua opinião sobre o assunto

(8) Advérbios evidenciais (*obviamente*) > advérbios epistêmicos (*provavelmente*):

- a. *Obviamente* João *provavelmente* vai rapidamente aprender francês perfeitamente
- b. **Provavelmente* João *obviamente* vai rapidamente aprender francês perfeitamente

Os dados em (6-8) permitem que Tosqui e Longo (2003) (no espírito de Cinque) cheguem à seguinte porção da hierarquia:

(9) Speech Act > Evaluative > Epistemic

3 A versão em português brasileiro (PB) dessa hierarquia se baseia em Tescari Neto (2013).

4 Os pontos de interrogação indicam não haver advérbios, nas línguas tratadas por Cinque, que pareçam corresponder aos respectivos núcleos. Mesmo em PB parece não haver tais advérbios.

O extrato em (9) corresponde à porção mais alta da hierarquia apresentada em (5). Cinque reconstrói a hierarquia completa através dessa metodologia que pode ser completada através da aplicação do mesmo expediente metodológico.

Para Cinque (1999), os advérbios ocupam a posição de especificadores únicos de núcleos funcionais distintos. O autor recorre à mesma metodologia (dos testes de precedência-e-transitividade) para chegar à hierarquia dos **núcleos funcionais**, hierarquia essa que corresponde em tipo semântico, número e ordem relativa à hierarquia dos advérbios.⁵ Com base no movimento do particípio passado ativo em italiano, Cinque mostra que, entre dois AdvPs de sua hierarquia, deveria haver *apenas um núcleo*. Assim, em italiano, o particípio passado ativo pode preceder ou seguir qualquer advérbio baixo, exceto os advérbios *tutto* ‘tudo’ e *bene* ‘bem’, por razões ligadas à subida obrigatória de V por sobre esses dois advérbios, o que seria ortogonal à questão principal endereçada na presente seção:

(6) *Italiano* (Cinque, 1999: 45)

a. Da allora, non hanno *rimesso* di solito mica più sempre completamente tutto bene in ordine

Desde então, não tinham colocado geralmente nunca mais sempre completamente tudo bem em ordem

‘Desde então, não tinham *colocado* geralmente nunca mais sempre completamente tudo bem em ordem’

b. Da allora, non hanno di solito *rimesso* mica più sempre completamente tutto bene in ordine

c. Da allora, non hanno di solito mica *rimesso* più sempre completamente tutto bene in ordine

d. Da allora, non hanno di solito mica più *rimesso* sempre completamente tutto bene in ordine

e. Da allora, non hanno di solito mica piu sempre *rimesso* completamente tutto bene in ordine

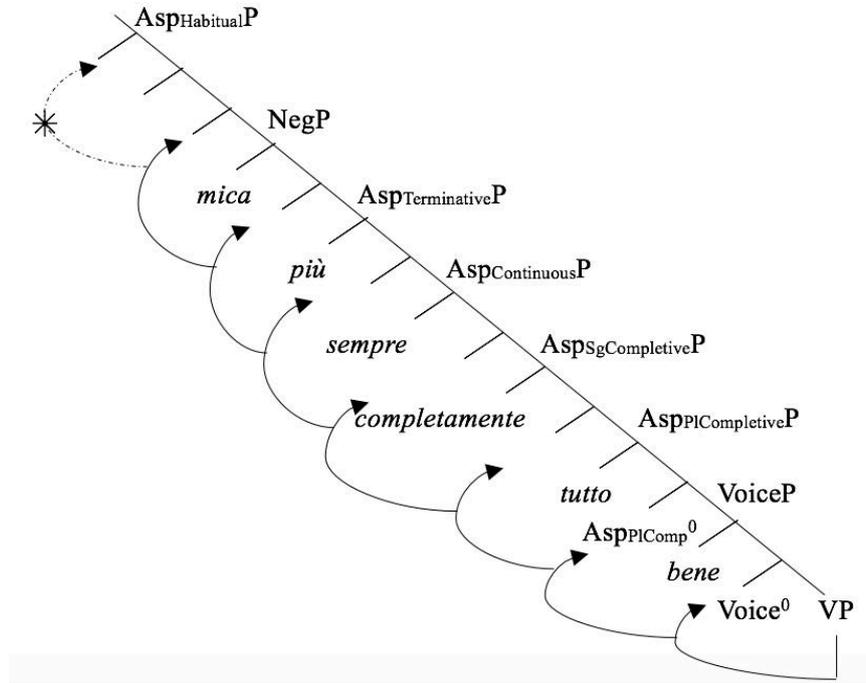
f. Da allora, non hanno di solito mica piu sempre completamente *rimesso* tutto bene in ordine

Assim, se se assume uma análise do movimento do verbo no espírito de Pollock (1989), as ordenações em (6a-f) sugerem a existência de um núcleo à esquerda (e à direita) de cada um dos AdvPs c-comandados pelo habitual *di solito* ‘normalmente’ (com a exceção de *tutto* ‘tudo’ e *bene* ‘bem’ (ver Cinque, 1999: 45). A figura 1, a seguir, representa os movimentos do particípio em (6), de núcleo em núcleo. Deste modo, para derivar, por exemplo, (6f), assume-se que o V deixa o VP e se

5 Por razão de espaço, **não ilustro** exemplos desses testes de precedência e transitividade aplicados aos núcleos. Ver, para isso, Cinque (1999, cap. 3 e 4).

move a Voice, depois a Asp_{PICompleteive}, e, então, ao núcleo de Asp_{SingCompleteive}. Para derivar (4e), V sobe um núcleo a mais, i.e., move-se a Asp_{ContinuousP}. Para derivar (3d), o V sobe um nó a mais, movendo-se a Asp_{TerminativeP}. O mesmo procedimento se aplica a (3c-a): o V sempre sobe um núcleo.

Fig.1: do movimento do particípio passado ativo em italiano (Fonte: elaboração própria)



O advérbio de tempo anterior *già* ‘já’, por razões semânticas (Cinque, 1999: 45), não pode aparecer na mesma ocorrência com os outros advérbios de (6). As ocorrências em (7), no entanto, mostram que entre *mica* e *già* e entre *già* e *più* há também uma posição nuclear:

(7) (Italiano) (Cinque, 1999: 45)

a. Non ha mica già ricevuto più niente
 Não tinha não já recebido mais nada
 ‘Ele já não tinha recebido mais nada não’

b. Non ha mica ricevuto già più niente

(6-7) levam Cinque a propor o esquema (8), em que “X” representa um núcleo que pode, na ausência de material, na numeração, vir a ser ocupado pelo V em seu movimento à flexão (cf. Cinque, 1999: 45):

(8) [X [solitamente X [mica X [già X [più X [sempre X [completamente X [tutto bene [VP]]]]]]]]]]

Cinque oferece, portanto, evidências ulteriores interessantes não apenas para a hierarquia apresentada em (5), como também para a conjectura de que os AdvPs seriam os especificadores únicos de núcleos funcionais.

Tal como apresentada em (5), a hierarquia prevê que um advérbio mais baixo entre primeiro na derivação que um advérbio mais alto. Assim, se *sempre* e *bene* estiverem, ambos, na numeração, *bene* deverá entrar primeiro do que *sempre*, em vista da direcionalidade *bottom-up* nas derivações do programa minimalista.⁶ Hierarquias preveem apenas isso: o momento, na história derivacional, que determinado item funcional será soldado pela primeira vez ('externally merged'). Uma vez que a derivação se constrói por sequências alternadas de soldagem externa (*merge*) e de soldagem interna (*movement*), a previsão das hierarquias se limita à previsão de primeira soldagem, i.e., da soldagem externa. Obviamente, se um item funcional, p.ex. um advérbio, é movido dentro de uma porção da estrutura (um bloco ou *chunk* maior), a posição de linearização não poderá servir como critério a deslegitimar a empresa cartográfica, voltada, sobretudo, à soldagem externa, no caso de IP. Uma interpretação equivocada dessa *démarche* cartográfica dá lugar às infundadas críticas sobre as falhas de transitividade. A próxima seção apresenta algumas dessas críticas e nossos contra-argumentos.

3. Dos aparentes casos de “falhas de transitividade em IP”: o caso dos advérbios⁷

A validade da hierarquia dos advérbios tem sido testada por diversos autores em várias línguas, desde a publicação de Cinque (1999).⁸ A literatura sobre o português brasileiro, em particular, conta com pelo menos três trabalhos para a verificação da hierarquia universal: os trabalhos de Santana (2005, 2010) e o de Tosqui & Longo (2003), que inclusive testou também a validade da hierarquia aos modalizadores do inglês. Além de Tosqui & Longo, o inglês também foi testado, dentre outros, por Zyman (2012). Este último autor apresenta alguns dados que, à primeira vista, questionariam a existência de uma hierarquia universal de advérbios. Trata-se, em linhas gerais, de falhas de transitividade na sequência funcional. Nesta seção apresentarei três casos de (aparentes) “falhas de transitividade”. Todos os três casos ilustram ocorrências cujos advérbios violariam a hierarquia de Cinque. Conforme argumentarei, essas violações são tão somente aparentes, mas não reais.

6 Vide, a esse propósito, na fig. 1 – dada anteriormente – que *bene*, por estar mais baixo na hierarquia de Cinque, é c-comandado por (e, conseqüentemente, entra antes na derivação do que) *sempre*.

7 Essa seção apresenta uma versão revisitada e modificada de algumas seções da tese de Tescari Neto (2013, cap. 5). Em alguns trechos, o texto original foi apenas traduzido.

8 Uma série de trabalhos tem sido publicada desde o fim dos anos 90 para testar a aplicabilidade da teoria dos especificadores funcionais.

Apresentarei primeiramente dados envolvendo “violações” e, na sequência, os contra-argumentos às análises desses autores. Iniciamos com alguns dos dados discutidos em Ernst (2007).

Ernst (2007), ao apresentar sua “abordagem de Base Semântica à modificação adverbial”, argumenta que a distribuição de advérbios aspectuais – frequentativos, repetitivos, etc. – seria intrigante para (o que ele chama de) “Teoria dos Especificadores Funcionais”, em alusão à proposta de Cinque, que trata os advérbios como especificadores (únicos) de núcleos funcionais.⁹ Valho-me, na sequência, de alguns dos dados que Ernst considera desafiadores para a teoria de Cinque e sugiro uma derivação para eles, baseada em Tescari Neto (2013). Além de ser compatível com a hierarquia de Cinque, a análise aqui avançada tem a vantagem de manter as duas leituras desses advérbios quantitacionais relacionados, sem aumentar o número de núcleos funcionais, como faz supor a crítica feita por Ernst.

Começemos com as sentenças dadas em (9), abaixo.

(9) *Inglês* (Ernst, 2007: 1016)

- a. Janet frequently would be visiting Sam.
Janet frequentemente COND. estar.INF visit.PROG Sam
'Janet estaria frequentemente visitando o Sam'
- b. Janet would be frequently visiting Sam.
- c. Janet would be visiting Sam frequently.

O escopo do advérbio é diferente em cada sentença em (9). Assim, em (9a), o advérbio modifica o evento, enquanto em (9b,c) modifica o processo (ver Ernst 2007: 1016 para um esclarecimento dessas duas leituras e os contextos em que cada uma delas apareceria). Esse é o caso apresentado por (10), onde as duas instâncias de *frequentemente* coocorrem.

(10) Janet frequently would be frequently visiting Sam. (Ernst, 2007: 1017)

(9) e (10) são facilmente explicados, por exemplo, pela abordagem de Cinque: o advérbio em (9a) e o mais alto em (10) são soldados no Asp_{Frequentative(I)}P, onde o advérbio tem escopo sobre o evento.

9 Esses advérbios, segundo Cinque (1999), são geráveis em duas zonas semânticas distintas (uma zona de evento e uma de processo). Tais zonas tem sido tradicionalmente consideradas como sendo o IP/TP (escopo sobre o evento) e o VP (escopo sobre o processo).

Em (9b,c), bem como na instância mais baixa de frequentemente em (10), o escopo do advérbio é o processo.

Ernst critica a afirmação de Cinque de que o uso do advérbio frequentativo com escopo sobre o evento estaria relacionado a apenas um núcleo funcional, com base nos seguintes dados:

- (11) a. She frequently would have been visiting Sam.
Ela frequentemente COND. ter.INF estar.PART visit.PROG. Sam
'Ela frequentemente teria estado visitando Sam'
- b. She would frequently have been visiting Sam.
- c. She would have frequently been visiting Sam.
- (12) a. Frequently, she just would have been visiting Sam.
- b. She just would frequently have been visiting Sam.
- c. She just would have frequently been visiting Sam.

(Ernst, 2007: 1017)

Ernst diz que (11c) e (12a, c) seriam problemáticas para a ideia de Cinque de que a leitura de escopo sobre o evento disponível a advérbios de frequência seja codificada em um único núcleo funcional. Primeiramente é importante dizer que (11a, b) não representariam um problema para a teoria de Cinque, já que se admite (Travis, 1984; Pollock, 1989; Belletti, 1990) que *would* se mova por sobre *frequently* em (b). (11c) aparentemente seria problemática porque envolveria, na análise de Ernst, uma violação do *Head Movement Constraint* (HMC) (Travis, 1984) (ver também Ernst, 2002: 117). Contudo, para além do fato de que (11c) ainda possa ser abordada por movimento nuclear sem qualquer violação do HMC (ver Cinque, 2004), pode-se sugerir que tal violação não ocorra se a atribuição de escopo aos advérbios se der por um processo necessariamente transformacional, no espírito de Kayne (1998). Se a mesma linha de raciocínio for estendida para (12c), nenhuma violação do HMC ocorrerá, conforme o esperado (dada a gramaticalidade desta sentença). A derivação de (11c) está representada abaixo:

(11) c'... have been visiting Sam → Soldagem de um núcleo *probe* associado a *frequently*_{Event})¹⁰

F° [have been visiting Sam → atração de *been visiting Sam* para [Spec,F]

[_{FP} [been visiting Sam]_j] F° [have t_j → soldagem de Asp_{Freq(I)}° e de *frequently* em seu Spec;

[_{AspFreq(I)P} frequently Asp_{Freq(I)}° [_{FP} [been visiting Sam]_j] F° [have t_j]] → movimento do remanescente

[_{GP} [have t_j]_k] G° [_{AspFreq(I)P} frequently Asp_{Freq(I)}° [_{FP} [been visiting Sam]_j] F° t_k]]

No que diz respeito a (12c), essa sentença envolveria uma derivação semelhante. Duas observações devem ser feitas aqui. Primeiramente, não está claro que, nesse uso, o advérbio seja apenas o identificado em Cinque (1999: 106) como Asp_{Retrospective}. Pode ser um advérbio de foco (como *only* ‘só’, *até* ‘even’). Se estivesse sendo usado com seu valor retrospectivo, a sentença não representaria um problema para a teoria de Cinque: basta lembrar que *a hierarquia é válida em relação ao ponto, na derivação, em que o advérbio é Soldado*. Seja *just* um advérbio retrospectivo ou um advérbio de foco, ele necessariamente seria soldado antes do eventivo *frequently*.¹¹ O aparecimento de *just* à esquerda de *frequently* seria o resultado do movimento aplicado ao remanescente que inclui *just*. A segunda observação também se refere ao material remanescente. Ele contém dois auxiliares: *would* e *have*. Assim, a ausência de efeitos HMC é contabilizada.

A ideia de que a atribuição do escopo aos advérbios se dê, na esteira de Kayne (1998), transformacionalmente, nos ajuda a manter a afirmação de Cinque de que advérbios aspectuais tenham duas posições de soldagem, cada qual tendo um e apenas um núcleo funcional, especificado para o evento ou para o processo. Abordadas dessa maneira, (11) e (12) realmente favoreceriam a teoria de Cinque, que assume apenas uma projeção para o *frequentemente* eventivo.

Os exemplos discutidos acima, em linhas gerais, sugerem que a ordem superficial dos

10 Estou aqui assumindo, com Tescari Neto (2013), que a soldagem de advérbios altos, que são modificadores a tomarem por escopo constituintes sentenciais, envolve necessariamente a soldagem de um núcleo sonda que atrai, a seu especificador, o constituinte a ser modificado pelo advérbio. Na sequência, novo núcleo licencia a soldagem do AdvP em seu especificador, ao que se segue o movimento do remanescente ao Spec do núcleo imediatamente acima. Assim, a entrada de um advérbio alto como focalizador envolve necessariamente três projeções funcionais: uma projeção cujo núcleo atrai (a seu Spec) o constituinte a ser modificado pelo AdvP, uma projeção cujo núcleo licencia o advérbio em seu Spec, e uma terceira, cujo especificador é a posição de pouso do remanescente.

11 Tescari Neto (2017) argumenta que os focalizadores da classe de *just* são inseridos em posições mediais-altas, necessariamente acima dos advérbios de aspecto habitual. Sendo assim, estão mais altos do que *frequently*.

advérbios, embora necessária, não é uma condição suficiente para propor a criação de uma nova projeção funcional, em Cartografia. Também são necessárias evidências da existência de núcleo funcional (veja, por exemplo, a discussão de Cinque (2006) a respeito dos verbos de reestruturação no italiano), porquanto a Cartografia segue à risca a diretriz minimalista que prevê que a postulação de categorias funcionais se justifique “seja por *output conditions* (interpretação semântica ou fonética) ou por argumentos de natureza teórica”. (Chomsky, 1995: 24). Parece não haver, contudo, evidência independente para propor a existência de tal núcleo para os casos discutidos, como faria supor a interpretação de Ernst sobre o modo de resolver, cartograficamente, os aparentes casos de falhas de transitividade dos exemplos por ele apresentados – e discutidos acima. A abordagem cartográfica primeiro procuraria saber se essa aparente falta de ordem relativa seria devida a movimentos. Não há, portanto, nos exemplos discutidos, qualquer violação à hierarquia de Cinque, qualquer falha de transitividade. Há, na verdade, falha na interpretação de Ernst.

Passemos ao segundo caso de “aparentes violações à hierarquia universal”, discutidas em Zyman (2012). Esse autor propõe uma análise em termos do que chama de “Direct Attachment” (que poderíamos traduzir por ‘adjunção direta’). Por essa proposta, um advérbio poderia se adjungir diretamente a quaisquer constituintes da sentença, podendo “desrespeitar”, dessa forma, as hierarquias cartográficas.

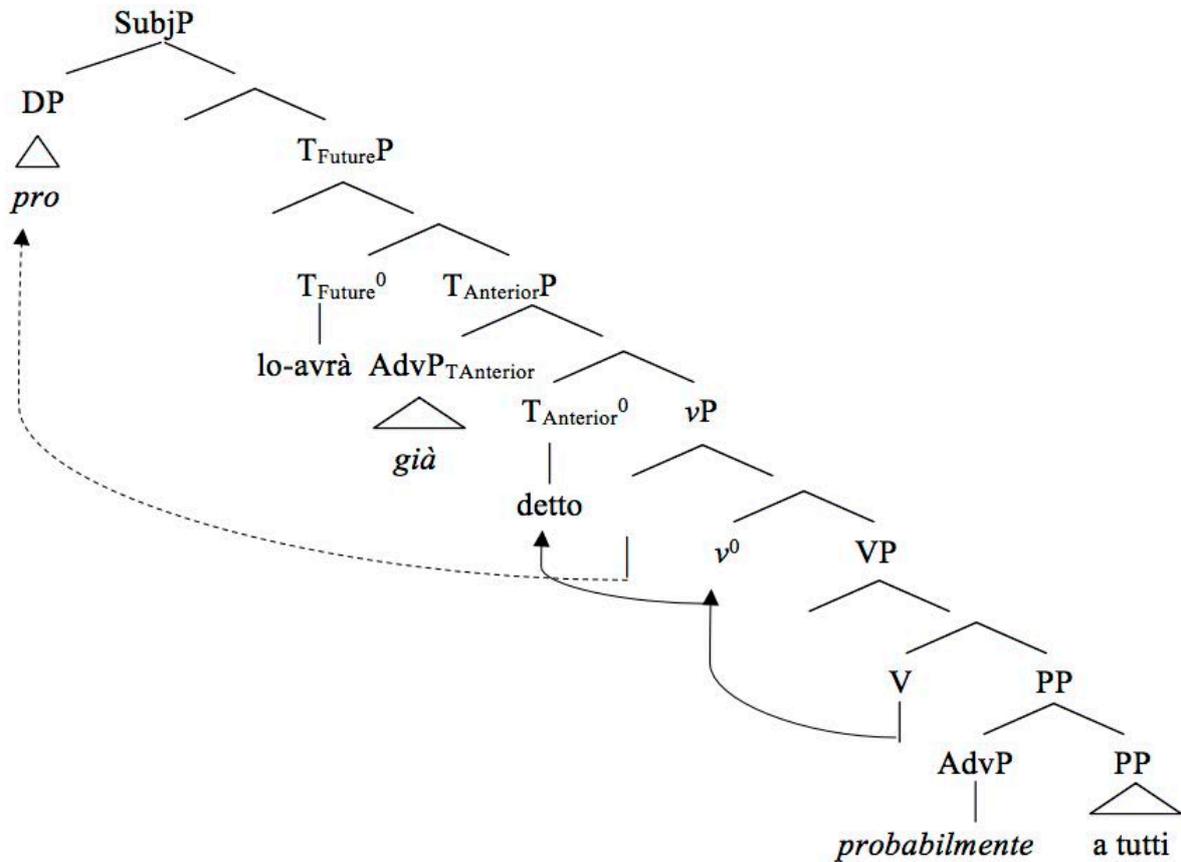
Em linhas gerais, a proposta do “Direct Attachment” de Zyman parece ser uma reinvocação da análise tradicional da adjunção, problemática sob a visão antissimétrica (Kayne, 1994), que propõe um único especificador/adjunto por núcleo. Descrevo a proposta de Zyman, a seguir, a partir de dados discutidos pelo autor, que ilustrariam aparentes “falhas de transitividade” na hierarquia de Cinque (1999). Os exemplos discutidos evocam casos em que um advérbio A, mais alto na hierarquia de Cinque do que outro advérbio B, aparece à direita de B, contrariamente ao que se esperaria – *não fossem levados em consideração os movimentos sintáticos*. Os exemplos em italiano (13a,b) são de Cinque (1999: 32); as versões correspondentes em inglês (13a’,b’) são de Zyman (2012 : 73).

- (13) a. Lo avrà già detto [probabilmente a tutti].
O terá já dito provavelmente a todos
- b. He will have already said that probably to everybody.
Ele vai ter já dito aquilo provavelmente para todos
‘Ele já vai ter falado aquilo provavelmente para todo mundo’

- a. Non legge più romanzi [forse proprio per questo].
 Não lê mais romances talvez exatamente por isso
- b. He no longer reads novels perhaps precisely for this reason.
 Ele não mais lê romances talvez precisamente por isso
 ‘Ele já não lê romances talvez precisamente por isso’

Pela hipótese do “Direct attachment”, (13a,b) não violam a hierarquia Cinque: o advérbio que aparece à direita de *probabilmente/probably*, em (13a), e de *forse/perhaps*, em (13b), foi adjungido diretamente ao PP *a tutti/to everybody* ‘a todos’, (13a), ou ao PP *per questo/for this reason* ‘por esta razão’, (13b) – ver fig. 2. Em virtude dessa adjunção direta, não haveria violação, Zyman argumenta, da hierarquia de Cinque: os dois advérbios em cada frase pertencem a “estruturas-F” distintas (Zyman, 2012: 73): “[...] [Estas] ‘violações’ são ilusórias, porque em cada uma dessas sentenças, os dois advérbios não fazem parte da mesma estrutura F”. Os casos de “falhas na transitividade”, como os ilustrados em (9), seriam, então, para Zyman, na verdade, ocorrências cujos advérbios pertenceriam a projeções estendidas distintas, o que não contaria como violação às hierarquias cartográficas.

Fig. 2: A adjunção de *probabilmente* ao PP segundo o “Direct Attachment” de Zyman



(Fonte: elaboração própria)

Na proposta de Zyman (2012), não fica claro como, quando e em que momento na história derivacional os advérbios se “adjuiriam diretamente” aos constituintes que não fazem parte da projeção estendida do V (por exemplo, APs, PPs, DPs, etc.). Uma questão séria enfrentada por teorias de adjunção livre – e a teoria de Zyman é um exemplo dessas propostas – teria a ver com a interferência do adjunto na atribuição de papel temático (Chomsky, 1986: 6s.). Para salvar uma análise de “direct attachment”, o adjunto teria de ser soldado tardiamente na derivação. Tal análise, no entanto, realmente jogaria o problema de volta à projeção estendida do V. Alternativamente, o advérbio se adjuiria na projeção estendida de N, P, etc. No entanto, neste caso, seria necessário desenhar um mapa completo da projeção estendida de N, P, etc. e mostrar a(s) posição(ões) onde os adjuntos seriam soldados, uma vez que também se deve esperar alguma hierarquia nesses domínios. Soldar o adjunto dentro da projeção estendida da categoria diretamente modificada por ele poderia, em princípio, isentar a análise de Zyman do problema da atribuição de papel temático mencionado acima.

O próprio fato de as frases em (14a, b) a seguir, serem ambíguas (embora não o sejam para todos os falantes)¹² seria um bom argumento contra análises envolvendo adjunção livre de advérbios a constituintes que não fazem parte da sequência funcional (i.e., da hierarquia apresentada em (5), seção 2). Seria também um problema para análises que, para tentar “salvar” análises cartográficas, optam pela “adição” ou “criação” de uma posição baixa extra para o advérbio (alto de Cinque). Os dados em (14a,a’, a’), do italiano, e em (14b,b’,b’’) do PB, são de Tescari Neto (2013, capítulo 5).

- (14) a. Gianni mangiava probabilmente la pasta.
G. comia provavelmente a massa
‘G. comia provavelmente massa’
- a’. Gianni mangiava probabilmente la pasta, non la carne. (escopo sobre o OD)
Gianni comia provavelmente massa, não carne
- a’’. [Quando sono arrivato,]
[Quando eu cheguei,]
Gianni mangiava probabilmente la pasta, (?)non beveva il latte (escopo sobre o IP)
‘G. comia provavelmente massa, não bebia leite’

12 Ver, por exemplo, Schifano (2018), cujos detalhes são dados na nota seguinte.

- b. O José comia provavelmente arroz.
- b'. O José comia provavelmente arroz, não feijão. (escopo sobre o OD)
- b''. O José comia provavelmente arroz, não ficava sem comer (na Quaresma). (escopo sobre o IP)

Se pensarmos pela análise de Zyman (2012), não seria possível derivar a leitura de escopo amplo de *probabilmente/provavelmente*, em (14) – ver paráfrases em (14a'') e (14b''). Somente a leitura de escopo estreito (14a')/(14b') seria derivável. A impossibilidade teórica, em Zyman, da leitura de escopo amplo de *probabilmente/provavelmente* é devida ao fato de o advérbio ser adjungido diretamente, em (14), ao DP por ele modificado – de maneira similar ao que vimos para a derivação de (13a), na fig. 1. Contudo, mesmo que o advérbio se posicione, como em (14a,b), à direita de V, a leitura de escopo amplo parece ser legitimada, conforme atestado pelo ‘teste de mentira’ em (14a'b').¹³

Falta explicar como (13) poderia ser derivada em vista da metodologia da Cartografia. A derivação dessa ocorrência deverá deixar claro não só por que essas ocorrências não ilustram casos de falhas de transitividade, como também porque exemplificariam falhas na análise dos críticos. No caso específico da discussão dos dados por Zyman, o autor não argumenta que os dados em (13) invalidam a análise de Cinque; antes, esses dados, segundo Zyman, exemplificam casos em que os dois advérbios envolvidos pertencem a duas projeções estendidas (domínios) distintas: um a projeção estendida do V (ou oração) e o outro a projeção de um sintagma. Na verdade, conforme argumento na sequência, os exemplos em (13) ilustram casos em que os advérbios pertencem, ambos, à projeção estendida da oração. Exemplificarei isso com base numa discussão de (13a). Os dados das outras ocorrências podem ser analisados na mesma linha do que proponho na sequência.

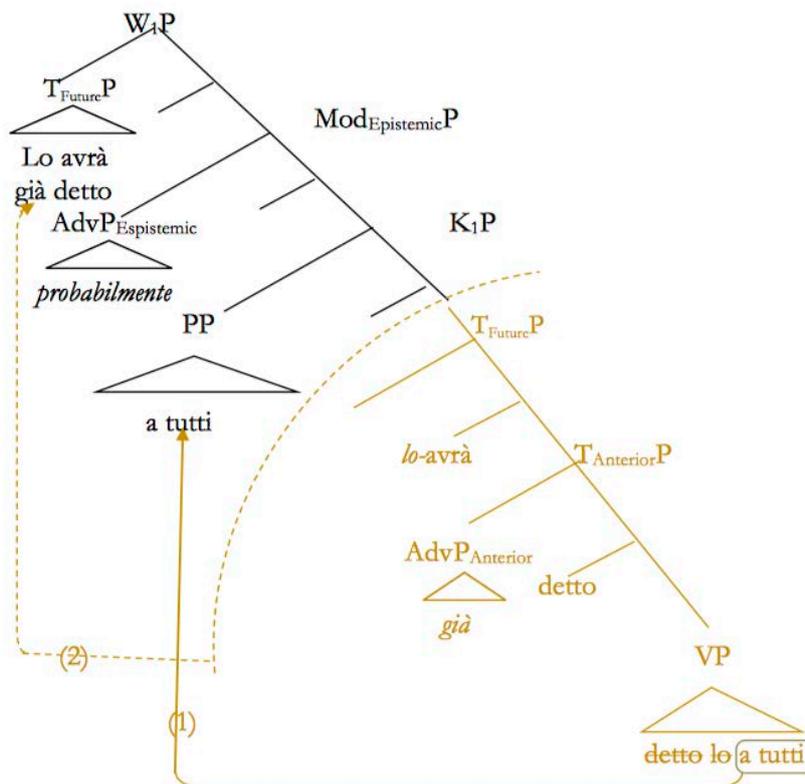
- (13) a. Lo avrà già detto [probabilmente a tutti].
O terá já dito provavelmente a todos
'Vai já ter dito isso provavelmente a todos'

Para derivar essa ocorrência, é importante primeiramente nos lembrarmos de que a *hierarquia serve para indicar o momento, na história derivacional, em que uma categoria funcional, se presente*

13 Para Schiffano (2018), o posicionamento do advérbio à direita do V não legitima a leitura de escopo sobre o IP. Os informantes de Tescari Neto (2013), à exceção de Guglielmo Cinque, aceitam a leitura de escopo amplo mesmo em italiano. Costa (2008) aceita a leitura de escopo amplo em contextos equivalentes aos de (14) no português europeu.

na numeração, será soldada pela primeira vez. A numeração de (13a) conta com dois advérbios, *già* ‘já’ e *probabilmente* ‘provavelmente’. De acordo com a hierarquia em (5), *già* é c-comandado por *probabilmente*. Isso significa, então, que *già* deverá entrar na derivação antes de *probabilmente*. Detalhes à parte – concernentes à soldagem do particípio passado, do clítico acusativo *lo* ‘o’, do advérbio *già* em Spec, T_{Anterior} e do auxiliar *avrà* ‘terá’ em Spec, T_{Fut} –, a derivação de (13a) envolveria a soldagem do advérbio *già* ‘já’ antes da soldagem de *probabilmente* ‘provavelmente’, uma vez que *già* está mais baixo na hierarquia. Após a entrada de *già* na derivação, *a tutti* seria atraído por um núcleo *probe* (cf., na fig. 3, o passo indicado como “(1)”), associado ao advérbio *probabilmente*, seguido pela soldagem do advérbio no especificador logo acima, e pelo movimento do remanescente “Lo avrà già detto” por sobre o advérbio (cf. o passo indicado como “(2)” na fig. 3). Esse movimento do remanescente criaria a impressão de que *già*, carregado dentro do remanescente, não estaria ordenado em relação ao advérbio *probabilmente*.

Fig. 3: A derivação de (13a)



(Fonte: adaptado de Tescari Neto, 2013)

A derivação esboçada na figura 3 sugere que, antes da soldagem de um advérbio alto, um núcleo atrai, a seu especificador, o constituinte que deverá ficar sob o escopo do advérbio. Assim, o PP *a tutti* ‘para todos’ é atraído ao especificador de K (passo “(1)” da derivação). O passo derivacional seguinte consiste na soldagem do núcleo licenciador do advérbio, seguindo a hierarquia de Cinque.

Novo movimento coloca o remanescente em um especificador acima (passo indicado como “(2)”), deixando, sob o escopo do advérbio, apenas o constituinte por ele modificado. Uma vez que escopo é definido sob c-comando, a derivação sugerida tem o mérito de “isolar”, no domínio de c-comando do advérbio, somente o constituinte sob seu escopo. Não há, portanto, qualquer violação da hierarquia de Cinque se tomarmos os dados discutidos por Zyman (2012).

O terceiro e último caso de (aparente) violação da hierarquia é citado em Nilsen (2003) e discutido também em van Craenenbroeck (2009) em termos de “falhas de transitividade na sequência funcional”. Um dos dados discutidos por esses autores foi apresentado na seção 1, acima, em (4a-c). Reproduzimos esses exemplos abaixo:

(4) *Noruguês* (Nilsen, 2003, discutido também em van Craenenbroeck, 2009: 2-3).

a. *mulingens* ‘possivelmente’ > *ikke* ‘não’

Ståle har <*ikke> muligens <ikke> spist hvetekakene sine.

S. tem não possivelmente não comida cereais seus

‘S. possivelmente não tem comida os cereais dele’

b. *ikke* ‘não’ > *alltid* ‘sempre’

Ståle har <*alltid> ikke <alltid> spist hvetekakene sine

S. tem sempre não sempre comida cereais seus

‘S. não tem sempre comida os cereais dele’

c. *alltid* ‘sempre’ > *muligens* ‘provavelmente’

Dette er et morsomt gratis spill hvor spillerne

este é um divertido grátis jogo onde os jogadores

alltid muligens ert et klikk fra å vine \$1000!

sempre possivelmente SER.pres um clique de para ganhar \$1000

‘É um jogo divertido e grátis, em que você está sempre possivelmente a um clique de ganhar cem dólares.’

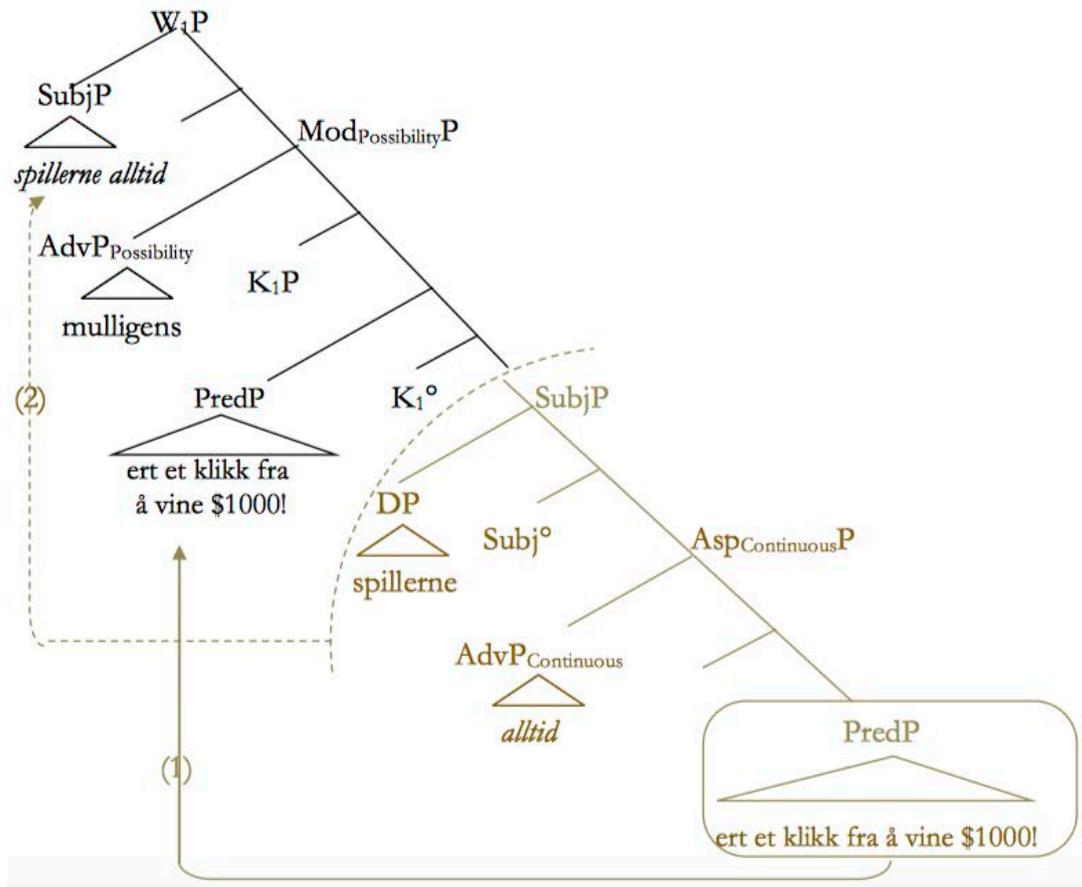
Conforme mencionado na seção introdutória, (4c) supostamente violaria a transitividade cartográfica, uma vez que se esperaria, por transitividade, que *mulingens* ‘possivelmente’ precedesse

alltid ‘sempre’, aparentemente contrariamente aos fatos (cf. (4c)). Nilsen (2003) explica que a única saída que a cartografia teria para evitar o problema da falha de transitividade em (4c) envolveria a criação de uma projeção funcional mais baixa para hospedar o advérbio epistêmico. Essa análise é sugerida em Nilsen (2003), como uma maneira de os partidários da Cartografia de Cinque explicarem, por exemplo, a aparência de um advérbio *A* à direita de um advérbio *B* (mesmo quando *A* precede *B* na hierarquia). A ideia subjacente se originaria da análise de Cinque sobre alguns advérbios aspectuais que o autor considera geráveis em duas zonas quantitativas (Cinque, 1999, 2004). No entanto, soldar o advérbio *provavelmente* abaixo de TP seria enganoso: não há qualquer evidência de um núcleo funcional epistêmico, reclamado por tipologistas, abaixo de T. Para além disso, conforme aponta Tescari Neto (2013), o advérbio *provavelmente* não pode ser recuperado no segundo membro coordenado em (15), do PB: isso significa que não é recuperável pelo VP elíptico, por ser soldado acima de $T_{Anterior}$, altura máxima onde o verbo finito pode subir em PB. Estivesse Nilsen certo, esperaríamos que o advérbio fosse recuperável, por poder ser também soldado, de acordo com Nilsen, abaixo de T.

- (15) O João comeu provavelmente o bolo e a Maria também comeu [-]
- a. [-]: *provavelmente o bolo
- b. [-]: o bolo

No espírito das derivações avançadas para os dados de Ernst (2007) e Zyman (2012), (4c) também poderia ser derivada à la Kayne (1998): *alltid* ‘sempre’ é inserido antes de *mulligens* ‘possivelmente’, de acordo com a hierarquia em (5), segundo a qual *mulligens* > *alltid*. Antes de *mulligens* ser inserido, um núcleo K atrai *ert et klikk fra å vine \$ 1000* — i.e., a porção da estrutura modificada por *mulligens* — ao seu especificador (cf., na fig. 4, o passo indicado como “(1)”). *Mulligens* é inserido, respeitando a hierarquia de Cinque, e, então, o remanescente, i.e., *spillerne alltid* move-se à esquerda do advérbio (cf. passo “(2)”), conforme a figura a seguir.

Fig. 4: A derivação de (4c)



Deste modo, não há necessidade de propor uma posição baixa para advérbios altos (*contra* as previsões de Nilsen, 2003). (4c) não apresenta qualquer “furo de transitividade” na hierarquia em (5); no melhor dos mundos possível, (4c), em vista dos dados discutidos aqui, sobretudo (15), é um exemplo de falha na análise dos críticos da cartografia.

Em suma, as (aparentes) “falhas de transitividade” na sequência funcional dos advérbios examinados aqui não são contraexemplos à hierarquia de Cinque nem à empresa cartográfica, mesmo vinte anos após o livro de Cinque (1999), um dos berços da Cartografia Sintática. Vimos que esses contraexemplos aparentes podem ser explicados assumindo que operações transformacionais, desencadeadas por razões de atribuição de escopo, podem reverter a ordem desses elementos na superfície.

Conclusão

O trabalho teve por objetivo primeiramente revisar a metodologia da *precedência e transitividade* – muito típica em investigações cartográficas, uma vez que permite, aos cartógrafos, chegarem a

um desenho de mapas da estrutura da oração e de seus sintagmas principais – para, na sequência, argumentar que as supostas “falhas de transitividade” na sequência funcional são muito mais aparentes do que reais.

Recorrendo à teoria da atribuição de Kayne (1998), foi possível sugerir que a derivação de sentenças contendo advérbios altos à direita de advérbios baixos nada mais é do que resultado de movimentos sintáticos que revertem as ordens hierárquicas tão somente na superfície. Uma vez que as hierarquias cartográficas devem ser consultadas quando da soldagem de constituintes presentes na numeração, não há por que argumentar que esses dados invalidam os achados da Cartografia.

REFERÊNCIAS

Belletti, A. **Generalized Verb Movement**. Turim: Rosenberg & Sellier, 1990.

Chomsky, N. **The Minimalist Program**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.

_____. Minimalist Inquiries: The Framework. In: Martin, R. et al. (Eds.) **Step by Step: essays on minimalist Syntax in honor of Howard Lasnik**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2000, pp. 89-155.

_____. Derivation by Phase. In: Kenstowicz, M. (Ed.) **Ken Hale: A Life in Language**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001.

Cinque, G. **Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective**. New York: OUP, 1999.

_____. Issues in adverbial syntax. **Lingua** 114, 2004, pp. 683-710.

_____. **Restructuring and Functional Heads. The Cartography of Syntactic Structures**. Vol.4. New York, Oxford: Oxford University Press, 2006.

Costa, J. Adverbs and the Syntax-Semantics Interplay. **Estudos Linguísticos**, 2. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL, 2008, pp. 13-25.

Ernst, T. On the role of semantics in a theory of adverb syntax. **Lingua**, 117, 2007, pp. 1008–1033.

_____. **The Syntax of Adjuncts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

Giusti, G. Parallels in Clausal and Nominal Periphery. In: Frascarelli, M. (Ed.) **Phases of Interpretation: Studies in Generative Grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, pp. 163 -184.

Kayne, R. S. Overt vs. Covert Movements. **Syntax**, 1: 128-191.

Laenzlinger, C. **Elements of Comparative Generative Grammar: a Cartographic Approach**. Pádua: Unipress, 2011.

Pollock, J-Y. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. **Linguistic Inquiry**, 20(3), 1989, pp. 365-474.

Sant'Anna, M.S. **Sintaxe do advérbio**. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, 2005.

_____. **Sintaxe e Processamento de Advérbios no Português Brasileiro**. Tese (Doutorado) – UFRJ, 2010.

Schifano, N. **Verb Movement in Romance**. Oxford: OUP, 2018.

Tescari Neto, A. **On Verb Movement in Brazilian Portuguese: A Cartographic Study**. Tese (Doutorado) – Università Ca' Foscari di Venezia, Veneza, Itália, 2013.

_____. A posição dos advérbios focalizadores na hierarquia universal. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.25, n.1, p. 44-84, 2017.

Tosqui, P.; Longo, B. A distribuição dos advérbios modalizadores na sentença: uma análise de base gerativa. **Alfa**, 47(1), 2003, pp. 85-97.

Travis, L. **Parameters and Effects of Word Order Variation**. Ph.D. Dissertation, MIT, 1984.

Van Craenenbroeck, J. Introduction. In: Van Craenenbroeck, J. (Ed.) **Alternatives to Cartography**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009, pp. 1-13.

Zyman, E. **Two Investigations of Adverbs and Clause Structure in English**. Senior Thesis. Princeton University, 2012.

**PREPOSIÇÕES DE ALVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA COMPARAÇÃO
ENTRE ‘PARA’ E ‘ATÉ’¹**
**GOAL PREPOSITIONS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: A COMPARISON
BETWEEN ‘PARA’ AND ‘ATÉ’**

Thayse Letícia Ferreira²

Renato Miguel Basso³

RESUMO

Neste trabalho, investigamos, no quadro da Nanossintaxe (STARKE, 2009; PANTCHEVA, 2011), as preposições que expressam ALVO no português brasileiro (PB), com foco nas distinções entre ‘para’ e ‘até’. Argumentaremos que embora essas preposições quando combinadas a um evento de movimento indiquem o ponto final de uma trajetória (p(1)), há diferenças semânticas sutis em seus usos que apontam para a lexicalização de estruturas sintáticas distintas. Nesse sentido, ‘para’ e ‘até’ não competem para o *spell-out* de um mesmo segmento da hierarquia funcional espacial. Tal fato justifica o comportamento dessas preposições frente a alguns testes, como o acarretamento do alcance do alvo, a possibilidade de combinação com sintagmas de medida temporais, o efeito de imperfectividade e a ambiguidade com o advérbio ‘quase’. Com a análise, demonstraremos que ‘para’ é uma preposição aproximativa, que lexicaliza os núcleos [scale, goal], ao passo que ‘até’ é uma preposição terminativa, lexicalizando [bound, goal]. Por fim, discutimos, também, uma estrutura especial em que a preposição ‘em’ parece veicular o ALVO de um movimento, argumentando contra a ambiguidade entre uma leitura locativa e outra de trajetória para essa preposição. Seguindo Gehrke

1 Agradecemos ao Professor Joost Zwarts por discutir conosco vários dos temas tratados aqui.

2 Universidade Federal de São Carlos (PG-UFSCar). A autora agradece à CAPES pelo apoio (processo 88882.426850/2019-01). E-mail: tleticiaf@gmail.com.

3 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)/CNPq (PQ-2 305934/2016-3). O autor agradece à FAPESP pelo apoio (processo 2017/21110-0). E-mail: rmbasso@gmail.com.

(2008), sugerimos que 'em' lexicaliza apenas o núcleo de lugar, sendo a interpretação de ALVO um caso de falso sincretismo no PB.

Palavras-chave: Preposições espaciais. Estrutura de Trajetória. Nanossintaxe.

ABSTRACT

In this work, we investigate within the theoretical framework of Nanosyntax (Starke, 2009; Pantcheva, 2011) prepositions that express GOAL in Brazilian Portuguese (BrP), focusing on distinctions between 'para' and 'até'. We argue that although these prepositions when combined with a motion event indicate the path endpoint (p(1)), there are subtle semantic differences in their uses that point out to the lexicalization of distinct syntactic structures. Thus, 'para' and 'até' do not compete for the spell-out of the same segment of the spatial functional hierarchy, this fact justifies the behavior of these prepositions regarding some tests, such as the entailment of reaching the GOAL, the possibility of composition with temporal measure phrases, the imperfective paradox and the ambiguity with the adverb 'almost'. Our analysis demonstrates that 'para' is an approximative preposition which lexicalizes the [scale, goal] heads and 'até' is a terminative preposition which lexicalizes [bound, goal]. Finally, we also discuss a special structure in which the preposition 'em' seems to convey the GOAL of a movement and we argue against the ambiguity between a locative and a path reading for this preposition. Following Gehrke (2008), we suggest that 'em' lexicalizes only the place head, thus claiming that the GOAL interpretation is just a case of fake syncretism in BrP.

Keywords: Spatial Prepositions. Path structure. Nanosyntax.

Introdução

A literatura linguística divide o domínio espacial em duas grandes categorias: lugar (PLACE) e trajetória (PATH), sendo o sintagma preposicional (PP) o principal *locus* de codificação dessas noções. Neste trabalho, investigaremos um subconjunto das preposições do português brasileiro (PB) que veiculam a noção de trajetória. Especificamente, trataremos das preposições de ALVO do PB, representadas por 'para' e 'até', buscando fornecer uma caracterização sintática e semântica para esses itens dentro do quadro teórico da Nanossintaxe (CAHA, 2009; PANTCHEVA, 2011; BAUNAZ *et. al.*, 2018).

As preposições de trajetória são de natureza dinâmica e aparecem como complemento de verbos que denotam um evento de movimento, expressando a ideia de que há um caminho a ser percorrido

por uma dada entidade, denominada FIGURA, em relação a um objeto de referência, denominado FUNDO. Segundo Jackendoff (1983), FIGURA e FUNDO são os argumentos da preposição, que estabelece a localização da FIGURA em relação a um ponto específico da trajetória, que é tido como o FUNDO, este podendo tratar-se da origem do movimento denotado pelo evento (FONTE), do caminho a ser percorrido pela FIGURA (ROTA) ou do ponto final do movimento (ALVO). Os exemplos abaixo ilustram essa distinção:

- (1) Joana saiu de casa. 'de' – FONTE
- (2) Joana andou pelo parque. 'por' – ROTA
- (3) Joana foi para o hospital. 'para' – ALVO
- (4) Joana foi de casa para o hospital pelo parque.

Quando pensamos nas preposições que podem veicular o ponto de ALVO da trajetória, objeto desta pesquisa, encontramos no português brasileiro três possibilidades:

- (5) Joana foi para a escola.
- (6) Joana foi até a escola.
- (7) Joana foi à escola.

Dentre as preposições de ALVO disponíveis no PB, atualmente, 'a' parece apresentar baixa frequência de uso na língua falada (cf. FARIAS, 2006; WIEDEMER, 2008; VIEIRA, 2009; RAMMÉ, 2017; AVELAR, 2017), sendo 'para' e 'até' mais corriqueiras e encontradas em diferentes quadros de subcategorização verbal. Além dessas preposições que podem introduzir o ponto final do movimento denotado pelo evento, em PB, é possível encontrar ainda uma estrutura com a preposição 'em', que parece, também, codificar ALVO, conforme é possível observar em (8).

- (8) a. Joana foi na escola.
b. Joana correu no mercado.

Essa construção bastante comum coloca alguns problemas interessantes para a análise das preposições espaciais. Tradicionalmente, assume-se que 'em' é uma preposição estritamente locativa, que indica uma relação topológica entre FIGURA e FUNDO; no entanto, quando essa preposição passa a configurar estruturas com verbos de movimento, aparentemente, a informação com a qual contribui para o significado do PP não é apenas topológica, mas, sim, dinâmica, fazendo referência à

porção final de uma trajetória (ALVO)⁴.

Para nossa investigação, trataremos exclusivamente das preposições ‘para’ e ‘até’ e buscaremos compreender a origem da suposta ambiguidade encontrada na preposição ‘em’. Assim, visando a oferecer uma descrição sintático-semântica para a classe das preposições de ALVO do PB e explicar a aparente leitura de trajetória da preposição ‘em’, discutiremos, na seção 1, algumas diferenças semânticas entre as preposições ‘para’ e ‘até’, buscando, também, estabelecer alguns paralelos entre estas e a preposição locativa ‘em’. Demonstraremos que, embora ‘para’ e ‘até’ sejam, ambas, consideradas preposições de ALVO, os contextos nos quais podem ocorrer não são os mesmos. Na seção 2, apresentaremos a tipologia de Pantcheva (2011) para as preposições de trajetória, desenvolvida no quadro teórico da Nanossintaxe (STARKE, 2009). Com base nessa tipologia sugerida pela autora, que identifica oito tipos de trajetória, desenvolveremos, na seção 3, uma análise de ‘para’ e ‘até’, buscando, nesse modelo, respostas para o comportamento das preposições sob investigação.

Com base em pressupostos da Nanossintaxe, argumentaremos que ‘para’ e ‘até’ não competem para o *spell-out* de um mesmo núcleo da sequência funcional universal (*f-seq*), o ALVO de uma trajetória, como seria esperado. Trataremos das diferenças semânticas sutis que distinguem esses itens como uma pista para o fato de que cada um deles lexicaliza estruturas nanossintáticas distintas. Especificamente, proporemos que ‘para’ é uma preposição que denota uma trajetória aproximativa sem transição, ou seja, que esse item indica apenas um movimento de aproximação em relação ao ALVO, garantido pelos traços [scale, goal]. A preposição ‘até’, por sua vez, também carrega o traço [goal], mas garante que a FIGURA atinge o FUNDO em um ponto específico da trajetória, o que é representado pelo traço [bound]. Na terminologia de Pantcheva (2011), ‘até’ seria, portanto, uma preposição terminativa [bound, goal].

Seguindo a discussão, trataremos das leituras de ALVO da preposição ‘em’ com eventos de movimento. Defenderemos, com base em Gehrke (2008), que as preposições podem ser unicamente estáticas (denotar lugar) ou dinâmicas (denotar trajetória), de tal modo que a interpretação de ‘em’ como uma preposição de ALVO é um falso sincretismo (Pantcheva, 2011; Rammé, 2017). Sendo assim, argumentaremos que a suposta ambiguidade entre PLACE e PATH disparada por essa preposição é, na verdade, decorrente de um efeito estrutural de adjacência entre traços do VP e do PP locativo. Finalmente, nas Conclusões, retomaremos o caminho percorrido e apresentaremos algumas

4 O problema apresentado diz respeito à ambiguidade de sentenças como “Pedro correu na escola”: há uma leitura topológica esperada, na qual a escola é o local em que “Pedro correu”, bem como há uma leitura direcional, não esperada, em que a escola é a direção na qual “Pedro correu”. Neste trabalho, buscaremos explicar a origem dessa leitura direcional, inovadora, portanto, essa é a interpretação relevante que está sob análise.

das questões e problemas em aberto.

1. As preposições de ALVO e suas interpretações

As preposições de ALVO denotam o ponto final de uma trajetória a ser percorrida em um evento de movimento e parecem poder ser individualizadas por diferentes características. Tendo isso em vista, nesta seção, buscaremos apreender quais são as diferenças de interpretação nos usos das preposições ‘para’ e ‘até’, em oposição ao suposto uso direcional da preposição locativa ‘em’. Para tanto, tomemos as sentenças abaixo.

(9) Joana foi para o parque.

(10) Joana foi até o parque.

(11) Joana foi no parque.

Se, por hipótese, todas as preposições acima denotam a existência de um ALVO em direção ao qual a FIGURA se movimenta, um primeiro passo na tentativa de distingui-las seria, justamente, perguntar se todas garantem que o FUNDO (i.e., o ALVO) foi, de fato, alcançado ao final do movimento. Em termos semânticos, devemos nos perguntar, portanto, se essas três preposições acarretam o alcance do ALVO⁵. Há dois modos principais para avaliar tal acarretamento: (i) o cancelamento direto do “alcance do ALVO/FUNDO” e (ii) a avaliação da presença de tal acarretamento. Os dois testes são, na verdade, duas faces da existência (ou não) do acarretamento relevante, e a previsão é que, caso ele exista, as sentenças do teste (i) serão contraditórias, e não podemos garantir que a FIGURA chegou ao ALVO com os testes em (ii). Vejamos o funcionamento desses testes nas sentenças abaixo:

(i) cancelamento direto do “alcance do ALVO/FUNDO”

(12) OK Joana foi para a farmácia, mas não chegou lá.

(13) *Joana foi até a farmácia, mas não chegou lá.

(14) ?Joana foi na farmácia, mas não chegou lá.

5 O termo ‘acarretamento’ pode ser definido como uma relação de necessidade entre sentenças. *Grosso modo*, dadas duas sentenças A e B, se A é verdadeira, então B também é verdadeira, ou, ainda, pode-se dizer que a informação veiculada pela sentença B está contida na informação disponível na sentença A. No teste proposto, procuramos detectar se a sentença A não apenas contém o ALVO do movimento, mas também indica que esse ALVO deva ser atingido quando o movimento cessa. Ou seja, se A acarreta o alcance do ALVO, então a sentença B seria ‘x chegou em ALVO’, desse modo, é esperado que a negação da sentença B, que pode ser capturada pela estrutura adversativa “mas não chegou lá”, gere uma contradição em relação à sentença A. Conforme veremos, a contradição é observada com as preposições ‘até’ e ‘em’, o que indica que apenas estas acarretam o alcance do ALVO.

A sentença (12) é perfeitamente aceitável, e a interpretação que temos é a de que Joana percorreu uma dada trajetória, que tinha a farmácia como ALVO, mas não atravessou essa trajetória até seu limite, o FUNDO. Nesse sentido, ‘para a farmácia’ se aproxima de ‘em direção à farmácia’, e não garante que o ALVO foi de fato alcançado ao final do movimento. A sentença (13), por sua vez, é agramatical e soa como uma contradição – afinal, se Joana foi até a farmácia, não é possível que não tenha chegado nesse local. A sentença (14), analogamente, aparenta ser uma contradição, pois o cenário de alguém ‘ir em algum lugar’ parece incluir a ideia de que a pessoa chegou naquele lugar. Os dados indicam, portanto, que, presumivelmente, ‘até’ e ‘em’ exigem que o ALVO seja alcançado, mas com ‘para’ esse alcance é apenas opcional.

Essa relação pode ficar mais clara caso complementemos as sentenças acima com a sequência “o carro estragou no meio do caminho”, que garantiria o não alcance do ALVO. Note-se que o exemplo (12) acrescido desse sintagma ainda seria uma sentença congruente, pois de “Joana foi para a farmácia, mas não chegou lá, o carro estragou no meio do caminho” entendemos que Joana estava indo para/em direção à farmácia, mas não atingiu esse ALVO como consequência de seu carro ter estragado. O mesmo não pode ser dito para as sentenças (13) e (14), pois se o carro estragou no meio do caminho, Joana não foi ‘até a farmácia’ ou ‘na farmácia’, embora, nesse caso, seja possível entender que a trajetória em direção à farmácia tenha sido iniciada, mas não completada, de um modo semelhante ao que ocorre com ‘para’. A avaliação da presença desse acarretamento indica, portanto, que ‘para’ permite, de fato, que o ALVO não seja alcançado, ao passo que ‘até’ exige o alcance do ALVO e ‘em’ tem um comportamento intermediário entre ‘para’ e ‘até’. Vejamos, agora, como funciona a avaliação desse acarretamento, considerando os conjuntos que acarretam Joana ter estado na farmácia⁶, de (15) a (17), e Joana ter chegado na farmácia, de (18) a (20):

(ii) acarretamento de “alcance do ALVO/FUNDO”

(15) Joana foi para a farmácia \neq Joana esteve na farmácia

(16) Joana foi até a farmácia \neq Joana esteve na farmácia

(17) Joana foi na farmácia \models Joana esteve na farmácia

⁶ O acarretamento, aqui, foi modelado para capturar a relação entre a preposição e a arquitetura do FUNDO; desse modo, o objetivo é compreender se há alguma distinção entre ter chegado em algum lugar e ter entrado nesse lugar e permanecido nele por algum tempo. Tendo isso em vista, o teste com ‘estar’ demonstra se há a necessidade de que a FIGURA tenha permanecido no FUNDO (provavelmente em seu interior) para que a sentença seja verdadeira, ao passo que o teste com ‘chegar’ avalia estritamente a presença do acarretamento do alcance do ALVO.

- (18) Joana foi para a farmácia \neq Joana chegou na farmácia
- (19) Joana foi até a farmácia \neq Joana chegou na farmácia
- (20) Joana foi na farmácia \neq Joana chegou na farmácia

Os exemplos acima evidenciam que a primeira parte da sentença (15) não acarreta a segunda parte, ou seja, se Joana foi para a farmácia, não podemos ter certeza de que ela esteve na/dentro da farmácia – em outras palavras aceitamos que Joana tenha ido para a farmácia, mesmo que ela tenha apenas caminhado *em direção* a esse ALVO, sem ter entrado nele. Em (16) observamos a mesma situação, pois não podemos concluir que, se Joana foi até a farmácia, ela esteve na/dentro da farmácia. Ela certamente atingiu o FUNDO, mas não precisa ter estado em seu interior para ter ido ‘até ALVO’. Finalmente, (17) traz um acarretamento, afinal, se Joana foi na farmácia, ela esteve dentro da farmácia. Note-se que parece haver uma diferença importante entre atingir o ALVO e adentrar na região por ele especificada; para desenvolvermos melhor essa ideia, consideremos agora os acarretamentos que envolvem “chegar na farmácia”. Nesse caso, somente a sentença (18) não permite tal relação. Ou seja, se Joana foi para a farmácia, não necessariamente ela chegou lá, o que ocorre, obrigatoriamente, em (19) e (20), com a diferença de que ‘em’ garante que Joana esteve dentro farmácia, mas ‘até’ não, estabelecendo apenas que a FIGURA atingiu o ALVO.

Considerando as relações observadas, em suma, ‘para’ não garante nem ao menos que a FIGURA alcança o FUNDO e ‘até’ indica que a FIGURA atinge o FUNDO, mas não (necessariamente) seu interior, sendo essa relação capturada apenas pela preposição ‘em’. O teste do acarretamento do alcance do ALVO, portanto, individualiza ‘para’ em oposição a ‘até’ e ‘em’ e, além disso, revela uma diferença sutil entre as preposições que integram esse segundo grupo. Basicamente, há uma diferença no recorte do espaço atingido pela FIGURA ao final do movimento: ‘até’ especifica que os limites externos de um determinado local são atingidos, algo como o perímetro do FUNDO, em geral tido como a delimitação do terreno no qual o objeto se encontra; e ‘em’, por sua vez, garante que o deslocamento da FIGURA ultrapassa esse perímetro, de tal modo que a posição final da FIGURA, ao percorrer uma dada trajetória, é no interior do FUNDO, dentro do local especificado como ALVO, e não em seus limites ou imediações, que seriam determinados contextualmente.

É possível dizer que uma sentença como “Joana foi até a farmácia” é verdadeira caso a FIGURA tenha chegado apenas na calçada que delimita o terreno no qual a farmácia se encontra ou então em seu estacionamento, por exemplo. Ou seja, ‘até’ permite que a região relevante para a interpretação do PP seja exterior ao objeto que é interpretado como FUNDO, incluindo não apenas a estrutura desse

objeto, como também todo o perímetro do local em que ele se encontra. Desse modo, se alguém atinge os limites desse perímetro (os portões de um muro que cerca o objeto, por exemplo), podemos dizer que esse indivíduo foi ‘até DP’. A preposição ‘em’, por outro lado, parece especificar uma região interior ao objeto de referência, isto é, não podemos dizer que a sentença “Joana foi na farmácia” é verdadeira caso a FIGURA tenha chegado apenas na calçada ou no portão que delimita o terreno desse FUNDO. Com isso, identificamos uma propriedade que distingue as preposições de ALVO do PB (o alcance do ALVO) e isolamos relações espaciais de exterioridade e interioridade como sendo também relevantes na interpretação dessas preposições.

Para além das relações de acarretamento, outro teste que pode ser interessante para ajudar a identificar as diferenças entre as preposições que codificam ALVO é sua compatibilidade com adjuntos do tipo ‘em x tempo’ e ‘por x tempo’. Esses sintagmas são tratados como testes reveladores de telicidade no domínio dos eventos e geram diferentes interpretações para a sentença em que aparecem, a depender de o evento por ela denotado ser télico ou atélico. O adjunto ‘em x tempo’, ao se combinar a um evento télico, veicula que o *telos* desse evento foi alcançado⁷, e, quando combinado a um evento atélico, resulta em uma interpretação incoativa, indicando o tempo transcorrido até o início do evento. Adjuntos do tipo ‘por x tempo’, por sua vez, quando combinados a eventos télicos, resultam em interpretações de “detelicização”⁸ ou detectam somente o tempo durante o qual um dado evento se desenrolou, sem veicular que seu *telos* foi alcançado.

Na literatura, é assumido que a combinação de eventos de movimento com adjuntos direcionais que indicam o ALVO de uma trajetória resulta em eventos télicos (FILIP, 2003; ZWARTS, 2005); sendo télicos, esses eventos, em princípio, devem se combinar com ‘em x tempo’, resultando em uma interpretação de alcance do *telos* (i.e., do ALVO), mas, quando combinados com adjuntos do tipo ‘por x tempo’, devem resultar em leituras nas quais o *telos* não foi alcançado. Para avaliarmos essa previsão, tomemos as sentenças a seguir:

- (21) a. Joana foi para o parque em 10 minutos.
b. Joana foi para o parque por 10 minutos.

7 Se, por exemplo, “Pedro pintou o quadro em 10 minutos”, então, ao final de ‘10 minutos’, o sujeito completou a pintura do quadro, o evento, portanto, atingiu seu fim esperado (*telos*).

8 O efeito de “detelicização” refere-se à interpretação de eventos perfectivos télicos dos quais não se pode garantir que o *telos* foi alcançado como em “João arrumou o quarto por 10 minutos” – nessa situação, não sabemos se ele terminou de arrumar o quarto (cf. Basso, 2007).

- (22) a. Joana foi até o parque em 10 minutos.
b. ?Joana foi até o parque por 10 minutos.
- (23) a. Joana foi no parque em 10 minutos.
b. Joana foi no parque por 10 minutos.

Uma interpretação télica é aquela na qual o adjunto mede o tempo levado até o alcance do *telos* do evento. Nesse sentido, todas as sentenças em (a) de (21) a (23) têm a interpretação télica esperada – isto é, Joana chega no parque e leva 10 minutos para atingir o ALVO de seu percurso. A sentença (21a) apresenta, também, uma leitura incoativa, indicando o tempo que Joana levou para iniciar a trajetória de ‘ir para o parque’; tal fato demonstra que ‘para’ não necessariamente mapeia um evento télico, o que aponta uma diferença entre essa preposição e ‘até’, que parece sempre gerar eventos télicos (GROLLA, 2004).

Quando olhamos para a combinação do adjunto ‘por x tempo’ com as preposições sob investigação, notamos, novamente, que ‘para’ apresenta um comportamento distinto de ‘até’ e ‘em’. Os exemplos (22b) e (23b) têm o que podemos chamar de interpretação resultativa – o adjunto mede, nesses casos, o tempo que Joana passou no parque depois de chegar lá, mas não o tempo que ela demorou para chegar no parque⁹. A preposição ‘para’, na sentença (21b), não apresenta essa interpretação, mas permite uma outra leitura que especifica apenas que Joana foi em direção ao parque por 10 minutos – chamaremos tal interpretação de durativa. Nesse caso, se é verdade que “Joana foi para o parque por 10 minutos”, então, em qualquer subintervalo desse tempo, é verdade que ela foi em direção ao parque, mas não há qualquer garantia de que ela tenha chegado até o parque. Observamos efeitos semelhantes nos próximos exemplos:

- (24) Pedro foi para o parque e um carro atropelou ele.
- (25) Pedro foi até o parque e um carro atropelou ele.
- (26) Pedro foi no parque e um carro atropelou ele.

⁹ O que chamamos de interpretação resultativa aqui não tem relação com estruturas resultativas (como *Mary hammered the metal flat*, em que, ao final do evento, o metal está achatado), estamos apenas empregando o termo de um modo informal para indicar que o adjunto pode medir um tempo transcorrido após o evento ter cessado, ou seja, depois que a FIGURA atinge o FUNDO. Além disso, é importante observar que, embora essa interpretação resultativa seja possível para (22b), parece ser um tanto forçada, em comparação com (23b), que é mais natural.

Com a sentença (24), temos a interpretação de que Pedro foi atropelado no caminho do parque, ou seja, antes de alcançar o ALVO. Contudo, para (25) e (26), a interpretação resultante é a de que Pedro foi atropelado nas dependências do parque, depois de chegar lá. Esse teste pode ser lido como a detecção de um efeito de “imperfectividade”, pois ele mostra se o evento principal (i.e., ‘ir PREP o parque’) permite uma leitura em que outro evento aconteça em seu desenrolar. No caso, apenas ‘para’ permite que o evento seja interpretado enquanto não concluso (“imperfectivo”), uma vez que, em (24), a FIGURA não atinge o ALVO, mas, em (25) e (26), sim.

É importante destacar que esse efeito de imperfectividade sugerido não equivale ao paradoxo do imperfectivo, que surge quando eventos télicos são veiculados no progressivo, gerando uma interpretação de que o evento ainda está em aberto e não se sabe se seu *telos* será alcançado ou não. Os efeitos de um evento com um PP encabeçado por ‘para’, ‘até’ e ‘em’ veiculado no progressivo são, no entanto, notáveis, uma vez que, para além da leitura espacial, na qual não se sabe se a FIGURA atinge o ALVO ou não, temos, com ‘para’ e ‘em’, uma interpretação de hábito, ou seja, nas sentenças (27) e (29) abaixo entendemos que “Pedro estava frequentando a escola”.

(27) Pedro estava indo para escola.

(28) Pedro estava indo até a escola.

(29) Pedro estava indo na escola.

Os resultados dos testes discutidos, resumidos no quadro 1, abaixo, parecem indicar, especialmente, o fato de que ‘para’ não especifica o alcance do ALVO ao final da trajetória. Isso não significa que não seja possível interpretar que a FIGURA atinge o FUNDO com ‘para’; a questão, aqui, é, simplesmente, que ‘até’ e ‘em’ garantem esse alcance, o que pode ser observado pelo fato de a interpretação resultativa ser a única leitura disponível para essas preposições quando combinadas ao adjunto ‘por x tempo’¹⁰. Esse sintagma, com ‘até’ e ‘em’, mede o tempo transcorrido após o ALVO ser atingido; já com ‘para’, mede apenas o tempo durante o qual a FIGURA se movimentou em direção ao ALVO. Essa característica de ‘para’ é reforçada pelos testes do cancelamento e do acarretamento do ALVO, uma vez que é apenas essa preposição que permite que o alcance do ALVO seja cancelado, não acarretando nem que a FIGURA atingiu o FUNDO e tampouco que esteve em seu interior.

10 Conforme dissemos anteriormente, a leitura resultativa com ‘em’ é natural, já com ‘até’ é bastante forçada (caso seja aceita, de fato, haja vista que divergências no julgamento de aceitabilidade das sentenças são previstas). Por conta disso, afirmamos apenas que, caso exista alguma leitura para a combinação de ‘por x tempo’ com ‘até’, essa leitura seria a resultativa e não outra. Tal fato, no entanto, não afeta a caracterização semântica de ‘até’ e a proposta desenvolvida.

Quadro 1: testes para diferenciar as preposições 'para', 'até' e 'em'

	Cancelamento do ALVO	Acarretamento do ALVO		Adjunto		Efeito de imperfetividade
		'estar'	'chegar'	'em x tempo'	'por x tempo'	
para	sim	não	não	télica/incoativa	durativa	sim
até	não	não	sim	télica	resultativa	não
em	não	sim	sim	télica	resultativa	não

O quadro acima demonstra que 'para' apresenta mais características distintivas em relação a 'até' e 'em', que são diferenciadas apenas pelo teste do acarretamento do ALVO com 'estar', disponível para 'em', mas não para 'até'. Essa pequena diferença indica que 'até' recorta o espaço exterior ao ALVO como relevante para a interpretação do PP, de tal modo que basta que a FIGURA chegue na região externa ao ALVO (contextualmente determinada) para que a sentença seja verdadeira. A preposição 'em', por outro lado, assegura não apenas que a FIGURA chegou na região na qual o ALVO se encontra, mas também que ultrapassou esse limite e, ao final do movimento, atingiu o interior do ALVO.

Com isso, esperamos ter demonstrado que, embora 'para', 'até' e 'em' possam, todas, ser entendidas como preposições de ALVO no PB, porque são direcionadas para o ponto final de uma trajetória, há diferenças semânticas relevantes em seus usos. Tendo isso em vista, na próxima seção, apresentaremos o quadro teórico que nos permitirá explicar as generalizações aqui encontradas.

2. A Nanossintaxe de PATH: definição e propriedades

Uma trajetória é definida informalmente, por Zwarts (2005), como uma extensão do espaço que apresenta direção, um ponto inicial, um ponto final e pontos intermediários, ordenados entre si. Formalmente, o autor sugere que uma trajetória possa ser capturada como uma função contínua, no intervalo dos números reais, entre $[0,1]$, de tal modo que o ponto inicial de uma trajetória, p , é formalizado como $p(0)$, e o ponto final, como $p(1)$, sendo quaisquer pontos entre 0 e 1 partes intermediárias da trajetória $p(i)$. Segundo o autor, cada ponto p da trajetória faz parte do domínio P (para espaço), ao lado dos domínios E (para indivíduos) e T (para valores de verdade).

Essa definição oferecida por Zwarts (2005, 2008) é amplamente explorada na literatura e, também, utilizada no trabalho de Pantcheva (2011), que propõe, dentro do quadro teórico da Nanossintaxe, uma tipologia para as preposições que codificam a noção de trajetória. Antes de tratarmos, especificamente, do trabalho da autora, que embasará nossa análise das preposições de ALVO no PB, apresentaremos, brevemente, o modelo de arquitetura da gramática denominado Nanossintaxe (STARKE, 2009).

Nos últimos vinte anos, é possível observar, nos estudos em linguística formal, uma crescente articulação de domínios antes tidos como indecomponíveis (DP-vP-IP-CP). Nesse quadro, a Nanossintaxe (STARKE, 2009; RAMCHAND; SVENONIUS, 2014) surge como uma implementação radical da Cartografia (CINQUE, 1999; SCHLONSKY, 2010), empenhando-se não apenas em desenhar mapas funcionais dos mais variados domínios linguísticos, como, também, em propor regras rígidas para o funcionamento do sistema, que possam restringir a derivação de estruturas sintáticas cada vez mais articuladas.

Esse modelo de arquitetura da gramática parte da premissa de que a sintaxe não é apenas um modo de organizar um léxico ativo em estruturas complexas. Na Nanossintaxe, o léxico é, na verdade, um componente pós-sintático que atua como um repositório de informações ou que são construídas em outros módulos da gramática (sintaxe-fonologia) ou que estão relacionadas a princípios cognitivos mais gerais, tais como a memória (informação enciclopédica). Uma entrada lexical seria, então, uma tripla ordenada do tipo </informação fonológica/, *informação sintática*, informação enciclopédica>, que deve ser compatível com a estrutura-alvo para o processo de inserção (*spell-out*).

No modelo, a compatibilidade entre a árvore estocada no item lexical (*informação sintática*) e aquela disponível para a lexicalização não precisa ser perfeita; há uma especificação, dada pelo *Princípio do Superconjunto*, de que o item pode carregar mais informação do que o exigido pela estrutura-alvo. Tal fato permite, por exemplo, que um mesmo item possa ser usado em diferentes quadros de subcategorização com diferentes significados, desde que a inserção respeite a uma série de regras, as quais, por sua vez, autorizam que certos traços sejam ignorados durante a computação. Se, por exemplo, um verbo carrega a informação de que há um desencadeamento que leva a um processo e culmina em um resultado [iniciação, processo, resultado] (RAMCHAND, 2008), é possível que esse mesmo verbo apareça em outros quadros, com a combinação dos traços [processo, resultado] ou apenas [resultado]. As alternâncias verbais, em geral, ilustram essa situação, assim como os diferentes usos do verbo ‘dar’ (cf. FERREIRA; RASSI; BASSO, 2017):

- (30) a. Joana deu um presente para Maria. [iniciação > processo > resultado]
b. A conta deu 20 reais. [processo > resultado]
c. Deu ruim. [resultado]

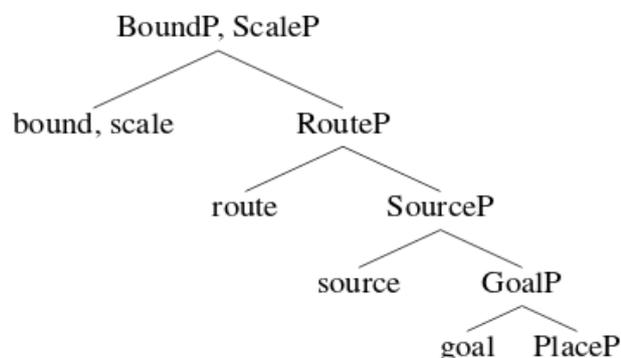
Nos exemplos oferecidos, note-se que não há uma sentença com ‘dar’ que contenha apenas a informação de desencadeamento de um evento [iniciação]. Isso ocorre porque há, no modelo, um preceito denominado *Condição de Âncora*, que estabelece a obrigatoriedade de identificação do

núcleo mais baixo da sequência sintática a cada ciclo de derivação (ou seja, esse terminal não pode ser ignorado na computação), o que leva à previsão de que o núcleo mais alto do fragmento relevante para o *spell-out* nunca poderá aparecer sozinho na estrutura, e é precisamente isso o que observamos em (30). Dentre as regras nanossintáticas formuladas para a derivação da sequência funcional universal (*f-seq*), destacamos, ainda, o *Princípio *ABA*, uma condição de adjacência; o *Spell-out Sintagmático*, uma operação que toma núcleos não terminais como alvo da lexicalização; e o *Lixo Minimizado*, uma condição que regula a competição pelo *spell-out* de uma mesma sequência de traços, segundo a qual o item com menos traços não utilizados vence a competição.

Esses pressupostos do modelo, somados ao fato de que diferentes itens lexicais carregam pedaços distintos da *f-seq*, oferecem uma resposta interessante para a variação translinguística, pois, assim, entende-se que cada língua armazena um mesmo segmento da estrutura em itens distintos. Em holandês, por exemplo, a preposição 'naar' armazena toda a estrutura espacial [PathP > PlaceP], identificando-a pelo *Spell-out Sintagmático*, ao passo que, em macedônio, a preposição '-kaj' lexicaliza [PlaceP], e a preposição 'na-' lexicaliza [PathP], identificando, portanto, um núcleo por ciclo.

Pantcheva (2006, 2011) desenvolve sua tese com base nesse quadro teórico e parte da hipótese de que a contraparte linguística do conceito PATH é, na verdade, muito mais fina do que se supunha até então. Seguindo a heurística cartográfica, a autora analisa 81 línguas não relacionadas e propõe, com base na ideia de que complexidade morfológica sinaliza complexidade sintática, uma estrutura para trajetória composta por cinco núcleos distintos na *f-seq*. Cada um dos elementos da estrutura abaixo é motivado morfológicamente e desempenha um papel semântico específico na composição da noção de trajetória.

Figura 1: Hierarquia de PATH



Fonte: Pantcheva (2011)

A razão para todos os núcleos dinâmicos que compõem PathP estarem localizados acima de PlaceP encontra raízes no trabalho de Jackendoff (1983), que demonstra a altura de PATH na estrutura sintática com base em preposições compostas do tipo ‘into’ e ‘onto’. O que Pantcheva (2011) faz, com sua pesquisa translinguística, é comprovar que muitas línguas de morfologia rica constroem preposições de trajetória tomando um elemento locativo como base. Tal fato é exemplificado no quadro a seguir.

Quadro 2: Relação de continência morfológica entre trajetória e lugar

Fonte: Pantcheva (2011, p. 39)

Language	Genus	Location	Goal	Source	Reference
Garo	Baric	-o	-o-na	-o-ni	Burling (2003)
Estonian	Finnic	-l	-l-le ^a	-l-t	Viitso (1998)
Lezgian	Lezgitic	-q ^h	-q ^h -di	-q ^h -aj	Haspelmath (1993)
Mwotlap	Oceanic	<i>l(V)</i>	<i>a l(V)</i>	<i>m^wε l(V)</i>	Crowley (2002a)
Yanesha	Arawakan	-o	-o-net	-o-t ^y	Duff-Tripp (1997)

No PB, os núcleos de rota, fonte e alvo são monomorfêmicos, o que torna a relação hierárquica pouco transparente e de difícil apreensão; no entanto, línguas como o quéchua (COLE, 1985), o avar (BLAKE, 1994) e o búlgaro (PASHOV, 1999) apresentam uma relação de continência clara entre os morfemas que lexicalizam essas noções. Com base nisso, e considerando que essa relação morfológica pode ser transitiva, reflexiva e antissimétrica, Pantcheva (2011) chega à ordenação proposta na Figura 1. Nessa estrutura, as preposições de ROTA são vistas como as mais complexas, pois contêm os núcleos de FONTE e ALVO, algo já intuído pela semântica desses itens em Zwarts (2005). Os núcleos de limite [bound] e escala [scale] também são motivados empiricamente e sempre têm escopo sobre os núcleos mais baixos; porém, segundo Pantcheva (2011, p. 91), não apresentam uma posição fixa na estrutura. Na hierarquia proposta pela autora, os diferentes tipos de trajetória seriam derivados da combinação de diferentes núcleos da estrutura, somados à interação de três propriedades semânticas, sendo elas orientação, transição e delimitação.

A propriedade da orientação individualiza preposições de ROTA em oposição às preposições de FONTE e ALVO, pois apenas as primeiras (preposições de ROTA) não dispõem de uma direção intrínseca para o movimento, guiado ou para o início ($p(0)$) ou para o fim ($p(1)$) da trajetória.

A segunda propriedade selecionada por Pantcheva (2011) – transição – trata de trajetórias nas quais a FIGURA muda de lugar durante o movimento, passando de um domínio A para um domínio complementar \bar{A} ($A \rightarrow \bar{A}$). Na estrutura proposta, o núcleo [scale] pode entrar acima de qualquer

trajetória transicional, transformando-a em uma trajetória sem transição; tal fato é observado na composição da preposição ‘towards’, em que ‘-wards’ lexicaliza [scale], e ‘to’, [goal, place]. Preposições que apresentam mais de uma fase são, necessariamente, transicionais, podendo, ainda, ser delimitadas ou não.

Essa terceira propriedade – delimitação – aplica-se, unicamente, a preposições que especificam o ponto inicial ou o ponto final da trajetória como sendo o espaço limite para o movimento; por conta disso, unicamente preposições de FONTE e ALVO podem apresentar essa característica. O núcleo [bound] é responsável, na estrutura, por derivar trajetórias delimitadas, que estabelecem a existência de um único ponto no FUNDO no qual a localização denotada pela preposição é verdadeira. Essas características, quando combinadas, resultam em uma tipologia de oito classes de preposições de trajetória, resumidas no quadro abaixo.

Quadro 3: tipologia e representação dos diferentes componentes de PATH
 (Pantcheva, 2011)

Tipologia das preposições		Representação esquemática da trajetória	Representação Nanossintática	Exemplos do PB
FONTE	Preposições coinciais	++++----	[source, goal, place]	de
	Preposições egressivas	+-----	[bound, source, goal, place]	a partir de
	Preposições recessivas	----	[scale, source, goal, place]	para longe de
ALVO	Preposições cofinais	----++++	[goal, place]	para
	Preposições terminativas	-----+	[bound, goal, place]	até
	Preposições aproximativas	----	[scale, goal, place]	em direção a, para
ROTA	Preposições transitivas	---++++	[route, source, goal, place]	por, depois de
	Preposições prolativas	++++++	[scale, route, source, goal, place]	ao longo de

Ao propor a existência de diferentes preposições de ROTA, FONTE e ALVO, Pantcheva (2011) identifica diferentes restrições locativas sobre os pontos inicial $p(0)$, final $p(1)$ e intermediários $p(i)$ da trajetória, de tal modo que as preposições podem ter apenas um, mais de um ou nenhum ponto no FUNDO relevantes para a interpretação. Na representação gráfica oferecida na segunda coluna

do quadro acima, a parte relevante do FUNDO para a interpretação da preposição é dada por “+”, ou seja, é na fase positiva que a relação estabelecida pela preposição entre FIGURA e FUNDO é verdadeira. Dado que nem todas as classes propostas apresentam uma fase positiva, pode-se afirmar que, embora as preposições recessivas e aproximativas sejam orientadas para um ponto extremo da trajetória, nunca o incluirão em sua denotação.

Juntamente com as preposições prolativas, as classes de preposição recessivas e aproximativas são derivadas da presença de [scale] na estrutura; semanticamente, esse núcleo recorta apenas um pedaço da trajetória como sendo relevante para a interpretação, excluindo a transição. Essa nova trajetória (p'), quando originada de uma estrutura [+direcional] (ou seja, de FONTE ou ALVO), apresenta uma condição de ordenação sobre seus pontos imposta pelo núcleo [scale], de tal modo que a FIGURA estará sempre mais perto ou mais distante do FUNDO, a depender de se a trajetória é orientada para o ALVO ou para a FONTE do movimento. Formalmente, a condição de ordenação pode ser representada como em (31).

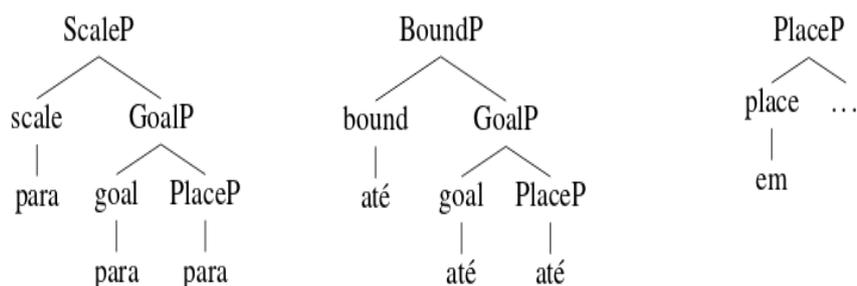
- (31) a. Se $p(1)$ é uma fase positiva, então, para cada par $p'i$ e $p'j$, se $i < j$, então, em $p'j$ a FIGURA está mais perto do FUNDO do que em $p'i$.
- b. Se $p(0)$ é uma fase positiva, então, para cada par $p'i$ e $p'j$, se $i < j$, então, em $p'i$ a FIGURA está mais perto do FUNDO do que em $p'j$.

As preposições egressivas e terminativas apresentam, exatamente, um ponto do FUNDO no qual a relação de localização é verdadeira; logo, essas classes são transicionais e limitadas [bound]. Já as preposições coinciais, cofinais e transitivas, embora denotem transições, não são limitadas, pois especificam que há mais de um ponto do FUNDO relevante para sua interpretação. Essa distinção pode equivaler, *grosso modo*, às relações de espaço externo e espaço interno identificadas anteriormente: quando há apenas um ponto em que a localização é verdadeira, basta que a FIGURA esteja situada em um perímetro contextualmente delimitado como espaço externo ao FUNDO; quando a relação pode ser verdadeira em mais de um ponto no espaço, a FIGURA pode estar dentro do FUNDO (espaço interno). Na próxima seção, exploraremos essa relação e outras ideias aqui delineadas, buscando observar, sobretudo, (i) se as preposições de ALVO do PB podem ser encaixadas na tipologia proposta por Pantcheva (2011); e (ii) se há regras nanossintáticas que podem explicar seu comportamento.

3. Uma proposta de análise para as preposições de ALVO no PB

Conforme observamos na seção 1, o comportamento semântico das preposições ‘para’, ‘até’ e ‘em’ não é uniforme. Tal fato pode ser explicado se presumirmos que a estrutura que cada item carrega em sua entrada lexical não é a mesma. Assim, considerando a tipologia de PATH sugerida por Pantcheva (2011), nossa proposta é que ‘para’ denota uma trajetória orientada para o ALVO, porém apenas aproximativa, sem transição, ao passo que ‘até’ denota uma trajetória terminativa, que contempla um único ponto do FUNDO para a transição. A preposição ‘em’, por sua vez, não denota uma trajetória, mas sim um lugar, o que é assegurado pela realização do núcleo [place], o único traço armazenado na entrada lexical desse item. Abaixo, ilustramos a nanossintaxe de cada uma das preposições sob investigação para, em seguida, verificarmos se nossa hipótese pode ser sustentada pelos dados do PB.

Figura 2: Nanossintaxe de ‘para’, ‘até’ e ‘em’



Segundo Pantcheva (2011), [scale] cria trajetórias sem transição, por selecionar apenas uma porção da estrutura para a interpretação. Portanto, ao assumirmos que ‘para’ lexicaliza esse núcleo, criando uma estrutura linearmente ordenada em direção ao ALVO, necessariamente afirmamos que não haverá uma mudança da FIGURA de um espaço A para um domínio complementar \bar{A} . Tal característica pode explicar, por exemplo, o porquê de ‘para’ não acarretar o alcance do ALVO nem com ‘estar’ nem com ‘chegar’: como a estrutura da preposição não especifica uma transição, a FIGURA pode se mover em direção ao FUNDO sem nunca alcançá-lo (‘chegar’) ou permanecer em seu domínio (‘estar’). Além disso, a presença de [scale] justifica, também, a possibilidade do “efeito de imperfectividade” em sentenças como (32) – a trajetória é iniciada, mas o percurso não é concluído – e a leitura incoativa de sentenças como (33), em que interpretamos que a FIGURA demorou meia hora para iniciar a trajetória e não que ‘meia hora’ foi o tempo percorrido até o alcance do ALVO.

(32) Pedro foi para o trabalho, mas seu carro estragou e ele não chegou lá.

(33) Pedro foi para o trabalho em meia hora.

Na seção 1, observamos que ‘para’, diferentemente de ‘até’ e ‘em’, não garantia o alcance do ALVO pela FIGURA, no entanto, não afirmamos que essa relação seja impossível de se obter com essa preposição. Ou seja, é viável que ‘para’ seja utilizada em casos nos quais a FIGURA não apenas se dirige em direção ao ALVO, mas também o alcança. Lançando mão do arcabouço teórico da Nanossintaxe, conseguimos explicar como essa leitura de alcance do ALVO é obtida com ‘para’: uma vez que, nesse modelo, traços do item lexical podem ser ignorados na computação, considerando o *Princípio do Superconjunto* e a *Condição de Âncora*, é possível que o núcleo mais alto da estrutura seja subassociado para realizar uma estrutura-alvo menor, contendo os traços [goal, place]. Assim, quando o núcleo [scale] não é computado no *spell-out*, ‘para’ é interpretada enquanto uma preposição cofinal (cf. Quadro 3), que garante o alcance do ALVO e especifica uma área interna a esse objeto como sendo relevante para a interpretação, posto que há mais de um ponto do FUNDO no qual a relação de localização pode ser verdadeira.

Como as estruturas funcionais lexicalizadas nos itens são superespecificadas (pelo *Princípio do Superconjunto*), o princípio do *Lixo Minimizado* regula a competição, e, desse modo, ‘para’ não é a melhor preposição para realizar uma estrutura sem escala, que garante uma transição para o espaço ocupado pelo ALVO, uma vez que esse traço ficaria sobressalente no *spell-out*. A preposição ‘até’, por sua vez, não deixa traços não utilizados na inserção, pois não contém [scale], o que a faz ganhar a disputa pelo *spell-out* de uma sequência que garante o alcance do ALVO. Em suma, ‘para’ é apenas uma preposição aproximativa (PANTCHEVA, 2011), pois indica um progresso em direção ao FUNDO; no entanto, é possível que o traço de escala seja ignorado na derivação, gerando uma interpretação cofinal para essa preposição. Dado que [scale] precisa estar subassociado para que essa interpretação seja possível pelo *Lixo Minimizado*, essa preposição não é ótima para esse contexto, posto que outras preposições estão disponíveis para o *spell-out* sem armazenar traços excedentes.

Considerando, então, que ‘para’ é uma preposição notadamente aproximativa (PANTCHEVA, 2011), cada vez que um evento se desenvolve no tempo, entendemos que a posição da FIGURA na trajetória estará sempre mais próxima do FUNDO, mas nunca dentro dele. É por isso que ‘para’ permite o cancelamento do ALVO; não acarreta seu alcance; apresenta leitura incoativa (atélica) com ‘em x tempo’ e durativa com ‘por x tempo’; além de ser a única preposição de ALVO que exhibe um efeito de imperfectividade. O ‘para’, nesse sentido, parece se comportar de um modo similar aos adjetivos de escala aberta, pois não especifica um limite para o desenrolar do evento, por mais que

imponha uma ordem linear entre os pontos da trajetória.

Winter (2006), comparando o inglês, o hebraico e o holandês, propõe que certos elementos, como o advérbio ‘almost’, podem operar apenas sobre estruturas fechadas, em qualquer domínio, sendo, por isso, incompatíveis, por exemplo, com adjetivos de escala aberta. Em PB, podemos empregar o advérbio ‘quase’ para esse teste e o que observamos em (34) é o contraste esperado: ‘quase’ é compatível com uma estrutura de escala fechada, mas não pode ser empregado juntamente a um adjetivo de escala aberta.

- (34) a. A casa está quase limpa.
b. *A casa está quase suja.

Transpondo o teste para o domínio preposicional, ‘quase’ apresenta uma leitura na qual a FIGURA nem ao menos inicia a trajetória; e outra escalar, na qual a FIGURA percorre boa parte da trajetória, mas não alcança seu ponto final. Segundo Winter (2006, p. 5), apenas a leitura escalar captura uma estrutura fechada. Portanto, se ‘para’ é, de fato, uma preposição de “trajetória aberta”/ aproximativa, a previsão do teste é que encontremos apenas a leitura de que a trajetória não foi iniciada para sentenças com essa preposição. Conforme é possível observar nos exemplos em (35), esse parece ser o caso.

- (35) a. Pedro quase foi para o trabalho.
b. Joana quase correu para o mercado.
c. Ana quase nadou para o barco.

Em oposição a ‘para’, propomos que ‘até’ denota uma trajetória fechada, especificando, por meio do núcleo [bound], o FUNDO como o ponto limite do deslocamento. A previsão feita com o teste do advérbio ‘quase’ estabelece que estruturas fechadas permitem uma leitura escalar; no caso, seria esperado que sentenças com ‘até’ indicassem não apenas que o deslocamento não se iniciou, como nos exemplos em (35), mas, também, licenciassem a interpretação de que a FIGURA se aproxima do FUNDO, sem atingir o limite determinado. Nas sentenças abaixo, ambas as interpretações estão disponíveis — contrafactual e escalar —, o que comprova que ‘até’ é uma preposição de trajetória fechada: em (36) ou Joana não saiu de casa para ir ao trabalho ou iniciou essa trajetória, mas não atingiu seu final; analogamente, em (37), Pedro ou não começou a nadar em direção ao barco ou iniciou o percurso, mas não chegou no ALVO.

(36) Joana quase foi até o trabalho.

(37) Pedro quase nadou até o barco.

Como ‘até’ não contém [scale], a preposição é, obrigatoriamente, transicional, e a presença de [bound] na estrutura garante que a transição é delimitada a um único ponto, ou seja, ‘até’ especifica que a FIGURA, necessariamente, atinge o FUNDO. Tal fato explica a impossibilidade de cancelar o alcance do ALVO com ‘até’ e o não acarretamento de a FIGURA ter estado dentro do ALVO com ‘estar’. Apesar de o alcance do ALVO ser obrigatório, não há uma especificação de que a FIGURA deva entrar no ALVO para que uma sentença com ‘até’ seja verdadeira. É por esse motivo que, em ‘estar + até’, não há acarretamento, mas essa operação se aplica a ‘chegar + até’, pois, aí, há a garantia de que a FIGURA atingiu o limite relevante para tal interpretação. Podemos comprovar o alcance do ALVO com ‘até’, comparando essa preposição com ‘para’ em contextos que exigem que o ALVO nunca seja atingido, conforme as sentenças abaixo.

(38) a. Corra para sul.

b. *Corra até o sul.

(39) a. Corra para o horizonte.

b. *Corra até o horizonte.

Tanto o sintagma ‘o sul’ quanto ‘o horizonte’ indicam direções a serem seguidas e não um ALVO a ser atingido. É por esse motivo que (38a) e (39a) são perfeitamente adequadas para descrever uma trajetória apenas orientada para um ALVO, ao passo que as sentenças em (b) não são aceitáveis nesse contexto, posto que ‘até’ exige que o ALVO seja alcançado. É interessante notar que essa mesma diferença aparece em holandês, ao considerarmos os itens ‘naar’ (equivalente, *grosso modo*, a ‘para’) e ‘in’ (com usos próximos aos de ‘em’ e ‘até’ que investigamos aqui). O padrão para o holandês é o seguinte¹¹:

(40) a. Ren naar de horizon.

“corra para o horizonte”

b. *Ren in de horizon.

“corra até/no horizonte”

11 Os dados foram gentilmente fornecidos pelo prof. Joost Zwarts, a quem agradecemos.

O fato de ‘até’ ser uma preposição delimitada pode explicar, inclusive, o porquê de eventos atélicos poderem ser interpretados enquanto télicos em estruturas com essa preposição: ‘até’ institui um fim para a trajetória com [bound], que passa, naturalmente, a ser associado ao limite de um evento. Note-se que, com isso, não defendemos um caso de coerção; a presença da propriedade da telicidade, nas sentenças abaixo, é apenas um efeito composicional da estrutura.

- (41) a. Joana correu. [atélico]
b. Joana correu até a padaria. [télico]
- (42) a. Pedro nadou. [atélico]
b. Pedro nadou até o barco. [télico]

A possibilidade de uma leitura resultativa para a preposição ‘até’ combinada ao advérbio ‘por x tempo’ também é consequência da presença de [bound] na estrutura: se a FIGURA chega ao ALVO, é perfeitamente possível que ela passe algum tempo naquele espaço. A esse respeito, é interessante notar que a única característica que diferencia ‘até’ de ‘em’ em relação aos testes propostos na seção anterior é o acarretamento do ALVO com o verbo ‘estar’, pois apenas ‘em’ permite tal acarretamento. Isso ocorre não porque ‘em’ é uma preposição de ALVO, mas sim porque ela lexicaliza apenas o núcleo [place], sobre o qual uma estrutura de trajetória é construída.

O sintagma ‘até ALVO’ permite que a FIGURA atinja o ALVO sem entrar nesse espaço, ou seja, trajetórias com ‘até’ terminam, precisamente, no ponto em que o espaço do ALVO começa; o sintagma ‘em ALVO’, por sua vez, apenas garante que, ao final do movimento, a FIGURA estará localizada dentro do FUNDO. Há, portanto, uma especificação topológica de ‘em’ que assegura que a trajetória terá fim no interior do ALVO. As sentenças abaixo ilustram essa distinção.

(43) Joana foi até a farmácia, mas não entrou.

(44) ?? Joana foi na farmácia, mas não entrou.

O exemplo (43) não soa como uma contradição, pois ‘até’ só garante que a FIGURA atinge um espaço limite exterior ao ALVO, não havendo qualquer especificação sobre a FIGURA estar localizada em seu interior ao final do movimento. Por conta disso, podemos dizer que a interpretação de que alguém entrou na farmácia com ‘até a farmácia’ é um reforço pragmático – se alguém foi até a farmácia, nas situações mais comuns, *ceteris paribus*, esse alguém entra na farmácia. O mesmo não ocorre com ‘na farmácia’: em (44), temos uma sentença contraditória, pois não é possível que

alguém vá ‘em algum lugar’ e não tenha estado nesse lugar. Em certo sentido, verbos de movimento combinados ao sintagma ‘em FUNDO’ parecem denotar trajetórias cofinais, que indicam, justamente, que a trajetória pode ser estendida ao interior do ALVO, posto que há mais de um ponto no espaço relevante para a interpretação. Como explicar esse fato?

Na Nanossintaxe (BAUNAZ *ET. AL*, 2018), assume-se que certos núcleos possam ser compartilhados por diferentes domínios. O núcleo de limite [bound], por exemplo, poderia ser utilizado para a distinção “massivo vs. contável” ou “télico vs. atélico”. Nesse sentido, certos núcleos espaciais seriam compartilhados entre os domínios verbal e preposicional; tal fato nos permitiria, assim, explicar a origem da suposta ambiguidade da preposição ‘em’ e a existência de uma trajetória cofinal em sentenças como (45) e (46).

(45) Pedro foi na farmácia.

(46) Maria correu na farmácia.

Segundo a *Hipótese da Ambiguidade Estrutural*, formulada por Gehrke (2008), as preposições espaciais podem denotar, unicamente, um lugar ou uma porção da noção de trajetória. Desse modo, se uma sentença com uma preposição espacial locativa é interpretada enquanto direcional, isso é um efeito estrutural e não lexical, ou seja, a noção de trajetória deve estar lexicalizada em outro item da sentença. Assumindo essa ideia, nossa proposta é que a interpretação de ALVO de sentenças como (45) e (46) não faça parte da estrutura de ‘em’, mas sim do verbo. Isto é, a orientação para um ALVO é dada pela entrada de ‘ir’ e ‘correr’, e a preposição ‘em’, sendo locativa, apenas garante que a FIGURA esteve dentro do espaço relevante do FUNDO ao final do movimento. Prova disso é o fato de ‘em’ parecer ter uma interpretação de trajetória apenas em um contexto muito específico. Note-se que, quando inserimos essa preposição em estruturas sem um verbo de movimento direcionado (orientado para um ALVO), a interpretação é estritamente locativa. Em (47), ‘a sala’ é o lugar onde Maria estuda; em (48), ‘a farmácia’ é o lugar onde Pedro tosse; e, em (49), ‘o quarto’ é o lugar onde Joana caminha.

(47) Maria estudou na sala.

(48) Pedro tossiu na farmácia.

(49) Joana caminhou no quarto.

A adjacência estrutural entre os traços [goal], lexicalizado pelo verbo, e [place], lexicalizado pela preposição, faz surgir um falso sincretismo, fenômeno caracterizado, justamente, pela associação de um item lexical a uma estrutura realizada por um item adjacente (PANTCHEVA, 2011; RAMMÉ,

2017). Em um primeiro olhar, afirmar que certos verbos já carregam o terminal de ALVO parece ser problemático, afinal, isso geraria estruturas redundantes com 'para' e 'até', uma vez que a mesma informação estaria contida nas entradas do verbo e da preposição. No entanto, assumindo os princípios da Nanossintaxe (STARKE, 2009), podemos explicar o que ocorre na estrutura: verbos de movimento exigem a especificação de um alvo, porém, não especificam qual é a exata relação que o evento de movimento deve estabelecer em relação a esse ponto da trajetória, sendo essa uma contribuição da preposição (se há transição ou limite, por exemplo).

Quando uma preposição de ALVO é combinada a um verbo de movimento que já contém esse núcleo, o terminal da entrada lexical verbal deve ser ignorado na computação, para que o *Princípio* *ABA não seja ferido. Caso o verbo identificasse o núcleo de ALVO, e a preposição os núcleos [scale/bound, place], obteríamos, justamente, a estrutura *ABA, pois o verbo realizaria uma posição intermediária entre os traços [scale/bound] e [place], ou seja, a preposição identificaria os elementos indexados como A, e o verbo identificaria B, o que geraria uma estrutura agramatical, dada a condição de adjacência imposta entre os traços de um mesmo domínio.

Com isso, chegamos à seguinte caracterização sintático-semântica para as preposições que parecem denotar ALVO em PB:

Quadro 4: estrutura e tipologia das preposições 'para', 'até' e 'em'

Preposição	Sintaxe	Tipologia	Representação
para	[scale, goal, place]	aproximativa	---- ----
até	[bound, goal, place]	terminativa	-----+
em	[place]	locativa	não há
V _{mov} + em	[goal, place]	cofinal	-----++++

Embora 'para' e 'até' sejam preposições orientadas para o ALVO, observamos que há certas nuances em seus usos que apontam para o fato de essas preposições não poderem pertencer a uma mesma classe. A preposição 'para' não denota uma transição e, por esse motivo, não garante o alcance do ALVO, como a preposição 'até' faz. O que diferencia essas duas preposições é a presença dos traços de escala e limite, sendo que o primeiro garante que o ALVO não será atingido, pois transforma estruturas transicionais em trajetórias sem transição, e o segundo garante o alcance de uma região externa ao ALVO, mas não seu interior. Quando os falantes precisam garantir que a FIGURA esteve no interior do ALVO, a preposição 'em' entra na composição, contribuindo, precisamente, com essa informação topológica de 'estar no interior de'. Ou seja, 'em' não pode ser analisada enquanto uma preposição de ALVO, porque não trata de um movimento de transição ou da delimitação da trajetória; mas, como essa preposição especifica que, no ponto final da trajetória (lexicalizado pelo verbo), a

FIGURA entrou no FUNDO, ela é uma boa candidata para externalizar essa informação, uma vez que identifica, em um ciclo independente, o núcleo [place] sobre o qual a trajetória é construída. Considerando, assim, que as preposições de ALVO legítimas do PB são ‘para’ e ‘até’, oferecemos, abaixo, uma interpretação semântica que pode capturar seu significado mais básico, baseada na formalização oferecida em Zwarts (2005).

(50) [[para]] = [p: há um subintervalo próprio I de [0,1] que não inclui 1 e consiste em todos os índices $i, j \in [0,1]$ para os quais, se $p(i)$ é anterior a $p(j)$, então, $p(j)$ está mais próximo do ALVO do que $p(i)$]

(51) [[até]] = [p: há um subintervalo próprio I de [0,1] que inclui 1 e consiste em um único ponto $p(i)$ no qual a FIGURA está em $p(1)$]

Com isso, esperamos ter demonstrado que ‘para’ é uma preposição aproximativa, pois não garante o alcance do ALVO; e que ‘até’ é uma preposição terminativa, pois garante que há, exatamente, um ponto no qual o ALVO é alcançado e, além disso, esse ponto não está localizado no interior do ALVO, mas, sim, em uma região externa, determinada contextualmente. Caso seja desejável explicitar que a FIGURA esteve dentro do ALVO, a preposição ‘em’ pode lexicalizar o núcleo [place] no processo de *spell-out*. O comportamento dessas preposições observado na primeira seção deste artigo pode, assim, ser explicado pelo fato de que cada preposição investigada pertence a uma classe distinta, lexicalizando núcleos sintáticos também distintos na *f-seq*. A Nanossintaxe parece, então, ser uma ferramenta interessante a ser usada na busca por generalizações finas que correspondam a questões estruturais universais.

Conclusões

Neste artigo, nossa proposta foi traçar as diferenças sintáticas e semânticas entre as preposições ‘para’, ‘até’ e ‘em’ em estruturas que denotam o ALVO de uma trajetória no PB. Usando as ferramentas disponíveis no quadro teórico da Nanossintaxe (STARKE, 2009) e a tipologia de trajetória oferecida por Pantcheva (2011), pudemos oferecer uma análise econômica e orgânica que captura, num único quadro teórico, as diferenças observadas entre essas preposições. Ainda que algumas questões não tenham recebido uma resposta mais detalhada, como a ideia de “limite” e espaço exterior para lidar com ‘até ALVO’, julgamos que alcançamos um entendimento interessante e que a proposta aqui apresentada é um avanço importante na compreensão de tais preposições em seus usos direcionais. Afinal, com nossa análise, pudemos demonstrar a existência de diferenças sintático-estruturais em cada preposição, que causam os efeitos observados em seu uso, e defender a não ambiguidade de ‘em’ entre uma interpretação locativa e outra direcional.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, J. Complementos direcionais em afro-variedades de português e espanhol. *Moderna Språk*, 111(2), 15-44, 2017.
- BASSO, R. M. *Telicidade e detelicização: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas, 2007.
- BAUNAZ, L. et. al. *Exploring Nanosyntax*. New York : Oxford University Press, 2018.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*, New York: Oxford University Press, 1999.
- FARIAS, J. G. Variação entre a, para e em no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. *Letras de Hoje*, 41:213-234, 2006.
- FERREIRA, T. L.; RASSI, A. P.; BASSO, R. M. As interpretações do verbo 'dar' e sua estrutura temática: uma análise sintático-semântica. *Revista do GEL*, v. 14, n. 2, 2017.
- GEHRKE, B. *Ps in Motion: On the Semantics and Syntax of P Elements and Motion Events*. PhD Thesis, Utrecht University. LOT Dissertation Series 184, 2008.
- JACKENDOFF, R. *Semantics and Cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.
- PANTCHEVA, M. Persian Preposition Classes. *Nordlyd: Tromsø Working Papers in Linguistics*, v. 33, n. 1, edited by Peter Svenonius, p. 1–25. CASTL, Tromsø, 2006.
- _____. *Decomposing path: The nanosyntax of directional expressions*. (Tese – Doutorado em Linguística), Universidade de Tromsø, 2011.
- RAMCHAND, G. *Verb Meaning and the Lexicon*. Cambridge: University Press, 2008.
- _____; SVENONIUS, P. Deriving the functional hierarchy. *Language sciences*, v. 46, 2014.
- RAMMÉ, V. *Mudança Semântica no PB: Reanálise restringida pela Hierarquia Funcional-Conceitual Universal*. Doutorado em Linguística. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017.
- SHLONSKY, U. The cartographic enterprise in syntax. *Language and Linguistics Compass*, v. 4, p. 417-429, 2010.

- STARKE, M. Nanosyntax: A short primer to a new approach to language. *Nordlyd*, v. 36, n. 1: Special issue on Nanosyntax, 2009.
- VIEIRA, M. J. B. Variação das preposições em verbos de movimento. *Revista SIGNUM: Est. Ling.*, Londrina, v.12, n.1, pp. 423-445, 2009.
- WIEDEMER, M. L. *A regência variável do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2008.
- WINTER, Y. Closure and Telicity across Categories. In: M. Gibson & J. Howell (Eds.), *Proceedings of SALT XVI*, p. 329-346, Ithaca, NY: Cornell University, 2006.
- ZWARTS, J. Prepositional Aspect and the Algebra of Paths. *Linguistics and Philosophy* 28.6, 739-779, 2005.
- ZWARTS, J. Aspects of a typology of direction. In S. Rothstein (Eds.), *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect* (pp. 79-106) (28 p.). Amsterdam: John Benjamins, 2008.

**POSIÇÃO SUBJP: O CASO DOS SUJEITOS LOCATIVOS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**
**SUBJP POSITION: THE CASE OF LOCATIVE SUBJECTS IN BRAZILIAN
PORTUGUESE**

Lívia de Mello Reis¹

Sandra Quarezemin²

RESUMO

O Português Brasileiro licencia casos em que a primeira posição pode ser preenchida por sintagmas locativos não argumentais, como (1) Naquela loja do shopping vende/vendem roupas baratas. Dessa forma, o principal objetivo é investigar a estrutura sintática de construções com PP locativo e DP locativo pré-verbais, como (2) [Na escola]_{PPloc} aceita/aceitam cartão de crédito e (3) [A escola]_{DPloc} aceita cartão de crédito. Nossa hipótese é que os constituintes locativos em PB, PPloc e DPloc, ocupam a mesma posição no *middlefield* (domínio flexional), posição Spec,SubjP, embora a motivação para sua subida seja diferente, conforme mostrado em dados do italiano por Cardinaletti (2004). Quanto à metodologia, foi realizada uma análise de dados, retirados de estudos preliminares. Foi possível verificar que as construções com locativos, de fato, não apresentam a mesma estrutura sintática, embora ambos configurem como sujeitos da predicação na posição Spec,SubjP.

Palavras-chave: Sujeitos Locativos; Português Brasileiro; Abordagem Cartográfica.

1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: liviademelloreis@hotmail.com.

2 Professora no Programa de Pós-Graduação em Linguística e no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora PQ/CNPq, processo 310841/2018-6. E-mail: sandra@cce.ufsc.br.

ABSTRACT

Brazilian Portuguese licenses cases where the first position can be filled by locative non-argumentative phrases, such as (1) *Naquela loja do shopping vende/vendem roupas baratas*. In this way, our main objective is to investigate the syntactic structure of pre-verbal PPloc and pre-verbal DPloc constructions, such as (2) *[Na escola] aceita/aceitam cartão de crédito* and (3) *[A escola] aceita cartão de crédito*. Our hypothesis is that the locative constituents in PB, PPloc and DPloc, occupy the same position in the middlefield, Spec,SubjP position, although the motivation for its rise is different, as shown in Italian data by Cardinaletti (2004). Regarding the methodology, a data analysis was carried out, taken from preliminary studies. It was possible to verify that the constructions with locative, in fact, do not present the same syntactic structure, although both configure as subjects of the predication in Spec,SubjP position.

Keywords: Locative Subject; Brazilian Portuguese; Cartographic Approach.

1. Introdução³

O Português Brasileiro (doravante PB) apresenta casos em que a primeira posição pode ser preenchida por sintagmas não argumentais, como observamos em (01)⁴. Cabe ressaltar que “a ocorrência de sintagmas locativos preposicionados em uma posição destinada a constituintes nominais sem preposição deve ser incluída entre os casos de alternância sintática que se convencionou chamar de inversão locativa” (AVELAR, 2009, p. 233).

- (01) a. *Nessa balada toca pagode.*
b. *No hospital contrata médicos.*
c. *Naquela escola ensina bordado.*

Os PPs locativos (PPloc) [*nessa balada*], [*no hospital*] e [*naquela escola*], nas sentenças em (01), em tese, não chegam Caso nominativo e, por isso, não podem ser considerados sujeitos gramaticais da

3 Agradecemos aos pareceristas desse artigo pela leitura atenta, pelos valiosos comentários e sugestões, muitos deles incorporados nesse texto. Devido à limitação de tempo, alguns dos comentários serão implementados em trabalho futuro. Enfatizamos que as falhas remanescentes são de nossa responsabilidade.

4 As sentenças com sujeito genitivo, como em (ib), estão fora do escopo desse trabalho.

(i) a. *O pneu do carro furou.*
b. *O carro furou o pneu.*

sentença⁵. Neste caso, estas sentenças são interpretadas como impessoais ou como tendo um sujeito indeterminado (AVELAR, 2009; AVELAR; CYRINO, 2009; AVELAR; GALVES, 2011).

Avelar (2009) defende que o paradigma flexional do PB “autoriza” relações de concordância entre o verbo e o PPloc, uma vez que tal constituinte, geralmente não-argumental, ocorre na posição gramaticalmente destinada a um sujeito argumental, Spec,TP. Entretanto, há evidências (que serão apresentadas nesse trabalho) de que tais constituintes devam ser considerados sujeitos da predicação, sendo alocados na posição Spec,SubjP (CARDINALETTI, 2004; 2014; QUAREZEMIN, 2016; 2017; QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017).

Além de sentenças com PPloc em posição pré-verbal, também observamos a recorrência de sentenças com DP locativo (DPloc) frontado, como em (02).

- (02) a. Essa balada toca pagode.
b. O hospital contrata médicos.
c. Aquela escola ensina bordado.
d. Essas fazendas do sul *planta / plantam arroz.

Em sentenças com DPloc, observamos a perda da preposição *em* do constituinte deslocado à esquerda. A partir de (02d), também é possível observar que, nesse caso, o verbo deve estabelecer, necessariamente, concordância com o DP localizado em posição pré-verbal, o que evidencia uma assimetria estrutural entre sentenças com PPloc e DPloc.

Nesse sentido, o principal objetivo desta pesquisa é investigar, com base na abordagem cartográfica, a estrutura de sentenças locativas, conforme (03) e (04).

(03) [Na cantina da escola]_{PPloc} vende/vendem coxinha.

(04) [A cantina da escola]_{DPloc} vende/*vendem coxinha.

Autores que defendem uma abordagem cartográfica apresentam SubjP como uma posição criterial de sujeito (RIZZI, 2006; RIZZI; SHLONSKY, 2006). A partir disso, nossa hipótese é a de que os constituintes locativos em PB, PPloc e DPloc, ocupam a mesma posição no *middlefield* (domínio

5 Avelar (2009) assume que os PPs locativos têm como núcleo um pronome adverbial que pode ser fonologicamente nulo ou realizado. Segundo o autor, o núcleo do sintagma locativo não é a preposição, mas o pronome adverbial, como em (aqui) na sala, (aí) embaixo da mesa, (lá) na cidade. Nesse caso, o PP adquire um estatuto nominal, podendo estar em uma posição em que recebe Caso. Essa análise não será assumida nesse trabalho por nos parecer uma assunção *ad hoc*.

flexional), posição Spec, SubjP, embora a motivação para sua subida seja diferente, conforme mostrado em dados do italiano por Cardinaletti (2004).

Com relação à metodologia utilizada, realizamos uma revisão bibliográfica dos estudos já existentes sobre o assunto. Temos, ainda, uma pesquisa qualitativa, com análise de dados⁶ do PB retirados de estudos preliminares.

Para fins de organização, o trabalho está estruturado da seguinte forma: na seção 2, descrevemos brevemente o domínio flexional e a posição Spec, SubjP, a qual se destina a sujeitos da predicação. Além disso, para fortalecer a hipótese de que o constituinte locativo no PB está alocado no domínio flexional, e não em posição de tópico, no domínio CP, contrastamos dados produtivos na língua com dados do italiano. Na seção 3, apresentamos similaridades e assimetrias de sentenças com PPloc e DPloc em posição pré-verbal. Em seguida, apresentamos análises distintas para as construções investigadas, com base em estudos cartográficos já realizados. Na última seção, tecemos as considerações finais.

2. O domínio flexional e a posição Spec,SubjP

A partir de sentenças como em (05), Quarezemin (2017) aponta que a posição do sujeito pré-verbal não é adequada para estabelecer a diferença entre línguas de sujeito nulo e línguas de sujeito não nulo, já que isto implicaria em uma diferença semântica entre sentenças simples.

- (05) a. Gianni parla italiano.
b. John speaks italian.
c. João fala italiano.

Como já mencionado, o esperado seria que essas sentenças tivessem informações semânticas distintas em línguas com diferentes classificações quanto ao parâmetro do sujeito nulo – italiano, língua *pro-drop* prototípica; inglês, língua não *pro-drop*; PB, língua *pro-drop* parcial. Entretanto, é possível observar que não há distinção. Este é um dos motivos que leva a autora a defender que o sujeito pré-verbal não está alocado, necessariamente, em uma posição no domínio CP.

Cardinaletti (2004) acredita ainda que as diferenças entre línguas de sujeito nulo e de sujeito

⁶ É necessário investigar uma possível variação interlinguística no que diz respeito à aceitabilidade do sujeito locativo, como os dados aqui apresentados. Um dos pareceristas desse trabalho não aceita sentenças como *No hospital contrata médicos*. Avelar (c.p) observa que a aceitabilidade, ou não, de tais sentenças pode sim estar condicionada à região geográfica. Por exemplo, os falantes do Rio de Janeiro aceitam bem PP locativo em posição de sujeito; enquanto em outras regiões do Brasil a aceitabilidade oscila bastante.

não-nulo são minimizadas pelo fato de a área do sujeito pré-verbal ser mais uniforme entre as línguas do que a área do sujeito pós-verbal. A diferença fica reduzida, então, à natureza do núcleo de concordância (*Agree*).

Em concordância com Cardinaletti (2004), Rizzi (2005) aponta que o argumento relacionado à checagem de Caso e concordância não é suficiente para justificar todos os casos de movimento do sujeito. Desse modo, há de se considerar a possibilidade de que algum tipo de exigência interpretativa, ligada à posição de sujeito, possa ser o fator responsável pelo movimento do constituinte.

Em relação às posições⁷ destinadas ao sujeito, haveria, então, duas posições funcionais, inseridas no domínio flexional, de acordo com traços distintos, como, por exemplo, o traço de Caso nominativo e o EPP⁸. Projeções específicas passam a compor o *middlefield* (ou zona flexional) (SHLONSKY, 1994; RIZZI; SHLONSKY, 2006; CARDINALETTI, 2004; 2014), como ilustrado abaixo.

(06) [_{COMP} ForceP TopP* FocusP FinP [_{INFL} **SubjP TP ...** [_{VERB} VP]]]

Conforme a abordagem cartográfica, Spec,TP é a posição mais baixa do domínio flexional, e está relacionada à questão estrutural, como, por exemplo, a satisfação de Caso nominativo e da concordância (*Agree*), podendo ser preenchida por um pronome expletivo (CARDINALETTI, 2004). Cabe destacar que, em algumas análises, essa posição aparece fundida à categoria Agr,SP.

A projeção Spec,SubjP é a mais alta na estrutura e expressa a propriedade semântica de ser o *sujeito da predicação* (*subject-of-predication feature*) e, por isso, deve ser preenchida por um sujeito referencial. Tal posição mostra extrema relevância, já que permite o alojamento de sujeitos que não estabelecem concordância com o verbo, como, por exemplo, XPs dativos e locativos, ou que não se movem por necessidade de checagem de Caso⁹.

Rizzi (2005) reforça essa ideia afirmando que não só sujeitos nominativos, que desencadeiam concordância, podem ser movidos para Spec,Subj, mas também outros elementos que apresentam

7 Em uma perspectiva Minimalista, há autores que defendem que o locativo pode figurar em posição Spec,TP, mesmo não sendo considerado um sujeito gramatical. Para mais informações, consultar Avelar (2009); Avelar e Cyrino (2008; 2009); Avelar e Galves (2011; 2013). Tal proposta não será explorada nesse trabalho, uma vez que está fundamentado nos pressupostos defendidos pela abordagem Cartográfica.

8 EPP: “*Clauses must have subjects*” (As sentenças devem ter sujeito; RIZZI, 2005, p. 203, tradução nossa).

9 Ver Miyagawa (2010) para uma análise diferente, mas que também assume uma posição específica para o sujeito acima de TP.

uma variação translinguística, como, por exemplo, *quirky subjects*¹⁰, PPs em construções locativas, predicados nominais em sentenças copulares, entre outros.

Cabe ressaltar, ainda, que a posição Spec,SubjP não pode ser preenchida por pronomes fracos, já que estes não se qualificam enquanto sujeitos da predicação (CARDINALETTI, 2004). Rizzi (2006) e Rizzi e Shlonsky (2006) defendem SubjP como uma posição criterial de sujeito. Em outras palavras, Rizzi (2006) propõe uma revisitação do Princípio de Projeção Estendida (EPP), interpretando EPP como uma posição criterial. Nesse caso, o constituinte movido para Spec,SubjP, a fim de satisfazer o critério sujeito, é congelado e não pode ser movido para posições mais altas (para satisfazer outro critério, por exemplo).

Segundo a abordagem criterial, o movimento do sujeito ocorre para satisfazer um critério: existe um núcleo criterial na parte mais alta do domínio flexional, Subj, que atrai um elemento nominal compatível com a propriedade interpretativa *sujeito da predicação* para o seu Spec. Essa propriedade corresponde àquela que o caracteriza como o constituinte a partir do qual se apresenta um evento (QUAREZEMIN, 2019).

Os autores afirmam ainda que DPs sujeito só poderão se mover para além do domínio TP, caso consigam evitar a passagem pela posição Spec,SubjP, justamente por ser uma posição criterial sujeita ao congelamento (*Criterial Freezing*). Um exemplo clássico do congelamento criterial na posição de sujeito é a extração-Wh das sentenças interrogativas encaixadas do inglês:

(07) a. *Who do you think [that [___ Subj will come]]?

(Quem você pensa que chegará?)

b. Who do you think [that [Mary Subj will meet ___]]?

(Quem você pensa que Mary encontrará?)

(RIZZI, 2015, p. 27)

10 Em algumas línguas, a posição canônica de sujeito pode ser preenchida por um sintagma que possui Caso inerente, diferente de Caso nominativo, e que não desencadeia concordância verbal (CARDINALETTI, 2004; RIZZI, 2005), como verificamos no exemplo (ia), um caso de *quirky subject*, apresentado por Rizzi (2005, p. 207):

(i) a. A Gianni piacciono queste idee.

to Gianni please these ideas

b. Queste idee piacciono a Gianni.

these ideas please to Gianni

(Gianni likes these ideas.)

A agramaticalidade de (07a) resulta do fato de o sujeito passar pela posição Spec,Subj da sentença encaixada e se mover para a posição de sujeito da sentença matriz¹¹. Observe que se a extração for feita a partir da posição do objeto, como em (07b), a sentença é gramatical.

A fim de verificar as posições de sujeito possíveis para dados do italiano, Cardinaletti (2004) parte do princípio de que tais posições são argumentais, diferentes das posições localizadas no domínio CP (posições A-barra). Assim, de acordo com a proposta cartográfica de Cardinaletti (2004), um constituinte, mesmo que não chegue traços-phi e Caso, pode ser o sujeito da predicação, como ocorre em sentenças do italiano com verbos psicológicos (08a), verbos inacusativos (08b) e, também, em sentenças copulares invertidas (08c).

(08) a. A Gianni piaceva molto la musica.

(Ao João agradou muito a música).

b. Su Gianni è caduta una grande disgrazia.

(Sobre João caiu uma grande desgraça).

c. La causa della rivolta sono Gianni e Maria.

(A causa da revolta são João e Maria).

(CARDINALETTI, 2004, p. 122; 125)

(09) [_{SubjP} Su Gianni_i [_{TP} pro_{expl} è caduta [_{VP} t_i una grande disgrazia]]].

Assim, o movimento, na representação proposta em (09), ocorre porque o constituinte frontado [Su Gianni] deve checar o traço de sujeito da predicação em Spec,SubjP (CARDINALETTI, 2004). O mesmo ocorre com os sintagmas [A Gianni] e [La causa della rivolta], em (08a) e (08c).

A autora ainda utiliza as construções do tipo *Aux-to-Comp* e *complementizer-deletion* como testes possíveis para verificar a posição de sujeito no italiano.

(10) a. Avendo Gianni/egli telefonato a Maria, ...

(Tendo João/ele telefonado para Maria...)

b. *Avendolo il libro dato a Gianni ieri, ...

(Tendo o livro dado ao João ontem...)

11 Rizzi e Shlonsky (2007) mostram que uma estratégia possível para evitar esse problema é deixar o núcleo C vazio e saltar (*skipping strategy*) a posição criterial Spec,SubjP:

(i) Who do you think [CP C [SubjP Subj [TP__ will come]]]?

- (11) a. Credevo Gianni/egli avesse telefonato a Maria.
(Acreditava (que) João/ele tivesse telefonado para Maria.)
b. ??Credevo il libro Maria lo avesse dato a Gianni.
(Acreditava (que) o livro Maria o tivesse dado para João.)

(CARDINALETTI, 2004, p. 141)

Em (10a) e (11a), a autora observa que o sujeito pré-verbal não impede a subida do auxiliar para CP. Entretanto, quando o constituinte está deslocado, como em (10b) e (11b), isto não é possível. Por este motivo, Cardinaletti (2004) defende a posição SubjP como uma posição argumental, não A-barra.

No PB, Quarezemin e Cardinaletti (2017) mostram uma situação parecida com sentenças condicionais subordinadas sem o complementizador, como (12a).

- (12) a. Tivesse o João dado o livro para Maria...
b. *O João tivesse dado o livro para Maria...
c. O João tivesse ele dado o livro para Maria...
(13) a. *Tivesse o livro o João dado (ele) para Maria...
b. O livro tivesse o João dado ele para Maria...
c. *Tivesse para Maria o João dado o livro...
d. Para Maria tivesse o João dado o livro para ela...

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 05)

A partir dos exemplos (12) e (13), é possível perceber que o sujeito deve seguir o verbo alçado, não podendo precedê-lo (12b), a não ser que esteja deslocado explicitamente, conforme (12c) (QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017). Outros complementos apresentam comportamento diferente, já que só são possíveis se precederem o verbo, como em (13b) e (13d).

A extração-wh, em (14), se caracteriza como outra evidência que aponta para o fato de que o sujeito deve estar em posição argumental no PB (QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017).

- (14) a. Quem_i (que) [TP a Ana convidou t_i pra festa]?
b. ??Quem_i (que) [TopP a Ana, [TP ela convidou t_i pra festa]?
c. ??Quem_i (que) [TopP a Ana, [TopP pra festa [TP ela convidou t_i]]?

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 05)

A partir de (14), as autoras afirmam que o constituinte deslocado cria efeito de interferência, o que não ocorre com o sujeito. Assim, em (14a), o movimento da expressão-Wh *Quem* para CP é possível, já que o sujeito pré-verbal está em posição argumental. Se o sujeito estivesse em uma posição-A', a extração comprometeria a gramaticalidade da sentença (como ocorre em (14c)).

Quarezemin e Cardinaletti (2017) observam ainda que o pronome fraco¹² em PB só é possível figurar em uma posição argumental (Spec,TP), não ocupando uma posição no domínio CP, conforme os dados em (15).

- (15) a. A Joana, esse apartamento ela comprou.
b. *A Joana, ela esse apartamento comprou.

Notamos que quando o sujeito e o objeto estão deslocados, o pronome resumptivo deve seguir o objeto (15a). Se isso não ocorre, a sentença se torna agramatical, como em (15b). Tal evidência corrobora as análises que defendem que o sujeito está em uma posição argumental em PB, não deslocado na periferia esquerda (em CP).

Especificamente, em relação ao constituinte locativo, Quarezemin (2017) observa que sentenças com verbos meteorológicos e PPloc frontado apresentam um comportamento interessante, já que parecem ser possíveis respostas em contextos *out-of-the-blue*, como em (16). Esse contexto é incompatível com um tópico, visto que não há nada no *background* informacional da pergunta.

- (16) O que aconteceu?
a. Em algumas cidades de SC nevou no inverno.

(QUAREZEMIN, 2017, p. 17)

No caso do PPloc pré-verbal, Avelar e Galves (2011) propõem que este figura em posição Spec,TP. No entanto, Quarezemin (2017) chama atenção para o fato de que, para isso, seria esperado

12 Pires (2007) apresenta uma discussão sobre o contraste entre pronomes fortes e fracos. O autor utiliza o pronome *você* e sua forma reduzida *cê* para mostrar possíveis diferenças estruturais.

que a concordância entre o sintagma locativo e o verbo fosse acionada, o que não ocorre, conforme apresentado em (17).

- (17) a. Em algumas cidades de SC neva no inverno.
b. *Em algumas cidades de SC nevam no inverno.

(QUAREZEMIN, 2017, p. 17)

Observamos que outras sentenças com PPloc e verbos meteorológicos também respondem contextos *out-of-the-blue* do tipo *O que aconteceu?*, conforme mostramos abaixo em (18).

- (18) O que aconteceu?
a. Nas cidades do interior choveu/*choveram à noite toda.
b. Em Porto Alegre alagou as ruas.
c. Nas capitais do sul do Brasil ventou/*ventaram muito.
d. No Rio de Janeiro relampejou ontem à tarde.

De acordo com Rizzi (1997), um contexto *out-of-the-blue* não pode ser associado a tópico, somente sentenças apresentativas (téticas) e sentenças com foco amplo respondem esse tipo de pergunta. Sentenças com tópico são inapropriadas nesse tipo de situação, porque fornecem mais informação do que a pergunta solicita, como vemos em (19).

- (19) a. O que aconteceu?
b. # O João, Maria encontrou (ele) no cinema.

Tal evidência reforça que o constituinte locativo no PB deve estar alocado em uma posição de sujeito, mas não corresponde à posição de Caso e concordância. Além disso, uma posição deslocada à esquerda – tópico no domínio CP – é descartada, uma vez que é possível ter sentença com locativo pré-verbal respondendo perguntas do tipo *O que aconteceu?*, o que corrobora mais uma vez com a existência de uma posição destinada ao sujeito da predicação.

3. PP locativos e DP locativos: similaridades e assimetrias

Como apresentado anteriormente, as inversões locativas no PB, nas quais um PPloc aparece em posição pré-verbal, são muito produtivas. Tais construções são usadas por alguns autores para justificar o PB como língua voltada para o discurso, já que estas permitem o deslocamento do PPloc

para uma posição de tópico (cf. NEGRÃO, 1999). Pontes (1987) observa a possibilidade de se estabelecer concordância entre o verbo e o tópico.

(20) Esses apartamentos batem sol.

Em (20), o sintagma [esses apartamentos] é considerado um locativo, pois representa o local onde o sol bate. Nesse exemplo, além da concordância, é possível perceber a perda da preposição do constituinte pré-verbal. Alguns autores afirmam que esse fenômeno vem ocorrendo com maior frequência no PB (AVELAR; GALVES, 2013; NEGRÃO; VIOTTI, 2014), conforme (21b).

- (21) a. Na cantina da escola vende empadinha.
b. A cantina da escola vende empadinha.

Partindo dessa ideia, Avelar e Cyrino (2009) observam que a preposição do PPloc pode ser eliminada, sem resultar em uma alteração de sentido da sentença, já que a interpretação continua relacionada a um lugar/local. Assim, ambos os sintagmas, [na cantina da escola] e [a cantina da escola], representam o local onde é vendida *empadinha*.

Entretanto, Quarezemin (2017) e Reis (2017) observam que é necessário considerar o contraste entre (22) e (23).

- (22) a. Na cantina da escola vende empadinha.
b. Na cantina da escola vendem empadinha.
c. Na cantina da escola vende-se empadinha.
d. Vende empadinha na cantina da escola.

- (23) a. A cantina da escola vende empadinha.
b. *A cantina da escola vendem empadinha.
c. *A cantina da escola vende-se empadinha.
d. *Vende empadinha a cantina da escola.

Os exemplos apresentados nos mostram diferenças em propriedades semânticas, além das sintáticas, uma vez que construções com PPloc parecem estar relacionadas à natureza impessoal, enquanto sentenças com DPloc não permitem tal relação. Observamos que apenas o PPloc, mesmo estando em posição pós-verbal, dispara uma leitura impessoal.

Com relação às sentenças com DPloc¹³ frontado, os dados revelam que a natureza impessoal não faz parte da semântica destas construções, como em (23b-d). Por isso, sentenças locativas com DP pré-verbal, aliadas a estratégias de impessoalização, são julgadas como não aceitáveis por parte dos falantes do PB, de acordo com os resultados do questionário aplicado por Reis (2017).

Reis (2017) apresenta um teste de julgamento de aceitabilidade, respondido por 100 falantes nativos do PB, que procurou testar sentenças com PPloc e DPloc em três condições: (i) com verbos na 3ª pessoa do singular; (ii) com verbos na 3ª pessoa do plural; e (iii) com verbos na 3ª pessoa do singular mais a partícula *se*, em posição de ênclise¹⁴. Embora os dados não tenham recebido um tratamento estatístico, os resultados obtidos são interessantes e merecem nossa atenção.

Em relação ao PPloc, os falantes preferiram os contextos prototípicos de sentenças impessoais (mais de 90% de aceitabilidade), como, por exemplo, as sentenças em (24a) e (24b). Entretanto, sentenças com PPloc e verbo na 3ª pessoa do singular também foram aceitas com, pelo menos, 70% de aceitabilidade em sentenças como (24c) e (24d).

- (24) a. Nessa sapataria conserta-se sapato de couro.
b. Nessa rádio tocam as melhores músicas.
c. Na escola aceita cartão de crédito.
d. Nessa rádio toca as melhores músicas.

(REIS, 2017)

Nesses casos, observamos que o DP pós-verbal parece não interferir no bom julgamento da sentença, considerando a condição de que ele pode aparecer tanto no singular quanto no plural.

13 Um dos pareceristas chamou nossa atenção para o fato de que construções com DPloc se assemelham às aplicativas de línguas crioulas, como a de Guiné-Bissau:

(i) E puy mesinyu [na kil banadera].

Ele pôs veneno [naquele ventilador].

(ii) [Kil banadera] pudu mesinyu.

[Aquele ventilador] (foi) posto veneno.

De acordo com o avaliador, através da inserção de um morfema aplicativo abstrato no verbo, o PPloc da voz ativa em (i) pode virar o sujeito da passiva, como em (ii). Ver os trabalhos de Avelar e Galves (2013) e Negrão e Viotti (2014) para uma comparação do PB com línguas africanas no que diz respeito ao locativo em posição de sujeito.

14 Reis (2017) justifica que optou pela ênclise, já que as sentenças investigadas são simples, curtas e não apresentam elemento que condicione o uso da próclise.

Já em relação ao DPloc, os resultados mostraram um alto índice de aceitação de sentenças com o DPloc concordando com o verbo na 3ª pessoa do singular (25a). Em contrapartida, sentenças com DPloc, em contextos de impessoalidade, não foram aceitas pela grande maioria dos falantes, como (25b) e (25c), o que revela a impossibilidade de se estabelecer uma leitura genérica nesse caso. Tal evidência sugere que estamos diante de construções distintas.

- (25) a. Essa sapataria conserta sapato de couro.
b. *A livraria vende-se livros.
c. *O curso ensinam bordado à mão.

(REIS, 2017)

De acordo com Negrão e Viotti (2008; 2010; 2011), sentenças impessoais são cada vez mais aceitas no PB. Cabe lembrar que as autoras defendem que a posição de sujeito *default* vazia confere à sentença uma semântica de impessoalidade. Em concordância, Avelar e Cyrino (2009) afirmam que as sentenças em (24c) e (24d) são interpretadas como impessoais ou como tendo um sujeito indeterminado.

Os autores ressaltam ainda que os falantes do português europeu (PE) só aceitam tais sentenças, caso elas recebam uma interpretação na qual o sujeito nulo é referencial, como (24a). Essas sentenças são cada vez menos usuais no PB, o que poderia justificar o uso de sentenças como em (24c) e (24d). Entretanto, a justificativa não é suficiente para explicar a obrigatoriedade do locativo nesses casos, até mesmo porque ele pode aparecer na posição mais encaixada, no final da sentença, como (26b), e a leitura impessoal ainda ser obtida.

- (26) a. *Vende livros.
b. Vende livros na livraria.

Em PB e no italiano, Quarezemin e Cardinaletti (2017) observam que são aceitas tanto sentenças contendo o pronome *SE* / *SI* impessoal quanto um *pro* impessoal de terceira pessoa do plural, como ilustrado em (27b) e (28b), respectivamente.

- (27) a. Na escola aceita-se cartão de crédito.
b. A scuola si accetta le carte di credito.

- (28) a. Na escola (*pro*) aceitam cartão de crédito.
 b. A scuola (*pro*) accettano le carte di credito.

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 13)

Outro ponto interessante que nos leva a diferenciar sentenças com PPloc das com DPloc é a possibilidade de retomada, ou não, por um pronome, conforme observado por Quarezemin e Cardinaletti (2017).

- (29) a. Na cantina da escola_i, ela_{i/*j} vende empadinha.
 b. A cantina da escola_i, ela_{i/*j} vende empadinha.

Este comportamento também parece estar ligado à natureza impessoal do PPloc, uma vez que este não pode ser retomado pelo pronome pessoal (29a); enquanto sentenças com DPloc permitem tal retomada (29b).

4. PP locativo, DP locativo e suas estruturas sintáticas

Diante das evidências apresentadas na seção anterior, assumimos estruturas sintáticas diferentes para sentenças locativas, seguindo as propostas de Cardinaletti (2004; 2014) para o italiano e de Quarezemin e Cardinaletti (2017) e Reis (2017) para o PB.

A possibilidade de o PPloc figurar em posição fronteada é disparada pela propriedade de ser o sujeito da predicação (CARDINALETTI, 2004; 2014). O PPloc é movido do domínio VP diretamente para a posição Spec,SubjP. A posição nominativa Spec,TP é preenchida pelo pronome genérico. Dessa forma, o PPloc não está envolvido na checagem de Caso nominativo. Em (30), mostramos a representação fornecida por Quarezemin e Cardinaletti (2017) para as sentenças com PPloc pré-verbal do PB.

- (30) a. [_{SubjP} Na cantina da escola_i [_{TP} *pro*_{genérico} vende(m) [_{VP} t_i empadinha]]]
 b. [_{SubjP} **PPloc**_i [_{TP} *pro*_{genérico} verbo [_{VP} t_i DP]]]

Observamos que a posição TP vazia confere às sentenças uma leitura impessoal. Cinque (1988 *apud* QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017) destaca que estas sentenças estão associadas a um tempo genérico, não-especificado. Neste caso, o *pro* acarreta uma interpretação quase-universal, podendo se aplicar a qualquer indivíduo que participe do evento de *vender*.

Por sua vez, o DPloc fronteado se move para Spec,TP, checa seus traços de Caso e concordância e, em seguida, desloca-se para Spec,SubjP, onde recebe o traço de sujeito da predicação, sendo, assim, realizado como um sujeito referencial (CARDINALETTI, 2004). Nesse caso, a interpretação impessoal não é possível uma vez que a passagem do DPloc pela posição Spec,TP bloqueia a possibilidade de ocorrer um *pro* genérico conforme mostrado a seguir.

- (31) a. [_{SubjP} A cantina da escola_i [_{TP} t_i vende [_{VP} t_i empadinha]]].
 b. [_{SubjP} **DPloc**_i [_{TP} t_i verbo [_{VP} t_i DP]]]

Os dados produtivos do PB, apresentados nesta pesquisa, revelam que o preenchimento da posição pré-verbal por constituintes que não são o sujeito gramatical não está condicionado ao sistema Caso-concordância, mas sim pelo fato de ser o sujeito da predicação (QUAREZEMIN, 2017).

Cabe afirmar ainda que a ocorrência de sentenças com locativo pré-verbal não é um fenômeno restrito ao PB, sendo produtivas em outras línguas românicas, como o italiano e o PE (COSTA, 2010; QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017). Entretanto, é importante observar que a sintaxe do PB permite a construção com o verbo na terceira pessoa do singular, não configurando nas outras línguas uma sentença impessoal, já que as mesmas recorrem ao uso do pronome *se/si* ou ao verbo na terceira pessoa plural.

Considerações finais

Seguindo os pressupostos defendidos pela abordagem cartográfica, buscamos investigar a sintaxe de sentenças com PPloc e DPloc pré-verbais, as quais se mostram significativamente produtivas no PB.

Embora aparentemente similares, tais construções apresentam assimetrias que devem ser levadas em consideração, como observamos a seguir.

- (32) a. Nessa rádio toca as melhores músicas.
 b. Nessa rádio tocam as melhores músicas.
 c. Nessa rádio toca-se as melhores músicas.

- (33) a. Essa rádio toca as melhores músicas.
b. *Essa rádio tocam as melhores músicas.
c. *Essa rádio toca-se as melhores músicas.

Avelar (2009) e Avelar e Cyrino (2008; 2009) acreditam que há concordância entre PPloc/DPloc e o verbo. Contudo, Quarezemin (2016; 2017) mostra evidências e defende que o verbo concorda com um *pro* genérico de terceira pessoa do singular ou do plural nos casos de PPloc pré-verbal, o que não é possível com o DPloc, como observamos em (33b). A concordância ainda pode ser estabelecida, em alguns casos, com o DP pós-verbal. Além disso, a sentença em *c* fortalece a impessoalidade presente na sentença com PPloc (32c), o que não ocorre com o DPloc (33c).

A partir das evidências apresentadas ao longo desse artigo, concordamos em assumir estruturas distintas para as construções investigadas. Entretanto, cabe ressaltar que tanto o PPloc quanto o DPloc ocupam a posição Spec,SubjP no domínio flexional.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Juanito. Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 232 – 252, jan./jul. 2009. Disponível em: <<https://javelarnet.files.wordpress.com/2017/08/avelar-2009-matraga.pdf>>. Acesso em: 30 de jun. 2019.

AVELAR, Juanito; CYRINO, Sonia. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas *Bantu* à sintaxe do português brasileiro. *Linguística: revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, Portugal, v. 3, p. 55 – 75, 2008. Disponível em: <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/EL/article/view/2806/2570>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

_____. Sobre constituintes locativos pré-verbais: paralelismos entre o português brasileiro e as línguas bantu. *Cadernos de estudos linguísticos*, São Paulo, v. 34, p. 19 – 30, 2009. Disponível em <<https://www4.iel.unicamp.br/projetos/afrolatinos/avelar/artigos%20e%20capitulos/Avelar%20e%20Cyrino%202009%20PHPP.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. In: COSTA, A; FALÉ, I; BARBOSA, P. (Orgs.). *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Portugal: APL, 2011. p. 69 – 45. Disponível em: <<https://www4.iel.unicamp.br/projetos/afrolatinos/avelar/artigos%20e%20capitulos/Avelar%20Galves%202011.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

_____. Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. In: Moura, Maria Denilda; Sibaldo, Marcelo (Orgs.). *Para a História do Português Brasileiro*. 1. ed. Maceió: Edufal, 2013. p. 103-132.

BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. In.: RIZZI, L. (Org.). *The structure of CP and IP*. The Cartography of Syntactic Structures. EUA: Oxford University Press, 2004. v. 2. p. 16-51.

_____. Answering strategies: New information subjects and the nature of clefts. In: *Structure and Strategies*. Reino Unido: Routledge, 2008.

_____. The focus map of clefts: Extraposition and Predication. In: SHLONSKY, U. *The Cartography of Syntactic Structures series*. EUA: Oxford University Press. 2014.

CARDINALETTI, Anna. Toward a cartography of subject positions. In: RIZZI, Luigi (Ed.). *The Structure of CP and IP*. The Cartography of Syntactic Structures, v. 2, EUA: Oxford University Press, 2004. p. 115-165.

_____. Cross-linguistic variation in the syntax of subjects. In: PICCALO, M. C. (Ed.). *Linguistic Variation in the Minimalist Framework*. EUA: Oxford University Press, 2014. p. 82-107.

Miyagawa, S. Why agree? Why move: Unifying agreement-based and discourse-configurational languages. In *Linguistic Inquiry Monograph 54*. Cambridge: MIT Press, 2010.

NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 179 – 203.

_____. A estrutura sintática das sentenças absolutas no Português Brasileiro. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 23. 2010. p. 37 – 58.

_____. A ergativização do português brasileiro: Uma conversa continuada com Carlos Franchi. In: DA HORA, D.; NEGRÃO, E. (Orgs.). *Estudos da linguagem*. Casamento entre temas e perspectivas. Paraíba: Ideia Editora Universitária, 2011. p. 37 – 61.

_____. Contato entre quimbundo e português clássico: impactos na gramática de impessoalização do português brasileiro e angolano. *Linguística*, Rio de Janeiro, vol. 30/(2). 2013. p. 289 – 330.

PIRES, Acrísio. The Subject, it is here! The varying structural positions of preverbal subjects. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 23, p. 113 – 146, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v23nspe/v23nspea08.pdf>>. Acesso em 26 ago. 2019.

QUAREZEMIN, Sandra. *Alternância sintática no Português Brasileiro: sujeito ou tópico?*. Portugal, Universidade de Lisboa, 2016. (Comunicação oral).

_____. A arquitetura da sentença no Português Brasileiro: considerações sobre Sujeito e Tópico. *Revista Letras*, Paraná, v. 96, p. 196 – 218, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://negufsc.files.wordpress.com/2018/03/a-arquitetura-da-sentenc3a7a-no-portuguc3aas.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

_____. Um novo olhar sobre as sentenças com redobro em Português Brasileiro. *Revista da Anpoll*. v. 1, n. 48, p. 52 – 63, Florianópolis, 2019. Disponível em: <<https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/viewFile/1253/1024>>. Acesso em 20 out. 2019.

QUAREZEMIN, Sandra; CARDINALETTI, Anna. Non-topicalized preverbal subjects in Brazilian Portuguese, compared to Italian. *Rivista Annali di Ca' Foscari*. Serie occidentale, Itália, v. 51, p. 383 – 409, 2017. Disponível em: <<https://negufsc.files.wordpress.com/2018/03/non-topicalized-preverbal-subjects.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

REIS, Lívia de Mello. *A sintaxe dos sujeitos locativos no Português Brasileiro*. 2017. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Elements of Grammar*. Holanda: Kluwer, 1997. p. 281-337.

_____. *The structure of CP and IP*. The Cartography of Syntactic Structures. v. 2. EUA: Oxford University Press, 2004.

_____. On some properties of subjects and topics. In: BRUGÉ, L. *et al* (Eds.). In: *XXX Incontro di Grammatica Generativa*. Itália: Cafoscarina, 2005. p. 203-224.

_____. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. In: CHENH, S.; CORVER, N. (Orgs.). *Wh movement Moving on*. EUA: MIT Press, 2006.

_____. Cartography, criteria, and labeling. In: SHLONSKY, Ur. (Ed.). *Beyond Functional Sequence*. Oxford: OUP, p. 314-338, 2015.

RIZZI, Luigi; SHLONSKY, Ur. Strategies of Subject Extraction. In: SAUERLAND, U.; GÄRTNER, H. M. (Eds.). *Interfaces + Recursion = Language?* Alemanha: De Gruyter Mouton, 2006. p. 117-160.

SHLONSKY, U. Agreement in Comp. In: *The Linguistic Review*, 1994. p. 351-375.

**PERGUNTAS COM SINTAGMAS –WH ADVERBIAIS ALTOS, CARTOGRAFIA E O
CASO DAS INTERROGATIVAS COM *COMO ASSIM* EM PB
QUESTIONS WITH HIGH ADVERBIAL WH-PHRASES, CARTOGRAPHY AND THE
CASE OF INTERROGATIVES WITH ‘*COMO ASSIM*’ IN BP¹**

*Simone Guesser*²

*Raquel Sousa*³

*Flore Kédochim*⁴

RESUMO

O presente trabalho aborda perguntas com sintagmas adverbiais altos, as principais análises cartográficas para elas propostas e, na sequência, se volta para as propriedades sintáticas e interpretativas de *como assim* de incredulidade no Português Brasileiro (PB). Sentenças com *como assim* podem apresentar quatro leituras: causal, de propósito, elucidativa e de incredulidade. Assumimos que sentenças com *como assim* de incredulidade envolvem um operador I-REQUEST (nos termos de KRIFKA, 2012), já que não atuam como uma solicitação de informações por parte do falante, e sim solicitam uma confirmação do interlocutor sobre seu proferimento. Nesses contextos, *como assim* veicula, como parte de sua pragmática, uma expressão de incredulidade do falante acerca da possibilidade de o interlocutor realizar tal confirmação. *Como assim* de incredulidade é um *Speech Act* e, por isso, não pode ocorrer em contextos encaixados. Além disso, por nascer em uma posição alta, em Spec de IntP, é insensível à negação e não pode aparecer *in situ*.

1 Agradecemos aos pareceristas deste trabalho pelas valiosas sugestões. Todos os erros aqui remanescentes são de nossa inteira responsabilidade.

2 Professora da graduação e do mestrado em Letras da UFRR e tutora do PET-Letras/UFRR. E-mail: simoneguesser@yahoo.com.br.

3 Mestranda em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/CNPq). E-mail: rachel.ssousa@gmail.com.

4 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da UFRR. E-mail: flore.kedochim@gmail.com.

Palavras-chave: Cartografia; Interrogativas-Wh; *Como Assim*; Incredulidade; *Speech Act*.

ABSTRACT

This work deals with questions containing high adverbial wh-phrases, discussing the main cartographic analysis proposed for these sentences and the syntactic and interpretive properties of interrogatives with incredulity *como assim* in Brazilian Portuguese (BP). Sentences with *como assim* can present four readings: a causal reading, a purpose reading, an elucidative reading and an incredulity reading. We assume that sentences with the incredulity reading involve an I-REQUEST operator (in terms of KRIFKA, 2012), since they do not act as a request of information from the speaker, but rather as a request of confirmation, from the hearer, of the content of his/her previous utterance. In these contexts, *como assim* conveys, as part of its pragmatics, an expression of the speaker's incredulity about the possibility of confirmation, from his interlocutor, of the assertion previously uttered. Incredulity *como assim* is a Speech Act, therefore cannot occur in embedded contexts. Furthermore, since *como assim* is externally merged in a high position, in Spec of IntP, it is insensitive to negation and cannot occur *in situ*.

Keywords: Cartography; Wh-Interrogatives; *Como Assim*; Incredulity; Speech Act.

1. Introdução

A sintaxe das sentenças interrogativas-wh, interlinguisticamente, exhibe um conjunto de possibilidades de realização, e os principais parâmetros de variação discutidos estão relacionados (i) ao movimento do constituinte interrogativo, (ii) à subida da flexão para o sintagma complementizador (I para C) e (iii) à possibilidade de formar perguntas com mais de um sintagma-wh na periferia esquerda⁵. Por outro lado, há diferenças entre interrogativas que não são derivadas de determinada escolha paramétrica, porque ocorrem dentro de uma mesma língua. No italiano, por exemplo, Rizzi (2001) mostra que interrogativas com sintagmas-wh argumentais e correspondentes a advérbios baixos devem obrigatoriamente manifestar movimento de I para C, ao passo que

5 Fenômeno que ocorre, por exemplo, em línguas como o búlgaro e o romeno, conforme ilustram os exemplos a seguir:

(i) Koj kakvo e kupila

who what has bought

‘Who has bought what?’ (DAYAL, 2016, p. 3)

(ii) Cine de ce a plecat?

who why has left

‘Who left and why?’ (SHLONSKY; SOARE, 2011, p. 658)

elementos-wh correspondentes a advérbios altos como *perché* (*por que*) e seu (quase) sinônimo *come mai*⁶ (*how come*, no inglês) não exigem tal movimento. Isso se observa no contraste entre (1), de um lado, e (2) e (3), de outro.

- (1) a. *Che cosa Gianni ha fatto? (2) Perché Gianni è venuto?
a'. Che cosa ha fatto Gianni? 'Por que Gianne veio?'
'O que Gianni fez' (3) Come mai Gianni è partito?
b. *Dove Gianni è andato? Como assim Gianni partiu? (RIZZI, 2001, p. 7)
b'. Dove è andato Gianni?
'Aonde Gianni foi?'
c. *Come Gianni è partito?
c'. Come è partito Gianni?
'Como Gianni partiu?' (RIZZI, 2001, p. 5)

Outra peculiaridade de sintagmas adverbiais altos como *perché* e *come mai* diz respeito à interação com sintagmas focalizados: um sintagma argumental como *che cosa* (*o que*) não pode co-ocorrer com um sintagma focalizado contrastivamente na periferia esquerda (cf. (4)), enquanto *perché* e *come mai* são compatíveis com um foco contrastivo na ordem *perché/come mai-Foco*⁷ (cf. (5))

- (4) a. *A GIANNI che cosa hai detto (, non a Piero)?
'PRO GIANNI o que você disse (, não pro Piero)'
b. *Che cosa A GIANNI hai detto (, non a Piero)? (RIZZI, 1997, p. 291)

6 Nas glosas dos exemplos com *come mai* e *how come*, estamos traduzindo estes elementos com *como assim* quando dotado da leitura causal, cuja semântica será explicitada na seção 3. Como veremos na seção 4, *como assim* apresenta outras leituras que parecem não ser expressas por *come mai* e *how come*.

7 Sentenças como (i), que apresentam a ordem Foco-*perché/come mai*, são agramaticais em italiano.

- (i) a. *QUESTO perché avremmo dovuto dirgli, non qualcos'altro?
ISSO por que deveríamos ter dito a ele, não alguma outra coisa?
b. *IL MIO LIBRO come mai gli hai dato, non il tuo?
O MEU LIVRO como assim você deu a ele, não o seu? (RIZZI, 2001, p. 7)

(5) a. Perché QUESTO avremmo dovuto dirgli, non qualcos'altro?

‘Por que ISSO deveríamos ter dito a ele, não alguma outra coisa?’

b. Come mai IL MIO LIBRO gli ha dato, non il tuo?

‘Como assim O MEU LIVRO você deu a ele, não o seu?’ (RIZZI, 2001, p. 7)

Diferenças sintáticas e semânticas entre interrogativas argumentais/com advérbios baixos e perguntas com sintagmas-wh adverbiais altos têm sido apontadas desde pelo menos os anos 1970, em estudos como os de Zwicky; Zwicky (1973); Collins (1991), Rizzi (2001), Tsai (1999; 2008) e Shlonsky e Soare (2011), por exemplo. No que se refere especificamente aos sintagmas-wh adjuntos, tais estudos apoiam as explicações para os contrastes sintáticos e semânticos entre advérbios baixos, como *come/how*⁸, e altos como *perché/why* e *come mai/how come*, em um aspecto central: sintagmas-wh adverbiais baixos modificam a camada lexical (vP), enquanto elementos-wh adverbiais altos tomam todo o evento (IP) como escopo.

O presente estudo aborda sentenças com *como assim*, um elemento interrogativo que, em alguns casos, corresponde a um advérbio alto em Português Brasileiro (doravante PB). Nos diálogos entre (6) e (9) temos alguns exemplos de frases com esse sintagma:

(6) A: A Maria comprou um carro novo.

B: Como assim ela comprou um carro novo?

A: Porque o carro antigo dela tinha muitos problemas mecânicos.

(7) A: Você ficou sabendo que o João comprou um novo celular?

B: Como assim o João comprou um novo celular?

A: Para se aparecer para os amigos.

(8) A: A Silvia enfiou o pé na jaca esse final de semana!

B: Como assim ela enfiou o pé na jaca esse final de semana?

A: Quis dizer que ela tomou atitudes impulsivamente nesse final de semana.

8 Referimo-nos ao sintagma *come/how* com leitura de advérbio de maneira, instrumento ou resultativa, e não com a interpretação de causa (cf. seção 3).

(9) A: A Soraia pediu demissão daquele emprego.

B: Como assim a Soraia pediu demissão daquele emprego? Ela parecia estar tão feliz lá!

C: Pois é, também fiquei surpreso com isso.

Apesar de *como assim* ser muito produtivo, a literatura sobre interrogativas em PB ainda não dispõe de um detalhamento das propriedades de sentenças com tal elemento interrogativo. Os estudos de que temos conhecimento até o presente momento são os de Guessser *et al* (no prelo) e Sousa (2018). Um fato que guia ambas as pesquisas é que interrogativas com *como assim* podem servir como contrapartes de interrogativas com *come mai* e *how come* por poderem veicular a semântica causal, tal como definida em Tsai (2008). Neste estudo, temos como objetivo apresentar algumas considerações sobre estruturas com *como assim*, hipotetizando que, além da semântica causal, como em (6), *como assim* pode veicular outros três tipos de leitura: de propósito, exemplificada em (7), elucidativa, como em (8) e de incredulidade, como em (9). Em conexão, proporemos uma análise cartográfica para *como assim* na leitura de incredulidade, procurando explicar as propriedades sintáticas centrais desse tipo de sentença, a saber: impossibilidade de ocorrer *in situ*, impossibilidade de ocorrer em contextos encaixados e insensibilidade à negação⁹.

Para alcançar tal objetivo, o texto que segue se organiza da seguinte forma: na seção 2, apresentamos as principais abordagens cartográficas propostas para perguntas com advérbios-wh altos. Na sequência (seção 3), abordamos as propriedades semânticas de interrogativas com *how come*, em inglês, e com *zèmne*, em chinês, línguas a partir das quais emergem propostas de análise semânticas para as diferentes leituras envolvidas em sentenças com sintagmas-wh adverbiais altos. A seção 4 versa sobre a semântica das diferentes ocorrências de *como assim*, e a seção 5 trata do *como assim* de incredulidade. Por fim, na seção 6 são apresentadas nossas considerações finais.

2. Abordagens cartográficas para interrogativas com advérbios altos

As diferenças interlinguísticas relacionadas ao movimento do operador interrogativo e ao alicamento de I para C, que têm sido estudadas por sintaticistas formais desde pelo menos a década de 1960, foram retomadas dentro da Abordagem Cartográfica. Rizzi (1997) lança mão do Critério-Wh

⁹ Essas três propriedades parecem se aplicar também às demais leituras de *como assim*, exceção feita para a possibilidade de encaixamento em interrogativas com leitura de causa e propósito; não encontramos consenso sobre essa característica entre falantes nativos do PB. Nesse sentido, seria interessante realizar um estudo experimental. Neste estudo, olharemos para as três restrições citadas acima apenas no âmbito das interrogativas de incredulidade.

(RIZZI, 1991/1996), o qual exige que um constituinte dotado do traço [+wh] manifeste configuração Spec/núcleo com um núcleo dotado do mesmo traço. Assumindo que em línguas como o italiano a flexão (I) seja o núcleo [+wh], é fornecida uma explicação para os movimentos realizados nos exemplos (1a'), (1b') e (1c'): o verbo finito, que contém I, e o sintagma-wh se movem para CP (mais especificamente, para Spec de FocP) para entrarem na requerida relação de Spec/núcleo. Por outro lado, em línguas que apresentam movimento do constituinte interrogativo sem ocasionar I para C, como o português, ou em línguas em que não ocorre nem movimento-wh visível nem I para C, como o chinês, I não é dotado do traço [+wh], e outras estratégias são acessadas para a satisfação do princípio do Critério-Wh (cf. RIZZI, 1996, 1997; sobre o PB, vide MIOTO, 2001; 2003)

Para dar conta do contraste relacionado ao movimento de I para C que se verifica, em uma mesma língua, entre interrogativas com sintagmas-wh argumentais/com adverbiais baixos e com wh-adverbiais altos, Rizzi (2001) assume para o sistema CP matriz a hierarquia de núcleos funcionais em (10); para o CP encaixado, a estrutura é a apresentada em (11)¹⁰.

(10) [ForceP [TopP [IntP [TopP [FocusP [TopP [FinP

(11) [ForceP [TopP [IntP [TopP [FocusP [TopP [WhP [TopP [FinP

O autor propõe que *perché* e *come mai* são gerados diretamente na posição de especificador da projeção de InterrogativeP (IntP), e que Int^o seja intrinsecamente dotado do traço [+wh]. Em outras palavras, em interrogativas com *perché/come mai* o Critério-Wh é satisfeito por meio da configuração Spec-núcleo entre *perché/come mai*, em Spec de IntP, e o núcleo Int^o. Dessa forma, o movimento de I a C não é requerido.

No sistema de Rizzi (2001), a posição Spec de IntP é dedicada a operadores interrogativos sentenciais que podem ser gerados nessa posição, como é o caso de sintagmas-wh correspondentes a advérbios altos. A geração direta em Spec de IntP não é estendível a advérbios baixos, como em (1b-c): nesse caso, *come/dove*, devido a razões seletivas e interpretativas, são obrigados a se originar em uma posição interna a IP. Consequentemente, *come/dove* apenas podem satisfazer o Critério-Wh via movimento para o Spec de FocP (posição que aloja sintagmas-wh movidos), o que

10 Essa proposta da hierarquia de sentenças matrizes e encaixadas foi posteriormente reformulada por Rizzi e Bocci (2016) como sendo as representadas em (ia) e (ib), respectivamente. As mudanças propostas com relação à hierarquia de (2001) não influenciam no estudo de *como assim*, razão pela qual trabalharemos com as propostas simplificadas em (10) e (11).

(i) a. [Force [Top* [Int [Top*[Foc[Top*[Mod [Top* [Fin [IP]]]]]]]]]]

b. [Force [Top* [Int [Top*[Foc [Top*[Mod [Top*[Qemb [Fin [IP]]]]]]]]]]

ocasiona o movimento de I para C.

Dentro dessa perspectiva, a possibilidade de co-ocorrência com um sintagma focalizado para *perché* e *come mai* versus a impossibilidade para sintagmas-wh argumentais e advérbio baixos, ilustrada em (4) e (5), é uma decorrência das diferentes posições criteriais com as quais os diferentes sintagmas-wh se envolvem: estes se movem para Spec de FocP (competindo, portanto, com um sintagma-wh), enquanto aqueles se originam em Spec de IntP, uma posição acima do núcleo de Foco, o que possibilita a co-ocorrência com um foco na ordem Wh-Foco.

Ao assumir que elementos-wh adverbiais altos sejam inseridos diretamente na periferia esquerda, Rizzi (2001) partilha de uma visão na qual estão estudos como os de Hornstein (1995), Ko (2005), Stepanov e Tsai (2008), Tsai (2008) e Thornton (2008), segundo os quais elementos-wh adverbiais altos não são associados a uma variável sintática. Porém, como observa o próprio Rizzi (2001), interrogativas podem ser ambíguas no que diz respeito ao escopo do elemento-wh, como mostram os exemplos do italiano e do inglês (12) e (13) adaptados de Shlonsky e Soare (2011):

(12) *Perché* hai detto che è partito?

‘Por que disse que ele foi embora?’

(13) Why did you say that Daniel left?

‘Por que você disse que o Daniel foi embora?’

Os elementos *perché* e *why* podem ser interpretados na frase matriz (leitura matriz), colocando como pergunta a razão de o interlocutor (*pro* (2ª pes.), em (12); *you* ‘você’, em (13)) ter dito alguma coisa. Além disso, tais sintagmas-wh podem ser interpretados na frase encaixada (leitura encaixada), questionando a razão pela qual o sujeito da frase encaixada (*Daniel* em (13) e a referência de *pro* em (12)) partiu. De acordo com Rizzi (2001), na interpretação encaixada, *perché/why* envolvem movimento para garantir seu escopo baixo. Eles são gerados em Spec de IntP da sentença encaixada e, em seguida, vão para o Spec de FocP da sentença matriz. As análises de *perché/why* nas leituras matriz e encaixada da sentença em (13), por exemplo, são ilustradas, em seus aspectos relevantes, em (14) e (15), respectivamente.

(14) [_{ForceP} [_{IntP} **why** ... did ... [_{IP} you say [that [_{IP} Daniel left ...

(15) [_{ForceP} [_{FocusP} **why**_i ... did ... [_{IP} you say [that... [_{IntP} **t**_i... Daniel left ...

A proposta de que na leitura encaixada de *perché* envolve movimento deriva de dados como os em (16) e (17), que exibem um contraste: enquanto em (16) são possíveis ambas as leituras matriz e encaixada, em (17) apenas a leitura matriz é disponível. Esse fato mostra que a leitura encaixada de *why* é sensível à negação, que provoca uma intervenção/violação de Minimalidade Relativizada (RIZZI, 1990) na passagem de *why* da sentença encaixada para a sentença matriz, tal como esquematizado em (18):

(16) Why did you say Geraldine fixed her bike?

‘Por que você disse que a Geraldine consertou a bicicleta dela?’

Leitura matriz: Why did you say so and so?

‘Por que você disse tal coisa?’

Leitura encaixada: Why did Geraldine fix her bike?

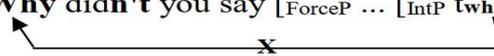
‘Por que a Geraldine consertou a bicicleta dela?’

(RIZZI, 1990; 2001 *apud* SHLONSKY; SOARE, 2011)

(17) Why didn't you say Geraldine fixed her bike?

‘Por que você não disse que a Geraldine consertou a bicicleta dela?’

(18) [**Why** didn't you say [_{ForceP} ... [_{IntP} *t_{why}* Geraldine fixed her bike]]]



Assim, o sintagma NegP funciona como uma barreira para o movimento do sintagma-wh *why*.

Por outro lado, a assunção de que na interpretação encaixada *perché* se move para Spec de FocP matriz se deve ao fato de *perché* ser incompatível com um foco. Uma frase como (19), com *perché* seguido de um foco, não é ambígua: pode ter leitura matriz, mas não leitura encaixada.

(19) Perché A GIANNI ha detto che si dimetterà (non a Piero)?

‘Por que pro GIANNI ele disse que vai se demitir (não pro Piero)?’ (RIZZI, 2001, p. 8)

Em estudo sucessivo, Shlonsky e Soare (2011) apresentam um refinamento para a abordagem de Rizzi, tendo como ponto motivador o princípio do *Criterion Freezing*, identificado no trabalho de Rizzi (2006) sobre a formação de cadeias-A'. Apresentando argumentos baseados na sintaxe de *why* e de seu correspondente em romeno, *de ce*, Shlonsky e Soare (2011) assumem uma dissociação entre a posição de *merge* externo e a posição criterial de *why*. Eles propõem a existência de uma projeção

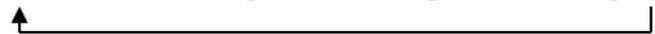
não-criterial localizada abaixo de IntP, denominada ReasonP. Essa seria a posição de *merge* externo de *why*, assim como de suas contrapartes em algumas línguas. Na leitura local, *why* se move de Spec de ReasonP para Spec de IntP:

(20) ... IntP > TopP > FocP > WhP > ReasonP ... (SHLONSKY; SOARE, 2011, p. 663)



Diferentemente de Rizzi (2001), Shlonsky e Soare assumem a presença de uma projeção WhP para acomodar sintagmas-wh argumentais, seja em frases matrizes, seja em encaixadas. Nessa perspectiva, os autores propõem que, na leitura encaixada, *why* se move para o Spec de WhP matriz, partindo de Spec de ReasonP encaixado^{11, 12} (cf. (21)).

(21) [Force... WhP ... FinP... ... [IP_{matriz} [ForceP [ReasonP [IP_{encaixado}



Como se observa, as propostas de Rizzi (2001) e de Shlonsky e Soare (2011) se diferenciam em dois aspectos centrais: um é a posição de *merge* externo de *why*, e a outra refere-se ao fato de *why* envolver ou não movimento em contextos matrizes. Independentemente de tais diferenças, ambas as análises compartilham a ideia de que sintagmas adverbiais altos se originam em uma posição alta da estrutura sintática, mais precisamente, na camada CP, seja em contextos matrizes, seja em encaixados.

Em suma, dentro da abordagem cartográfica, sintagmas-wh adverbiais altos como *perché/why* (cf. (2)) se diferenciam de sintagmas-wh argumentais (tais como *che cosa* em (1a')) e adverbiais baixos (tais como *dove* e *come*, ilustrados em (1b'-c')) por nascerem no sistema CP. Todavia, é importante ressaltar que a literatura aponta contrastes entre as próprias interrogativas com sintagmas-wh adverbiais altos. Muitas dessas diferenças têm sido descritas com base no inglês. Como observa Collins (1991), existem importantes contrastes sintáticos entre *why* e *how come*. Entre eles está o fato de que interrogativas matrizes com *why*, mas não com *how come*, desencadeiam movimento de I para C:

11 Com essa proposta, Shlonsky e Soare (2011) evitam um problema que os autores apontam para a análise de Rizzi (2001): o fato de que, na leitura encaixada, *why* se origina na posição criterial de Spec de IntP e, em seguida, passa por outro movimento em direção do Spec de FocP matriz, violando, assim, o Congelamento Criterial.

12 Vide seção 5 de Shlonsky e Soare (2011) para uma discussão sobre como é possível dar conta, nessa abordagem, da incompatibilidade entre foco e wh argumental em contextos matrizes, e de por que *why* se move para Spec de WhP, e não Spec de IntP na leitura encaixada.

(22) a. Why did John leave?

‘Por que o John foi embora?’

b. How come John left?

‘Como assim o John foi embora?’

(COLLINS, 1991, p. 32)

Outro contraste é que enquanto uma pergunta como (23a) pode ter leitura matriz ou encaixada, uma sentença como (23b) pode apenas ter escopo sobre a sentença matriz. Tal diferença é verificada também em italiano, entre *perché* e *come mai*, como mostra (24).

(23) a. Why did John say Mary left?

‘Por que o John disse que a Maria partiu?’

b. How come John said Mary left?

‘Como assim o John disse que a Maria partiu?’

(COLLINS, 1991, p. 33)

(24) a. Come mai ha detto che si dimetterà?

(√leitura matriz)

‘Como assim (ele/a) disse que vai se demitir?’

(*leitura encaixada)

b. Perché ha detto che si dimetterà?

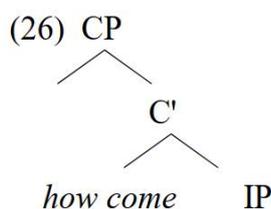
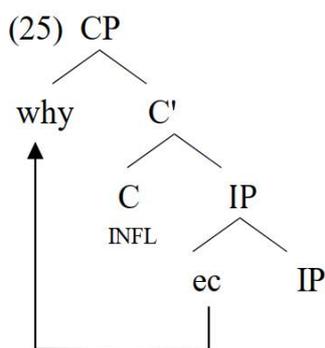
(√leitura matriz)

‘Por que (ele/a) disse que vai se demitir?’

(√leitura encaixada)

(SHLONSKY; SOARE, 2011, p. 665-666)

Collins (1991) deriva as diferenças entre interrogativas com *why* e *how come* com base na ideia de que *why* nasce como adjunto de IP e se move para Spec de CP. Isso é representado em (25), em que INFL indica o movimento de I para C. Por outro lado, este mesmo autor propõe que *how come* ocupa o núcleo de CP, tal como em (26):



(COLLINS, 1991, p. 32-33)

A análise de Collins, na verdade, assume que, em alguns casos, *why* pode ser também inserido como adjunto de VP, sem fazer referência ao tipo de leitura envolvida (se de causa/razão ou propósito, por exemplo). Isso pode ser apontado como um problema para a abordagem, por pelo menos dois aspectos: primeiro, por retirar o caráter de operador sentencial de *why* quando envolve leitura de causa/razão; em segundo lugar, por obscurecer diferenças importantes entre advérbios altos e baixos, como é o caso da conhecida restrição de agentividade, a qual opera sobre advérbios baixos, mas não sobre elementos como *why* (cf., entre outros ZWICKY; ZWICKY, 1973; TSAI, 2008).

Shlonsky e Soare (2011), por outro lado, propõem que *how come/come mai* têm como posição de base Spec de IntP. Portanto, em sentenças como (23b) e (24a), *how come* e *come mai*, quando interpretados na sentença encaixada, são inseridos diretamente em Spec de IntP, sendo sujeitos ao *Criterion Freezing*. Uma das consequências é que tais sintagmas não podem realizar o movimento para a sentença matriz, movimento que possibilitaria a leitura encaixada. Por outro lado, isso não ocorre com *why* e *perché*, dado que esses elementos têm como posição de base Spec de ReasonP, uma posição não criterial. A partir dessa posição, *why* e *perché* têm a possibilidade de se mover para o Spec de IntP matriz (cf. (20)), gerando a leitura matriz, ou para Spec de WhP matriz, gerando a leitura encaixada (cf. (21)).

Sentenças com *como assim* em PB parecem ser contraparte de sentenças com *how come/come mai*, dado que, como essas, veiculam a leitura causal. Porém, perguntas com *como assim* podem também apresentar outros tipos de leituras aparentemente não identificadas em línguas como o inglês e o italiano. A literatura acerca de sentenças com *come mai* no italiano é escassa. Para compreender as leituras de *como assim*, na seção que segue apresentaremos as propriedades semânticas de *how come*. Ao mesmo tempo, serão tecidas algumas considerações sobre estruturas interrogativas com *zenme*, do chinês.

3. Propriedades semânticas das interrogativas com *how come* e *zenme*

Podemos dizer que as primeiras considerações de caráter formal sobre a semântica de interrogativas com *how come* aparecem em Zwicky e Zwicky (1973). Nesse estudo, os autores comparam *how come* a outro sintagma-wh do inglês: *what for*. Zwicky e Zwicky observam que *how come* e *what for* são advérbios de *razão*, assim como o elemento *why*. Isso é constatado pelo fato de que todas as perguntas de (27) a (29) podem ser associadas às proposições em (30) e (31):

(27) How come there is a mark on this page?

‘Como assim tem uma marca nessa página?’

(28) What is there a mark on this page for?

‘Para que tem uma marca nessa página?’

(29) Why is there a mark on this page?

‘Por que tem uma marca nessa página?’

(30) There is a mark on this page for some reason.

‘Tem uma marca nessa página por alguma razão’

(31) There is some reason for there being a mark on this page.

‘Tem alguma razão para ter uma marca nessa página’

(ZWICKY; ZWICKY, 1973, p. 923)

No entanto, os autores apontam uma distinção crucial entre *how come* e *what for*: o primeiro questiona causa, e o segundo propósito, conforme as possíveis respostas para as perguntas em (32a) e (33a), ilustradas em (32b) e (33b), respectivamente.

(32) a. How come there is a mark on this page?

‘Como assim tem uma marca nessa página?’

b. Because the dye in the binding ran

‘Porque a tinta da capa vazou’

(ZWICKY; ZWICKY, 1973, p. 923)

(33) a. What is there a mark on this page for?

‘Para que tem uma marca nessa página?’

b. Because I wanted you to be sure to read it.

‘Porque eu queria que você tivesse certeza que era para ler’

(ZWICKY; ZWICKY, 1973, p. 923)

Outra propriedade relevante que distingue esses advérbios é que *how come* e *what for* funcionam de forma diferente em contextos agentivos. Consideremos, por exemplo, predicados como *ser alto* e *sentir frio*. Pelo fato de a altura de alguém ou a sensação de frio não serem predicados controláveis por um agente, *what for* mostra uma restrição nesses contextos, enquanto *how come* não, como

observamos no contraste entre as sentenças em (34) e (35).

(34) a. How come George is tall?

‘Como assim o George é alto?’

b. How come you feel cold?

‘Como assim você sente frio?’

(35) a. ?What is George tall for?

‘Para que o George é alto?’

b. ?What do you feel cold for?

‘Para que você sente frio?’

(ZWICKY; ZWICKY, 1973, p. 924)

Levando em conta esses dados, Zwicky e Zwicky (1973) propõem que a leitura usualmente conhecida como razão é, na verdade, subdivida entre causa e propósito. Causa seria uma relação entre um estado de coisas e um outro, enquanto propósito seria uma relação entre as ações de um agente e um (pretendido) estado de coisas. Em ambos os casos, o primeiro estado de coisas (EC₁) temporalmente precede o segundo (EC₂) e é uma explanação para este. Essa ideia é ilustrada em (36) e (37), usando (32) e (33).

(36) [EC₂ There is a mark on this page] because [EC₁ the dye in the binding ran] (causa)

(37) [EC₂ There is a mark on this page] because [EC₁ I wanted you to be sure to read it] (propósito)

Da descrição semântica que Zwicky e Zwicky (1973) apresentam para os sintagmas *how come*, *what for* e *why* em inglês, portanto, resulta que *how come* veicula semântica de causa, enquanto *what for* é interpretado como propósito. Além disso, observa-se que, juntos, *how come* e *what for* cobrem o domínio semântico de *why*, sintagma que pode ter ambos os tipos de semântica.

Tsai (2008), investigando interrogativas-wh do chinês, apresenta uma descrição semântica mais detalhada para *how come* e *why*, considerando também a semântica de *how*. Se considerarmos os exemplos em (38), notamos que *how* pode ter leitura de maneira (38b), instrumental (38c)¹³ e resultativa (38d)¹⁴. Ao observarmos os contextos em (39), notamos que, além da leitura causal que

13 Embora nesse contexto não fique clara a relação de *how* e instrumento, há contextos em que essa correspondência é mais evidente, como no contexto em (i).

(i) a. How did John break the vase?

‘Como o John quebrou o vaso?’

b. With a hammer.

[instrumental] (TSAI, 2008, p. 85)

‘Com um martelo’

14 Tal denominação, embora não muito precisa com esse exemplo, pode ser observada no contexto abaixo, no qual a resposta em (ib) enfatiza o estado resultante.

how come apresenta, como em (39a), *how* também pode ser interpretado como um questionamento sobre causa, como observamos em (39b). Além disso, em alguns contextos, *how* pode apresentar uma leitura de negação acerca de um estado de coisas, como no contexto em (39c), no qual além da interpretação de causa do evento, podemos compreender que o que o falante quer expressar é a sua avaliação de que o evento *não deveria ter acontecido*.

(38) a. How did John handle this matter?

‘Como o John se saiu nessa matéria?’

b. Quite skillfully, I think. [maneira]

‘Habilidosamente, eu acho.’

c. By pulling quite a few strings. [instrumental]

‘Mexendo alguns pauzinhos.’

d. Rather successfully, I would say. [resultativa]

‘Com muito sucesso, eu diria.’ (TSAI, 2008, p. 84)

(39) a. How come John arrived so late? [causal]

‘Como assim o John chegou tão tarde?’

b. How is it that John arrived so late? [causal]

‘Como é que o John chegou tão tarde?’

c. How could John do this to me? [negação]

‘Como o John pôde fazer isso comigo?’ (TSAI, 2008, p. 84)

Além disso, Tsai (2008) estabelece uma distinção crucial entre *how come* e *why*, ressaltando que o primeiro evidencia um estado de contra-expectativa do falante. Observemos o contexto em (40):

(i) a. How did John break the vase?

‘Como o John quebrou o vaso?’

b. Into two pieces. [resultativa] (TSAI, 2008, p. 85)

‘Em dois pedaços’

(40) **How come** the sky is blue? (It was cloudy just this morning.)

‘Como assim o céu está azul? (Estava nublado ainda essa manhã.)’

Pressuposição → o céu está azul e algo fez com que ele se tornasse azul

contra-expectativa → o céu não deveria estar azul

Speech Act → o falante quer saber o que fez com que o céu se tornasse azul

Resposta → porque as nuvens acabaram de se dissipar

(TSAI, 2008, p.89, grifo nosso)

Em (40), a pergunta com *how come* é de causa. A pressuposição desta pergunta é que *o céu está azul e que algo fez com que ele se tornasse azul*. Assim, quando um falante produz (40), ele quer saber o que causou o evento “o céu estar azul”. Uma resposta poderia ser *porque as nuvens acabaram de se dissipar*. Associada à pragmática desta sentença, estaria uma contra-expectativa: *o céu não deveria estar azul*. Tal contra-expectativa equivale ao chamado caráter mirativo, que abordaremos na seção seguinte.

Diferentemente de contextos com *how come*, contextos com *why* não envolvem uma contra-expectativa do falante, como observamos em (41).

(41) **Why** is the sky blue? (I am not aware of any scientific explanation.)

‘Por que o céu é azul? (Eu não estou ciente de nenhuma explicação científica.)’

Pressuposição → o céu é azul

Speech act → o falante quer saber a razão de o céu ser azul

(TSAI, 2008, p.89, grifo nosso)

A sentença em (41) tem como pressuposto que *o céu é azul*, e o falante quer saber a razão de *o céu ser azul*. Além disso, ao contrário da pergunta com *how come* em (40), não existe a contra-expectativa de que *o céu não deveria estar azul*. Tsai (2008) identifica essa leitura como razão.

Tsai recorre à tipologia proposta Reinhart (2003, *apud* TSAI, 2008, p. 90), segundo a qual se podem distinguir três tipos de relações causais entre dois eventos: Enable (habilitação), Cause (Causa) e Motivate (Motivação):

(42) a. Habilidade: um evento é uma condição necessária para o outro

(e.g., Passuya entrou na piscina e então ele se afogou)

b. Causa: um evento é uma condição suficiente para a outra

(e.g., Acabou de nevar lá fora, então a neve está branca)

c. Motivação: um evento habilita ou causa o outro mediado por um estado mental

(e.g., Pasuya queria comer, então ele começou a cozinhar)¹⁵

(TSAI, 2008, p.90, tradução nossa)

Segundo Tsai, a leitura de razão de interrogativas com *why* em contextos como (41) deriva da relação Habilitação. Assim, perguntas como (43) e (44) têm uma representação semântica como aquela representada em (45a) e (45b), sendo o foco do questionamento o evento efeito (e') e o estado resultante (s), respectivamente.

(43) Why did Pasuya hit Mo'o?

'Por que Pasuya bateu em Mo'o?'

(TSAI, 2008, p. 93)

(44) Why is the snow white?

'Por que a neve é branca?'

(TSAI, 2008, p. 91)

(45) a. ?e \exists e' (hitting(e') & Agent(e', Pasuya) & Theme(e, Mo'o) & ENABLE(e, e'))

b. ?e \exists s (being-white(s) & Theme(s, the snow) & ENABLE(e, s)) (TSAI, 2008, p. 91)

Por outro lado, Tsai (2008) propõe que perguntas com *how come* expressam a relação Causa entre dois eventos. Em (46), o que está sendo questionado é o evento efeito, como mostra *e'* no início da fórmula apresentada em (48a). Por outro lado, em sentenças como (47), o que está em questão é o estado resultante *s*, como é observado na representação em (48b).

15 Enable: One event is a necessary condition for the other.

(e.g., Pasuya entered the pool, and then he drowned.)

Cause: One event is a sufficient condition for the other.

(e.g., It just snowed outside, so the snow is white.)

Motivate: One event either enables or causes the other, mediated by a mental state.

(e.g., Pasuya wanted to eat, so he started to cook.) (TSAI, 2008, p.90)

(46) How come Pasuya hit Mo'o?

'Como assim Pasuya bateu no Mo'o?'

Pressuposição → Pasuya bateu em Mo'o e algo fez com que ela batesse em Mo'o.

Contra-expectativa → Pasuya não deveria bater em Mo'o.

Speech Act → o falante quer saber o que fez com que Pasuya batesse em Mo'o.

(47) How come the snow is white?

'Como assim a neve está branca?'

Pressuposição → a neve está branca e algo fez com que ela se tornasse branca.

Contra-expectativa → a neve não deveria estar branca.

Speech Act → o falante quer saber o que fez com que a neve se tornasse branca.

(TSAI, 2008, p. 89)

(48) a. ?e∃e' (hitting(e') & Agent(e', Pasuya) & Theme(e', Mo'o) & CAUSE(e, e'))

b. ?e∃s (being-white(s) & Theme(s, the snow) & CAUSE(e, s)) (TSAI, 2008, p. 90)

Com relação à leitura de propósito de *why* e *what for*, Tsai (2008) assume que a relação estabelecida entre os estados de coisas é mediada pelo estado psicológico de um agente, o que caracteriza a relação denominada Motivação, tal como descrita em (42c). Nesses contextos, um evento efeito é habilitado ou causado mediante a condição psicológica de um agente. Em (49a), o questionamento é sobre as intenções de Akiu ir embora. A representação semântica dessa sentença é aquela em (49b), evidenciando que o papel do agente e do estado psicológico deste é primordial para a relação Motivação.

(49) a. For what purpose will Akiu leave?

'Por que propósito o Akiu vai embora?'

b. ?e∃e' (leaving(e') & Agent(e', Akiu) & MOTIVATE(e, e'))

c. MOTIVATE(e, e') « e habilita ou causa e', mediado por um estado mental.

(TSAI, 2008, p. 94)

Tsai (2008) observa que a língua chinesa apresenta um comportamento interessante no que se refere a interrogativas com advérbios altos. Nessa língua, as leituras de *zenme* (que se traduz por *how* no inglês) podem ser instrumental, resultativa, descritiva e também de causa e denegação. O comportamento sintático de *zenme* nessa língua é particularmente interessante porque sua leitura varia em função da posição sintática, como ilustrado em (50) e (51).

(50) a. Akiu keyi zenme(-yang) qu Taipei? [instrumento]

Akiu modal como(-maneira) ir Taipei

‘Como o Akiu pode ir para Taipei?’

b. Akiu zenme(*-yang) keyi qu Taipei? [causa/denegação]

Akiu como(-maneira) modal ir Taipei

‘Como assim o Akiu pôde ir para Taipei?’

‘Akiu não pode/não deveria ir para Taipei’ (TSAI, 2008, p.86)

(51) A: zhe-jian shi, Akiu chuli-de zenme*(-yang)?

esse-Cl fato Akiu lidar-Res como(-maneira)

‘Como Akiu lidou com esse fato?’

B: a. chuli-de hen chenggong. [resultativa]

lidar-Res muito sucesso

‘Ele lidou com esse fato de tal maneira que foi um sucesso’

b. chuli-de hen piaoliang. [descritiva]

lidar-Res muito lindo

‘Ele lidou com esse fato lindamente’ (TSAI, 2008, p.86)

Zenme é uma forma simples de *how*. Ele forma uma pergunta com leitura de causa em posição pré-modal (50b) e, quando ocupa a posição pós-modal, tem uma leitura de instrumento (50a), do mesmo tipo das leituras ilustradas em (38c) e na nota de rodapé 13. Além disso, em posição pós-modal pode se manifestar o sintagma *zenme-yang*, veiculando leitura de maneira. Por fim, *zenme-yang*, quando introduzido por um verbo marcado pelo aspecto resultativo (*de*), pode apresentar semântica resultativa (51Ba) ou descritiva (51Bb).

O contraste semântico das perguntas em *how come* e *why* é também observado em chinês, com *zenme* (*how come*) e *weishenme* (*why*):

(52) a. tiankong **zenme** shi lande?

céu como ser azul

‘Como assim o céu é azul?’

b. tiankong **weishenme** shi lande?

céu por que ser azul

‘Por que o céu é azul?’

(TSAI, 2008, p.89, grifos nossos)

Em (53a), *weishenme* (*why*) só pode preceder o modal de futuro, e tem leitura de razão. Ao suceder o modal, a sentença torna-se agramatical, conforme ilustrado em (53b).

(53) a. Akiu **weishenme** hui zou? (razão > modal de futuro)

Akiu por que modal ir embora

‘Por que Akiu iria embora?’

b. *Akiu hui **weishenme** zou? (*modal > razão)

Akiu modal por que ir embora

‘Por que Akiu iria embora?’

(TSAI, 2008, p.93, grifos nossos)

Em (54), observamos que *wei(-le) shenme*, por outro lado, tem um comportamento contrário a *weishenme* em relação ao modal de futuro, e apresenta leitura de propósito.

(54) a. Akiu hui **wei(-le) shenme** cizhi? (modal > propósito)

Akiu modal com(-Prf) qual propósito demitir-se

‘Com qual propósito Akiu iria demitir-se?’

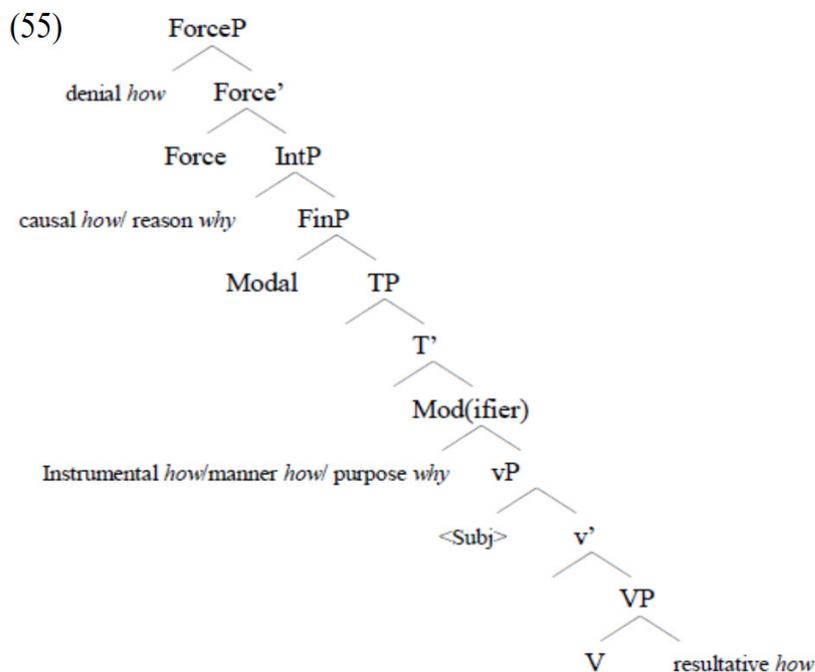
b. ??Akiu **wei(-le) shenme** hui cizhi? (??propósito > modal)

Akiu com(-Prf) qual propósito modal demitir-se

‘Com qual propósito Akiu iria demitir-se?’

(TSAI, 2008, p.93, grifos nossos)

Levando em conta que tanto *zenme* com leitura de causa quanto *weishenme* de razão aparecem numa posição pré-modal, Tsai conclui que o *how* causal e o *why* de razão são advérbios-wh altos, enquanto *how* instrumental e *why* de propósito são advérbios-wh baixos. Tsai (2008) propõe as seguintes posições de base para os elementos-wh:



TSAI (2008, p. 113)

4. A interpretação de interrogativas com *como* assim

Vimos, na seção anterior, que os sintagmas *how* e *zenme* podem ter leitura de maneira, de instrumento, resultativa, causal e denegativa. Isso também ocorre no PB, como mostram os dados a seguir, adaptados de Tsai (2008):

(56) A: Como o Paulo quebrou esse vaso?

- B: a. Com muita raiva. [maneira]
 b. Com um martelo. [instrumento]
 c. Em milhões de pedaços. [resultativa]

(57) A: Como (é que/que) o João chegou tarde?

B: Porque o carro dele quebrou. [causa]

Enquanto *como* pode ter essas quatro leituras, isso não se aplica a *como* assim: quando atua

como um verdadeiro operador-wh, ele não pode ter as leituras maneira, instrumento e resultativa, como mostra o contraste entre (58Ba), de um lado, e (58Bb-d), de outro (cf. SOUSA, 2018).

(58) A: Como assim o próprio Paulo resolveu o problema da carteira de motorista?

- B: a. Porque os outros não eram capazes de resolver. [causa]
b. #Com muita habilidade. [maneira]
c. #Mexendo alguns pauzinhos. [instrumento]
d. #Deixando os funcionários do DETRAN estressados. [resultativa]

Ao compararmos *como assim* com *how come* e *zenme* notamos, portanto, que, do ponto de vista interpretativo, *como assim* pode ser considerado contraparte desses sintagmas, pois serve para veicular leitura de causa. Dessa forma, a sentença em (58Ba) tem a pressuposição de que o Paulo resolveu o problema da carteira de motorista e que algo fez com que ele o resolvesse. Ao produzir (58A), o falante deseja saber o que levou ao evento “o Paulo resolver o problema da carteira de motorista”. Há uma relação de causa entre dois eventos, sendo o evento efeito o foco da questionamento, tal como representado em (59).

(59) ?e \exists e' (resolver(e') & Agent(e', Paulo) & Theme(e', o problema da carteira de motorista) & CAUSE(e, e'))

Adicionalmente, a pragmática (58A) claramente está associada a uma contra-expectativa do falante, a saber, de que Paulo não deveria/não seria capaz de resolver o problema da carteira de motorista:

(60) **Presuposição:** o Paulo resolveu o problema da carteira de motorista.

→ o Paulo não deveria/não seria capaz de resolver o problema da carteira de motorista.

Speech Act: o falante quer saber o que causou o Paulo resolver o problema da carteira de motorista

Além de veicular semântica de causa, interrogativas com *como assim* podem veicular semântica de propósito, como mostra o diálogo em (61) (cf. GUESSER et al (no prelo); SOUSA, 2018), leitura também marcada por exprimir contra-expectativa do falante:

(61) A: Você ficou sabendo que o João comprou um novo celular?

B: Como assim o João comprou um novo celular?

A: Para se aparecer para os amigos. [propósito]

Considerando essa possibilidade interpretativa, podemos hipotetizar que *como assim*, além de atuar como advérbio alto, com leitura de causa, pode também atuar como um advérbio baixo, com *merge* externo em uma posição logo acima de vP. Isso parece se confirmar quando observamos que *como assim* de propósito, da mesma forma que o sintagma de propósito *para que*, está sujeito à restrição de agentividade, não sendo compatível, por exemplo, com predicados como *ser alto* e *sentir frio*:

(62) A: Como assim o Jorge é tão alto?

B: Porque os pais dele têm mais de 1,90 de altura.

C: #Porque ele quer ser jogador de basquete.

(63) A: Como assim o Jorge está com frio?

B: Porque ele é uma pessoa friorenta! [causa]

B: #Porque ele quer chamar a atenção das pessoas. [propósito]

As semânticas de causa e propósito de *como assim* se referem a casos em que esse sintagma é um operador-wh. Por outro lado, há casos em que *como assim* não atua como um verdadeiro operador (cf. GUESSER et al, no prelo). Consideremos os diálogos a seguir, retirados do NURC(cf. SOUSA, 2018):

(64) Doc. - A área que nós escolhemos pra você foi vida social e diversões. Você ... Eu queria que você falasse um pouquinho disso a partir de determinadas perguntas que eu vou te fazer. Você costuma dividir ou você sabe se as pessoas dividem, eh, o grupo, um grupo, determinado grupo social em classes, classes sociais, quais são, como é que elas se chamam, como se caracterizam?

Loc. - As classes sociais? **Como assim?**

Doc. - Você costuma dividir as pessoas em classes sociais?

Loc. - Bom, tem a, a chamada classe alta, a classe média e a, a classe baixa, né?

Doc. - Que significa a classe alta, média e baixa? (RJ-DID-016)

(65) LOC. - (sup.) Vejo muito. /Vejo muito pelo seguinte: porque hoje em dia pra a gente sair à noite, meu filho, é preciso quase que pedir o exército, porque é um tal de assalto e essa coisa toda, porque aí, eu também poderia ter respondido aqui à L., por que às vezes eu não saio à noite. Eu só sairei à noite se me derem garantia. Senão eu não saio.

DOC. - **Como assim?** Não entendi.

LOC. - Ô, minha filha, os ladrões estão ali a cada passo. Ainda lá em casa um dia desses, se não fosse a presença de espírito da nossa empregada, eu não sei o que que haveria. Era um sábado, ela, empregada nova, estava sozinha lá em casa. Eu tenho duas entradas. Apertaram a campainha (inint.) dos fundos, ela foi ver e um havia ... Eram dois homens e uma mulher. Disse ela que parece que a mulher usava peruca, e procurando a dona S., que é a minha filha, procurando o seu L., que é o meu genro, e dizendo que eles iam ornamentar a nossa casa. Ela, com uma presença de espírito, não abriu, fechou-se, e eles bateram, bateram, não foram atendidos e foram embora. Se, durante o dia, fazem isso, e à noite? À noite é muito perigoso.

(RJ-DID-044)

Nesses dois diálogos, as ocorrências de interrogativas com *como assim* são usadas para solicitar informações adicionais sobre um pronunciamento feito anteriormente. Em (64), o questionamento é feito após o locutor (loc) não compreender a que classes sociais o documentador (doc) se referia. Isso pode ser observado na resposta do entrevistado que, ao perceber que não foi claro, faz uma paráfrase da sentença como *você costuma dividir as pessoas em classes sociais?* Em (65), observamos algo semelhante: após não entender o que o entrevistado quis dizer com *Eu só sairei à noite se me derem garantia. Senão eu não saio*, o documentador pergunta *Como assim?* Em seguida, ele reitera a necessidade de esclarecimentos adicionais por parte do entrevistador dizendo *Não entendi*.

Guessser *et al* (no prelo) denominam essa leitura de interrogativas com *como assim* de elucidativa, dado que se trata de um uso em que o falante pede elucidações/esclarecimentos acerca do que ouviu. Consideremos agora o diálogo em (66):

(66)

Loc. - bom... obviamente... tem um goleiro... dois zagueiros... dois do meio de campo e um na... frente... fazendo a... ponta de lança... como eles... Doc. - qual a função de cada um?

Loc. - **como assim?** bom... aí pra explicar... os zagueiros ficam plantados... próximo à área... justa-mente pra evitar... que haja o perigo do adversário... penetrar... os de meio de campo... é que

auxili-am... e praticamente agem... como atacantes... em si... que é aqueles que podem...exatamente...
fa-zer... perigar o adversário... então... ele jogam... de comum acordo com aquele que fica na frente...
lutando por isso... eu acho que futebol... acho que já falei demais...

(RJ- DID-052, grifo meu)

Nesse contexto, a interrogativa com *como assim* não solicita uma resposta relacionada a causa ou propósito, nem é usada para solicitar informações adicionais. Ela serve para exprimir incredulidade e convida o interlocutor a confirmar o que ele disse anteriormente.

No presente estudo, nos concentraremos nas interrogativas com *como assim* de leitura de incredulidade¹⁶.

5. Como assim de incredulidade

Para iniciarmos as considerações sobre *como assim* de incredulidade em PB, observemos os contextos a seguir:

(67) A₁: A Solange se casou de novo. Você ficou sabendo?

B: Como assim a Solange se casou de novo? (Ela sempre teve grandes decepções em todos os seus casamentos anteriores e tinha prometido não se casar nunca mais)

A₂: Pois é, mas ela se casou de novo.

(68) A: O João comprou sapatos novos.

B: Como assim sapatos novos? (Ele não tem dinheiro para isso!)

(69) A₁: O João está estudando para ser um endocrinologista.

B₁: O que um endocrinologista faz?

A₂: Como assim o que um endocrinologista faz? (Você, com tantos anos de estudo, devia saber o que um endocrinologista faz)

B₂: Sim, eu não sei o que um endocrinologista faz. Não sou obrigado a saber tudo.

Dayal (2016), em *Questions*, trabalha com os rótulos “questões canônicas” e “questões não canônicas”. Segundo a autora, questões canônicas envolvem o seguinte *Speech Act*:

16 É importante mencionar que *como assim* de incredulidade, assim como o de causa e propósito, possuem uma prosódia particular, se comparada com interrogativas com outros sintagmas-wh e também em comparação com sentenças como *como assim* de leitura elucidativa. Deixaremos as propriedades prosódicas de *como assim* para um estudo futuro.

(70) ATO DE FALA DE QUESTIONAR— o Falante questiona o Interlocutor sobre uma proposição p se

- i. F não sabe a verdade sobre p.
- ii. F quer saber a verdade sobre p.
- iii. F acredita que I sabe sobre a verdade de p. (DAYAL, 2016, p. 4, tradução nossa)¹⁷

Dado (70), podemos considerar que as sentenças de (67) a (69) não satisfazem os requisitos do *Speech Act* de questionar. Nesses exemplos, os falantes B, ao proferirem as sentenças com *como assim*, não querem saber a verdade de uma proposição. Interrogativas com *como assim* de incredulidade podem ser encaradas como questões não-canônicas, nos termos de Dayal (2016), e podem ser semanticamente acomodadas às chamadas interrogativas declarativas.

Krifka (2012), com base no inglês, observa que interrogativas declarativas são estruturas que apresentam a sintaxe de uma sentença declarativa mas que têm uma prosódia marcada por um alçamento final (*final rise*), que indica que a sua interpretação é uma interrogação. Entre os exemplos desse tipo de sentença, o autor apresenta (71) que, sintaticamente, se diferencia de uma interrogativa polar canônica, como (72), pela ausência de inversão.

(71) You have been convicted of a felony?

Você tem sido condenado por um crime

‘Você foi condenado por um crime?’

(72) Have you been convicted of a felony?

Tem você sido condenado por um crime

‘Você foi condenado por um crime?’

(KRIFKA, 2012, p. 24)

Do ponto de vista semântico, Krifka aponta que a principal diferença entre interrogativas declarativas e polares é o fato de que as declarativas expressam certo viés do falante. Assim, em uma entrevista de emprego, uma pergunta como (72) é feliz, ao passo que uma interrogação como (71) não é, dado que ela sugere que existe evidência de que a proposição é verdadeira. Além de ter evidência

17 SPEECH ACT OF QUESTIONING—Speaker questions Hearer about proposition p iff

- i. S does not know the truth about p.
- ii. S wants to know the truth about p.
- iii. S believes H knows the truth about p. (DAYAL, 2016, p. 4)

independente de que a proposição seja verdadeira, ao proferir (71) o falante assume que o seu ouvinte tem um conhecimento mais definido e objetiva checar com o ouvinte a confirmação de tal proposição. É relevante ainda observar que interrogações como (71) podem apresentar um contorno prosódico de incredulidade através do qual, segundo Krifka (2012), o falante manifesta dúvida de que seu ouvinte será capaz de realizar a requerida confirmação.

Na abordagem de Krifka (2012), interrogativas declarativas de incredulidade envolvem um operador I-REQUEST. Ou seja, tais sentenças correspondem a um *Speech Act* que, por sua vez, podem conter outro *Speech Act*. Assim, sentenças como (71) envolveriam o esquema em (73), que assume recursividade para ForceP.

(73) [ForceP *REQUEST* [ForceP *ASS* [TP ϕ]]] (KRIFKA, 2012, P. 25)

O operador I-REQUEST, além de solicitar uma confirmação de um *Speech Act*, é caracterizado por portar a leitura de incredulidade, via implicatura convencional.

Voltando às interrogativas com *como assim* em PB, constatamos as mesmas propriedades semânticas de interrogativas declarativas apontadas por Krifka (2012). Nos exemplos de (67) a (69) acima apresentados, constata-se que o falante B, ao proferir a sentença com *como assim*, já assume a asserção anterior como verdadeira e, assumindo que seu interlocutor tem maiores conhecimentos, pede-lhe que confirme seu *Speech Act* (uma asserção, no caso dos diálogos em (67) e (68), ou uma pergunta, no caso de (69)) e se mostra incrédulo quanto à possibilidade de seu interlocutor confirmar o *Speech Act*. Note que a confirmação do interlocutor pode ser introduzida por diferentes expressões, tais como *pois é* (67), *sim* (69), ou mesmo pelo silêncio do interlocutor (68).

No espírito de Krifka (2012), assumiremos que sentenças interrogativas com *como assim* de incredulidade envolvem um operador I-REQUEST, localizado em uma posição acima da posição tradicional de ForceP, responsável por solicitar a confirmação de um *Speech Act* e por portar a implicatura convencional de incredulidade. Por outro lado, assumiremos que atuar sobre um *Speech Act* pode ser sintaticamente traduzido como atuar sobre uma informação dada no contexto discursivo, ou seja, sobre uma sequência topicalizada.

No que se refere à precisa localização de *como assim*, constata-se que esse elemento pode ser precedido por vocativos (74) e por sintagmas topicalizados (75):

(74) Pedro: O Paulo chutou o cachorro.

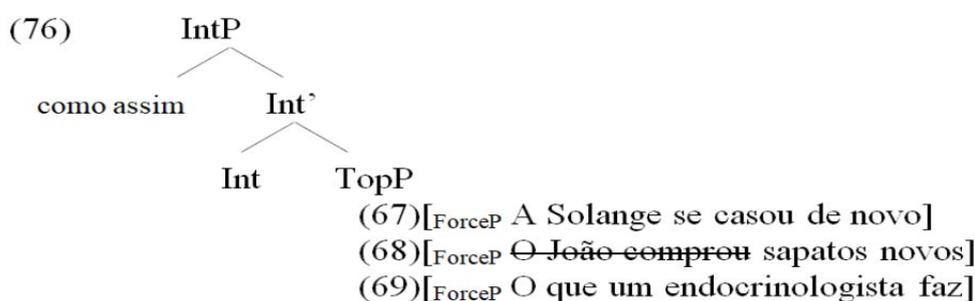
Joana: Pedro, como assim o Paulo chutou o cachorro?

(75) Pedro: O Paulo chutou o cachorro.

Joana: O cachorro_i, como assim o Paulo chutou ele_i?

Pedro: Pois é, ele fez isso.

Considerando a hierarquia cartográfica do sistema CP (RIZZI,1997; 2001; RIZZI: BOCCI, 2016), nossa proposta é que *como assim* é inserido abaixo de ForceP, mais precisamente, em Spec de IntP. IntP seleciona como seu complemento uma projeção de TopP, que alojará o *Speech Act* sobre o qual se pede uma confirmação. Em (76) temos as representações para as interrogativas exemplificadas em (67) – (69), em que o ForceP inteiro é alojado em Spec de TopP. Em (68), além disso, ocorre apagamento da sequência “O João comprou”.



Com essa análise, é possível dar conta das peculiaridades de interrogativas com *como assim* de incredulidade em PB. A primeira é o fato de que, diferentemente do que ocorre com as demais expressões interrogativas (77), *como assim* não pode permanecer *in situ* (78), o que fica explicado com a ideia de que *como assim* é inserido diretamente em Spec de IntP, uma posição alta na sentença, a mesma posição proposta por Rizzi (2001) para *come mai* em italiano. A segunda propriedade refere-se à impossibilidade de encaixamento (79), o que decorre do próprio fato de interrogativas com *como assim* constituírem um *Speech Act*:

(77) a. O João comprou o quê?

b. O João comprou uma moto onde?

c. O João comprou uma moto por quê?

d. O João comprou uma moto como?

(78) *O João comprou uma moto como assim?

(79) *A Maria disse como assim o João chegou tarde.

Por fim, uma propriedade interessante de *como assim* refere-se à interação com negação. Ao contrário de *como* de método, instrumento e resultativo, *como* causal não sofre restrições em contextos com negação, conforme é mostrado pelo contraste entre as sentenças em (80).

(80) a. Como o Marcelo não consertou a bicicleta dele? (leitura causal)

b. *Como o Marcelo **não** consertou a bicicleta dele? (leitura de método)

Isso nos evidencia que *como* causal possui uma posição de base acima de NegP. Por outro lado, *como* (método), por ser sensível à negação, ocupa uma posição mais baixa na hierarquia da sentença.

A impossibilidade de (80b) se deve à violação de Minimalidade Relativizada, visto que *como* (método) nasce em uma posição mais baixa que NegP e não pode se mover para a periferia esquerda da sentença, como esquematizado em (81).

(81) *Como o Marcelo **não** t_i consertou a bicicleta dele?


Consideremos o contexto a seguir, com *como assim*, sintagma que inclui *como*:

(82) A: A Márcia não quebrou o vaso.

B: Como assim a Márcia não quebrou o vaso? (Eu jurava que era ela a responsável)

A: Pois é, mas não foi ela.

(82B) mostra que *como assim* de incredulidade não é sensível à negação. Isso evidencia, mais uma vez, que a posição de *merge* externo desse sintagma é alta, como explicitamos anteriormente: em Spec de IntP. Dessa forma, com uma posição de base alta, não cruza com a negação e não viola o princípio da MR, diferentemente do que ocorre em casos como (80b).

Considerações finais

Esta pesquisa buscou apresentar algumas considerações a respeito da sintaxe e semântica de *como assim* de incredulidade no português brasileiro. Propusemos que nessa leitura *como assim* não solicita informações sobre a verdade de uma proposição anteriormente dada no discurso; na verdade, é utilizada para solicitar a confirmação de um *Speech act* do interlocutor e exprimir incredulidade quanto à possibilidade de tal confirmação. Tais sentenças possuem um operador I-REQUEST (nos termos de KRIFKA, 2012) e correspondem a um *Speech act*. Isso é evidenciado pelo fato de não poder atuar em contextos encaixados e não poder ocorrer *in situ*. Além disso, *como assim* de incredulidade é insensível à negação, e pode ser precedido por sequências topicalizadas e vocativos. Assim, a

posição assumida para *como assim* de incredulidade é Spec Int, que vai selecionar uma informação anteriormente dada no discurso; ou seja, um tópico.

Temos ciência de que não foi possível esgotar o tema; há questões que resultarão em desdobramentos futuros da pesquisa. Uma questão a ser abordada é a prosódia de *como assim* de incredulidade, a qual é determinante para essa interpretação. Também é importante considerarmos estruturas com *como assim* sob uma perspectiva diacrônica. Em especial, uma investigação comparativa com o português europeu pode dar pistas acerca da origem desse constituinte. Um outro desdobramento que julgamos interessante é descrever a sintaxe e a semântica das leituras *causal*, *de propósito*, e *elucidativa* em comparação com as propriedades apontadas para as interrogativas com *como assim* de incredulidade.

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD; Alexandra Yurievna. The essence of mirativity. In: KOPTJEVSKAJA-TAMM, M. (ed.). *Linguistic Typology*, De Gruyter, 2012. Pg. 435-485.

COLLINS, Chris. Why and how come. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 15, p. 31-45, 1991.

KATO, Mary Aizawa. & RIBEIRO, I. Cleft sentences from old Portuguese to Modern Brazilian Portuguese. In: DUFTER, Andreas; JACOB, Daniel. (ed.). *Focus and Background in Romance Languages*. 2009.

KRIFKA, M. Negated Polarity Questions as Speech act Denegations. Talk at SALT, 2012.

KO, Heejeong. Syntax of Why-in-situ: Merge Into [SPEC,CP] in the Overt Syntax. *Natural Language & Linguistic Theory* 23, volume 4, p. 868-916, 2005.

MIOTO, Carlos. As interrogações no português brasileiro e o critério-WH. *Letras de Hoje*, n. 96, p. 19-33, 1994.

_____. Sobre o sistema CP no português brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba, v. 56, 97-139, 2001.

_____. Focalização e quantificação. *Revista Letras*, Curitiba, v. 61, 169-189, 2003.

RIZZI, L. 1990. *Relativized minimality*. Cambridge, MA: MIT Press.

_____. Residual Verb SECOND and the Wh Criterion. In: BELLETTI, Adriana.; RIZZI, Luigi. (ed.). *Parameters and Functional Heads*. Oxford: Oxford University Press, 1996 [1991], p. 63-90.

_____. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN L. *Elements of Grammar: a handbook of generative syntax*. Kluwer: Dordrecht, 1997.

_____. On the Position of Interrogative in the Left Periphery of the Clause. In: CINQUE, G.;

_____. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. In: CHENG, Lisa; CORVER, Norbert. *Wh movement: moving on*. Cambridge: The MIT Press, 2006.

_____; BOCCI, Giuliano. The left periphery of the clause. In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. C. *Blackwell companion to Syntax*. 2017.

SHLONSKY, Ur; SOARE, Gabriela. Where's 'why'? In: GOBBO, F. D.; HOSHI, H. (ed.) *Linguistic Inquiry*, v. 42, n. 4, p. 651 – 669, 2011.

STEPANOV, Arthur; TSAI, Wei-Tien Dylan. 2008. Cartography and Licensing of wh- Adjuncts: A Cross-linguistic Perspective. *Natural Language and Linguistic Theory* 26: p. 589-638.

SOUSA, Raquel. *'Como assim' mirativo em PB: uma investigação cartográfica*. 2018. 66 f. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2018.

THORNTON, Rosalind. 2008. Why Continuity. *Natural Language and Linguistic Theory* 26: 107-146.

TSAI, Wei-Tien Dylan. 1999. The hows of why and the whys of how. *UCI Working Papers in Linguistics*, vol. 5, p. 155–184.

_____. Left periphery and how-why alternations. *Journal of East Asian Linguistics*. p. 83-115. 2008.

_____. 2015. *A Tale of Two Peripheries: Evidence from Chinese adverbials, light verbs, applicatives and object fronting*. In *The Cartography of Chinese Syntax*, Wei-Tien Dylan Tsai (ed.). New York: Oxford University Press, p. 1-32.

ZWICKY, Ann; ZWICKY, Arnold. How come and what for. In: ELIOT, D. (Ed.). *Working papers in linguistics*. Ohio State University: n. 8, p. 923-933, 1973.

PATH E ILHA SEMÂNTICA; PLACE E CONDIÇÃO DE REFERENCIALIDADE
PATH AND SEMANTIC ISLAND; PLACE AND CONDITION OF REFERENTIALITY

Teresa Cristina Wachowicz¹

RESUMO

Este trabalho faz um recorte teórico: o comportamento de traços PATH e PLACE, em fenômenos do português brasileiro (PB) em que a posição de sujeito é preenchida por outro constituinte, que não o agente. Dados como *João temperou a carne > A carne temperou* opõem-se aos de tipo *João atravessou a rua > ?A rua atravessou*. No segundo caso, PATH, dado pela extensão de *a rua*, contribui para o significado temporal do evento *atravessar*; e isso causa restrição. Quanto ao traço PLACE, observamos maior licenciamento quando ele se realiza: *Firmino entrou a bola no gol* e *Ele correu os meninos da sala*. Mesmo em sentenças em que não há sujeito agente implícito, este traço parece favorecer a interpretação: *Maria secou a roupa no varal > O varal secou a roupa*. Os fenômenos, tradicionalmente conhecidos como “alternância causativa”, “causativização de intransitivos” e “inversão locativa” já foram amplamente discutidos (NAVES; LUNGUINHO, 2013; CANÇADO; AMARAL, 2010; NEGRÃO; VIOTTI, 2011). Mas nossa intenção é adotar uma alternativa teórica que generalize os diferentes tratamentos, recorrendo à Nanossintaxe (STARKE, 2009; RAMCHAND, 2008, 2017; RAMCHAND; SVENONIOUS, 2014; PANTCHEVA, 2009, 2011; CAHA, 2009; e no PB, FERREIRA, 2017, PIRES, 2016). Dados de produção e compreensão de crianças em fase de aquisição do PB corroboram as hipóteses de que PATH é restrição para movimentos, ao passo que PLACE licencia mais fenômenos.

Palavras-chave: nanossintaxe; primitivos semânticos; aquisição de língua materna.

1 *Professora Associada do Departamento de Linguística e Literatura, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email: tecacw@gmail.com

ABSTRACT

This paper has a theoretic object: the behavior of PATH and PLACE semantic features in Brazilian Portuguese (PB) in sentences where the subject position is fulfilled by non-agent constituents. Alternations like *João temperou a carne > A carne temperou (John seasoned the meat>The meat seasoned)* are contrasted by *João atravessou a rua > ?A rua atravessou (John crossed the street> ? The street crossed)*. In the later example, PATH, maintained by the street extension, contributes to temporal development of the *crossing* event; and this is a semantic constraint. PLACE, on the other hand, allows for more readings: *Firmino entrou a bola no gol* and *Ele correu os meninos da sala (Firmino entered the ball into the goal and He ran the boys out of the room)*. Even in non-explicit agent sentences, this feature facilitates interpretation: *Maria secou a roupa no varal > O varal secou a roupa (Mary dried dresses at the clothes-line > The clothes-line dried the dresses)*. These phenomena are traditionally called ‘causative alternation’, ‘causativization of intransitives’ and ‘locative inversion’, and have been widely investigated (NAVES; LUNGUINHO, 2013; CANÇADO; AMARAL, 2010; NEGRÃO; VIOTTI, 2011). But our aim is to choose an alternative theory that could give us a generalized approach, as in the nanosyntax approach (STARKE, 2009; RAMCHAND, 2008, 2017; RAMCHAND; SVENONIOUS, 2014; PANTCHEVA, 2009, 2011; CAHA, 2009; and at PB, FERREIRA, 2017, PIRES, 2016). Production and comprehension data from PB acquisition corroborate the hypothesis that PATH is a constraint, and PLACE is a collaborative feature for movements.

Keywords: nanosyntax; semantic primitives; first language acquisition.

1. Introdução

A linguística do português brasileiro (PB) já há anos vem evidenciando um fenômeno intrigante, em que a posição de sujeito é preenchida por outro constituinte da sentença, que não o sujeito proto-agente, termo proposto por Dowty (1991). Mas há restrições, especialmente do ponto de vista de outros vetores semânticos.

Em estruturas transitivas, em que há um sujeito agente e um objeto paciente, envolvidos numa relação de causa, acontece o fenômeno da alternância causativa, tomando-se aqui “alternância” como inversão de posição de argumentos na estrutura (LEVIN & RAPPAPORT, 2006):

- (1) João cozinhou o macarrão > O macarrão cozinhou.

Mas esse comportamento não é homogêneo. Com objetos que denotam a trajetória do evento

(PATH)², a aceitabilidade não é tranquila. Em (2a), o tempo do evento depende da extensão da rua; em (2b), depende do tamanho da bola. Essa é a definição intuitiva de PATH:

- (2) a. Maria atravessou a rua > ? A rua atravessou.
b. Irineu desenhou a bola > ? A bola desenhou.

Há, no entanto, expressões “facilitadoras” dessas inversões causativas, que envolvem desde o tempo e aspecto verbais, advérbios até sentenças relativas (LUNGUINHO, 2017):

- (3) a. O macarrão cozinhou > O macarrão que eu trouxe do super já tá cozinhando.
b. A BR atravessou muito peão > Essa parte da BR que tá em frente da Bosch já atravessou muito peão hoje pela manhã. E a passarela, uns 500m daqui...
c. A bola desenhou > A bola da Flavinha desenhou certinho, sem nenhum risco pra fora!

Para além das ginásticas pela aceitabilidade, encontram-se outros dados reais em que as estruturas são intuitivamente enunciadas:

- (4) a. Esse prédio ta construindo desde que vendeu o terreno onde era a casa do vovô. (NEGRÃO; VIOTTI, 2010)
b. Se eu tivesse mandado o trabalho pro congresso, eles tinham me colocado na mesa que esse assunto tava tratando. (NEGRÃO; VIOTTI, 2011)

Uma orientação decomposicionista e projecionista toma o item lexical do verbo como organizador das novas estruturas argumentais. Um verbo como *cozinhar*, em (1), tem duas entradas: [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME]] e ([X] CAUSE) [Y BECOME] (CANÇADO; AMARAL, 2010). O problema é que, em ambos, há acarretamento de que houve um agente (DOWTY, 1991). A questão que se põe é se há como unificar as entradas, resultando numa teoria que seja menos lexicalmente estruturado do ponto de vista explicativo.

Na tradição gerativa do PB, há inúmeras releituras de hipóteses originais em Pontes (1987), que caracteriza o PB como uma língua orientada para tópico-sujeito, como analisa Galves (1998) em sentenças como *Carpete de madeira não encera* e *A cueca de dinossauros do Calvin está lavando*. De outro lado, o português europeu (PE) revela-se uma língua orientada ao sujeito, com construções alternativas, como a voz média (através do clítico *se*) e a voz passiva: *Carpete de madeira não se encera* e *A cueca de dinossauros do Calvin está a ser lavada* (p. 20). Outra tese inaugural, de Whitaker-Franchi (1989), defende que o PB tende à ergativização, um fenômeno sintático em que

2 Seguindo a literatura basilar de traços semânticos conceituais (JACKENDOFF, 1990, 2012), adotamos sua notação em caixa alta: PATH, PLACE, ANIMATE, COUNT, etc.

“o sujeito gramatical do verbo intransitivo corresponde ao objeto direto do verbo transitivo (e daí o termo “ergativo”)” (p. 25): *Os motoqueiros assustaram a vizinhança > A vizinhança assustou*. Negrão & Viotti (2011) acrescentam à discussão um fator cognitivista (LANGACKER, 1993), segundo o qual a língua estaria historicamente condicionada a um novo modo de conceptualização de mundo através da ergativização. Mas a questão que se levanta aqui vai no olhar de direção oposta: para dentro das unidades semânticas mais refinadas. Onde fica composicionalmente o traço PATH, potencialmente restritivo? E onde fica a justificativa dos “facilitadores”?

Scher & Bassani (2006) postulam o traço \pm TÉLICO das classes aspectuais dos verbos *accomplishments* e *achievements* (VENDLER, 1967, DOWTY, 1979) como condicionador à alternância; e Naves & Lunguinho (2013) acrescentam a associação desse traço ao de \pm MUDANÇA DE ESTADO, atribuído ao complemento de predicados que alternam. No entanto, as perguntas derivam na mesma tendência do olhar composicional: Onde estariam os traços relevantes? Como tratar suas diferentes situações sintáticas?

Outro fenômeno de criatividade linguística (FRANCHI, 2006), em que as estruturas são reformuladas intuitivamente pelo falante, é a causativização de intransitivos - inergativos e inacusativos (FERREIRA, 2017). Aqui, um causador é introduzido na sentença, atribuindo-lhe uma interpretação de causação indireta, em que o agente age sobre outro sujeito que desempenha o evento:

- (5) a. João correu os meninos.
b. Maria nasceu o bebê.

Os facilitadores também ajudam:

- (6) a. João correu ontem os atletas no parque, e não nas esteiras da academia.
b. Maria nasceu o bebê na casa dela mesmo, pois não deu tempo nem de chamar alguém para levar o pessoal pro hospital.

Diferentemente da alternância causativa discutida acima, a causativização de intransitivos não alterna a posição de argumentos, mas sim introduz mais um argumento. Longe de ser um fenômeno histórico só do PB, aparece com frequência significativa em outras línguas, inclusive em dados de criança:

- (7) Tommy fall Stevie truck down (S, 2;2) (BOWERMAN, 1982, *apud* PINKER, 1989, p. 23)

Do ponto de vista da semântica decomposicionista – com tradição na semântica gerativa –, em que o significado do verbo pode ser traduzido por informações menores, Levin & Rappaport-Hovav

(2006) introduzem os primitivos conceituais de ‘causa externa’ e ‘causa interna’. Os eventos de causa externa são tipicamente os de mudança de estado, com verbos como quebrar, abrir e esfriar; já os de causa interna, que não pressupõe um agente externo, são do tipo dançar e cantar. A classificação de Levin & Rappaport-Hovav é estritamente conceitual, ao passo que os termos *inergativo* e *inacusativo* têm motivações exclusivamente sintáticas. Não há como aproximar essas duas orientações. Mas, de pronto, podemos dizer que eles são produtivos em alternâncias, especialmente em dados infantis do PB:

- (8) a. Me corre! (B, 3;3); Me dorme! (Au, 1;11)
b. Eu corri a perna atrás do mano e me machuquei. (B, 3;7.11)
c. Ganha quando você chega as quatro peças no meio do ludo. (M, 6;11.2)³

A causativização de intransitivos parece denotar eventos concretos; são sentenças que descrevem eventos referenciados, com valor de verdade, ou com extensão no mundo em situações ostensivamente indicadas. Há, repetidamente, implícita ou não, uma informação de PLACE, que facilita a interpretação (*atrás do mano, no meio do ludo*). Mas as leituras dependem essencialmente da causa expressa pelo verbo? As informações conceituais do verbo não estariam adaptadas pelas condições referenciais da sentença, nomeadamente pela interpretação de PLACE?

Uma terceira evidência da tendência de generalização de causa diz respeito às estruturas transitivas com complemento preposicionado locativo, que passa a ocupar a posição de sujeito:

- (9) a. Eu suei na fronha a noite inteira > Minha fronha suou a noite inteira.
b. A Nair temperou o peixe na mesa e ficou tudo sujo > A mesa temperou o peixe ontem e ficou suja.

Em (9), temos versões da estrutura tópico-sujeito do PB, igualmente ilustrada por Galves (1998) em sentenças do tipo *Bate sol nessa casa > Essa casa bate sol*, e generalizada para ocorrências de sujeito com genitivo, como em *O relógio quebrou o ponteiro*. No entanto, são os locativos invertidos para posição de sujeito que licenciam, inclusive, sentenças interpretadas como impessoais:

- (10) Essa loja aceita cartão. (CARVALHO, 2016)

As questões provocadas pelas sentenças acima trazem informações de PATH e PLACE vindas de outros lugares, que não o verbo, ora para restringir, ora para licenciar três tipos de fenômenos que envolvem movimentos de causação: a alternância causativa, a causativização de intransitivos e a inversão locativa.

3 Dados do projeto de pesquisa institucional de 2007-2012 – Construção de base de dados longitudinais para a aquisição de tempo e aspecto no PB/UFPR.

A seção 2 apresentará uma teoria potencialmente generalizadora para os eventos de causação, locada na Nanossintaxe, cujos preceitos estão em Starke (2009), e diferentes aplicações em Ramchand (2008, 2017), Pantcheva (2009), Caha (2009), Svenonious & Ramchand (2014), dentre outros. Na seção 3, discutiremos dados de experimentos em aquisição, em que se evidenciam 1) restrição de PATH para alternâncias causativas, configurando-a como uma ‘ilha semântica’, porque contém incrementabilidade (KRIFKA, 1992, 1998), e 2) licenciamento de inversões com leituras locativas pela condição de âncora do argumento PLACE, o mais baixo de sentenças com condições de referencialidade proeminentes (CAHA, 2009; FERREIRA, 2017). Isso configura, junto a outros facilitadores locativos, a ‘condição de referencialidade’.

2. Por uma generalização teórica: a Nanossintaxe

A semântica conceitual, na linha de Gruber (1962) e Jackendoff (1990, 2012), prevê um módulo gramatical, pré-lexical, que estrutura as diferentes entradas lexicais. E isso valeria para todas as línguas. No processo de criação de sentenças, a língua atuaria do componente mental à estrutura sintática. No meio do caminho: um módulo conceitual que organiza as informações cognitivas ao formato de decodificação de significados, com orientação projecionista: REPRESENTAÇÃO MENTAL → ESTRUTURA CONCEITUAL → SINTAXE. No preceito conceitual: “Sentenças que se parafraseiam devem ter a mesma estrutura pré-lexical... que expressaria o conjunto total de possibilidades”⁴ (GRUBER, 1962, p. 7)

Nesse sentido, os casos de alternância causativa, causativização e inversão locativa derivam de constituintes conceituais, ou categorias ontológicas básicas –THING, EVENT, STATE, ACTION, PLACE, PATH, MANNER e QUANTITY – submetidas a funções que as relacionam, formando constituintes: GO, ACT, HAVE, BE (JACKENDOFF, 1990). Pinker (1989, p. 208) ainda prevê propriedades básicas da cognição que interagem com essas categorias para estruturar o que for relevante para a gramática: massivo x contável, humano x não-humano, etc.

No PB, o fenômeno da causativização de inergativos, por exemplo, após a estruturação do léxico acima, gera itens lexicais diferentes: *A bola rolou₁ no campo* e *João rolou₂ a bola no campo* (RAMMÉ, 2012):

Rolar₁ : EVENTO → [_{EVENT} GO (THING, PLACE [_{in} THING] , MANNER]

4 “Sentences which paraphrase each other may have the same pre lexical structure... that would express the total range of possibilities.” (As traduções neste trabalho são todas nossas.)

Rolar₂ : EVENTO → [_{EVENT} ACT (THING, EVENT [GO (THING, PLACE [_{in} THING] , MANNER]

Cada item lexical entra na sintaxe já com todas as informações estruturadas. O verbo *rolar*, ambíguo, precisa de duas entradas. No entanto, do ponto de vista da combinação com a sintaxe, seu conteúdo semântico torna-se muito pesado e sua estrutura em nada conversa com a sintaxe via *spell-out*.

Em um caminho oposto, outras teorias semânticas preveem a mesma entrada lexical, mas que sofre operações sintáticas após a inserção lexical. Wunderlich (2011), por exemplo, defende que o sujeito do evento é o elemento da derivação que justifica diferentes leituras ao verbo: “Uma questão ainda em aberto é por que as línguas exibem todas essas operações. A resposta mais plausível é que qualquer participante de um evento deveria ter a chance de ser expressado como o argumento mais proeminente.”⁵(WUNDERLICH, 2011, p. 6). Nas operações em que o verbo sofre redução do argumento externo, há um operador que apaga esse argumento através de um quantificador existencial para a estrutura seguir na derivação. O autor generaliza a operação na notação **PASS**, que também daria conta de antipassivas, reflexivas... e talvez de nossos dados de alternância causativa e locativa:

$$\text{PASS } [...\lambda x \text{ VERB } (x,...)] = \exists x \text{ VERB } (x,...)$$

Por outro lado, operações que acrescentam não só o argumento externo mas potencialmente um interno introduzem mais um elemento na estrutura, incluindo sua decorrente relação de causa. Na notação mnemônica, o operador **CAUS** daria conta de resultativos, da causação de línguas ergativas, como o basco, e de nossos fenômenos de causativização de intransitivos:

$$\text{CAUS } [\lambda e' \text{ VERB } (...)(e')] = \lambda x. \lambda e \{ \text{ACT}(x) \ \&_{\text{CAUSE}} \ \exists e' \text{ VERB } (...)(e') \}(e)$$

No entanto, aqui, é a sintaxe acima do evento que fica onerada de operadores. Então, parece haver uma dupla tensão. Entre léxico e sintaxe, na semântica conceitual o léxico fica pesado, sem isomorfia estrutural com a sintaxe; na semântica de operadores lógicos, o léxico esvazia-se, e o significado vai depender de arranjos semânticos na sintaxe. Nas duas opções, temos um problema de sobrecarga do sistema formal.

Na Nanossintaxe, o item lexical já vem com uma estrutura sintática, compartilhada e amalgamada à sintaxe da sentença. Nesse sentido, não há mais razão para separar os módulos da sintaxe e do léxico, pois ambos têm o mesmo comportamento, ou obedecem aos mesmos princípios.

5 “A still open question is why languages have all these operations. The most plausible answer is that every participant of an event should get the chance to be expressed as the most prominent argument.”

Melhor ainda, ambos respondem a um preceito cognitivista da recursividade, que na sintaxe gerativa traduz-se por Merge, e na semântica formal, por lambda (λ) (KRIVINE, 2018).

No que foi exposto acima, a Nanossintaxe associa semântica, sintaxe e cognição na mesma estrutura - recursiva, binária, derivacional. E é o léxico que fará esse elo inicial na estruturação da sentença. A generalização que pretendemos com nossos dados parte daqui. Mas, para chegar a eles, precisamos percorrer os princípios gerais da teoria, expostos em programa teórico de Starke (2009).

Se o léxico tem estrutura, ele **não é uma unidade indivisível**, contrariando uma visão sintática tradicional de que o léxico é um conjunto de itens que preenchem nós terminais da estrutura. Por outro lado, isso responde a um preceito cartográfico de multiplicação de nós (CINQUE, 1999), o que não precisa configurar problema, já que, se a cognição vem sustentar a linguagem, é porque ela tem estrutura lambda potencialmente infinita.

Com o olhar à subestrutura (daí o nome ‘nanossintaxe’), tanto morfemas quanto palavras ou sintagmas terão suas especificidades sintático-semânticas e fonológicas. Um item lexical então vem para entrar na sintaxe com três informações: o conteúdo fonológico, o conteúdo sintático e a informação conceitual, ficando no formato **<informação fonológica, árvore sintática, informação conceitual>**. Os traços semânticos que comentamos acima – PATH e PLACE – estão na estrutura sintática. A informação conceitual, por sua vez, faz parte da herança enciclopédica e conhecimento de mundo que o item carrega. A grosso modo, podemos associar os traços semânticos da estrutura à noção de *Sentido*, de Frege (2009), ao passo que a informação conceitual estaria associada à noção de *Conceito* (JACKENDOFF, 1990). Para Frege, o significado, então, não é só referência; ele carrega seu sentido e o conjunto de predicados conceituais que são atribuídos aos indivíduos. A diferença entre sentido e conceito é pertinente aqui, à medida que a literatura dissocia a semântica relevante à gramática e a semântica de variações culturais, que não interfere na gramática. Em pares: Hipótese de representação conceitual irrestrita \neq Hipótese do subsistema gramaticalmente relevante (PINKER, 1989); ‘semantic form’ \neq ‘semantic content’ (WUNDERLICH, 1997); ‘semantic structure’ \neq ‘conceptual structure’ (SAEED, 2003).

Dados os pressupostos teóricos, deriva uma primeira pergunta: como acontece a formação da sentença com esse léxico estruturado? De primeiro momento, a inserção lexical acontece por um mecanismo de **compartilhamento (matching)** entre o item e a sintaxe. Mas nem sempre um item é do mesmo tamanho da estrutura requerida pela frase. Ele pode ser maior ou igual, pode sobrar informação, que fica pressuposta na hierarquia funcional (*f-seq*). Logo, por princípio de superconjunto,

pode sobrar informação, sempre em nós de cima, nomeada como lixo minimizado (**minimise junk**). Quando houver competição entre dois itens lexicais a ocupar uma posição na estrutura, ganha o item que compartilhar o maior número de traços, com menos lixo, em relação à posição sintática em que vai entrar. Um dado infantil para ilustrar o processo:

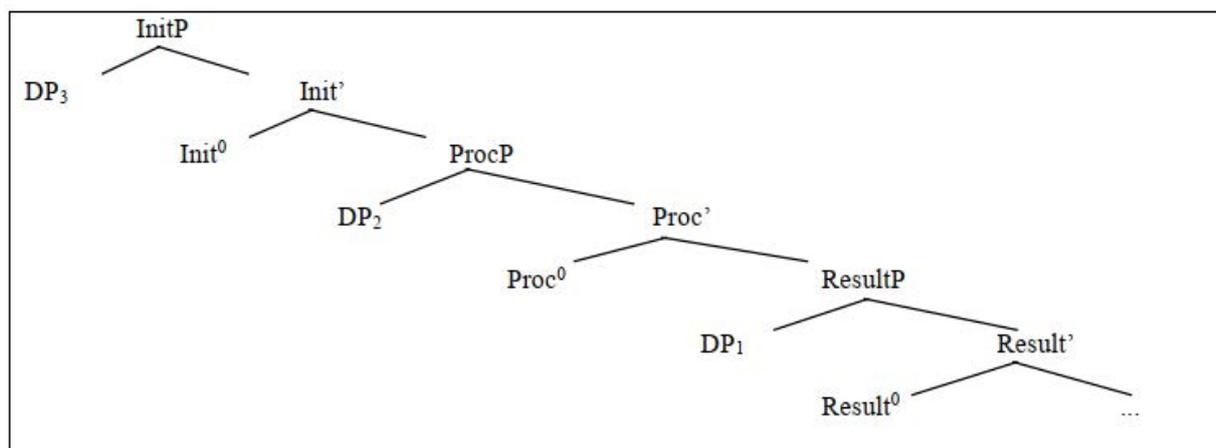
(11) Me roupa! (Au, 2;0)

Na gramática da criança, entra um item lexical nominal no lugar da estrutura transitiva. Segundo Pinker (1989), isso acontece por dois fatores: a) generalização de estruturas ouvidas e b) léxico ainda não formado (p. 292). Em direção à gramática do adulto, *veste* ganha, pelo mecanismo de compartilhamento (matching), pois tem a estrutura verbal, sem lixo, com a posição em que vai entrar: *Me veste!*

Logo, os três princípios acima (compartilhamento, lixo minimizado e lexicalização cíclica) formam o conteúdo básico para explicar o que, em termos genéricos, nomeamos como ‘lexicalização’, ‘codificação’ ou ‘inserção lexical’.

Vamos aos nossos verbos. Entre *João cozinhou o macarrão* e *O macarrão cozinhou*, o item *cozinhar*, por compartilhamento, combina com a estrutura transitiva da sentença. Mas pode sobrar algum pedaço da estrutura também, que por hierarquia funcional (f-seq) deixa-o para cima: são os nós de cima que podem ser ignorados. Logo, *cozinhar* pode lexicalizar as duas estruturas.

Ramchand (2008) representa as subestruturas verbais pelos arranjos de três nós: InitP, ProcP e ResP, na seguinte árvore genérica:



Estrutura X' de primitivos semânticos passíveis de lexicalização em verbos, segundo Ramchand (2008), p. 39.

Olhando de baixo para cima, na derivação *bottom-up*, os nós passíveis de lexicalização pelos verbos são assim semanticamente definidos (p. 45):

ResultP (de ‘resultado’) descreve um estado experienciado pelo sujeito DP_1 :

$$\llbracket \text{res} \rrbracket = \lambda P. \lambda x. \lambda e. [P(e) \wedge \text{res}'(e) \wedge \text{state}(e) \wedge \text{subject}(x, e)]$$

ProcP (de ‘processo’) descreve um processo entre um evento e_1 e um e_2 . O sujeito desse processo (DP_2) é quem vive a ação (*undergoer*). Se o item verbal codificar também ResP, então $DP_2 = DP_1$, pois sofrerá o processo do verbo e trará um estado resultante:

$$\llbracket \text{proc} \rrbracket = \lambda P. \lambda x. \lambda e. \exists e_1, e_2. [P(e_2) \wedge \text{proc}'(e_1) \wedge \text{process}(e_1) \wedge e = (e_1 \rightarrow e_2) \wedge \text{subject}(x, e_1)]$$

InitP (de ‘iniciador’) descreve um estado inicial experienciado pelo sujeito DP_3 , tomado como causa de um processo que acaba no estado resultante. Se o item verbal codificar toda a estrutura, DP_3 não será igual ao sujeito de procP e de resultP:

$$\llbracket \text{init} \rrbracket = \lambda P. \lambda x. \lambda e. \exists e_1, e_2. [P(e_2) \wedge \text{init}'(e_1) \wedge \text{state}(e_1) \wedge e = (e_1 \rightarrow e_2) \wedge \text{subject}(x, e_1)]$$

A ‘causa’ prevista na definição intuitiva de InitP entra formalmente na definição da relação entre e_1 e e_2 :

$e = e_1 \rightarrow e_2$: e consiste de dois subeventos, e_1 e e_2 tais que e_1 implica **causalmente** e_2 . (Hale; Keyser, 1993, *apud* Ramchand, 2008, p. 44)

Nesse sentido, em *João cozinhou o macarrão*, o verbo lexicaliza os três nós da estrutura acima, uma classe natural de verbos que codifica [InitP, ProcP, ResP], que traduz uma estrutura transitiva prevista na gramática da língua.

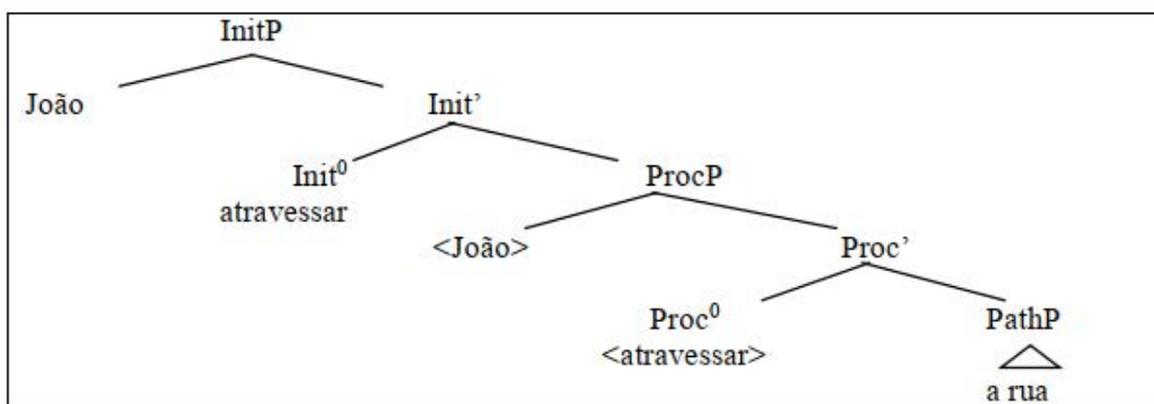
Em *O macarrão cozinhou*, o verbo lexicaliza uma classe natural de intransitivos [ProcP, ResultP], pois compartilha uma estrutura intransitiva igualmente prevista na língua. Além disso, deixou subassociado o nó InitP, que no caso, torna-se o lixo minimizado.

Com os nós carregados da semântica de causa, processo e resultado, a estrutura acima parece generalizar informações temáticas e aspectuais. Tanto aspecto lexical quanto papel temático tornam-se primitivos semânticos com lugares sintáticos. Partindo-se para os conceitos, se e_1 leva a e_2 , isso pressupõe um tempo interno ao verbo, o que Vendler chamou de “a maneira particular com a qual o verbo pressupõe e envolve a noção de tempo”⁶, encerrando assim a definição de ‘aspecto lexical’ (VENDLER, 1967, p. 21).

6 “... the particular way in which that verb presupposes and involves the notion of time”

No entanto, quando há restrição do tipo ?A rua atravessou, precisamos de mais um primitivo. Primeiro, em *Maria atravessou a rua*, o verbo não pode lexicalizar [ProcP, ResultP], pois a rua não sofre nenhuma ação, nem tem um estado resultante de um processo. Ele lexicaliza apenas InitP e ProcP na estrutura de Ramchand. Mas há um complemento que dá a trajetória do evento.

Ramchand, nesse sentido, amplia o conteúdo de XP (indicado abaixo de resP na figura acima) para o que chamou de “material remático” (p. 46, 111), que entra como complemento de qualquer um dos nós verbais. Ele seria lexicalizado por expressões preposicionadas ou não, que explicam, na prova da autora, comportamentos de resultativos, *small clauses*, partículas e informações de localização do movimento: sua trajetória, rota, alvo, lugar (PATH, ROUTE, GOAL, PLACE). Nosso dado de *rua* é PATH. Portanto, *atravessar* lexicaliza [InitP, ProcP, PathP] (p. 73):



Estrutura do verbo *atravessar*, que lexicalizou em *João atravessou a rua*

É aqui que entra a restrição. O complemento Path é incremental e associa-se ao tempo do evento de *atravessar*, que está estritamente ligado à extensão física do objeto, por uma relação homomórfica (Krifka, 1992, 1998). A relação incremental é estrita porque o homomorfismo tempo-espaco vale para quaisquer subtempos e subpartes espaciais. Nisso, tempo e espaco estão fortemente associados por cumulatividade (Krifka, 1998, p. 219):

A relação θ é incremental sse:

houver um relação estrita θ' ;

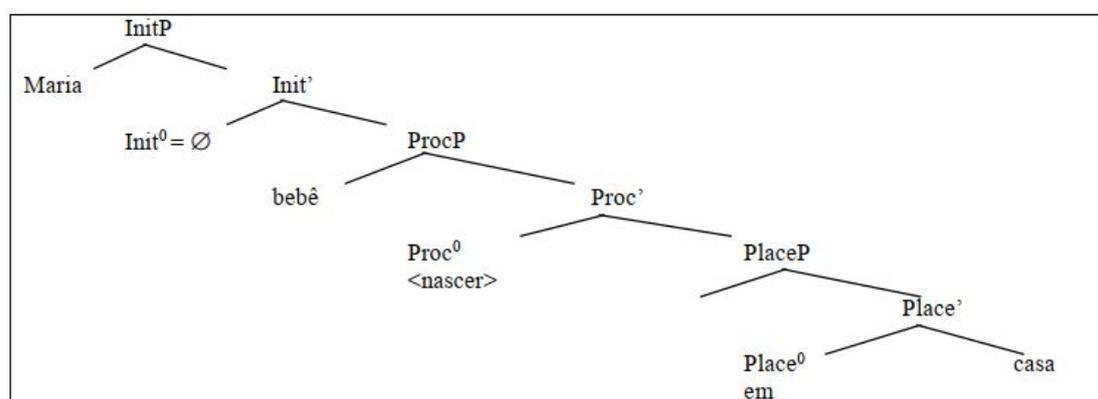
θ é a menor relação que contém θ' e está sob uma relação de soma:

$$\theta' \subseteq \theta \text{ e } \forall x,y \forall e,e' \in E_U [\theta(x,e) \wedge \theta(y,e') \rightarrow \theta(x \oplus y, e \oplus e')]$$

Em prosa intuitiva, qualquer relação θ entre o objeto e o evento será a mesma para as somas entre esses objetos e esses eventos. Logo, há um mapeamento espaço-tempo organizado por cumulatividade. Não dá para quebrar e prever deslocamentos do complemento porque ele está associado ao tempo. Isso é condição de verdade da sentença.

Ross (1967) esboça contextos sintáticos que limitam movimento de sintagmas WH, no âmbito da Gramática Gerativa Transformacional (GGT), chamando-os de “ilhas sintáticas”. Em motivação para a paráfrase, a incrementabilidade seria em nosso contexto nomeado como **ilha semântica**, pois não se extrai o objeto que tem relação incremental estrita com o tempo. Observe-se que os eventos de ‘O macarrão cozinhar’ e ‘Essa casa bater sol’ não dependem da relação incremental para serem interpretados: não é a extensão do macarrão nem a extensão da casa que vão dizer sobre o tempo de duração do evento. O falante intui isso⁷.

Quanto à causativização de intransitivos, Ferreira (2016, 2017), no aparato da Nanossintaxe, sinaliza para o facilitador PLACE para representar o licenciamento de sentenças do tipo “*Joana subiu os copos* e ^{OK} *Joana subiu os copos pra prateleira de cima* (p. 154), em que o verbo lexicaliza um complemento de lugar. A primeira sentença seria ruim porque PLACE fica subassociado na estrutura preposicional, ao passo que, com a realização de PLACE (*pra prateleira de cima*), a segunda sentença fica boa. Caha (2009) prediz, por Condição de Âncora, que o argumento mais baixo de uma estrutura lexicalizável é interpretável, mesmo que não pronunciado e/ou implicado pelo contexto. Nesse sentido, o argumento mais baixo é o menos ‘ignorável’. Para a causativização de intransitivos, Ramchand (2008, p. 86) propõe uma estrutura com o núcleo de InitP vazio (InitP = \emptyset), o qual pode ser lexicalizado, nos casos em que há interpretação de causação indireta. Em uma sentença como *Maria nasceu o bebê em casa*, o verbo lexicaliza [InitP, ProcP, PlaceP]:



Estrutura do verbo *nascer*, lexicalizado em *Maria nasceu o bebê em casa*.

7 No PB, Pires (2016) trata da inversão locativa no PB partindo das estruturas tópico-locativas e chegando às alternativas de Ramchand (2008). Rammé (2017) explora a estrutura preposicional para analisar a história das preposições locativas no PB: em reanálise, as preposições lexicalizam pedaços de nós diferentes (PANTCHEVA, 2009).

O fenômeno responde de certo modo ao preceito localístico, atribuído a Gruber (1962), em que as sentenças básicas são aquelas que prevêm (em termos da semântica cognitiva) um *movimento* de uma *figura* a um *fundo* num *espaço* concreto, em que se desencadeia uma relação de *causa* (TALMY, 2001). Jackendoff (2012, p. 122) propõe que as sentenças genéricas e abstratas ('nonspatial') derivam dessas, ou seja, elas obedecem a estruturas algébricas paralelamente semelhantes.

Mas ao lado de um complemento PLACE, co-atuam outras expressões facilitadoras, como demonstrativos ((12a e b), pois têm efeito dêitico), relativas ((12c), pois restringem um conjunto de indivíduos a um conjunto específico), descrições definidas ((12d), pois, aqui, especifica a relação de posse, que especifica *a bola*), etc. Negrão e Viotti (2010) nomeiam a pressuposição de um sujeito agente como "força indutora" da causação. Do ponto de vista semântico, essas expressões são consideradas como 'referenciais', ou seja, participam da referência de indivíduos concretos e específicos no mundo: são factuais, e obedecem a uma modalidade do 'realis'. De alguma forma são ostensivamente identificadas no mundo real previsto pelos falantes:

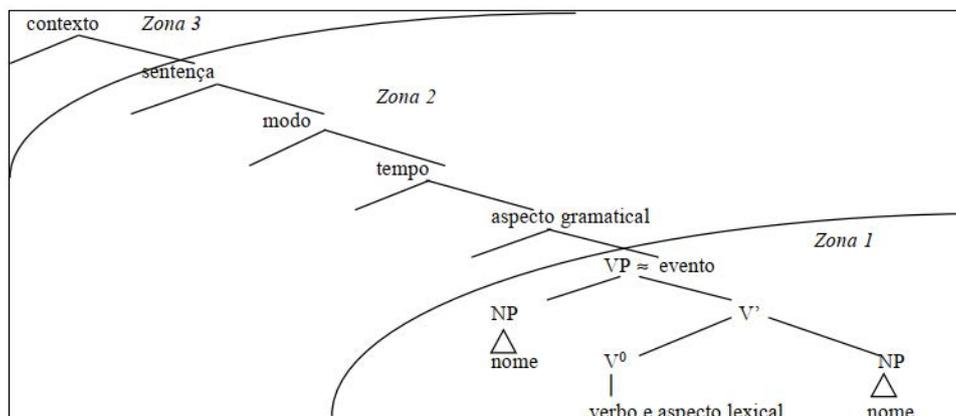
- (12) a. Esse prédio ta construindo desde que vendeu o terreno onde era a casa do vovô (NEGRÃO & VIOTTI, 2010).
 b. Essa loja aceita cartão (CARVALHO, 2016).
 c. A música que eu gosto tocou no rádio hoje pela manhã (REZENDE, 2016, p. 97)⁸.
 d. A bola da Flavinha desenhou certinho, sem nenhum risco pra fora.

Logo, se Ferreira (2017) atribui ao argumento realizado PLACE a facilidade de causativização de intransitivos, se as sentenças acima exibem invariavelmente algum índice que contribui para a referencialidade da sentença, temos mais uma pista para outra generalização. Os índices contribuem composicionalmente para a existência de um evento concreto, localístico, que encerra uma quantificação existencial $\exists e$.

Há, de fato, etapas diferentes da derivação. Na primeira etapa, configuram-se as condições de referencialidade, através de índices presentes tanto nos DPs sujeitos e complementos dos nós verbais, como nos advérbios circunstanciais de tempo e lugar. PLACE ganha mobilidade porque é o último constituinte potencialmente complemento de qualquer conjunto de nós lexicalizados, por Condição de Âncora. Na segunda etapa, das operações sintáticas, o evento descrito na primeira etapa

⁸ Rezende (2016) desenvolve um experimento de aceitabilidade de sentenças absolutas (ergativas) em crianças falantes do PB, em dois grupos: de 4;0 a 4;11, e de 5;0 a 6;3. Nos resultados, os adultos rejeitam bem mais do que as crianças mais jovens. Suas sentenças, invariavelmente, continham índices de referencialidade, se não de LUGAR, de instrumento ou substância: *O chão limpou perto da porta, O jardim destruiu do lado da árvore, A casinha construiu com tijolo marrom, A cerca pintou com tinta vermelha*, etc. (p. 105).

é instanciado no aspecto, tempo e modalidade. A terceira etapa concentra as operações de motivação pragmática: as estruturas de tópico, foco e os nós relativos aos elementos do ato de fala (HILL, 2015). Ao subir, na derivação, o evento parte para $\exists e$. Ramchand & Svenonious (2014) e Ramchand (2017) propõem a derivação dividida em três ‘zonas’:



As zonas da derivação, em Ramchand & Svenonious (2014), p. 15,21.⁹

Em mais uma paráfrase, se a semântica referencial trata das “condições de verdade” das sentenças, e não da ontologia do modelo de mundo (BASSO, 2013), que pode alargar condições pragmáticas, os índices de referencialidade acima poderiam constituir as **condições de referencialidade**, de que partem muitos vetores de análise.

Se há traços que restringem e outros que facilitam os fenômenos de alternância e causativização analisados acima, torna-se interessante a realização de investigação empírica. É o que esboçaremos através de dados infantis.

3. A análise dos dados infantis

Em experimentos realizados no âmbito dos projetos de pesquisa focados na aquisição de categorias semânticas do PB¹⁰, resgataremos aqui dois deles¹¹, que trouxeram dados significativos para o que nomeamos acima como “ilha semântica” da trajetória e “condições de referencialidade”

9 VonFintel & Mathewson (2008) também dividem a estrutura derivacional em três ‘blocos’ semelhantes aos de Ramchand & Svenonious (2014), sugerindo que os universais semânticos têm esses três *loci* para verificações translinguísticas: o inventário lexical, concentrando-se no evento; os operadores composicionais de significado no bloco intermediário; os mecanismos pragmáticos (p. 140)

10 Os projetos de pesquisa resgatados aqui e envolvidos na aquisição de categorias semânticas do PB, além de 2007-2011, têm os seguintes títulos: Primitivos semânticos e aquisição de estrutura argumental no PB (2012-2016) e Causação e telicidade em dados de aquisição do português brasileiro (PB) (2019-atual).

11 Os projetos para a realização dos experimentos foram aprovados pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Paraná (CAAE 87550418.6.0000.0102. Número do parecer: 2.675.186).

das expressões espaciais: o primeiro, com o objetivo de checar alternância causativa; e segundo, de checar preenchimento da posição de sujeito com elementos de PathP.

Para observar as produções de alternâncias causativas, a metodologia experimental utilizada foi a de produção eliciada (“elicited production task”) (CRAIN; THORTON, 1998) em 74 crianças na faixa entre 3 e 9 anos, em uma escola particular da cidade de Curitiba, no ano de 2010. O mesmo experimento foi realizado junto a 10 (dez) adultos. Optamos por provocar contextos com os eventos de *quebrar a bolinha*, *ler o livro*, *atravessar a rua* e *desenhar o círculo*; com exceção do primeiro, os três outros têm tema incremental (PATH). As crianças e adultos assistiram a vídeos, e a entrevistadora perguntava: “O que aconteceu com a bolinha”, “O que aconteceu com o livro?”, e assim por diante.

Nesse sentido, a variável independente do experimento, controlada pela pesquisa, é o traço PATH, ao passo que a dependente é a própria estrutura de alternância. Partimos da hipótese inicial de que PATH restringe alternância causativa, assumindo a hipótese nula de que a alternância aconteceria independentemente dos traços semânticos dos verbos.

Optamos neste experimento por imagens gravadas por acreditarmos serem mais fiéis à percepção visual da criança sobre o mundo. Imagens em desenho ou animação contêm usualmente o apelo ao imaginário, além de serem, usualmente, confusas. Com desenhos, a criança ganha uma dificuldade perceptual a mais: passar a interpretação de seu mundo ordinário ao mundo da imaginação (JACKENDOFF, 1990).

No evento de *quebrar a bolinha*, o sujeito agente era +ANIMADO e o objeto afetado era – ANIMADO. Esse traço não foi controlado inicialmente, mas tornou-se fator semântico determinante para o apagamento do participante *bolinha* (CYRINO, 2018). Na maioria das respostas, a estrutura foi construída com sujeito apagado, evidenciando a alternância causativa: J. (2; 9. 5): *Caiu no chão*; V. (3; 4. 19): *Destruiu*; L. (3; 5. 28): *Quebrou*.

Com relação ao evento *ler o livro*, com tema incremental, as respostas prototípicas foram as seguintes: B. (4; 4, 18): *Ela leu tudo*; V. (6; 1, 17): *Ela leu*. Os adultos preferiram formas de passiva verbal (*foi lido*). Mas ninguém respondeu com alternância: *Ele leu*. Aqui, o gênero do sujeito agente e do objeto são diferentes: feminino e masculino, respectivamente.

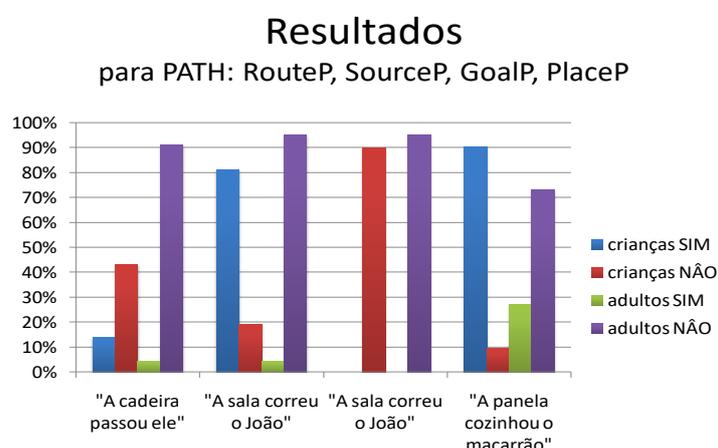
Outras cenas testadas foram de *atravessar a rua* e *desenhar a bola*, também com tema incremental. Algumas respostas emblemáticas: A, 5;4.7: *Eu sei já... uma bola. O que aconteceu não sei mas era uma bola*; Y, 5;8.14: *Desenhando uma bola... O que aconteceu?*; Y, 5;8.14: *Com a rua? Com a rua... Com a rua não aconteceu nada!*

Mas o dado mais significativo foi que nenhuma criança e nenhum adulto produziu *A rua atravessou* e *A bola desenhou*. Assim, fica sistematizada nossa hipótese: o complemento PathP, sendo incremental, restringe alternância causativa.

Um segundo experimento, agora de 2017, recortou o objetivo de analisar causativização em julgamento de aceitabilidade (“judgement test”) por meio de extração de traços internos a PathP, sem o foco à incrementabilidade. Se PATH contém a sequência hierárquica PATH [ROUTE [SOURCE [GOAL [PLACE]]]], a intenção era avaliar aceitabilidade de sentenças com um desses constituintes abaixo de PATH ocupando a posição de sujeito, sem um indivíduo causador no contexto visível: *A sala correu o João*. Numa segunda etapa, com um indivíduo causador, as sentenças avaliadas eram do tipo *Ele andou o bonequinho* e *Ela nasceu o bebê*.

Nisso, o experimento acompanhou os mesmos pressupostos do teste anterior: modularização à gramática do adulto (CRAIN; THORTON, 1998), e apresentação de vídeos reais, sem mundo imaginário (JACKENDOFF, 1990). Foram testadas 21 crianças entre 3;4 e 5;6 em ambiente escolar e 22 adultos. Novamente, as variáveis independentes são os traços da hierarquia de PATH; e as dependentes, as alternâncias. A hipótese inicial é a de que, de acordo com a Condição de Âncora, PLACE está presente na interpretação e não traz restrição para alternância, ao passo que os traços intermediários, sim. Como hipótese nula, novamente, a alternância se daria independentemente da semântica dos traços de PATH.

Com as cenas sem agente causador, na primeira etapa, a extração de RouteP (*A cadeira passou ele*) e a de GoalP (*A sala correu o João*) mostraram-se inaceitáveis, inclusive para adultos. Uma única criança aceitou *A cadeira passou ele*. Mas 80% das crianças aceitaram *A sala correu ele*, no evento em que o João saía correndo da sala, sem um outro sujeito causador, configurando SourceP, sem preposição, na posição de sujeito. Aqui, em *A sala correu ele* com SourceP, só um adulto aceitou a sentença. Em gráfico:



Uma possível análise para o dado pode recuperar a representação cognitiva da cadeia causal, de Talmy (2000), por princípio atuante na criança. Elas identificam o lugar-fonte como o causador do movimento, mas não o lugar-alvo, gerando aceitabilidade na cena em que João sai *da* sala sozinho. Na Nanossintaxe, a criança lexicaliza [InitP, ProcP]. Mas, na modularização à gramática do adulto, o item *correr* vai aceitar melhor a estrutura causativizada *Ela correu o João da sala*, por princípio de ciclicidade na lexicalização do item.

Em uma última cena, em que aparecia uma panela com macarrão no fogão ligado, 90% das crianças aceitaram *A panela cozinhou o macarrão*, ao passo que os adultos aceitaram em 28%. O PLACE aqui mostrou o melhor resultado – ocupando a posição de sujeito. Mas o verbo não é intransitivo e aceita inversão locativa, e não causativa

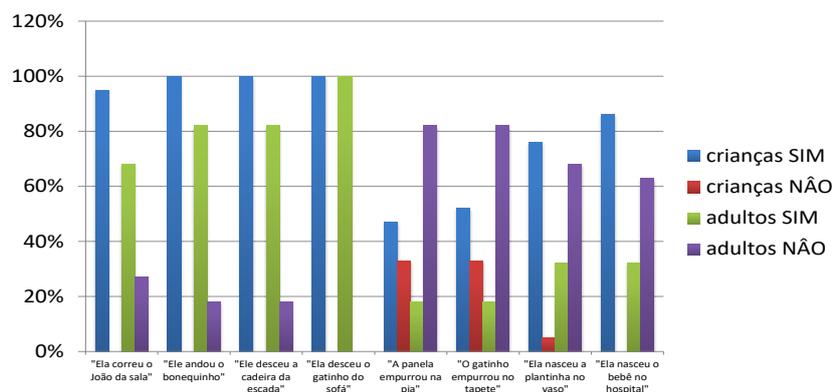
Na segunda rodada de cenas, as sentenças testadas foram: 1) *Ela correu o João da sala*; 2) *Ele andou o bonequinho*; 3) *Ele desceu a cadeira da escada*; 4) *Ela desceu o gatinho do sofá*; 5) *A panela empurrou na pia*; 6) *O gatinho empurrou no tapete*; 7) *Ela nasceu a plantinha no vaso*; 8) *Ela nasceu o bebê no hospital*. As duas últimas sentenças acompanharam imagens sequenciais, e não vídeos.

As crianças e os adultos exibiram maior aceitação nas quatro primeiras sentenças, especialmente na quarta, em que a preposição *de* lexicaliza [SourceP], o que vai ao encontro dos dados de aceitação das crianças em *A sala correu ele*, da primeira etapa do experimento. A segunda sentença, *Ele andou o bonequinho*, mostrou alta aceitabilidade, mesmo sem a realização de PlaceP, indicado aqui pelo contexto, pois a ação se deu acima de uma mesa. Isso corrobora a hipótese de Ferreira (2017): mesmo com PLACE implicado no contexto, por Condição de Âncora, o traço não fica ignorado.

Nas sentenças *A panela empurrou na pia* e *O gatinho empurrou no tapete*, temos igualmente a presença de um sujeito causador, mas a aceitação da alternância não é satisfatória. O verbo faz parte de uma classe de eventos conhecidos como *push-verbs* (VERKUYL, 1993), ou, em termos clássicos, um verbo de atividade que expressa transitividade, mas não causatividade (como *dirigir*, *abastecer*, *conduzir*, etc.). Ele lexicaliza [ProcP] com complemento nominal; e aqui, o PLACE realizado (*na pia* e *no tapete*) não favorece alternância.

Quanto às duas últimas – *Ela nasceu a plantinha no vaso* e *Ela nasceu o bebê no hospital*, a aceitação das crianças foi maior (só uma criança rejeitou) do que a dos adultos. No gráfico:

Resultados para causativização



Conclusão

Neste artigo, desenvolvemos, sob os preceitos da Nanossintaxe, a análise de três fenômenos de causação: alternância causativa, causativização de intransitivos e inversão locativa. O modelo oferece um tratamento generalizador para a lexicalização de itens verbais a partir do pressuposto de que léxico e sintaxe compartilham a mesma estrutura – recursiva, binária, derivacional. Traços semânticos de [InitP, ProcP, ResultP] combinam-se para dar conta de leituras polissêmicas de verbos, em suas tradicionais interpretações aspectuais e temáticas. Na mesma direção, uma estrutura (que pode ser preposicional) dá conta de complementos na estrutura de eventos, configurando PATH como um traço restritor de alternância por princípio de isomorfismo incremental de tempo-espço internamente a VP, e PLACE como um traço facilitador de acréscimos e inversões sintáticas. Chamamos o primeiro fenômeno de “ilha semântica”, e o segundo de “condição de referencialidade”. Para fortalecer a argumentação, recorremos a dados de experimentos com crianças em fase de aquisição do PB.

O fenômeno abrangente de causação não é pontual. Não é empregado exclusivamente pelas crianças, tampouco fica concentrado em dados de fases iniciais: *Me dorme* (Au, 1;11); *Ganha quando você chega as quatro peças no meio do ludo* (M, 6;11). Adultos também se aventuram nessas opções criativas (FRANCHI, 2006). O fenômeno também não está concentrado no PB: *The experience grew me up in a hurry* (dado coletado de adulto em Pinker (1989, p. 153). Muito menos, é contemporâneo. A tradição retórica vem chamando as estruturas de figuras de linguagem, concentradas ora na personificação, ora na metonímia (REBOUL, 1996).

Mas podem surgir outros ganchos para uma análise futura. Se formos resgatar a analogia entre aquisição de linguagem e mudança histórica, de Lightfoot (1999), podemos comentar que as crianças

testam as estruturas de causa em [InitP, ProcP, ResultP] com o vocabulário que têm em mãos. Por isso, as esquisitices do tipo *Me roupa!* (Au, 2;0). Mas dados semelhantes passam pelo nosso dia a dia de gente adulta sem nos darmos conta, muito menos em estranhamentos. Pinker (1989) formula os conceitos de “regras largas” (as que são comumente aceitas no sistema de uma língua) e as “regras estreitas” (as que surgem por criatividade). Elas monitoram aquisição e história. Mas isso é sistêmico, e não individual, como acreditavam os literatos românticos.

Onde ficam essas mudanças históricas? Os itens verbais ‘novos’ também são unidades da língua, e carregam o conteúdo conceitual que deixamos de lado na representação nanossintática: <informação fonológica, árvore sintática, **informação conceitual**> (STARKE, 2009). Essa informação também vem para o processo de lexicalização.

Então, *correr* com alternância está mais lexicalizado que *nascer*; *andar* está tão lexicalizado quanto *descer*. Esses verbos já caíram nas regras largas do PB, e, portanto, já são reconhecíveis pelas crianças. Mas não vemos o mesmo comportamento em *caminhar* ou *cair*; ou pior: em *locomover* ou *aterrizar*. As regras largas e estreitas vêm fundamentar restrições facilmente verificáveis, como na alternância dativa do inglês: *John gave Sam a dish* é boa, mas *John donated the museum a paniting* não é, o que ilustra o Paradoxo de Baker (PINKER, 1989, p. 7). Ora, *give* está muito mais gramaticalizado do que *donate*. Esses processos de lexicalização acompanham a história do inglês. E a ‘informação conceitual’ vem carregada desses vieses.

Por fim, se estamos considerando a Nanossintaxe como a possibilidade de generalização gramatical, rompendo com a noção de módulos independentes, então precisamos olhar para outros componentes da língua: a fonologia, a variação, a mudança. Historicamente, o PB revela dados já sistematizados, haja vista Castilho (2018) e volumes subsequentes. Não seria então o conteúdo informacional tão irrelevante; ele contém a história do léxico. Mas isso é muita coisa para agora. O bom é que temos temas tão instigantes quanto originais para preencher nossos futuros projetos de pesquisa - em épocas pós-estruturalistas.

REFERÊNCIAS

BASSANI, Indaiá de S.; SCHER, Ana Paula. Os traços temporais e as sentenças de alternância ergativa do português brasileiro. In: *Revista Letras*, n. 69, Curitiba: Ed. UFPR, p. 225-245, maio/agosto, 2006.

BASSO, Renato. Semântica referencial. BASSO, R.; FERRAREZI Jr., C. *Semântica, semânticas – uma introdução*. São Paulo: Ed. Contexto, 2013, p. 135-151.

CAHA, Pavel. *The nanosyntax of case*. Tese de doutorado, Universidade de Tromsø, 2009, 334p.

CANÇADO, Márcia; AMARAL, Luana. A representação lexical dos verbos incoativos no PB. *Revista da ABRALIN*, v. 9, n. 2, jul-dez/2010, p. 123-147.

CARVALHO, Janayna. A morfossintaxe do português brasileiro e sua estrutura argumental: uma investigação sobre anticausativas, médias, impessoais e a alternância agentiva. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, 288p.

CASTILHO, Ataliba T. de (Coord.). *O português brasileiro em seu contexto histórico*. São Paulo: Contexto/Fapesp, v. 1, 2018.

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and functional heads: across-linguistic perspective*, New York: Oxford University Press, 1999.

COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso – discurso e afasia*. Campinas: Martins Fontes, 3ª. ed., 2001[1988].

CYRINO, Sônia. Observações sobre a mudança diacrônica no português brasileiro: objeto nulo e clíticos. In: Roberts, I.; Kato, M. (Orgs.). *Português Brasileiro – uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. São Paulo: Contexto, 2018, p.129-142.

CYRINO, Sônia; MATOS, Gabriela. Anáfora do complemento nulo: anáfora profunda ou de superfície? Evidência do Português Brasileiro e Europeu. In: *Letras de Hoje*, 41, 1, 2006, p. 121-141.

CRAIN, Stephen; THORTON, Rosalind. *Investigations in universal grammar – a guide to experiments on the acquisition of syntax and semantics*. MIT Press, 1998.

DOWTY, David. *Word meaning and montague grammar*. Dordrecht: Reidel, 1979.

_____. Thematic proto-roles and argument selection. In: *Language*, 67, no. 3, 1991, p. 547-619.

FEREIRA, Thayse L. Como a sintaxe de primeira fase pode contribuir para a análise da causativização de inergativos em PB. In: Revista da Abralín, v. 15, n. 1, 2016, p. 19-31.

_____. *O processo de causativização de inergativos e inacusativos no PB: por uma abordagem nanossintática*. Dissertação de mestrado, UFSCar, 2017, 173p.

FRANCHI, Carlos. Linguagem - atividade constitutiva. Franchi, E.; Fiorin, J.L. (Orgs.) *Linguagem, atividade constitutiva – teoria e poesia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011[1977].

FREGE, Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*. Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo: Edusp, 2009[1892].

GALVES, Charlotte. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 34, 1998, p. 7-21.

GRUBER, Jeffrey S. *Studies in lexical relations*. Tese de doutorado (PhD), MIT, Cambridge, Mass, 1965, 310p.

HILL, Virginia. The Grammar of conversation: how much of it is syntax? University of New Brunswick (mimeo), 2015.

JACKENDOFF, Ray. *Semantics and cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

_____. *Meaning and the lexicon – the parallel architecture (1975-2010)*. Oxford University Press, 2012.

KRIFKA, Manfred. Thematic relations as links between nominal reference and temporal constitution. In SAG, I. A.; SZABOLCSI, A. (Eds.). *Lexical matters*. Stanford: CSLI lecture notes, n. 24, 1992, p. 29-53.

_____. The origins of telicity. In: ROTHSTEIN, S. (Ed.). *Events and grammar*. Kluwer Academic Press, 1998, p. 197-235.

KRIVINE, Jean-Louis. A propos de l'intuition en mathématiques, 2018, <https://www.irif.fr/~krivine/articles/Intuition.pdf>, (acessado em 02/05/2019).

LEVIN, Beth; RAPPAPORT-HOVAV, Malka. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LIGHTFOOT, David. *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Malden, MA: Blackwell, 1999.

LUNGUINHO, Marcos. Facetas da alternância causativa em PB: aspecto e construções de tópico-sujeito. Conferência PPGLetras/UFPR, 2015.

NAVES, Rozana R.; LUNGUINHO, Marcus. Aspecto e alternância causativa. In: Naves,R.; Salles, H. Pilati, E. Vicente, H.G. (Orgs.). *Temas em teoria da gramática*. Brasília: Thesaurus, 2013, p. 183-200.

NEGRÃO, Esmeralda; VIOTTI, Evani. A estrutura sintática das sentenças absolutas no português brasileiro. *Linguística*. Madrid, v. 23, 2010, p. 37-58.

_____. A ergativização do português brasileiro: uma conversa continuada com Carlos Franchi. In: Da HORA, D.; NEGRÃO, E. (Eds.) *Estudos da linguagem – casamento entre temas e perspectivas*, João Pessoa: Ideia Editora Universitária, 2011, p. 37-61.

PANTCHEVA, Marina Blagoeva. Directional expressions cross-linguistically: nanosyntax and lexicalization. In: *Nordlyd* 36, 1 special issue on Nanosyntax. Svenonious, P; Ramchand, G. Starke, M.; Taraldsen, K.T. (Eds.), 2009, p. 7-39.

_____. *Decomposing Path: the nanosyntax of directional expressions*. Tese de doutorado, Universidade de Tromsø, 2011, 301p.

PINKER, Steven. *Learnability and cognition – the acquisition of argument structure*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1989.

PIRES, Marcos E. *Nanossintaxe dos domínios verbal e preposicional nas construções de inversão locativa do português*. Tese de doutorado em Estudos Linguísticos, UNICAMP, 2016, 209p.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Ed. Pontes, 1987.

RAMCHAND, Gillian Catriona. *Verb meaning and the lexicon*. Cambridge, 2008.

_____. *Situations and syntactic structures – rethinking auxiliaries and order English*. The MIT Press, 2017.

RAMCHAND, Gillian; SVENONIOUS, Peter. Deriving the functional hierarchy. *Language Sciences*, n. 6, 2014, p. 1-37.

RAMME, Valdilena. *A expressão do deslocamento nas línguas naturais*. Dissertação de mestrado em Letras-Estudos Linguísticos, UFPR, 2013, 148p.

_____. *Mudança semântica no pb: reanálise restringida pela hierarquia funcional-conceitual universal*. Tese de doutorado em Letras-Estudos Linguísticos, UFPR, 2017, 318p.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: M. Fontes, 1998.

REZENDE, C.de. *Sentenças absolutas no português brasileiro infantil: um estudo experimental*. Dissertação de mestrado, USP, 2016, 144p.

ROSS, John Robert. *Constraints on variables in syntax*, Dissertação de PhD, MIT, 1967, 523p.

SAEED, John I. *Semantics*. Cambridge, MA: Blackwell, 2a. ed., 2003[1997].

STARKE, Michael. *Nanosyntax: a short primer to a new approach to language*. Special issue on Nanosyntax. Nordlyd, v. 36, n.1, 2009.

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics*. Vol. I e II. Cambridge, Mass: The MIT Press, 2001.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, Henk J. *A theory of aspectuality*– the interpretation between temporal and atemporal structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

VON FINTEL, Kai; MATTHEWSON, Lisa. *Universals in semantics*. In: *The Linguistic Review*, 25, p. 139-201, 2008.

WHITATER-FRANCHI, Regina C.M. *As construções ergativas – um estudo semântico e sintático*. Dissertação de mestrado em Linguística, UNICAMP, 1989, 193p.

WUNDERLICH, Dieter. *Operations on argument structures*. In: Maienborn, Claudia; von Heusinger, Klaus ; Portner Paul (Eds.) *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning*, Volume 3, 2012, p. 2224-2259.

_____. *Cause and structures of verbs*. *Linguistic Inquiry*, 28, 1997, p. 27-68.

CARTOGRAPHY AND MICROPARAMETRIC VARIATION: CRITERIAL V2 IN SWISS ROMANSH VARIETIES

CARTOGRAFIA E VARIAÇÃO MICROPARAMÉTRICA: V2 CRITERIAL EM VARIEDADES DO ROMANCHE SUÍÇO

Giuseppe Samo¹

ABSTRACT

In this article, I shall provide evidence for a theory of microparametric variation among Swiss Romansh varieties adopting a cartographic notion of parameter in terms of syntactic operations triggered by morphosyntactic features in functional projections. I shall discuss evidence showing how such a notion of parameter is extremely powerful in describing linguistic variability at a microlevel of the syntactic architectures. Adopting the guidelines of a Criterial V2, in which the inflected verb creates a Spec-Head configuration with the highest activated criterial head in the syntactic architecture, I shall observe microparametric variation within Swiss Romansh and with respect to other V2 languages, such as German. The language variability only relies on the interactions of basic factors, such as the presence of a functional projection and the syntactic operations triggered by the functional element. In the specific, it is possible to observe German and Swiss Romansh varieties vary in the activation of syntactic instructions in discourse related functional projections such as SubjP, ModP and ForceP. The role of morphosyntactic features thus describes in microparametric terms the richness of configurations predicted by cartographic guidelines and provide fine-grained typologies of set of languages.

Keywords: Cartography, Microparameters, Verb Second, Romansh, Criteria

1 Department of Linguistics, Beijing Language and Culture University. E-mail: samo@blcu.edu.cn.

RESUMO

Neste artigo, fornecerei evidências de uma teoria da variação microparamétrica entre as variedades do romanche suíço adotando uma noção cartográfica de parâmetro em termos de operações sintáticas desencadeadas por traços morfossintáticos em projeções funcionais. Discutirei evidências que mostram como essa noção de parâmetro é extremamente poderosa na descrição da variabilidade linguística em um nível micro das arquiteturas sintáticas. Adotando as diretrizes de um V2 criterial, no qual o verbo flexionado cria uma configuração Spec-Head com o núcleo criterial ativado mais alto na arquitetura sintática, observarei a variação microparamétrica no interior do romanche suíço em comparação com outras línguas V2, como o alemão. A variabilidade das línguas depende apenas das interações de fatores básicos, como a presença de uma projeção funcional e as operações sintáticas desencadeadas pelo elemento funcional. Especificamente, é possível observar que as variedades alemã e Romanche Suíço variam na ativação de instruções sintáticas em projeções funcionais relacionadas ao discurso, como SubjP, ModP e ForceP. O papel dos traços morfossintáticos descreve, assim, em termos microparamétricos, a riqueza de configurações previstas pela abordagem cartográfica e fornece tipologias refinadas de conjuntos de línguas.

Palavras-chave: Cartografia, Microparâmetros, Verbo em segunda posição, Romanche, Posições criteriais

1. Introduction: cartography and microparametric variation

One of the most important contributions of cartographic studies is to have provided a powerful tool for comparative syntax. The interaction of fine-grained maps of syntactic configurations and basic computational operations has contributed to detailed descriptions of language architectures and language variation.

The idea that linguistic variability could be reducible to a series of a limited number of parameters has resulted a basic component in comparative syntax in both diachronic and synchronic perspectives from the very first steps of generative grammar (see RIZZI, 2017, p. 159 for a brief history of the notion of parameter). As for this work, I adopt Rizzi (2017, p. 165 based on RIZZI 2014)'s definition of a parameter, in which “a parameter is an instruction for the triggering of a syntactic operation, expressed as a morphosyntactic feature associated to a functional head”. As for theoretical guidelines, I will follow those provided by the Cartography of Syntactic Structures (CINQUE; RIZZI, 2010; RIZZI; CINQUE, 2016) because, as noted by Rizzi (2017, p. 185), “cartographic studies suggest that the functional lexicon is very rich, hence if the parametrization is associated to this component

the system will specify many parameters”. In other words, the fine-grained maps, which are not syntactic primitives (RIZZI, 2013), uncovered by the cartographic enterprise yield clear predictions on language variability at both macro- and micro-level.

In this work, I will focus on those functional projections at the interfaces with scope-discourse semantics properties in a set of Verb Second (henceforth V2, see HOLMBERG, 2015) varieties of Swiss Romansh (HAIMAN; BENINCÀ, 1992; ANDERSON, 2005, 2016, p.169) spoken in the south-west of Switzerland, belonging to the family of Romance languages. The label Swiss Romansh (henceforth, SR) denotes the set of varieties of (i) Surselvan, (ii) Sutselvan, (iii) Surmiran, (iv) Putér and (v) Vallader which will be investigated throughout this work. The aim of this contribution is to observe microparametric variations in the activation of the Left Periphery of the clause (RIZZI 1997) within SR varieties and their status in the set of V2 languages, focusing on the comparative dimension with German.

In section 2, I shall discuss how a notion of parameters in terms of syntactic operations interacts with the criterial approach to scope-discourse semantics developed in Cartography. In section 3, I shall provide evidence for a microparametric typology for Swiss Romansh variation in terms of morphosyntactic operations in activating discourse-based functional projections and complementizer position.

2. Parameters, Criteria and the Left Periphery

2.1. Rizzi (2017)’s notion of parameter

Following the ‘Borer-Chomsky conjecture’ (BORER, 1983), the functional lexicon is the locus of variation among languages. Adopting a concept of parameters merging cartographic maps of syntactic configurations and basic computational operations, language variability could be exhaustively and elegantly described. A formal account of the notion of ‘parameter’ (RIZZI, 2017) which I adopt is given in (1).

- (1) Parameter (adapted from RIZZI, 2017 p. 166 ex. 6)

X has F

Where:

X is an element of the functional lexicon (e.g. functional heads, CINQUE; RIZZI, 2016)

F is a morphosyntactic feature triggering the operation of [merge], [move], [spell-out]

In this work, I will adopt a series of functional sequences which are relevant with the data I shall

When functional element enters syntax becoming a functional head in the relevant configuration, it will trigger one syntactic operation on the structure which is built. The syntactic operations are simple, highly learnable and restricted to an extremely reduced set for reasons of learnability. These operations are the operation of (i) *merge*, that is the opportunity of merging a specific functional projection in the analysed language, (ii) *move*, which concerns the probe-goal relation and the movement of both head and phrases, and finally (iii) the operation of *spellout*. See Rizzi (2017) for an exhaustive discussion on the format of the syntactic operations, presented in (6).

(6) Operations

1. Merge

2. Move

a. Search: Probe-goal relation at the phrasal level

b. IM: Internal merge of phrases

c. Search_{lex}: Probe-goal relation at the head level

d. IM_{lex}: Internal merge of heads

3. Spellout

In sub-section 2.2., I shall provide an example of how language vary in activating heads in the LP, observing syntactic operations triggered by one specific functional projection, FocusP, in natural languages.

2.2. Language variability in activating criterial functional projections: the example of FocusP

Criterial heads in criterial positions start the application of interpretative routines at the interface with the system of sound, through the assignment of the appropriate intonational contour (BOCCI, 2013), and at the interface with the system of meaning, by interpreting the dependent of the criterial head in terms of the appropriate notions (e.g. Topic – Comment, Focus – Presupposition, etc.). In other words, the criterial head in a criterial position (i) attracts a phrase bearing the matching criterial feature and creates a Spec-head configuration with a dependent element (XP); (ii) gives instructions to the system of sound and meaning to properly interpret the dependent element (BOCCI, 2013) and (iii); the dependent element is “frozen in place, and becomes unavailable to further movements” (RIZZI, 2015, p. 317).

Languages vary in activating functional heads and the strategy in how these projections are realized. Let us observe the syntactic operations triggered by one specific functional projection in the Left Periphery, FocusP.

The combinations of the syntactic operations [merge], [move] and [spell-out] create the variability of the syntactic strategies adopted by different languages. The strategy in Gungbe is to *merge* the functional projection FocusP and to *spell-out* the head which triggers the movement of an XP (*Search*, *IM*). The Italian's strategy, on the other hand, partially differ from the one of Gungbe, since the *spell-out* of Focus^o is not required. Finally, the syntactic operations in German (and plausibly generalizing all V2 languages and Focus adjacency languages⁶) require both head movement (*Search*_{lex}, *IM*_{lex}) and phrasal movement (*Search*, *IM*).

The parametrization is to be observed in (10), summing up the three strategies described in the examples (7 – 9). The Boolean values are adopted for the features coding, by indicating if the relevant operation is active *1* or not *0*.

(10) Language Variability in activating FocusP

<i>Language</i>	<i>Merge</i>	<i>Spell-out</i>	<i>Search</i>	<i>IM</i>	<i>Search</i> _{lex}	<i>IM</i> _{lex}
Italian	1	0	1	1	0	0
Gungbe	1	1	1	1	0	0
German	1	0	1	1	1	1

The factorial combinations of the Boolean operators shall lead to finer crosslinguistic and typological variation of the strategies adopted by languages in activating and syntactically realizing the different functional projections of the syntactic architecture.

A typology of V2 languages is expected according to the syntactic operations triggered by the different functional projections in the LP. We thus expect to find variation among V2 languages, especially at the microlevel within SR varieties.

3. Role of morphosyntactic features in microparametric variation among Romance languages.

Following the parametric approach of the one developed in section 2 based on the theoretical assumptions in Rizzi (2017), a fine-grained typology of expected patterns among SR varieties and their comparison with other V2 languages like German should be provided. Section 3.1. will be dedicated to the V3 orders and the microparametric typology concerning the syntactic operations provided by the instructions given in SubjP; Section 3.2. shall deal with the V3 orders generated if the functional projection ModP does not trigger head movement; section 3.3 shall develop some notes

6 The adjacency of INFL with a focussed item also occurs, strategy often referred to as Focus Adjacency, occurs crosslinguistically in many natural languages such as, among others, Hindi-Urdu (KIDWAI, 2000), Malagasy (KEENAN, 1976), Georgian (SKOPETEAS; FANSELOW, 2010), Standard Arabic (SHLONSKY 2000), Hungarian (PUSKÁS, 2000) and Modern Greek (TSIMPLI, 1995).

concerning V3 orders involving Left Peripheral elements as leftmost items and finally section 3.4. shall discuss the nature of the complementizer in embedded clauses in SR varieties.

3.1. Syntactic operations triggered by subject positions.

Adopting a Criterial approach to V2 (SAMO, 2019), German creates Spec-Head configuration in the highest subject position in a cartography of Subject positions (CARDINALETTI, 2004) in “canonical” subject-initial clauses⁷, as given in (11).

- (11) German
- | | | | |
|-----------------------|------------------------------|---------------------------------------|-------------------|
| [_{SpecSubj} | Giotto | [_{Subj^o} - malte | [dieses Fresko]] |
| | Giotto | painted.3SG | this fresco |
| | ‘Giotto painted this fresco’ | | |

Logically speaking, there are several diagnostics to locate the landing site of the verb in “canonical” subject-initial clauses. In this sub-section, I shall present, respectively, a case of asymmetry of morphosyntactic realization among subject initial and non-subject-initial contexts and intervening material between the subject and the lexical verb.

The first dimension of diagnostics I would like to investigate is related to asymmetries in the occurrences of subject clitics in subject- and non-subject-initial contexts. Following Anderson (2005), Surmiran subject clitic doubling is optional in non-subject-initial contexts, as given in (12a,b), but the presence of the clitic leads to ungrammaticality in subject-initial contexts (12c, d).

- (12) Surmiran (ANDERSON, 2005, p. 206-207, ex. 7.43, 7.44a, 7.45a, 7.45b).
- a. Rumantsch discorra Ursus stupent
Rumantsch speaks.3sg Ursus excellently
‘Ursus speaks Rumantsch very well’
 - b. Rumantsch discorra=¹I Ursus stupent
Rumantsch speaks.3sg-3sg.m Ursus excellently
‘Ursus speaks Rumantsch very well’
 - c. Ursus discorra stupent Rumantsch
Ursus speaks.3sg excellently Rumantsch
‘Ursus speaks Rumantsch very well’

⁷ Such a hypothesis follows the asymmetric analysis proposed by Travis (1984) and Zwart (1997) according to which the verb does not move to the CP in subject initial clauses.

- d. *Ursus discorra=**I** stupent Rumantsch
Ursus speaks.3sg.3sg.m. excellently Rumantsch
Ursus speaks Rumantsch very well'

According to the description in Linder (1987) and Fuß (2005), Sutselvan clearly shows a slightly different (and I would add more cartographic) form of clitic doubling: the clitic doubling “appears to be more common” and now is “almost an obligatory phenomenon that has lost its function as a stylistically marked structural option” (FUSS, 2005, p. 192). Indeed, the subject DP does not receive stress (LINDER, 1987, p. 150), resulting, plausibly in a “canonical” subject.

(13) Sutselvan (LINDER, 1987, p. 148, 149, 153, 193)

- a. Egn da quels lev-**i** ear jou
One of those wanted-cl1s also I
'I also wanted one of those'
- b. Ascheia vain-**sa nus** arviart igl mulegn...
so have-cl1p we unlocked the mill
'So we have unlocked the mill'
- c. Igl fetschi preaschas, â-**l el** getg.
It is urgetn, has-cl3sm he said.
'He said it's urgent'
- d. Cunquegl c'igl eara november, vev-**la la scola** antschiat
since it was November, had-cl3sf the school begun
'Since it was November, the school had begun'
- e. Natiral vev-**in las matàns** radetg sei mailenders.
Of course had-cl3p the girls brought up Milans
'Of course, the girl had brought up some Milans [pastries]'

The clitic doubling is evidence that the inflected verb, does not move to Subj^o, but rather to a lower position. According to Samo (SAMO, 2019), a candidate position is plausibly Agr^o in terms of Cardinaletti (2004)'s system.

The second evidence for different instructions between SR and German in the activation of SubjP in V2 languages is the opportunity of finding intervening material, such as focusing adverbs (see TESCARI NETO, 2012), between the canonical subject and the inflected lexical verb, as the evidence provided in Surselvan in (14). Similar patterns could be found in other V2 languages like Icelandic (THRAINSSON 2007) and Norwegian (NIELSEN 2003).

- (14) Surselvan (<http://www.sms4science.ch/>; Corpus SMS4science, Sms n. 24022)
 Jeu bunamein sedurmentel
 I almost fell.asleep
 ‘I almost feel asleep’

In other words, no Spec-Head configuration in SubjP is detected and, plausibly, INFL moves to a lower position within the IP domain (see SAMO, 2018b for an overview and discussion), such as a T° position or the head of the FocAdvP, which plausibly lies in the peripheral low IP area proposed by Belletti (2004), hosting Topic and Focus positions. A derivation is given in (14’).

- (14’) [_{SpecSubj} Jeu [_{SpecFocAdv} bunamein [_{T°/FocAdv°} sedurmentel]]]
 I almost fell.asleep
 ‘I almost feel asleep’

A first parametric variation between SR varieties and German is clear. In German, the subject creates a Spec-Head configuration with the subject, whereas in Surmiran, Sutselvan and Surselvan the inflected verb moves to a lower position. Table (15) shows the different strategies adopted by languages: in German, the subject creates a Spec Head configuration, whereas such a pattern is ruled out in the investigated SR varieties.

(15) Language Variability in activating **SubjP**

<i>Language</i>	<i>Merge</i>	<i>Spell-out</i>	<i>Search</i>	<i>IM</i>	<i>Search_{lex}</i>	<i>IM_{lex}</i>
German	1	0	1	1	1	1
Surmiran	1	0	1	1	1	0
Sutselvan	1	0	1	1	1	0
Surselvan	1	0	1	1	1	0

In other words, both the case of asymmetry of morphosyntactic realization among subject initial and non-subject-initial contexts and intervening material between the subject and the lexical verb imply the lack of IM_{lex} in SR varieties. Table (15) presents that V2 languages do not behave as a homogenous group. In sub-section 3.2., I shall investigate the syntactic operations triggered by Mod(ification)P (RIZZI, 2004), a landing site of “highlighted” adverbials and complements in the LP.

3.2. Syntactic operations triggered by Mod(ification)P

A diagnostic tool to investigate dissimilarities among V2 languages is the quality of violations to the V2 constraint, tendentially referred to as V3 (see SAMO, 2019).

Within the LP, Rizzi (2004, p. 241)’s Mod(ification)P has been described as the landing site

for “highlighted” adverbs (CINQUE, 1999) and PP modifiers⁸ (SCHEWEIKERT 2005), “assuming modification to be the substantive relation between an adverb and the structure it relates to”.

The criterial approach expects a particular type of asymmetry: since “canonical” subject should remain in their SpecSubj position lower than ModP and objects can only move to criterial positions (MOHR 2009, p. 154) higher than ModP (e.g. TopicP, FocusP), the prediction is that one should encounter asymmetries between “subject-initial” contexts, or better to say “subject-second”, and “object-initial” sentences, as given in (16).

(16) Expected asymmetries under a criterial approach

Subject-Initial sentences: **V3**

$[_{ForceP} [\dots [_{SpecMod} \text{Yesterday/There} [_{Mod^\circ} - [_{SpecSubjP} \text{the student} [_{Subj^\circ} \text{read} [_{IP} \text{the book}]]]]]]]]$

Object-Initial sentences: **V2**

$[_{ForceP} [\dots [_{SpecFocus} \text{The book} [_{Foc^\circ} \text{read} [_{SpecMod} \text{yesterday/there} [_{Mod^\circ} - [_{SpecSubj} \text{the student} [IP]]]]]]]]$

In Subject-initial clauses the inflected verb moves and creates a Spec-Head configuration with the subject: since ModP (the highest activated left peripheral functional projection) does not require the Spec-Head configuration, a V3 order is found. In case of an object-initial clause, a double step movement is required: (i) INFL first moves to Subj^o to create a Spec-Head configuration in SubjP and (ii) moves higher to create a Spec-Head configuration with the highest activated criterial configuration (FocusP in this case), resulting in a V2 order.

Therefore, I should expect V3 orders with the leftmost element as a temporal or locative element, if and only if⁹ the subject is the second element of the clause. The expected pattern is observed in two SR varieties. ModP seems not requiring Spec-Head configuration in Vallader (17) and Putèr (18a, b).

8 Distributional properties do suggest that highlighted adverbials (RIZZI, 2013, p. 203) fill positions distinct from those of topics, as the clause following a preposed adverb does not typically function as a comment on it since highlighted adverbials do not require connection with the background. Fronted adverbials might be genuine Topics or Foci, but “in neutral context they are neither”. (RIZZI; BOCCI, 2017).

9 These predictions work for those items which are extracted. I will not discuss those cases of V3 orders with the leftmost element which is generated in a higher layer / structure of the clause. Indeed, in the literature concerning one SR variety, Putèr, it is also possible to observe a specific V3 order with something that it is generated higher than Force^o, such as the element *uschè* ‘so’ with we may label as a speech-act adverb.

(i) Putèr (OETZEL, 1994, p. 161)

uschè niaunch’ orma **nu savaiva** novas da la gramma
so no soul NEG know news on the cream
‘Nobody knew anything on the cream’

- (17) Vallader (OETZEL, 1994, p. 157)
 Prö üna chasa da vaschins üna merla ha fat seis gnieu
 On a house of neighbours a blackbird has made her nest
 'On one of the houses of the neighbours, a black bird made its nest'
- (18) Putèr (OETZEL, 1994, p. 157, 161)
- a. Uossa Ciglia **la clama**
 Now Ciglia her calls
 Now Ciglia calls her'
- b. Nodvart l'alp Giuvannes **evra** a la fin la buocha
 This-side of alps Giuvannes opened finally the mouth
 'Once in this side of Alps, Giuvannes finally started talking'

On the other hand, there are two ways to detect if ModP requires the movement of INFL: (i) if the lack of Spec-Head configuration in ModP is ungrammatical, as in the example (19) from Surselvan, and (ii) if the grammaticality of “highlighted” adverbials/ results from standard V2 clauses, as in the German example in (20).

- (19) Surselvan
 *Ussa el bab **clama** la onda
 Now the father calls the aunt
 'Now, the father is calling the aunt'
- (20) German
 Jetzt **ruft** der Vater die Tante an.
 Now calls the father the aunt prep
 'Now, the father is calling the aunt'

Summing up, in (21) we can observe the typology of elements triggering the Spec-Head configurations in ModP. While German and Surselvan requires the head movement (IM_{lex}), the strategy adopted by Putèr and Vallader does not.

(21) Language Variability in activating ModP

Language	Merge	Spell-out	Search	IM	Search _{lex}	IM _{lex}
German	1	0	1	1	1	1
Surselvan	1	0	1	1	1	1
Putèr	1	0	1	1	1	0
Vallader	1	0	1	1	1	0

Microparametric variations are thus observed concerning the instructions given in ModP. Putér and Vallader microparametrically differ from Surselvan, showing linguistic variability at the micro-level in SR varieties. In subsection 3.3., I will analyse V3 orders if elements like Topic or Focus do not trigger head movement.

3.3. Some notes on V3 orders with internally merged items

Focus and Topics differ from a semantic, syntactic (RIZZI, 1997, p. 240) and phonological (BOCCI 2013) point of view. A criterial V2 predicts that these elements can co-occur in the LP, as they do in Italian, but INFL targets the highest activated criterial functional projection, yielding a V2 order. If the highest activated criterial position does not require the Spec-Head configuration, then a V3 order is created.

In Putér, a particular type of V3 order is attested. A left peripheral element precedes the subject without creating the Spec-head configuration with INFL, as given in (22).

(22) Putér (OETZEL, 1994, p. 163, 164)

- a. Da quella Maria **nu** **pudaiva** sfügir
From that Maria NEG can escape
'From that, Mary could not escape'
- b. per bgers ün purtret **es** ün bun amih
For many a portrait is a good friend
'For many people, a portrait is a good friend'
- c. ma da que üngün **nu** **s'ho** inachüert ünguotta
But of that nobody NEG refl.have noticed nothing
'About that, Nobody noticed anything'
- d. a Ludwig ils ögls **haun** cumanzo a glüschir
to Ludwig the eyes **have** started to glow
'Ludwig's eyes started glowing'

Each leftmost item in (22) seems to be extracted from the sentence and they all share two properties: (i) they all bear a preposition (ii) and these plausibly topical PP do not obligatorily realize a resumptive element within the IP as in Italian. Inspired by Casalicchio & Cognola (2016), these V3 orders may result from the lack of locality violations between the two fronted elements and the presence of a null resumptive element could be related to the lack of Spec-Head configuration requirements in the criterial position. As for (22d), a further hypothesis is to consider the fronting to

the LP of a chunk of XPs containing the hierarchy of complements proposed by Schweikert (2005) and the object (that can only occur as last element in the cluster), as it has been proposed by Samo (2018a) for ‘superficial’ V3 orders in German. Further research is required; however, it is clear that a criterial approach is able to predict and provide a fine-grained analysis of V3 orders.

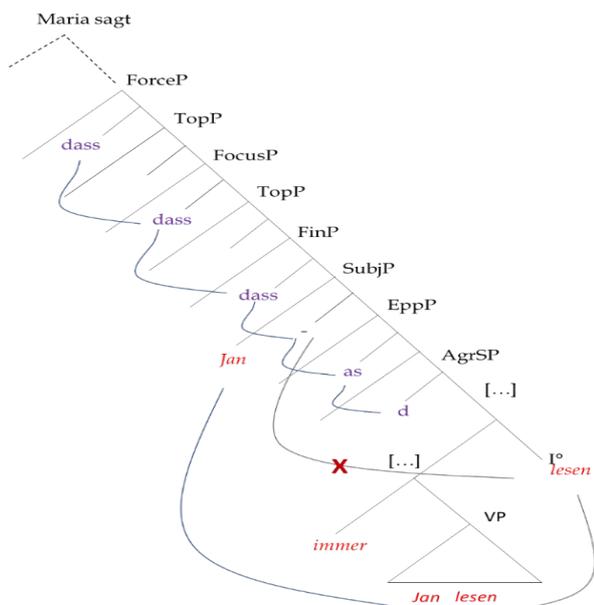
3.4. On the nature of the complementizer: syntactic operations triggered by ForceP.

German does not allow V2 in embedded clauses, as given in the example in (23). As the example (23) shows, the verb does not move to the LP remaining in a IP-internal position.

- (23) German
 Maria sagt **dass** Jan immer Bücher **liest**
 Mary says that John always books reads

Inspired by Leu (2015)’s proposal, Samo (2018a) postulates that the subordinators in (non-embedded V2 languages like) German are first generated IP internally (in an AgrSP position in CARDINALETTI 2004’s system) and then moved to Force° through Fin° and all the activated criterial positions. The lack of a Spec-Head configuration in LP positions is due to the fact that the copy of the complementizer in the IP is able to block the movement of the verb to the head of the activated criterial position in terms of fRM, as in (24)¹⁰. Therefore, there is no V2 (to be read as Spec-Head configuration with INFL) even in subject or expletive subject-initial clauses.

- (24) No Embedded V2 in standard German (from SAMO, 2018a: 141; 25)



¹⁰ The hypothesis here involves a right-branching of the inflectional head, compatible with Kayne (1994)’s anti-symmetry theory, adopting some specific movements. For reason of space, I will not discuss the implementation here.

However, different V2 languages allow V2 in embedded contexts. SR varieties belong to this set of languages, as the examples given in (25) with both subjects and non-subjects elements.

(25) Surselvan

- a. El a detg **che** Renzo **lavura** a Cuir
 he has said that Renzo works in Chur
 Surmiran (ANDERSON, 2005, p. 212, ex. 7.56, 7.57a, b)
- b. Ia pains **tgi** dultschems **vegia** Corinna gugent
 I think that sweets have.SBJT.3s Corinna gladly
 ‘I think Corinna likes sweets’
- c. Cartez **tg’** igl settember **turnan=s** ainten chel hotel
 Believe that the September return.SBJT.1P in this hotel
 ‘Do you think in September we’ll come back to this hotel?’

In embedded V2 languages, there is no violation in terms of locality. Such patterns bring further evidence for a base-generation hypothesis of the complementizers in the relevant varieties. As for SR varieties, the complementizer of the *che/tgi* type may work exactly like the one in Romance languages (and therefore Italian *che*, cf. RIZZI 1997). In other words, I propose that the complementizer in SR varieties is directly generated in Force^o, and not internally merged from the IP, towards all the relevant activated criterial heads. Translating these results in table (26), we can observe that German¹¹ strategy is to internally merged the head of ForceP, whereas the strategy in Surmiran and Surselvan is to *spell-out* the functional head.

(26) Language Variability in activating ForceP

Language	Merge	Spell-out	Search	IM	Search _{lex}	IM _{lex}
German	1	0	0	0	1	1
Surmiran	1	1	0	0	1	0
Surselvan	1	1	0	0	1	0

The nature of the complementizer is therefore a further variable in exploring the dimension of variation between SR varieties and German.

11 See Jivanyan & Samo (2017) for a syntactic account of *weil* in German, which syntactically realizes at least two functional projections according to the pragmatic reading of the element (speech-act, epistemic and content).

Conclusion

After having presented a notion of parameters in terms of morphosyntactic features and adopting the guidelines of a criterial approach to V2 (SAMO, 2018a; 2019), I discussed how this notion is able to account for language variability among V2 languages concerning the functional projections in the LP. The elements discussed in this work may thus indicate that variation among SR varieties and other V2 languages, such as German, is extremely microparametric. The language variability only relies on the interactions of basic factors, such as the presence of a functional projection and the syntactic operations triggered by the functional element. The role of morphosyntactic features thus describes in microparametric terms the richness of configurations predicted by cartographic guidelines, providing fine-grained typologies of set of languages. In the specific, it is possible to observe German and SR varieties vary in the activation of syntactic instructions in discourse related functional projections such as SubjP, ModP and ForceP. If this line of argumentation is on the right track, finer-grained distinctions shall be detected for every functional projection of the syntactic architecture. In other words, superficially complex variability could be explained with extremely clear tools and basic elements. The Cartography of syntactic structure (CINQUE; RIZZI, 2010; RIZZI; CINQUE, 2016) may represent a formal tool able to reconstruct the picture of language variability with a small set of syntactic operations triggered by a set of functional elements.

REFERENCES

- ABOH, Enoch O.. *The morphosyntax of complement-head sequences: Clause structure and word order patterns in Kwa*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- ABOH, Enoch O. Leftward Focus versus Rightward Focus: The Kwa-Bantu Conspiracy. *SOAS Working Papers Linguistics* 15. 2007. p. 81-104
- ANDERSON, Stephen R. *Aspects of the Theory of Clitics*. [Oxford Studies in Theoretical Linguistics] Oxford: Oxford University Press. 2005.
- ANDERSON, Stephen R.. Romansh (Rumantsch). In *The Oxford Guide to the Romance Languages*, Adam LEDGEWAY & Martin MAIDEN (eds), Oxford: Oxford University Press, Oxford. 2016. p.169–184.
- BENINCÀ, Paola, POLETTO, Cecilia. Topic, Focus, and V2: Defining the CP Sublayers. In: *The Structure of CP and IP* [The Cartography of Syntactic Structures, Volume 2], Luigi RIZZI (ed), Oxford & New York: Oxford University Press. 2004. p. 52-75.

BIANCHI, Valentina, BOCCI, Giuliano, CRUSCHINA, Silvio. Focus fronting and its implicatures. In: *Romance Languages and Linguistic Theory 2013: Selected papers from 'Going Romance' Amsterdam 2013* [Romance Languages and Linguistic Theory 8], Enoch O. ABOH, Jeannette SCHAEFFER and Petra SLEEMAN (eds.), 1-20. Amsterdam: John Benjamins. 2015.

BOCCI, Giuliano. *The Syntax–Prosody Interface A cartographic perspective with evidence from Italian*. Amsterdam: John Benjamins. 2013.

BORER, Hagit. *Parametric Syntax*, Dordrecht: Foris. 1983.

CARDINALETTI, Anna. Toward a Cartography of Subject Positions. In *The Structure of CP and IP* [The Cartography of Syntactic Structures, Volume 2], Luigi RIZZI (ed), Oxford & New York: Oxford University Press. 2004. p. 115-165.

CASALICCHIO, Jan, COGNOLA, Federica. V2 as Parametrised Minimality, Paper presented at Seminari del CISCL, University of Siena. 2016.

CHOMSKY, Noam, GALLEGO, Ángel, OTT, Dennis. Generative Grammar and the Faculty of Language: Insights, Questions, and Challenges. Manuscript, MIT, Universitat Autònoma de Barcelona, and University of Ottawa. To appear in *Catalan Journal of Linguistics*. Downloadable at <<http://ling.auf.net/lingbuzz/003507>>. 2017.

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional heads. A cross-linguistic perspective*. New York & Oxford: Oxford University Press. 1999.

CINQUE, Guglielmo, RIZZI, Luigi. The Cartography of Syntactic Structure. STiL – Studies in Linguistics CISCL Working Papers. 2010.

FUSS, Eric. *The Rise of Agreement*. Amsterdam: John Benjamins. 2005.

HAIMAN, John, BENINCÀ, Paola. *The Rhaeto-Romance languages*. New York: Routledge. 1992.

HOLMBERG, Anders. Verb Second. In *Syntax - Theory and Analysis*, Tibor KISS & Artemis ALEXIADOU (eds), Berlin: Walter de Gruyter. 2015. p. 242-283.

JIVANYAN, Hasmik, SAMO, Giuseppe. Parce-que in Syntax - Semantics - Pragmatics Interface. *GG@G* 10. 2017. p. 77-99.

KAYNE, Richard. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge MA: MIT Press. 1994.

KEENAN, Edward. Remarkable Subjects in Malagasy. In *Subject and Topic*, Charles LI (ed), New York: Academic Press. 1976. p. 247-301.

KIDWAI, Ayesha. *XP-adjunction in Universal Grammar: Scrambling and binding in Hindi-Urdu*. Oxford: Oxford University Press. 2000.

LEU, Thomas. Generalized x-to-C in Germanic. *Studia Linguistica* 69. 2015. p. 272–303.

LINDER, Karl P. *Grammatische Untersuchungen zur Charakteristik des Rätoromanischen in Graubünden*. Tübingen: Narr. 1987.

MOHR, Sabine. V2 as a Single-Edge Phenomenon, in: *Selected Papers from the 2006 Syntaxfest*. Kleanthes K. GROHMANN, Phoivos PANAGIOTIDIS (eds), Cambridge: Cambridge Scholars Publishing. 2009. p. 141- 159.

NILSEN, Øystein. *Eliminating Positions: Syntax and Semantics of Sentential Modifications*. PhD Dissertation, University of Utrecht. 2003.

OETZEL, Annette. Die Nicht-Einhaltung der Inversion im Engadinischen und ihr Einfluss auf die Informationsstruktur. *Annalas de la Societat Retorumanscha* 107. 1994.

PUSKÁS, Genoveva. *Word order in Hungarian: The syntax of A'-positions*. Amsterdam: John Benjamins. 2000.

RIZZI, Luigi. *Relativized Minimality*. Cambridge MA: MIT Press. 1990.

RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. In *Elements of Grammar*, Liliane HAEGEMAN, (ed), Dordrecht: Kluwer, 1997. p.281-337.

RIZZI, Luigi. Locality and Left Periphery, In *Structures and Beyond* [The Cartography of Syntactic Structures, Volume 3], Adriana BELLETTI (ed), Oxford: Oxford University Press. 2004. p.223-251.

RIZZI, Luigi. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. In *Wh-Movement: Moving on*. Lisa CHENG, Norbert CORVER (eds), 97-133. Cambridge MA: MIT Press. 2006. p. 97 – 133.

RIZZI, Luigi. Notes on cartography and further explanation. *Probus* 25. 2013.

RIZZI, Luigi. On the elements of syntactic variation. In *Linguistic Variation in the Minimalist*

Framework, Carme PICALLO, (Ed.), Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 13-35.

RIZZI, Luigi. Cartography, Criteria, and Labeling. In *Beyond Functional Sequence* [The Cartography of Syntactic Structures, Volume 10], Ur SHLONSKY (ed), Oxford & New York: Oxford University Press. 2015. p. 314-338.

RIZZI, Luigi. On the format and locus of parameters: The role of morphosyntactic features. *Linguistic Analysis* 41. 2017. p. 159–191.

RIZZI, Luigi, BOCCI, Giuliano. The Left Periphery of the Clause: Primarily Illustrated for Italian. In *The Blackwell Companion to Syntax*, Martin EVERAERT & Henk VAN RIEMSDIJK (eds) 1-30, Hoboken: John Wiley & Sons. 2017.

RIZZI, Luigi, CINQUE, Guglielmo. Functional categories and syntactic theory. *Annual Review of Linguistics* 2. 2016. p.139–163

SAMO, Giuseppe. A Criterial approach to the Cartography of V2. PhD Dissertation, University of Geneva. 2018a.

SAMO, Giuseppe. Towards a Criterial V2: Some Notes on Subject-initial Clauses. In: *Generative Grammar in Geneva*, 2018b, vol. 11. <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:120389>. 2018b. p. 1-20.

SAMO, Giuseppe. A Criterial approach to the Cartography of V2, John Benjamins Publishing. 2019.

SCHWEIKERT, Walter. *The Order of Prepositional Phrases in the Structure of the Clause*. Amsterdam: John Benjamins. 2005.

SHLONSKY Ur. Remarks on the Complementizer Layer of Standard Arabic in LECARME, Jacqueline, Jean LOWENSTAMM and Ur SHLONSKY (eds.), *Research in Afroasiatic Grammar: Papers from the Third conference on Afroasiatic Languages*, Sophia Antipolis, 1996. 2000. p. 325 – 343.

SKOPETEAS, Stavros, FANSELOW, Gisbert. Focus in Georgian and the expression of contrast. *Lingua* 120. 2010. p. 1370–1391.

STARK, Elisabeth; Ueberwasser, Simone; Ruef, Beni Swiss SMS Corpus. University of Zurich. <https://sms.linguistik.uzh.ch>. 2009-2015.

STARKE, Michal. Move dissolves into Merge: a theory of locality. PhD Dissertation, University of Geneva. 2001.

TESCARI NETO, Aquiles. On Verb Movement in Brazilian Portuguese: A Cartographic Study. PhD Dissertation, University of Venice. 2012.

THRÁHINSSON, Höskuldur. *The Syntax of Icelandic*. Cambridge: Cambridge University Press. 2007.

TRAVIS, Lisa D. Parameters and effects in word order variation. PhD Thesis, MIT. 1984.

TSIMPLI, Ianthi M. Focusing in Modern Greek. In *Discourse Configurational Languages*, Katalin É KISS (ed), Oxford: Oxford University Press. 1995.

ZWART, Jan-Wouter. *Morphosyntax of Verb Movement*. Dordrecht: Kluwer. 1997.

**EVIDÊNCIAS ADVINDAS DA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS DO
BRASIL PARA OS TIPOS DE *PERFECT*¹
PIECES OF EVIDENCE FOR THE TYPES OF PERFECT TAKEN FROM THE
ACQUISITION OF BRAZILIAN PORTUGUESE**

*Nayana Pires da Silva Rodrigues*²

*Adriana Leitão Martins*³

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a aquisição no português do Brasil (doravante PB) dos três tipos de *perfect* propostos por Pancheva (2003) associados ao tempo presente, partindo da proposta de existência de nóculo(s) sintático(s) de *perfect* na representação estrutural da sentença. A partir dessa investigação, busca-se contribuir para o estudo da representação do conhecimento linguístico de *perfect*. A hipótese desta pesquisa é de que a emergência de *perfect* de resultado, *perfect* experiencial e *perfect* universal associados ao tempo presente ocorre simultaneamente na aquisição do PB. Para isso, realizamos um estudo de caso com dados de fala de uma criança adquirindo o PB extraídos longitudinalmente. Os dados obtidos revelaram a seguinte ordem de realização dos tipos de *perfect*: primeiramente, o *perfect* de resultado, depois, o *perfect* universal e, finalmente, o *perfect* experiencial. Dessa forma, refutamos a hipótese deste estudo. Logo, sugerimos que haja uma dissociação na representação linguística entre esses tipos de *perfect*, cada um deles projetando, respectivamente, os nós RePerfP, UPerfP e ExPerfP. Os traços alocados nos nós dessas

1 Agradecemos aos avaliadores pela contribuição com a leitura e os comentários sugeridos para este trabalho. Os erros remanescentes são de nossa responsabilidade.

2 Bacharel em Fonoaudiologia e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutoranda em Linguística pela UFRJ. E-mail: fono.nayana@gmail.com.

3 Professora Associada de Linguística do Departamento de Linguística e Filologia, do Programa de Pós-graduação em Linguística e do Mestrado Profissional em Letras da UFRJ. E-mail: adrianaleitao@letras.ufrj.br.

projeções seriam, respectivamente, resultativo, contínuo e experiencição. Defendemos, ainda, a seguinte estrutura hierárquica: ExPerfP > UPerfP > RePerfP.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; aspecto *perfect*; *perfect* de resultado; *perfect* universal; *experiential perfect*.

ABSTRACT

This research intends to investigate the acquisition in Brazilian Portuguese of the three types of perfect, proposed by Pancheva (2003), associated with the present tense, assuming the existence of syntactic node(s) of perfect in the structural representation of the sentence. Based on this investigation, we aim to contribute to the study of the representation of linguistic knowledge of perfect. The hypothesis of this research is that the emergence of the resultative perfect, experiential perfect and universal perfect associated with the present tense occurs simultaneously in the Brazilian Portuguese acquisition. To this end, we developed a case study, with speech data longitudinally retrieved from a child in the process of acquiring Brazilian Portuguese. The obtained data revealed the following order of realization of the perfect types: resultative perfect, universal perfect and experiential perfect. This way, we refuted the hypothesis of this study. Thus, we suggest that there is a dissociation in the linguistic representation of these types of perfect, each one of them projecting, respectively, the nodes RePerfP, UPerfP and ExPerfP. The features heading these projections would be, respectively, resultative, continuous and experience. We also argue in favor of the following structural hierarchy: ExPerfP > UPerfP > RePerfP.

Keywords: language acquisition; perfect aspect; resultative perfect; universal perfect; experiential perfect.

Introdução

Apesar de ser classificado como aspecto por Comrie (1976), o *perfect* apresenta características diferentes dos aspectos gramaticais (perfectivo e imperfectivo). Enquanto esses últimos são definidos como aqueles que expressam a constituição temporal interna de uma situação, o *perfect* não possibilita a expressão de nada a respeito da temporalidade interna à situação em si, mas possibilita o estabelecimento da relação entre o momento da situação e um determinado ponto de referência (COMRIE, 1976; IATRIDOU, ANAGNOSTOPOULOU & IZVORSKI, 2003). Além disso, o aspecto *perfect* se associa ao aspecto perfectivo ou ao aspecto imperfectivo ao ser veiculado (COMRIE, 1976).

O *perfect* pode ser classificado de formas diferentes, dependendo do autor. Para esta pesquisa,

utilizaremos a proposta de Pancheva (2003), que divide o *perfect* em três tipos, a saber: *perfect* universal, *perfect* experiencial e *perfect* de resultado. Com relação às propostas de representação estrutural dessa categoria sintática, Alexiadou, Rathert e von Stechow (2003) advogam a favor de um único nóculo, o PerfP, na árvore sintática, enquanto Nespoli (2018) e Nespoli e Martins (2018) afirmam que são necessários dois nósculos, o UPerfP e o EPerfP⁴.

Esta pesquisa pretende utilizar dados de aquisição de linguagem para investigar quantos e quais nósculos funcionais estão relacionados à categoria de *perfect* na representação estrutural da sentença. Guilfoyle e Noonan (1992) afirmam que os princípios e suas disponibilidades paramétricas estão presentes na gramática universal das crianças desde o nascimento, porém, para que o processo de parametrização seja efetuado, há a necessidade de maturação biológica e cognitiva por parte da criança. As autoras ainda afirmam que, nas fases iniciais de aquisição, só temos a produção de elementos pertencentes às categorias lexicais e que elementos pertencentes às categorias funcionais emergiriam na fala da criança seguindo um cronograma maturacional.

Assumindo que o *perfect* projete uma(s) categoria(s) funcional(is) na árvore sintática, esta pesquisa tem como objetivo investigar as emergências de *perfect* universal, de *perfect* experiencial e de *perfect* de resultado associados ao tempo presente na aquisição do PB⁵. Dessa forma, buscamos contribuir para o estudo da representação do conhecimento linguístico de *perfect* no que diz respeito à proposta de existência de um, dois ou mais nósculos sintáticos associados a essa categoria funcional, bem como a hierarquia entre eles. A hipótese sugerida para esta pesquisa é de que as emergências do *perfect* universal, do *perfect* experiencial e do *perfect* de resultado associados ao tempo presente se dão simultaneamente na aquisição do PB. Como mais bem explorado ao final da seção 1, tal hipótese de pesquisa tem como motivação a proposta de existência de um único sintagma de *perfect* na representação estrutural da sentença (ALEXIADOU, RATHERT & VON STECHOW, 2003).

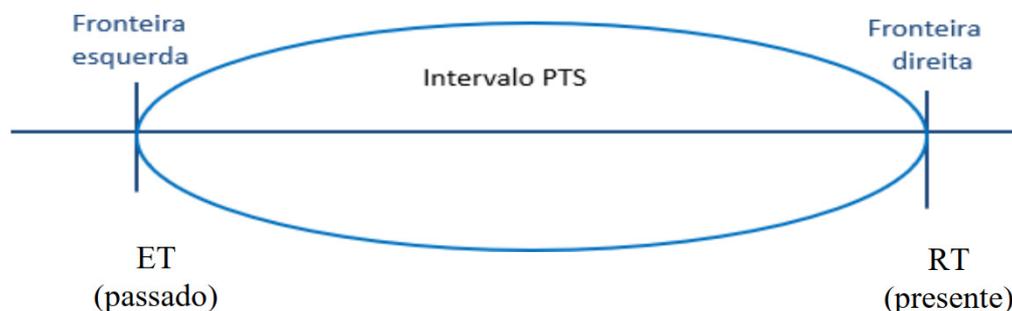
Na primeira seção deste trabalho, apresentamos fundamentos teóricos da pesquisa; na segunda seção, expomos a metodologia escolhida para este estudo; na terceira seção, apresentamos os resultados obtidos e as discussões; e, por fim, dedicamos a quarta e última seção às considerações finais.

4 Esses dois nósculos seriam respectivamente relacionados ao *perfect* universal e ao *perfect* existencial, os quais serão abordados nos pressupostos teóricos.

5 O presente artigo é derivado da dissertação de mestrado produzida pela primeira autora deste artigo sob a orientação da professora doutora Adriana Leitão Martins, na qual, através da análise de um *corpus* longitudinal de uma criança adquirindo o português do Brasil (doravante PB), foi analisada a aquisição dos tipos de *perfect* propostos por McCawley (1981) e por Comrie (1976).

Time Span (doravante PTS). Esse intervalo inclui o ET (tempo do evento) e o RT (tempo de referência). No caso do *present perfect*, teríamos como RT o tempo presente. Dessa forma, temos um intervalo de tempo com uma fronteira esquerda, associada ao momento da situação, e com uma fronteira direita, associada ao momento presente. A seguir, temos a representação esquemática do intervalo PTS.

Figura 1: Representação esquemática do intervalo PTS para o *present perfect*.



Fonte: Nespoli (2018, p.57, adaptado).

Há diversas classificações para o aspecto *perfect* na literatura. Para esta pesquisa, utilizamos a proposta de classificação de Pancheva (2003). Segundo essa classificação, temos três tipos de *perfect*: universal, experiencial e de resultado. A autora afirma que a diferença entre esses tipos de *perfect* é de caráter gramatical.

O *perfect* universal representa uma situação na qual a eventualidade subjacente estende-se através de um intervalo delimitado por um certo tempo no passado e pelo tempo do enunciado, como apresentado em (3) a seguir (PANCHEVA, 2003, p.277):

(3) *Since 2000, Alexandra has lived in L.A.*

since 2000 Alexandra has lived in L.A.

desde 2000 Alessandra ter.3SG.PRS viver.PART em L.A.

‘Desde 2000, Alessandra tem vivido/vive/está vivendo em L.A.’

Nesse caso, temos a situação de Alessandra ter se mudado para L.A. em algum momento do passado (no ano 2000) e de continuar morando nesse local até o momento presente.

O *perfect* experiencial representa uma situação na qual a eventualidade subjacente estende-se através de um subconjunto apropriado de um intervalo, estendendo-se do momento da enunciação de volta ao momento do evento enunciado, como apresentado em (4) a seguir (PANCHEVA, 2003, p.277):

(4) *Alexandra has been in L.A. (before).*

Alexandra has been in L.A. (before)

Alessandra ter.3SG.PRS estar.PART em L.A. (antes)

‘Alessandra já esteve em L.A. (antes).’

O exemplo indica que Alessandra esteve em L.A. pelo menos uma vez no passado e que essa experiência permanece no presente.

Já o *perfect* de resultado, além de representar uma situação na qual a eventualidade subjacente estende-se através de um subconjunto apropriado de um intervalo, estendendo-se do momento da enunciação de volta ao momento do evento enunciado, representa o resultado dessa eventualidade sustentando-se até o momento da enunciação. Em outras palavras, Pancheva (2003) afirma que só temos uma situação de *perfect* de resultado quando temos um resultado que pode ser visualizado no momento de fala. Podemos ver um exemplo desse tipo de situação em (5) a seguir (PANCHEVA, 2003, p.277):

(5) *Alexandra has (just) arrived in L.A.*

Alexandra has (just) arrived in L.A.

Alessandra ter.3SG.PRS (recentemente) chegar.PART em L.A.

‘Alessandra (recentemente) chegou em L.A.’

No exemplo, temos como resultado da chegada de Alessandra o fato de ela ainda estar no local.

Uma classificação de *perfect* proposta anteriormente a de Pancheva (2003) é encontrada em McCawley (1981). Para essa classificação, o *perfect* é dividido em universal e existencial. O *perfect* universal representa situações que se iniciaram no passado e que persistem até o momento presente, como podemos ver em (6) a seguir (MCCAWLEY, 1981, p.81):

(6) *I've known Max since 1960.*

I have known Max since 1960

PRO ter.1SG.PRS conhecer.PART Max desde 1960

‘Eu conheço Max desde 1960.’

No caso apresentado acima, temos o fato de eu ter conhecido Max em algum momento do passado (no ano 1960) e de continuarmos sendo conhecidos/amigos até o momento presente.

Já o *perfect* existencial representa situações que ocorreram no passado e ainda possuem repercussão no momento presente, como podemos ver no exemplo a seguir (MCCAWLEY, 1981, p.81):

(7) *I have read* “Principia Mathematica” *five times*.

I have read “Principia Mathematica” five times

PRO ter.1SG.PRS ler.PART “Principia Mathematica” cinco vezes

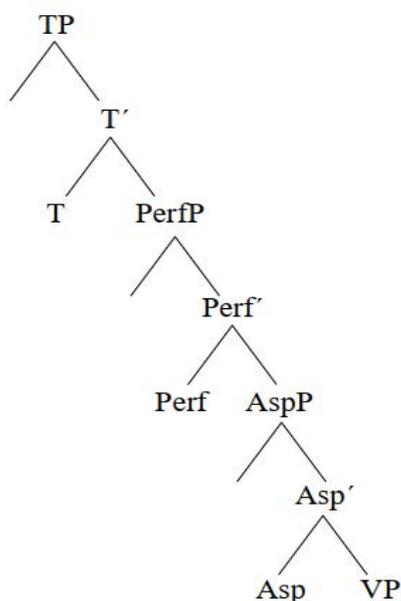
‘Eu já li “Principia Mathematica” cinco vezes.’

O exemplo indica que eu possuo a experiência de já ter lido o livro “Principia Mathematica” várias vezes.

Quando comparados os tipos de *perfect* apresentados por Pancheva (2003) àqueles apresentados por McCawley (1981), temos a seguinte correspondência: de um lado, temos uma relação imediata de um dos tipos de *perfect*, denominado *perfect* universal para ambos os autores; e, de outro, uma correspondência entre o *perfect* de resultado e o *perfect* experiencial propostos por Pancheva (2003) e o *perfect* existencial proposto por McCawley (1981).

Embora haja uma diferença semântica entre os tipos de *perfect*, conforme a exposição acima busca evidenciar, propostas representacionais, como a de Alexiadou, Rathert e von Stechow (2003), sugerem um único nóculo de *perfect* (PerfP) na árvore sintática. Vejamos essa representação sintática na figura (2) a seguir.

Figura 2: Representação sintática contendo somente um sintagma de *perfect*.

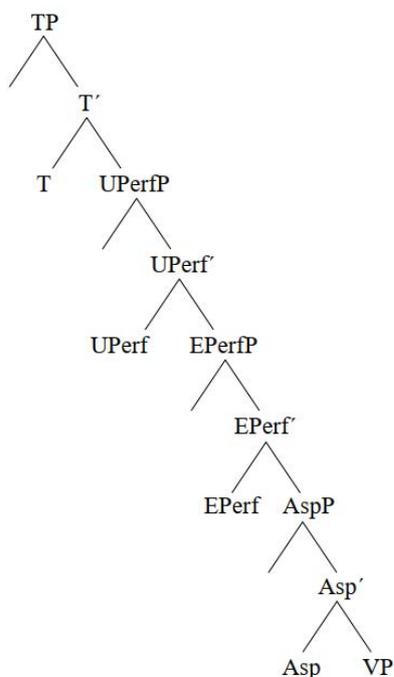


Fonte: Alexiadou, Rathert e von Stechow (2003, p.7).

Já autores como Nespoli (2018) e Nespoli e Martins (2018) propõem, a partir da classificação binária de *perfect* adotada por McCawley (1981) e da análise da realização morfosintática desses tipos de *perfect* em diferentes línguas, que seriam necessários dois nóculos sintáticos para o aspecto

perfect: o UPerfP, que abrigaria o traço [contínuo], e o EPerfP, que abrigaria o traço [resultativo]. Nespoli (2018) ainda afirma que o nóculo UPerfP dominaria o nóculo EPerfP na representação sintática, já que, para a autora, o traço [resultativo] seria mais básico quando comparado ao de [contínuo], sendo necessária a ativação daquele para a veiculação de ambos os tipos de *perfect*. Vejamos essa representação sintática na figura (3) a seguir.

Figura 3: Representação sintática contendo dois sintagmas de *perfect* e com a hierarquia UPerfP > EPerfP.



Fonte: Nespoli (2018, p.153).

Devemos destacar que assumimos, nesta pesquisa, que a representação sintática de *perfect* deve ser a mesma para todas as línguas, seja ela conforme a estabelecida na figura 2, na figura 3 ou, ainda, em uma outra proposta representacional, como defendemos mais adiante neste artigo. Tal assunção está alicerçada na Hipótese da Uniformidade de Sigurðsson (2004), segundo a qual todas as línguas são iguais sintaticamente e os níveis linguísticos lexical e fonológico são os únicos responsáveis por diferenciar as línguas naturais. Também destacamos que este trabalho está em consonância com a proposta Cartográfica assumida por autores como Cinque (1999), segundo a qual todas as línguas possuem a mesma configuração estrutural na camada funcional. Em outras palavras, na Cartografia se assume que existam os mesmos sintagmas na camada funcional e a mesma hierarquia entre eles em todas línguas.

Apesar de possuírem a mesma configuração estrutural na camada funcional, as línguas podem divergir na forma como produzem os traços dos sintagmas que a compõem, podendo inclusive não

produzir morfossintaticamente todos eles. No que diz respeito à realização morfológica de *perfect*, como vimos nos exemplos de (2) a (7), o inglês possui uma forma verbal que necessariamente veicula tal aspecto associado ao presente, independentemente do tipo: o *present perfect* ou passado composto (“*to have*” no presente + verbo no particípio).

O PB não parece se comportar da mesma forma que o inglês, pois não apresenta uma única forma verbal para expressar os diferentes tipos de *perfect* associados ao tempo presente (MOLSING, 2010; NOVAES & NESPOLI, 2014; NESPOLI, 2018). Para expressarmos o valor de *perfect* nessa língua, podemos utilizar diferentes morfologias, como podemos ver no quadro a seguir.

Quadro 1: Morfologias veiculadoras dos tipos de *perfect* (segundo a classificação de Pancheva (2003)) associado ao tempo presente no PB.

Tipo de <i>perfect</i>	Morfologia	Exemplo
<i>Perfect</i> Universal	Passado Composto	(8) O vizinho <u>tem recebido</u> o jornal desde 1990. (MOLSING, 2010, p.178)
	Presente Simples	(9) Eu <u>moro</u> no Rio de Janeiro (<u>desde 1990</u>). (NOVAES & NESPOLI, 2014, p.267)
	Perífrases Progressivas	(10) Eu <u>estou morando</u> no Rio de Janeiro. (NESPOLI, 2018, p.278)
<i>Perfect</i> Experiencial	Pretérito Perfeito	(11) <u>Já passaram</u> (com um carro) em cima do meu pé também. (NESPOLI, 2018, p.126)
<i>Perfect</i> de Resultado	Pretérito Perfeito	(12) Ele caiu e <u>entortou</u> o braço. (NESPOLI, 2018, p.126)

Fonte: Elaboração própria.

Como vimos no quadro (1), muitas vezes é necessária a presença de outros elementos na sentença, como advérbios/expressões adverbiais, associados às morfologias citadas para podermos veicular o *perfect* no PB (NOVAES & NESPOLI, 2014; JESUS *et al.*, 2017; NESPOLI & MARTINS, 2018).

Em consonância com a proposta de que haveria uma hierarquia universal para os sintagmas que abrigam os traços funcionais na arquitetura da sentença, assumimos também que os especificadores desses sintagmas abrigariam advérbios/expressões adverbiais que compartilham com os traços do núcleo um valor semântico comum (cf. CINQUE, 1999). Logo, tanto a morfologia quanto os advérbios/expressões adverbiais são instrumentos linguísticos possíveis de serem examinados para termos pistas sobre a representação sintática da sentença. Nesse sentido, é importante revisar propostas apresentadas na literatura acerca dos advérbios/expressões adverbiais que tenham relação com os traços de *perfect*.

Nespoli (2018), ao analisar a associação de advérbios/expressões adverbiais e formas verbais em sentenças com a expressão dos tipos de *perfect* propostos por McCawley (1981), aponta que tanto os advérbios/expressões adverbiais quanto as formas verbais contribuem para o estabelecimento do intervalo PTS citado no início desta seção. Essa autora ainda acrescenta que eventualmente esses advérbios/expressões adverbiais não estão foneticamente realizados, mas conseguem ser claramente recuperados pelo contexto. Logo, mesmo com o apagamento fonético de advérbios/expressões adverbiais, é possível admitir que os traços relacionados ao *perfect* universal e ao *perfect* existencial estejam especificados positivamente em uma sentença. Vejamos os advérbios/expressões adverbiais classificados como veiculadores de *perfect* segundo Nespoli (2018, p.138) no quadro (2).

Quadro 2: Advérbios/expressões adverbiais que ocorrem em contexto de realização de *perfect* universal e *perfect* existencial.

Advérbios/expressões adverbiais	Tipo de <i>perfect</i>
Sempre/Nunca/Ainda/Até X tempo (presente)/ Desde X tempo/Há/Faz X tempo/Ultimamente ⁶	Universal
Já/Nunca/Ainda não	Existencial

Fonte: Nespoli (2018, p.138, adaptado).

Assumindo que os advérbios/expressões adverbiais e as formas verbais têm um papel funcional, estudos de aquisição de linguagem têm se debruçado sobre o exame desses elementos linguísticos para investigar a aquisição de categorias funcionais, buscando identificar, por exemplo, a ordem na qual elas são adquiridas (LESSA, 2015; ARAUJO, 2015, 2018; entre outros). Tais estudos podem

6 Sugerimos que o advérbio “ultimamente” seja retirado desse quadro em função de não poder veicular uma sentença de *perfect* universal que poderia estar associada aos tempos passado e futuro. Já expressões adverbiais como “há/faz X tempo” podem ser conjugadas em diferentes tempos para proporcionar a veiculação do *perfect* universal associado aos diferentes tempos.

contribuir para a compreensão da representação do conhecimento linguístico acerca dessas categorias na mente de um falante adulto.

Nesta pesquisa, assumimos a Hipótese da Construção Estrutural de Guilfoyle e Noonan (1992). Segundo essa hipótese, toda vez que uma categoria funcional é adquirida, uma projeção referente a essa categoria é adicionada à representação sintática estrutural. As autoras ainda afirmam que a introdução de uma nova categoria funcional no sistema linguístico marca a transição de um estágio da gramática para outro. Na maioria dos casos, as mudanças assumem a forma de processos que, nos estágios anteriores, não poderiam acontecer devido à ausência da categoria funcional em questão. Logo, na proposta dessas autoras, temos que categorias funcionais mais acima na hierarquia estrutural da sentença são adquiridas posteriormente àquelas mais abaixo nessa hierarquia.

A respeito da aquisição do aspecto *perfect*, Weist (1997) afirma que a aquisição do *present perfect* no inglês ocorre tardiamente porque essa morfologia necessita de um certo grau de desenvolvimento do sistema de referência temporal⁷. No caso do *present perfect*, o RT (tempo de referência) é simultâneo ao ST (tempo de fala) e possui o ET (tempo do evento) anterior ao RT. O uso dessa morfologia aparenta necessitar um conceito de RT independente de ST e a capacidade de estabelecer ET e RT em diferentes pontos no tempo.

Devemos destacar que Weist (1997) estudou a aquisição da morfologia de *present perfect*. Nesta pesquisa, analisamos a aquisição de *perfect* como resultante da emergência de determinado(s) traço(s), o(s) qual(is) pode(m) ser realizado(s) tanto morfologicamente quanto por advérbios/expressões adverbiais.

Conforme exposto na revisão feita nesta seção, embora haja na literatura uma proposta que assume a existência de dois traços que projetariam sintagmas distintos de *perfect* (NESPOLI, 2018), há também uma proposta que assume a existência de somente um traço que projetaria um único sintagma de *perfect* (ALEXIADOU, RATHERT & VON STECHOW, 2003). Essa última proposta hierárquica motiva a hipótese desta pesquisa de que as emergências do *perfect* universal, do *perfect* experiencial e do *perfect* de resultado associados ao tempo presente se dão simultaneamente na aquisição do PB.

⁷ Weist (1997) é o único que trata especificamente da aquisição de *present perfect* e apenas nessa língua. Outros estudos sobre a aquisição de *perfect* na língua inglesa, que, diferentemente desse, não se voltaram para o estudo da aquisição do aspecto *perfect* atrelando-o a uma única morfologia, podem ser conferidos em Martins, Rodrigues e Nespoli (2019) e Rodrigues, Martins e Nespoli (2019).

2. Metodologia

Para atingir o objetivo proposto para esta pesquisa, que é investigar a aquisição no PB dos três tipos de *perfect* propostos por Pancheva (2003) associados ao tempo presente, foi realizado um estudo de caso de caráter longitudinal. A participante da pesquisa é identificada como AC no presente estudo. Ela possui somente um irmão, seu gêmeo PP, e vive em um bairro de classe média da cidade do Rio de Janeiro com os pais, recebendo visitas constantes dos avós e sendo exposta nesse ambiente somente ao PB. AC frequenta creche desde 1 (um) ano de idade e lá interage com outras crianças da mesma idade, sendo exposta aí também somente ao PB.

A coleta de dados foi realizada através de gravações da fala espontânea e semiespontânea da criança entre a idade de 1 ano e 11 meses, em que ela se encontrava na fase de transição jargão/uma palavra, e a idade de 3 anos e 8 meses, em que ela se encontrava na fase de combinações múltiplas. Entende-se como fala espontânea todas as manifestações de fala realizadas pelo indivíduo sem a necessidade de interferência de outro, ou seja, o sujeito inicia um assunto e persiste nele durante um momento. Já a fala semiespontânea é uma fala mediada por perguntas eliciadoras, como as ocorridas em entrevistas. Esta última foi utilizada em momentos de silêncio ou quando a criança utilizava uma ou pouquíssimas palavras para expressar sua fala.

As gravações foram realizadas com um gravador acoplado a um celular, dentro da casa da criança, durante um momento de brincadeira e interação com a pesquisadora, com o irmão ou com os responsáveis presentes. Os brinquedos utilizados eram pertencentes e escolhidos pela criança, para que a mesma ficasse à vontade para participar da pesquisa. Contação de histórias com o auxílio de livros infantis também foi utilizada como modo de interação criança-pesquisadora ou criança-mãe. As gravações foram realizadas no intervalo de 15 a 35 dias, no máximo⁸, e tiveram duração média total de 1 (uma) hora. Foram realizadas 33 (trinta e três) gravações.

As gravações foram transcritas de forma similar à produção da criança, aproximando-se de uma transcrição fonética em alguns momentos.

Na análise das realizações de *perfect* pela criança, foram excluídas aquelas que aparentavam ser cópias da fala da pesquisadora ou do responsável presente durante as gravações. Foram analisados nas transcrições as realizações morfológicas e os advérbios/expressões adverbiais utilizados em contextos de veiculação de *perfect* no presente.

⁸ As gravações duraram um total de 22 meses, sendo que a periodicidade de gravações a cada 15 dias só foi realizada em 11 dos 22 meses. Nos outros 11 meses, só foi possível realizar 1 gravação em média a cada 30/35 dias.

Na análise dos dados, eventualmente, agrupamos os resultados por idade da criança (por exemplo, fazemos referência aos dados obtidos quando a criança estava com 2 anos e 6 meses) e, nesse agrupamento de dados, poderia haver dados de uma única gravação, como quando a criança estava com 3 anos, ou de duas gravações, como quando estava com 3 anos e 5 meses.

Devemos ressaltar que, para a análise dos dados, consideramos que as produções veiculadoras de *perfect* realizadas pela criança seriam indícios de que o conhecimento linguístico dessa categoria sintática teria sido adquirido ou estaria em processo de aquisição.

3. Resultados e análises

Como já apresentado neste trabalho, o *perfect* não possui uma morfologia específica no PB. Logo, para expressar o *perfect*, os falantes do PB podem utilizar as morfologias de pretérito perfeito, presente simples e perífrases progressivas no tempo presente, as quais também podem veicular outras categorias sintáticas, como os aspectos gramaticais perfectivo e imperfectivo exclusivamente, por exemplo⁹. A veiculação do *perfect* através dessas morfologias é identificada pelo falante/ouvinte a partir das combinações entre a morfologia verbal e alguns advérbios/expressões adverbiais temporais específicos (IATRIDOU, ANAGNOSTOPOULOU & IZVORSKI, 2003; PANCHEVA, 2003), como vimos no início dos pressupostos teóricos deste trabalho, e do contexto semântico-pragmático (FONSECA, 2012). Por isso, levamos em consideração também os advérbios/expressões adverbiais e o contexto de uso durante as análises das realizações de *perfect* da amostra.

A participante AC produziu sentenças veiculadoras de *perfect* sem advérbios/expressões adverbiais foneticamente realizados durante toda a amostra. Nesses casos, para diferenciarmos as produções morfológicas que não veiculavam *perfect* daquelas que o veiculavam, realizamos uma análise do contexto, como será ilustrado nos exemplos (8) e (9) a seguir. Vejamos o exemplo (8) abaixo, em que não há a veiculação do *perfect*:

(8) AC 3;06 - Contexto: PP pega um brinquedo que estava nas mãos de AC.

AC: Mas eu tô brincando. Tá comiiiigo.

No exemplo (8), observa-se que AC estava no meio do processo de brincadeira e seu irmão

⁹ A morfologia de passado composto também pode ser utilizada para a veiculação de *perfect* associado ao presente no PB, como exposto no quadro 1 dos pressupostos teóricos. Porém, diferentemente das demais morfologias citadas aqui, o passado composto necessariamente veicula esse aspecto. Em função disso, se tal morfologia aparecesse na amostra, seria classificada como uma expressão de *perfect* independentemente da sua associação a determinados advérbios/expressões adverbiais e ao contexto de uso.

lhe tirou o brinquedo. A sentença “tá comiigo” só evidencia que a situação estava acontecendo no momento de fala. A mesma conclusão não pode ser tirada do contexto do exemplo (9) abaixo (o qual será retomado mais adiante), no qual temos a veiculação do *perfect* pela perífrase progressiva “estar” + gerúndio:

(9) AC 2;11- Contexto: CM manda AC contar o que houve com seu pé.

CM: O que aconteceu com seu pé?

AC: Um mosquito me mordeu no pé ((mostrou o pé)).

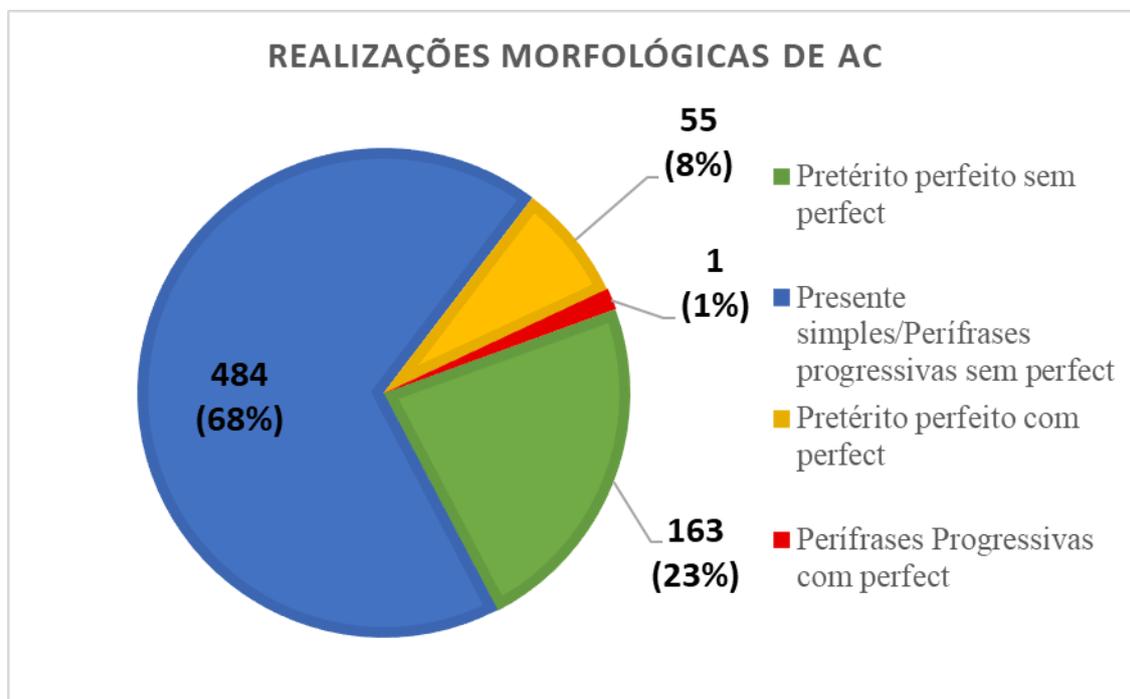
NR: Ai, meu [Deus (sentença exclamativa)]

AC: [Tô tomando] remédio.

Depreende-se da análise do exemplo (9) que a criança não está tomando remédio no exato momento da enunciação, porém ela começou a tomar remédio no momento em que o mosquito lhe mordeu e continua até o momento presente enquanto momento de referência.

Utilizando esse critério, classificamos as produções de AC segundo a morfologia utilizada, analisando se ela veiculava *perfect* ou não. De todas as produções de AC, 484 apresentaram morfologia de presente simples ou perífrases progressivas no presente sem veiculação do *perfect*, 163 apresentaram morfologia de pretérito perfeito sem veiculação do *perfect*, 55 apresentaram morfologia de pretérito perfeito veiculando o *perfect* e 1 apresentou como morfologia uma perífrase progressiva veiculando o *perfect*. O gráfico 1 a seguir mostra o total de produções dessas morfologias por AC.

Gráfico 1: Total de realizações morfológicas que veiculavam ou não o *perfect* nos dados de AC.



Fonte: Elaboração própria.

Após estabelecermos o critério de identificação da veiculação do aspecto *perfect* no *corpus* da participante, podemos analisar a aquisição desse aspecto mais especificamente. A participante produziu 56 ocorrências que classificamos como sendo veiculadoras de *perfect*. A primeira produção veiculadora desse aspecto ocorreu quando a participante se encontrava com 2 anos e 6 meses de idade. No exemplo abaixo, podemos ver essa primeira produção:

(10) AC 2;06 - Contexto: AC e NR estavam montando um castelo de lego.

AC: Doidei ((montei)). Castelo (sentença exclamativa)

NR: Já montou o castelo? (sentença exclamativa) Deixa eu ajudar você, pera aí.

Na situação apresentada em (10), a realização “doidei” foi classificada como sendo veiculadora de *perfect* de resultado, pois temos AC anunciando a montagem de seu castelo de lego, sendo que o castelo pode ser visualizado no momento presente. Ou seja, temos como resultado da montagem do brinquedo um castelo montado. Nesse caso, temos a realização de *perfect* de resultado por meio da morfologia verbal mas não de um advérbio/expressão adverbial foneticamente expresso. Apesar disso, dada a premência do resultado da montagem do castelo no presente, interpretamos que um advérbio/expressão adverbial de *perfect* estivesse mentalmente representado em um nóculo de *perfect* na produção dessa sentença.

Nas nove primeiras gravações em que se evidenciou a produção de *perfect*, constatamos somente produções de *perfect* de resultado. Aos 2 anos e 11 meses, AC produziu sua primeira e única manifestação de *perfect* universal. Vejamos o exemplo (9) retomado em (11) a seguir:

(11) AC 2;11 - Contexto: CM manda AC contar o que houve com seu pé.

CM: O que aconteceu com seu pé?

AC: Um mosquito me mordeu nu pé ((mostrou o pé)).

NR: Ai, meu [Deus (sentença exclamativa)]

AC: [Tô tomando] remédio.

Essa ocorrência foi classificada como *perfect* universal porque AC estava se referindo à ação de ter começado a tomar o remédio no passado (a situação se iniciou no passado, mais especificamente após a picada do inseto) e de ainda estar tomando remédio (a situação persiste até o momento presente). A morfologia progressiva foi utilizada para enfatizar o fato de que a situação de “tomar remédio” persiste até o momento de referência (presente) e não para evidenciar uma situação em progresso no exato momento de referência, uma vez que AC não estava tomando seu remédio no momento de fala.

Aos 3 anos, AC produziu as primeiras manifestações do *perfect* do tipo experiencial. A seguir, temos ilustrada uma dessas manifestações:

(12) AC 3;00 - Contexto: AC encontra o ioiô.

AC: Em mim, já bateu isso. O ioiô.

No caso do exemplo (12), AC conta para NR que o ioiô já bateu nela. Ou seja, temos uma situação que se iniciou e terminou no passado (o ioiô ter batido nela) que tem como relevância no presente a experiência de já ter se machucado com o brinquedo. Como essa situação deu origem a uma experiência, classificamos essa ocorrência como sendo veiculadora de *perfect* experiencial.

Somente aos 3 anos e 5 meses, AC voltou a produzir uma sentença veiculadora de *perfect* experiencial. Abaixo, podemos ver essa produção:

(13) AC 3;05 - Contexto: AC fala com sua avó sobre algo.

AC: A tia Naná ainda num viu.

No caso do exemplo (13), AC fala para sua avó que a pesquisadora não teve a experiência de ter visto algo. Ou seja, temos uma situação que não ocorreu no passado (a tia Naná ter visto algo) que tem como relevância no presente a falta de experiência de ter visualizado alguma coisa importante naquele contexto. Como essa situação deu origem a uma experiência (ou, mais precisamente, à ausência de experiência, pelo fato de estar na negativa), classificamos essa ocorrência também como sendo veiculadora de *perfect* experiencial.

Durante as 33 gravações, considerando-se as ocorrências de *perfect* segundo a classificação de Pancheva (2003), AC produziu 52 sentenças que classificamos como veiculadoras de *perfect* de resultado, 1 de *perfect* de universal e 3 de *perfect* experiencial, conforme apresentado no gráfico 2 exposto a seguir.

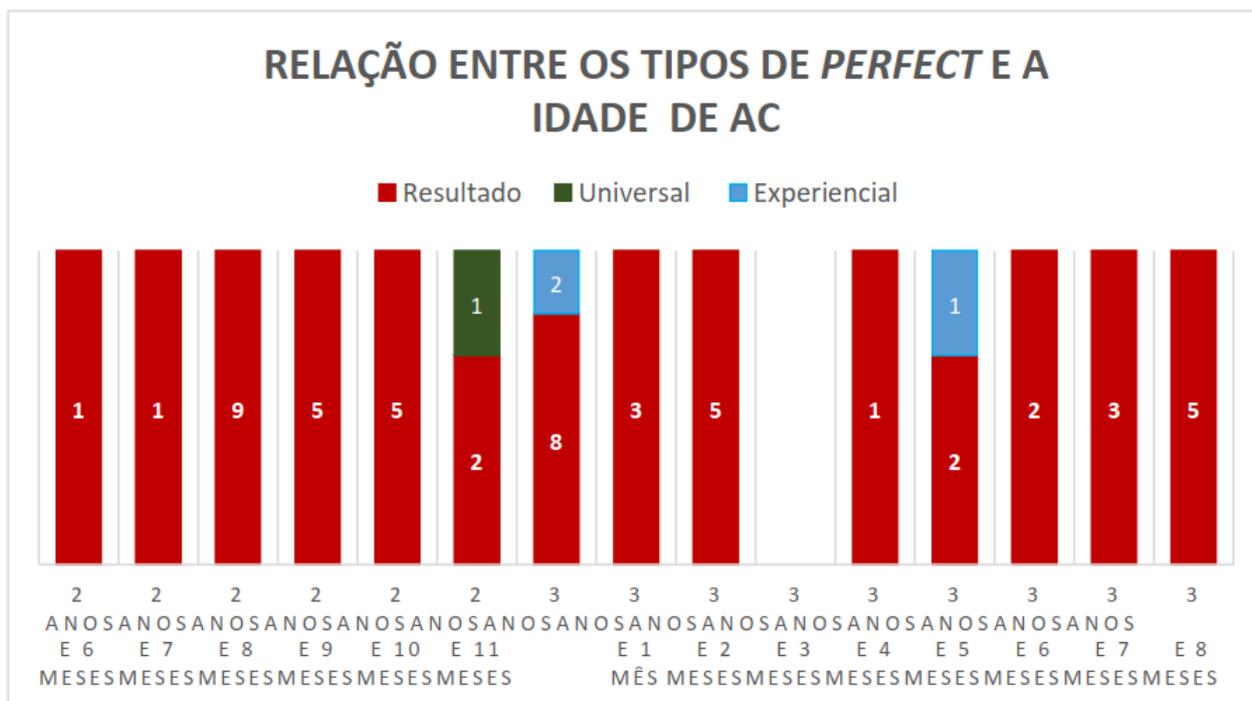
Gráfico 2: Tipos de *perfect* produzidos por AC.



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico 3 a seguir mostra como ocorreu longitudinalmente a produção de sentenças veiculadoras de *perfect* por AC. Para fins de exibição dos resultados no gráfico, agrupamos as ocorrências de *perfect* obtidas em todas as gravações feitas quando a criança tinha a mesma idade (em geral, duas gravações).

Gráfico 3: Realizações de *perfect* por AC extraídas longitudinalmente.



Fonte: Elaboração própria.

Como apresentado, AC produziu, inicialmente, somente *perfect* de resultado e, mesmo quando passa a produzir os outros tipos, a quantidade de produção daquele tipo de *perfect* foi majoritária. Esses dados corroboram a proposta de Nespoli (2018), na qual se propõe que o traço [resultativo] seria mais básico quando comparado ao traço [contínuo], sendo aquele valorado em sentenças com os diferentes tipos de *perfect* e este valorado positivamente somente na veiculação de *perfect* universal.

Destacamos a importância de pontuar que a aquisição do traço linguístico [resultativo] não se confunde com a informação aspectual semântica de completude observada, por exemplo, nos eventos télicos¹⁰. Esta informação se mostra relevante para a aquisição dos aspectos perfectivo e imperfectivo. Estudos que se coadunam com a ideia de que são os traços semânticos inerentes ao verbo que motivam

10 Os eventos télicos são aqueles que possuem um final/meta inerente. Quando a meta é alcançada, ocorre uma mudança de estado e o evento está completo (SMITH, 1997). Kratzer (1994 *apud* PANCHEVA, 2003, p.278) postula que somente os eventos télicos possuem um resultado natural associado a eles. O telos é o “ponto de mudança” que proporciona a transição de eventos télicos para um estado de resultado.

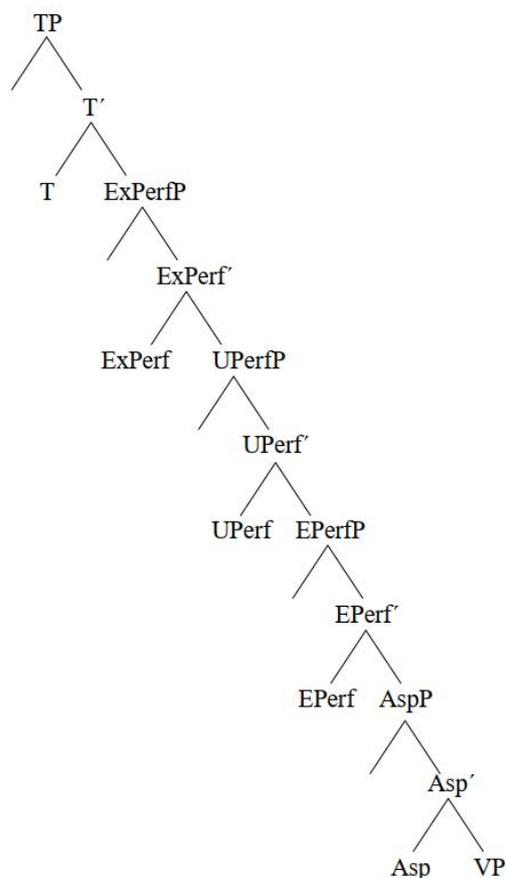
a aquisição morfológica postulam que o traço de completude motiva os usos das morfologias verbais no início do processo de aquisição (ANTINUCCI & MILLER, 1975; ANDERSEN, 1989; ANDERSEN & SHIRAI, 1996). No entanto, esse traço teria relação com a possibilidade de uma criança primeiramente poder visualizar o produto de um evento. Por outro lado, o traço [resultativo] que propomos aqui, enquanto aquele que instancia o *perfect*, promove uma relação entre um momento e outro, que o precede, abrindo um intervalo de tempo que possibilita a relação entre dois pontos no tempo diferentes.

A primeira produção de *perfect* universal só ocorreu 5 meses após a primeira produção de *perfect* de resultado. Logo, baseando-se nos dados de AC e na proposta de aquisição de categorias funcionais por nódulos mais baixos da hierarquia estrutural da sentença (GUILFOYLE & NOONAN, 1992), corroboramos a proposta de Nespoli (2018) com relação à dissociação e hierarquia entre os nódulos de *perfect* existencial e universal, com dominância deste em relação àquele, aqui entendido como *perfect* de resultado.

Somente aos 3 anos, vemos a primeira produção de AC veiculadora de *perfect* experiencial. Esse dado nos leva a crer que haja não somente dissociação entre *perfect* de resultado e universal, como também entre *perfect* de resultado, universal e experiencial. Além disso, em consonância com o defendido no parágrafo anterior, propomos que o nódulo de *perfect* experiencial, por ser o último a ser adquirido pela criança, dominaria os nódulos dos demais tipos de *perfect*.

Assim, associando os dados encontrados no *corpus* de AC às propostas de Guilfoyle e Noonan (1992) e Nespoli (2018), temos a seguinte estrutura arbórea:

Figura 4: Representação sintática contendo três sintagmas de *perfect* e com a hierarquia ExPerfP > UPerfP > EPerfP.

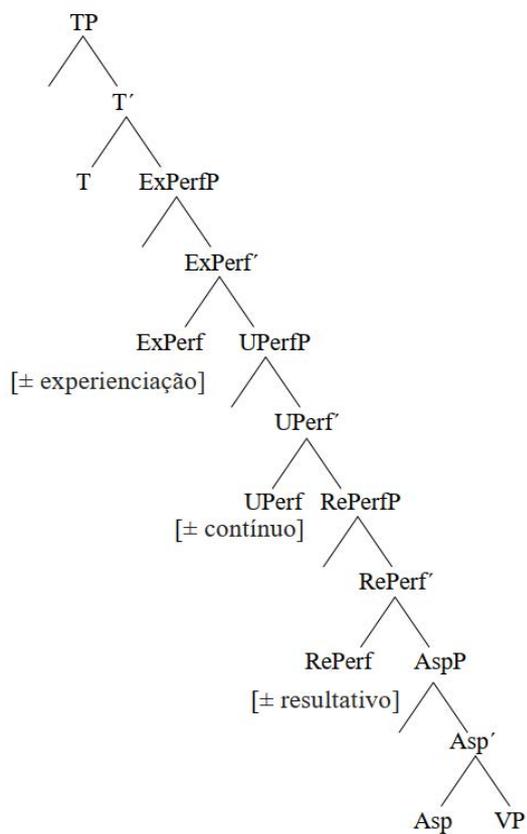


Fonte: Elaboração própria.

O nóculo de *perfect* experiencial (ExPerfP), que propomos neste estudo, abrigaria o traço [experienciação]. Ainda, segundo essa proposta, o traço [resultativo], por ser mais básico, estaria valorado positivamente na veiculação dos três tipos de *perfect*; o traço [contínuo], somente na veiculação do *perfect* universal; e o traço [experienciação], somente na veiculação do *perfect* experiencial.

Quanto ao rótulo usado para referir-se ao nóculo de *perfect* de resultado, para evitar possíveis confusões de nomenclatura com o nóculo ExPerfP e para torná-lo mais compatível com o traço [resultativo] abrigado em seu núcleo, sugerimos a troca de EPerfP por RePerfP. Logo, temos agora a seguinte representação sintática:

Figura 5: Representação sintática contendo os sintagmas de *perfect* propostos nesta pesquisa com a hierarquia ExPerfP > UPerfP > RePerfP e seus respectivos traços.



Fonte: Elaboração própria.

Salientamos que a dissociação entre *perfect* de resultado, *perfect* universal e *perfect* experiencial exposta na figura (5) está em consonância com a proposta de tipos de *perfect* feita por Pancheva (2003). Além disso, sustentamos que os traços [resultativo], [contínuo] e [experiencição], respectivamente, são de naturezas sintático-semânticas distintas, o que ratifica a pertinência de dissociação estrutural entre esses três tipos de *perfect*. Essa dissociação semântica pode ser depreendida, por exemplo, a partir da percepção de independência entre as noções de resultado e de experiência: é possível termos um evento que veicula *perfect* de resultado que não seja resultante de uma experiência vivida por alguém em um determinado momento. Um exemplo disso pode ser visto no exemplo (10) desta pesquisa: na situação de “montar um castelo”, temos como elemento relevante da situação um resultado, que é o castelo montado, e não uma experiência. Nesse caso, temos a valoração positiva do traço [resultativo], mas não do traço [experiencição].

Quanto à hierarquia exposta na figura (5), na qual RePerfP é o mais baixo dentre os três nódulos de *perfect*, destacamos que embasamos essa proposta hierárquica na aquisição mais precoce do [resultativo] pela criança, revelada em sua produção inicial de *perfect* – em quantidade bastante

expressiva e por 5 meses – apenas pelo *perfect* de resultado. No entanto, pontuamos que há um ponto de fragilidade na proposta de hierarquia revelada na figura (5) que diz respeito à dominância de ExPerfP em relação a UPerfP. Essa fragilidade se dá em função do fato de as produções de *perfect* universal e experiencial terem ocorrido quando a criança estava com idade muito aproximada (respectivamente, 2 anos e 11 meses e 3 anos) e em um período em que as gravações foram feitas com um espaçamento temporal maior do que o efetuado em outros momentos da amostra. Como apresentado na seção referente à metodologia desta pesquisa, realizamos parte das gravações a cada 15 dias, mas, a partir dos 2 anos e 11 meses, o espaçamento entre as gravações aumentou para cerca de 30 dias, de modo que só houve uma gravação da criança com 2 anos e 11 meses e uma com 3 anos. Esse aumento do espaçamento entre as gravações ocorreu em um momento crucial para a pesquisa, já que acreditamos que foi nessa fase que os traços [contínuo] e [experienciação] estavam emergindo. Com isso, é possível que alguma realização de *perfect* experiencial tenha ocorrido antes da realização de *perfect* universal, mas não tenha sido capturada em nossas amostras.

Logo, acreditamos que os resultados obtidos nesta pesquisa sustentam a proposta de dissociação entre ExPerfP, UPerfP e RePerfP e a proposta de hierarquia entre esses nódulos, especialmente no que diz respeito à posição de RePerfP como aquele dominado pelos demais. No entanto, ponderamos sobre a possibilidade de dominância de ExPerfP com relação a UPerfP.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a aquisição no PB dos tipos de *perfect* propostos por Pancheva (2003) associados ao tempo presente. Para tanto, realizou-se um estudo de caso com dados extraídos longitudinalmente de uma criança adquirindo essa língua. A hipótese sugerida para esta pesquisa foi de que as emergências do *perfect* de resultado, do *perfect* universal e do *perfect* experiencial associados ao tempo presente se dariam simultaneamente na aquisição do PB.

A partir dos dados obtidos neste estudo, refutamos a hipótese proposta para esta pesquisa. A refutação da hipótese deu-se em função do fato de, inicialmente, AC ter produzido apenas sentenças veiculadoras de *perfect* de resultado, expandindo, posteriormente, sua produção para os tipos universal e experiencial, nessa ordem.

Os resultados de AC indicaram que há uma dissociação entre esses três tipos de *perfect*. Assim, acrescentamos à representação estrutural de *perfect* um nódulo equivalente ao *perfect* experiencial (ExPerfP), o qual carregaria o traço [experienciação], ampliando a proposta de representação estrutural desse aspecto proposta por Nespoli (2018) e Nespoli e Martins (2018), a qual já previa a existência

de dois núdulos para *perfect*, UPerfP e EPerfP, responsáveis pelos traços [contínuo] e [resultativo], respectivamente.

Com base na ordem de emergência dos tipos de *perfect*, propomos a seguinte estrutura hierárquica para os núdulos de *perfect*: ExPerfP > UPerfP > RePerfP. Salientamos que esse último equivaleria ao EPerfP de Nespoli (2018) e Nespoli e Martins (2018), tendo como motivação para essa nomenclatura a maior transparência entre o rótulo dado ao sintagma e o traço abrigado em seu núcleo.

Além disso, como o traço [resultativo] foi adquirido primeiramente, propusemos que ele seja mais básico quando comparado aos traços [contínuo] e [experienciação] e que ele seja ativado positivamente para a veiculação dos três tipos de *perfect*.

Apesar de termos defendido a necessidade de dissociação entre os tipos de *perfect* de resultado, universal e experiencial e proposto uma hierarquia para esses núdulos a partir dos dados obtidos nesta pesquisa, questionamos a hierarquia entre os núdulos UPerfP e ExPerfP. A presença de somente uma sentença veiculadora de *perfect* universal e a emergência dessa muito próxima temporalmente à emergência da primeira ocorrência de *perfect* experiencial nos fizeram crer que haveria uma possibilidade de inversão dos núdulos ExPerfP e UPerfP.

Devido a essa dúvida e ao fato de esta pesquisa ter examinado a produção de uma única criança monolíngue e, portanto, a aquisição de uma única língua, destacamos que novas pesquisas precisam ser realizadas. Sugerimos como desdobramentos deste estudo pesquisas com dados de mais crianças e, ainda, crianças adquirindo outras línguas, para investigar, por exemplo, a dominância entre os núdulos ExPerfP e UPerfP.

REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. Introduction: the modules of perfect constructions. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. v-xxxviii.

ANDERSEN, R. La adquisición de la morfología verbal. **Linguística**, Caracas, v.1, p.89-141, 1989.

ANDERSEN, R.; SHIRAI, Y. The primacy of aspect in first and second language acquisition: the pidgin- creole connection. In: RITCHIE, W.C.; BHATIA, T.K. (ed.) **Handbook of second language acquisition**. California: Academic Press, 1996.p. 527-560.

- ARAÚJO, T.S.N. **Aquisição de aspecto no português brasileiro**. 2015. 140f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.
- ARAÚJO, T.S.N. A aquisição da morfologia verbal no PB e categoria de aspecto. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.89-105, set.-dez.2018.
- ANTINUCCI, F.; MILLER, R. How children talk about what happened. **Journal of Child Language**, Cambridge, v.3, p. 169-189, 1976.
- CINQUE, G. **Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.
- COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1976.
- FONSECA, M.C.M. Descrição da oposição present perfect vs. simple past. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.44, p.259-77, 2012.
- GUILFOYLLE, E.; NOONAN, M. Functional categories and language acquisition. **Canadian Journal of linguistics/ Revue Canadienne de linguistique**, Cambridge, v.37, n.2, p.241- 72,1992.
- IATRIDOU, S.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; IZVORSKI, R. Observations about the form and meaning of the perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 153-205.
- JESUS, J. L. et al. O aspecto *perfect* no português do Brasil. **Travessias Interativa**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 511-526, jul.-dez. 2017.
- LESSA, A.T.M. **Dissociação entre tempo e aspecto à luz da aquisição de linguagem**. 2015. 168f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.
- MARTINS, A.L.; RODRIGUES, N.P.S.; NESPOLI, J.B. **O aspecto *perfect* no inglês americano: uma análise à luz da aquisição de linguagem**. IX Conferência Linguística e Cognição: Diálogos Imprescindíveis, PUC Minas, 2019.
- MCCAWLEY, J.D. Notes on the English Present Perfect. **Australian Journal of Linguistics**, v. 1. p. 81-90. 1981.

MOLSING, K. Reflexões teóricas sobre o passado composto. **Revista Letras**, Curitiba, n. 81, p. 177-191, mai./ago. 2010.

NESPOLI, J.B. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo**. 2018. 178f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2018.

NESPOLI, J.B.; MARTINS, A.L. A representação sintática do aspecto *perfect*: uma análise comparativa entre o português e o italiano. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.60, n.1, 2018.

NOVAES, C. V.; NESPOLI, J. B. O traço aspectual de perfect e as suas realizações. **Revista FSA**, Teresina, v. 11, n. 1, p. 255-279, 2014.

PANCHEVA, R. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (Eds.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 277-308.

RODRIGUES, N.P.S.; MARTINS, A.L.; NESPOLI, J.B. **Aquisição de perfect no inglês americano**. ABRALIN 50 – Linguística na Contemporaneidade: Desafios, debates e propostas, Maceió, 2019.

SIGURÐSSON, H. A. Meaningful silence, meaningless sounds. **Linguistic variation yearbook**, v. 4, p. 235-259, 2004.

SMITH, C. **The Parameter of Aspect**. Dordrecht: Kluwer, 1997.

WEIST, R.M. Tense and Aspect. In: FLETCHER, P.; GARMAN, M. (ed.). **Language acquisition: Studies in first language development**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1997. p.356-74.

**NANOSSINTAXE DO ESPANHOL PARAGUAIO: LEÍSMO, OBJETO NULO E
MARCAÇÃO DIFERENCIAL DE OBJETO¹**
**PARAGUAYAN SPANISH NANOSYNTAX: LEISM, NULL OBJECT AND
DIFFERENTIAL OBJECT MARKING**

Rocio Esther González Fariña²

Valdilena Rammé³

RESUMO

Neste artigo, pretendemos apresentar uma análise preliminar de três fenômenos do espanhol paraguaio (EP), a saber, a marcação diferencial de objeto (MDO), o leísmo e o objeto nulo, à luz da Nanossintaxe. Procura-se entender como se relacionam os sentidos associados a esses fenômenos e a maneira em que se realizam morfossintaticamente. Sendo assim, nosso objetivo com este trabalho é duplo: contribuir com a descrição do espanhol paraguaio dentro de um quadro formal de análise linguística, e considerar tanto motivações sintáticas quanto semânticas para a proposta de estruturas nanossintáticas que poderiam estar licenciando a variação observada. As análises realizadas apontam para um paralelismo entre a MDO e o *leísmo* com substantivos +animados, por um lado, e entre a MDO e o objeto nulo com complementos –animados, por outro, sugerindo que a estrutura que subjaz os contextos de MDO, dativo ‘a’ e objeto nulo devem partilhar algum traço funcional. Assim, este texto se inicia com uma breve apresentação do espanhol paraguaio e do contexto da tríplice fronteira

1 Esta pesquisa recebeu o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UNILA através do Programa de Iniciação Científica Voluntário-UNILA. Agradecemos pela possibilidade de realizar esta importante investigação.

2 Curso de Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras - Instituto Latino-americano de Artes, Cultura e História - UNILA. E-mail: rociogonzalez.f@hotmail.com.

3 Curso de Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras - Instituto Latino-americano de Artes, Cultura e História - UNILA. E-mail: val.ramme@gmail.com.

(Argentina-Brasil-Paraguai) em que se insere a presente pesquisa. Na sequência, realizaremos uma revisão bibliográfica que discutirá de forma sucinta os três fenômenos aqui estudados e discutiremos os dados orais e escritos do espanhol paraguaio coletados de diversas mídias de acesso público. Finalmente, propomos uma análise nanossintática dos fenômenos expostos a partir dos dados, tecendo algumas considerações finais sobre os possíveis desdobramentos desta pesquisa.

Palavras chave: espanhol paraguaio; nanossintaxe; marcador diferencial de objeto; leísmo; objeto nulo.

ABSTRACT

In this paper we intend to present a preliminary analysis, in the light of Nanosyntax, of three phenomena found in Paraguayan Spanish (EP), namely the differential object marking (DOM), *leísmo* and the null object. We seek to understand how the meanings associated with these phenomena are related, as well as the way they are morphosyntactically performed. Thus, our goal with this work is twofold: to contribute to the description of Paraguayan Spanish within a formal framework of linguistic analysis, and to consider both syntactic and semantic motivations for the proposal of nanosyntactic structures that DOM be licensing the variation observed in this language. Our analyses point to a parallelism between DOM and *leísmo* with +animated nouns, on the one hand, and between DOM and null object with inanimate complements, on the other, suggesting that the structure that underlies null object and DOM contexts, as well as dative ‘a’ must share some functional feature. So, this article begins with a brief presentation of Paraguayan Spanish and the context of the triple border (Argentina-Brazil-Paraguay) in which this research is inserted. After that, we will briefly review the literature that has already discussed the three phenomena and discuss oral and written Paraguayan Spanish data collected from various public access media. Finally, we will propose a nanosyntactic analysis of the phenomena considering this new data, and will make some final considerations about the possible outspread of this research.

Keywords: Paraguayan Spanish; nanosyntax; differential object marking; leism; null object.

1. Introdução

O espanhol paraguaio (doravante, EP) é amplamente conhecido por se distinguir das outras variedades do espanhol que são encontradas na América Latina. A maioria dos autores (FRANÇA, 2014; PÉRSICO, 2014; ALCÁINE, 2003, 2005; DE CANESE, 1993) que se dedicam à descrição desse idioma, contudo, expõem e discutem as distintas características do EP a partir de

um olhar intercultural ou sociolinguístico, tendo em vista que diferenças na forma da gramática do espanhol falado no Paraguai são, em geral, atribuídas à convivência desta língua com o Guaraní e ao intenso contato que essas línguas estabelecem nesse país oficialmente bilíngue (PARAGUAY, 1992).

Nossa abordagem, porém, não se aterá a questões socioculturais já largamente tratadas, mas pretendemos apontar possíveis caminhos para uma descrição formal de alguns traços específicos do EP partindo de dados de fala e escrita espontâneas. Logo, nosso objetivo com este artigo é duplo: por um lado, almejamos contribuir com a descrição do espanhol paraguaio dentro de uma perspectiva formal de análise linguística; por outro, ambicionamos levar em conta tanto motivações sintáticas, quanto semânticas para propor estruturas nanossintáticas que estariam licenciando a variação observada. Neste trabalho inicial, fruto de um projeto de Iniciação Científica⁴, procuramos analisar, portanto, três fenômenos do espanhol paraguaio, nomeadamente, Marcação Diferencial de Objeto (1), leísmo (2) e objeto nulo (3)⁵, à luz da Nanossintaxe. Com isso, buscamos entender a estreita relação entre os sentidos associados a tais fenômenos e suas realizações morfossintáticas.

- (1) E.P1: (...) me parece absurdo juzgar a un movimiento para sentir que tu opinión vale.
“me parece absurdo julgar um movimento para sentir que tua opinião tem valor”.
- (2) ¿Escuchaste al profesor? No le pude escuchar.
“Você ouviu o professor? Não consegui ouvi-lo”.
- (3) E.P2: Manden fotos chicxs, para poder compartir Ø desde nuestra página.
“Mandem fotos meninxs, para poder compartilhar na nossa página”.

Inicialmente, discutiremos a Marcação Diferencial de Objeto (MDO) e seu uso não padrão no espanhol paraguaio, baseando-nos, especialmente, na monografia de Fábregas (2013). Nesse trabalho, o autor apresenta uma ampla revisão bibliográfica sobre o tema e destaca a escassez de dados relativos ao espanhol da América Latina, o que dificulta, segundo ele, o estabelecimento de generalizações e uma compreensão mais abrangente do fenômeno no espanhol. Nesta análise, veremos como, no EP, de acordo com o que prevê Fábregas, objetos diretos que podem ser interpretados com definidos e animados aceitam sistematicamente a MDO, muito embora a norma padrão e outras variedades indiquem que essa marcação somente deva ser empregada em casos em que o objeto direto é humano.

Na sequência, então, trataremos do leísmo no EP e tentaremos buscar indícios morfossintáticos e semânticos para compreender em que medida tanto o uso do pronome “le” em contextos de objeto

4 Agradecemos à UNILA e à PRPPG pela bolsa IC.Voluntário concedida entre 2018 e 2019.

5 Os dados de escrita e fala espontâneas coletados serão marcados com os índices E e O, respectivamente. Os/as falantes serão diferenciados por número P1, P2, etc.

direto em que o pronome esperado seria o “lo”, quanto o uso diferente do MDO possam estar motivados pelos mesmos traços funcionais nanossintáticos. Finalmente, procuraremos descrever os contextos em que o objeto nulo é licenciado, ou seja, em que se torna possível retomar o objeto direto por uma categoria vazia, para compreender em que grau os mesmos traços nanossintáticos possam estar licenciando este fenômeno aparentemente inédito no espanhol.

Este artigo terá, portanto, a seguinte estrutura: na próxima seção, exporemos brevemente o espanhol paraguaio e o contexto da tríplice fronteira (Argentina-Brasil-Paraguai) em que a presente pesquisa está inserida. Na seção seguinte, então, realizaremos uma revisão bibliográfica que discutirá brevemente os três fenômenos aqui estudados. Na terceira seção, apresentaremos e discutiremos os dados orais e escritos do espanhol paraguaio coletados de diferentes mídias de acesso público. Finalmente, oferecemos uma análise nanossintática dos fenômenos expostos a partir dos dados do espanhol paraguaio e teceremos algumas considerações preliminares sobre eles.

2. Paraguai: território plurilíngue

Em 1992, a Constituição paraguaia estabeleceu que o Paraguai seria, a partir de então, um país oficialmente bilíngue, tendo o espanhol e o guarani como línguas nacionais. Naquele momento, registra-se uma situação inédita até então: uma língua indígena é instituída como língua oficial de um país latino-americano. O território paraguaio é, contudo, plurilíngue há muito mais tempo. Não só o espanhol e o guarani convivem nesse território desde a invasão da América, mas também ali encontramos, hoje, uma língua crioula fruto da combinação do espanhol e do guarani, o *yopará*⁶ (*jopará* significa “mesclado”/“misturado” em guarani), entre outras línguas indígenas e de imigração, como o português.

Neste contexto, portanto, a questão do bilinguismo paraguaio oficial e do espanhol como língua nacional também necessita ser revisitada. Registros oficiais, por exemplo, apontam que somente 69,5% dos paraguaios falam espanhol ou são bilíngues (PÉRSICO, 2014), ou seja, aproximadamente 30% da população não é falante de espanhol. Nas áreas rurais, o guarani é, assim, a língua de uso majoritário. Nestas regiões, 60% da população somente fala guarani ou é bilíngue espanhol-guarani (ALCAINE, 2005). Em áreas urbanas, por outro lado, 70% da população se declara bilíngue, e o restante se distribui igualmente entre falantes monolíngues de espanhol ou de guarani.

Finalmente, na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, na grande região que engloba Ciudad del

6 Língua crioula ou interlíngua descrita por variados autores como o resultado da mistura do espanhol e do guarani. (PÉRSICO, 2014).

Este e Foz do Iguaçu, para além da coexistência do guarani, do espanhol e do *yopará*, nos deparamos com paraguaios, brasileiros e brasiguaios⁷ bi/plurilíngues falantes de espanhol, *yopará*, guarani e português. Além disso, no dia a dia, também é possível ouvir nesta região uma outra interlíngua, fruto da mistura do português e do espanhol, que pode ser descrita como um *pidgin*, ou língua de comunicação, e que é comumente referida como portunhol/*portuñol*.

É possível perceber, com essa breve apresentação, como é rico e diverso o contexto linguístico em que estamos inseridos. Para se ter uma ideia do que isso significa para o espanhol paraguaio, podemos retomar um exemplo, dentre muitos, de construção sintática levantada por Lipski, (1996) que ilustra a originalidade da gramática paraguaia:

- (4) Traiga (usted) tu poncho. (LIPSKI, 1996 *apud* PÉRSICO, 2014, p. 60.)
“Traga (você) teu poncho”.

Segundo Lipski, os paraguaios que usam majoritariamente o guarani nem sempre manejam as diferenças entre *tú* (tu) e *usted* (você/o senhor), pois o guarani possui um só pronome de segunda pessoa: *nde*. Assim, é comum ouvir frases como (4) em todo o país. Uma das hipóteses seguidas em nossa pesquisa é a de que é exatamente essa riqueza linguística que permite o surgimento de fenômenos que distinguem o espanhol falado no Paraguai das outras variedades desse idioma encontradas na América Latina. Não nos preocuparemos, contudo, em explorar as motivações da variação observada. Esta análise se debruçará, exclusivamente, sobre a descrição dos fenômenos mencionados a partir de um referencial nanossintático. Almejamos, com esta primeira aproximação, demonstrar como a Nanossintaxe nos oferece um rico maquinário, independentemente motivado, para começarmos a descrever a gramática do EP de uma perspectiva formal. Na próxima seção, apresentamos mais detalhadamente os fenômenos sob exame.

3. MDO, *leísmo* e objeto nulo no espanhol paraguaio

O EP é objeto de citações frequentes nas gramáticas tradicionais do espanhol como uma variedade que usa estruturas que não são consideradas “gramaticais”. Por exemplo, a *Nueva Gramática de la Lengua Española* (RAE, 2010, p. 658) registra que, entre as particularidades do EP, está o uso do objeto nulo em posição de complemento direto. Muito embora a obra reconheça que este uso não é

7 Para Albuquerque (2009), o uso do termo “brasiguai” pode ser atribuído a: “1) ao imigrante pobre que foi para o Paraguai, não conseguiu ascender socialmente e que, muitas vezes, regressou ao Brasil; 2) aos grandes fazendeiros brasileiros no Paraguai; 3) aos filhos dos imigrantes que já nasceram naquele país e têm a nacionalidade paraguaia; 4) aos imigrantes e seus descendentes que falam um “idioma fronteiriço” e mesclam outros elementos culturais dos dois países; 5) a todos os imigrantes brasileiros na nação vizinha”. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 154)

exclusivo do espanhol falado no Paraguai, exemplos dessa variedade são utilizados.

Como mencionado, o uso do objeto nulo consiste em retomar um nominal anteriormente mencionado no contexto discursivo através de uma categoria vazia. Em outras palavras, o traço sintático-semântico associado a tal morfema não possui “corpo” fonológico. Vemos um outro exemplo desse fenômeno no diálogo abaixo, registrado em conversas espontâneas na região de Ciudad del Este:

- (5) ¿Compraste el libro? Sí, Ø compré.
“Você comprou o livro? Sim, comprei”.

O uso generalizado do objeto nulo, vale destacar, também é registrado no português brasileiro (PB), sendo frequentemente citado como uma das características fundamentais que diferencia o português falado no Brasil do português falado em outras regiões lusófonas (BAGNO, 2011, p. 470; OLIVEIRA, 2007; CYRINO, 1996; TARALLO, 1996, entre outros). Além disso, autores como Oliveira (2007) descrevem esse fenômeno como algo sem paralelo em outras línguas românicas, o que, como observaremos, não se verifica.

Se, por um lado, a RAE aponta que o objeto nulo é comum em variedades como o EP, por outro, a obra sinaliza que o fenômeno conhecido como leísmo, ou seja, o uso de um pronome dativo (‘le’) no lugar de um pronome acusativo (“lo”, “la”), é muito mais frequente no espanhol peninsular que em textos do espanhol americano (RAE, 2010, p. 316). Essa afirmação também não pode ser comprovada se levarmos em conta o espanhol paraguaio. A partir da análise de nossos dados, percebemos que, no EP, o leísmo é, de fato, muito comum, o que se pode verificar no diálogo abaixo, coletado de um grupo familiar de *whatsapp* em 26 de junho de 2019:

- (6) – E-P3: Sera q podran cuidarle 2 horitas a Maia? (...) y como esta un poquito engripada no le quiero llevar..
Será que poder.FUT.2.PL cuidar.INF-LHE.ACC 2 horinhas A.ACC Maia.ACC? (...) e como (ela) está um pouquinho gripada não LHE.ACC querer.PRES.1.SG levar.INF
“Será que podem cuidar 2 horinhas da Maia? (...) e como está um pouquinho gripada não quero levar ela”.
- E-P3: Casi todos los niños están tosiendo *vaikuete* y seguro eso ya le mudó
Quase todas as crianças estão tossindo terrivelmente e com certeza isso já LHE.DAT contagiar.PST.3.SG
“Quase todas as crianças estão tossindo terrivelmente e com certeza isso já a contagiou”.
- E-P4: Traele no mas ya
Trazer.IMP.2.SG LHE.ACC então
“Traz ela então”

Além disso, segundo pesquisas anteriores⁸, é possível encontrar evidências de que a MDO nessa variedade apresenta características que poderiam estar conectadas à popularidade do leísmo paraguaio. Fábregas (2013) sugere, nesse sentido, que alguns traços semânticos, como animacidade, poderiam ter um papel central em ambos os casos. Isto é, como podemos observar nos exemplos abaixo, tanto para o fenômeno do leísmo (7), quanto para a MDO e para o licenciamento de objetos nulos (8), a restrição parece residir no fato de o objeto ser animado ou não, independentemente de ser humano ou não:

- (7) ¿Escuchaste al profesor? - No le pude escuchar.
Ouvir.PST.2.SG A.ACC o.DET professor.ACC? - Não LHE.ACC poder.PST.1.SG ouvir.INF.
“Você ouviu o professor? – Não consegui ouvi-lo/ouvir ele”.
- (8) Escuchaste el debate? – No \emptyset pude escuchar.
Ouvir.PST.2.SG o.DET debate.ACC? – Não \emptyset .ACC poder.PST.1.SG ouvir.INF.
“Você ouviu o debate? – Não consegui ouvir \emptyset ”.

Tendo em vista essas interessantes características do EP, este trabalho introdutório busca, assim, contribuir para uma pequena expansão na colossal tarefa de descrição da riqueza e diversidade do espanhol latino-americano. Nas próximas subseções, iniciamos essa atividade, apresentando uma revisão bibliográfica dos três fenômenos através de dados do espanhol padrão e também em contraste com o PB.

3.1. Marcação diferencial de objeto (MDO) no espanhol

A Marcação Diferencial de Objeto pode ser descrita como um fenômeno semântico que possui representação morfossintática em algumas línguas, como é o caso do espanhol. De acordo com Bossong (1982, 1985, 1991 *apud* Fábregas, 2013), o Marcador Diferencial de Objeto tem a função de estabelecer um “contraste entre elementos que possuem a mesma função sintática” e necessariamente, é realizado através de marcação morfológica (FÁBREGAS, 2013, p. 1).

O que nos interessa neste artigo, portanto, é analisar esse fenômeno à luz da Nanossintaxe, tendo em conta que essa abordagem tenta estabelecer as bases de uma teoria que conjugue, ao mesmo tempo, tanto uma representação sintática, quanto uma representação semântica para a gramática das línguas naturais. De forma sucinta, a Nanossintaxe (CAHA, 2009; STARKE, 2010, 2011) propõe que os elementos a partir dos quais a sintaxe constrói as estruturas da língua são submorfêmicos, ou seja, traços funcionais e conceituais. Assim, no processo de derivação, em vez de trabalhar com nomes/

8 Ver Fábregas (2013) para um amplo panorama de tais propostas.

sintagmas nominais (SNs), preposições/sintagmas preposicionais (SPs) ou verbos/sintagmas verbais (SVs), a sintaxe trabalha com traços como Nominativo, Acusativo, Dativo, Pessoa, Definido, Plural etc. Esses traços, por sua vez, estão organizados hierarquicamente e assim são estocados no léxico. Na computação, o léxico é consultado constantemente após cada *Merge* (FÁBREGAS, 2007, 2009; PANTCHEVA, 2011), para a busca e combinação de palavras e morfemas da língua que carreguem a mesma estrutura de traços e que podem ser combinados com precisão àquela estrutura criada pela sintaxe.

Para ilustrar, podemos retomar brevemente o trabalho de Rocquet (2013), cuja tese apresenta um amplo estudo da nanossintaxe da marcação diferencial de objeto em húngaro. Segundo a autora, nesse idioma, a sequência funcional que a sintaxe constrói quando há MDO pode ser visualizada em (9). Nesses casos, será necessário que um ou mais itens lexicais que carreguem os traços abaixo sejam combinados a esta estrutura para que ela seja lexicalizada de forma bem sucedida:

(9) Acc2 > Acc1 > Nom > DP

Como se pode notar, Rocquet (2013) sugere que a hierarquia Acc > Nom seja refinada ainda mais e propõe o traço funcional Acc2, que teria o mesmo “sabor” que o traço Definido [DEF] encontrado na hierarquia funcional associada a possessivos: Genitivo > DEF > Acc > Nom > DEF > ... (Rocquet, 2013, p. 178-179). Assim, nos casos de Marcação Diferencial de Objetos, o morfema que é associado a esse fenômeno estaria lexicalizando o traço Acc2(DEF) da estrutura em (9) e poderia ser representado como nos exemplos abaixo. Em (10), com a presença da preposição “a”, interpretamos a sentença como um evento em que estou procurando uma secretária específica, definida, como a secretária do curso dentre um grupo de pessoas, por exemplo. Por outro lado, sem a presença do “a” é necessário interpretar a sentença como a procura de uma secretária desconhecida, indefinida.

(10) Busco a una secretaria / ____ una secretaria.
procurar.PRES.1.SG A.ACC2(DEF) una secretaria.ACC1 / una secretaria.ACC1
“Estou procurando uma secretária.”

Voltaremos a discutir essa configuração em mais detalhes na seção de análise. Porém, antes de continuarmos, é preciso ressaltar que, muito embora seja uma tarefa difícil descrever as propriedades do MDO no espanhol, tendo em vista que essa língua possui variedades que empregam esse marcador de maneiras muito distintas, ainda assim é possível elencar algumas propriedades recorrentes nos mais distintos trabalhos. Dentre elas, destacamos três mencionadas em Fábregas (2013): sua (a) função sintática de acusativo (Acc), mas forma morfológica (‘a’) idêntica ao dativo (Dat); (b) a exigência de determinados traços semânticos de definitude e animacidade nos nomes que são seus complementos;

e (c) a restrição de que o Objeto Indireto (OI) realizado abertamente bloqueia o MDO.

(11) Ilustração das propriedades do MDO em espanhol:

a) - ¿Encontraste al profesor (Acc)? Si, lo encontré / El profesor fue encontrado.

Encontrar.PST.2.SG A.ACC⁹ o.DET profesor.ACC? Sim, encontrar.PST.1.SG Ø.ACC

“Você encontrou o professor (Acc)? Sim, encontrei Ø / O professor foi encontrado.”

- ¿Escribiste al profesor (Dat)? Si, le escribí. / *El profesor fue escrito.

Escrever.PST.2.SG A.DAT o.DET profesor.ACC? Sim, lhe.DAT escr.PST.1.SG.

“Você escreveu ao professor (Dat)? Sim, lhe escrevi / *O professor foi escrito”

b) ¿Encontraste el libro? Si, lo encontré / El libro fue encontrado.

Encontrar.PST.2.SG o.DET libro.ACC? Sim, Ø.ACC encontrar.PST.1.SG.

“Você encontrou o livro? Sim, Ø encontrei / O livro foi encontrado”.

c) Presenté a un amigo vs. Presenté un amigo a mis papás.

Apresentar.PST.1.SG A.ACC um amigo.ACC vs. Apresentar.PST.1.SG um amigo.ACC a.DAT mis papás.

“Apresentei um amigo” vs. “Apresentei um amigo aos meus pais”.

d) *Imaginé a un perro vs. Imaginé a un perro corriendo por el barrio.

**Imaginar.PST.1.SG A.ACC um cachorro.ACC vs. Imaginar.PST.1.SG a.ACC um cachorro.ACC correr.GER pelo bairro*

“Imaginei um cachorro” vs. “Imaginei um cachorro correndo pelo bairro”.

Como podemos observar, em (11a), a preposição “a” é usada na função de complemento direto (“encontrar al profesor”), posição associada ao traço Acusativo, e também de complemento indireto (“escribir al profesor”), função geralmente associada ao traço Dativo. Tal distinção de funções se comprova através do teste da passivização: enquanto a primeira construção pode ser passivizada, a segunda bloqueia essa transformação. Ainda, em (11b), podemos observar como, nos casos em que o complemento direto é um objeto ou uma coisa, a preposição “a” deixa de ser usada. Em (11c), por sua vez, observamos como a realização do objeto indireto na mesma sentença (“a mis papás”) bloqueia a realização da preposição na posição de objeto direto, mesmo que, nesse caso, seja uma pessoa. Finalmente, em (11d), é possível verificar como a presença de uma predicação secundária licencia o uso da preposição “a” com um objeto direto que não carrega os traços +definido ou +animado.

9 Quando não diferenciamos Acc1 e Acc2, não estamos preocupadas com a análise mais fina que propomos aqui, mas estamos analisando de acordo com o que tradicionalmente se considera o traço Acusativo.

3.2. Leísmo no espanhol

Segundo o manual da RAE, embora o espanhol possua as formas “lo”, “la”, “los” e “las”, para o acusativo de terceira pessoa, e “le”, “les”, para o dativo de terceira pessoa, desde o latim que há uma tendência a confundir essas formas. Assim, “[s]e denomina LEÍSMO al uso de las formas de dativo le, les en lugar de las de acusativo, como en *Le mataron; Les contrataron*” (RAE, 2010, p. 315). A mesma gramática ainda classifica o leísmo em três fenômenos distintos: o leísmo de pessoa masculino (que substitui o “lo”), de pessoa feminino (que substitui o “la”), e o leísmo de coisa, embora não sistematize essa variação.

Fábregas (2013), por sua vez, define o leísmo como “a expansão de usos do clítico ‘le’ para situações onde etimologicamente seriam esperados os clíticos ‘la’ ou ‘lo’”¹⁰ (FÁBREGAS, 2013, p. 44), ou seja, o uso de uma morfologia de dativo em contextos de acusativo, como observamos abaixo:

- (12) E.P5: Mi mamá tuvo muchísimas complicaciones en su embarazo, y ella le ayudó mucho.

Minha mãe teve muitíssimas complicações na sua gravidez, e ela.NOM lhe.ACC2(-DEF) ajudar.PST.3.SG muito.

“Minha mãe teve muitíssimas complicações na sua gravidez, e ela lhe ajudou muito.”

O autor destaca, ainda, que muitos autores parecem concordar com a intuição de que o leísmo estaria associado à marcação diferencial de objeto. Esta intuição estaria relacionada ao fato de que o MDO “a” também é usado em espanhol para lexicalizar o traço de Dativo. Fábregas também se fundamenta na etimologia dos pronomes “lo”, “la” e “le” que remonta ao latim. Assim, o pesquisador conclui que o “leísmo andaria de mãos dadas com o MDO, porque ambos os fenômenos corresponderiam ao mesmo processo: a extensão do dativo para contextos acusativos”¹¹ (FÁBREGAS, 2013, p. 44), citando Lapesa (1964) como um dos primeiros trabalhos que se dedicou ao estudo da evolução histórica do fenômeno.¹²

Ademais, Fábregas (2013) sublinha que a descrição do leísmo em gramáticas europeias tende a registrar que esse fenômeno é mais frequente quando o complemento direto possui um referente

10 Fábregas, 2013: “In a simple version, leísmo is known as the extension of the clitic le to situations where etymologically one would expect the clitics lo or la.”

11 Fábregas, 2013: “leísmo would go hand in hand with DOM, because both phenomena would correspond to the same process: extension of dative to accusative contexts”

12 Fábregas também destaca o trabalho de Aleza (2013) que apresenta um estudo detalhado sobre o leísmo em Cuba, com potencial importância para a compreensão do fenômeno da Marcação Diferencial de Objeto.

humano. Já segundo Pérsico (2014), os paraguaios compartilham com os equatorianos o uso de “le” e “les” como clíticos de objetos diretos, tanto para os referentes masculinos quanto femininos (PÉRSICO, 2014, p. 59), sejam eles humanos ou não.

3.3. Complemento nulo no espanhol

Segundo diferentes autores que trabalham com a descrição contrastiva do português e do espanhol (FERNANDEZ; MORENO, 2007), uma diferença substancial entre o PB e o espanhol reside na tendência que tem o PB de frequentemente realizar os sujeitos de suas sentenças, mesmo na forma pronominal, enquanto que o espanhol padrão tende a ocultar os sujeitos ao passo que obriga a realização de seus pronomes complementos:

(13) Você viu a Joana? - Sim, eu vi \emptyset .

(14) \emptyset viste a Joana? - Sí, \emptyset la ví.

A RAE (2010), porém, chega a mencionar que, na variedade do espanhol paraguaio, é comum a elisão do pronome complemento de objeto direto, fato que o aproximaria do PB, muito embora a mesma obra “recomende” seu uso:

A ausência do pronome átono nestes contextos parece ser devido à influência do quéchua, do aimará, do guarani e do português brasileiro, no primeiro caso, e do euskera, no segundo. Recomenda-se o uso das variantes com pronome: Levo-a aos correios; Eu vi-o e compreí-o. (RAE, 2010, p. 658, tradução nossa¹³)

Além disso, Alcaine (2003) também descreve a existência de tal fenômeno no EP:

Um hispano-falante castelhano, por exemplo, não admitiria a elisão do pronome objeto nos casos anteriores. Na norma padrão, só podem ser elididos os objetos referentes não determinados do tipo “você quer bolos? Não, não ___ quero”, porém, não em “você quer os livros?” cuja resposta deveria ser “sim, quero-os”. Nessa variedade do castelhano paraguaio, a restrição do castelhano padrão que impedia a elisão dos objetos com referentes determinados tem desaparecido, de maneira tal que a elipse é produzida agora livremente com objetos não animados determinados e não determinados. (ALCAINE, 2003, p. 811, tradução nossa¹⁴)

13 “La ausencia de pronombre átono en estos contextos parece deberse a la influencia del quechua, el aimara, el guaraní o el portugués brasileño, en el primer caso, y a la del euskera, en el segundo. Se recomiendan en su lugar las variantes con pronombre: La llevaré al correo; Lo he visto y lo compré.” (RAE, 2010, p. 658)

14 “Un hispano hablante castellano, por ejemplo no admitiría la elisión del pronombre objeto en los casos anteriores. En la norma estándar sólo pueden elidirse los objetos referentes no determinados del tipo “¿quieres pasteles? No, no __ quiero”, pero no en “¿quieres los libros?” cuya respuesta debería ser “sí, dámelos”. En esta variedad de castellano paraguayo se ha eliminado la restricción del castellano estándar que impedía la elisión de objetos con referentes determinados, de tal manera que ésta se produce ahora libremente con objetos no animados determinados y no determinados.” (ALCAINE, 2003, p. 811)

Da mesma forma, como já mencionado anteriormente, a perda dos pronomes clíticos de terceira pessoa é objeto de estudos no português brasileiro há, pelo menos, três décadas. Ao longo desse período, diferentes autores, entre eles, Oliveira (2007), Cyrino (1996) e Tarallo (1996), afirmaram que esse fenômeno “é um desenvolvimento surpreendente no português brasileiro (PB) atual e não tem paralelo em outras línguas românicas” (OLIVEIRA, 2007, p. 2, referindo-se a Roberts, 1996). No PB, portanto, os pronomes complemento de objeto direto (“o”, “a”, “os”, “as”) e de objeto indireto (“lhe”, “lhes”) podem ser sistematicamente substituídos por um pronome na forma nominativa (“ele”, “ela”) ou, mais comumente, por uma categoria vazia. De acordo com Oliveira (2007), “as pesquisas de Cyrino (1997), Galves (1989) e Duarte (1989) apontam que (...) o clítico acusativo de 3ª pessoa é a forma menos usada para representar o objeto direto no português do Brasil” (OLIVEIRA, 2007, p. 6).

Esses autores também tentam explicar a motivação para essa mudança, apontando tanto para questões prosódicas (CYRINO, 1996), quanto para uma reconfiguração em todo o sistema pronominal brasileiro que estaria vinculada a uma mudança ocorrida, em paralelo, no sistema flexional do PB, mudança essa que simplificou o paradigma flexional (GALVES, 1996; TARALLO, 1996).

Como já indicamos, neste trabalho, não nos preocuparemos em buscar motivações extralinguísticas para a variação observada. Veremos, contudo, que uma reconfiguração interna nos arranjos de traços associados a certos itens lexicais pode explicar a variação encontrada e também proporcionar uma primeira resposta para uma das perguntas que Fábregas (2013, p. 74) levanta: “[q]uantas correlações distintas podem ser previstas entre o leísmo e o MDO?”¹⁵. De acordo com nossa análise, é possível responder que as correlações entre tais fenômenos residem nos traços funcionais compartilhados entre eles. Voltaremos tratar dessas correlações na seção 5, quando esboçaremos uma possível resposta preliminar para esta questão.

Com essa observação, podemos passar à descrição dos dados coletados através das mídias de acesso público e de conversas espontâneas.

4. Descrição formal do espanhol paraguaio

Nesta seção, discutiremos diferentes exemplos de leísmo, MDO e complementos nulos no espanhol paraguaio coletados a partir de distintas mídias (vídeos de acesso público divulgados online, comentários publicados em redes sociais e conversas pessoais compartilhadas em aplicativos de bate-

15 Fábregas (2013, p. 74): “How many different correlations are predicted to be possible between leísmo and DOM? What happens with speakers that allow leísmo only with some DOM objects? Why does animacy seem to play a role in how systematically DOM correlates with leísmo?”

papo). Sentenças que ilustram os três fenômenos foram, assim, registradas por meio de imagem ou áudio a partir de suas plataformas de origem e, na sequência, transcritas em uma planilha de texto para posterior análise. Todas as frases aqui analisadas são, portanto, exemplos de comunicações espontâneas de paraguaios(as) registradas nos dois últimos anos (janeiro de 2018 a julho de 2019) e foram verificadas quanto à sua aceitabilidade por uma das pesquisadoras, que é paraguaia e falante de espanhol e guarani.

4.1. MDO: variação no espanhol paraguaio

Como já vimos, com respeito ao Marcador Diferencial de Objeto, o manual da RAE (2010) explica que o complemento de objeto direto pode aparecer com a preposição “a”, quando o objeto de determinadas classes de verbos designa uma ou várias pessoas, porém, não aparece quando indica coisas. Os exemplos apresentados pela referida gramática (RAE, 2010, p. 658) são:

- (15) He visto \emptyset tu paraguas / a tu hermano.
“Eu vi seu guarda-chuva/seu irmão.”

A mesma gramática adverte, porém, que há numerosos casos em que a norma padrão pode ser desrespeitada, em geral, em favor de uma mudança de sentido. Assim, a RAE estabelece que

[a] ausência da proposição favorece a interpretação de tipo ou classe (“Procurou as pessoas adequadas”; “Preciso do melhor advogado”), mas sua presença induz à interpretação de que se fala de indivíduos particulares [...]. Em outros casos, como os já referidos “Matou {um leão ~ A um leão} na sua última viagem à África” ou “Vimos {três policiais ~ A três policiais} na esquina”, a presença da preposição é interpretada como um convite a individualizar as pessoas, os animais ou as coisas de que se fala ou a agregar mais informação sobre eles. (RAE, 2010, p. 661, tradução nossa¹⁶)

O que observamos em nossos dados, contudo, é que essa variação não está associada a uma mudança de sentido na interpretação do objeto direto (OD), mas parece estar associada ao segundo caso identificado na RAE. Ou seja, o OD parece ser interpretado, nesses contextos, como mais específico e mais definido, embora não seja humano.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de uso real envolvendo o MDO “a” na posição de objeto direto de verbos que, tradicionalmente, não licenciariam a marcação diferencial, como “diferenciar”

16 “La ausencia de la preposición favorece con ellos la interpretación de tipo o clase (Buscó las personas adecuadas; Necesito el mejor abogado), pero su presencia induce la interpretación en la que se habla de individuos particulares (Buscó a las personas adecuadas; Necesito al mejor abogado). En otros casos, como los ya citados Mató {un león ~ a un león} en su último viaje a África o Vimos {tres policías ~ a tres policías} en la esquina, la presencia de la preposición se ha interpretado como una invitación a individualizar a las personas, los animales o las cosas de que se habla o a aportar más información sobre ellos.” (RAE, 2010, p. 661)

e “reivindicar”. Lembremos que a RAE (2010, p. 660) estabelece que, para um determinado grupo de verbos, é necessária a MDO quando esses vêm acompanhados de ODs que se referem a pessoas ou grupos nominais de pessoas, sejam eles introduzidos por um determinante definido, ou associados a um determinante indefinido. O que parece acontecer no EP é que alguns falantes estão aplicando esta regra a verbos de diferentes classes e a ODs de diferentes tipos, sem reservas, quando o OD é +definido/+animado:

- (16) E.P6: Se deben diferenciar bien al empleado público VIP y al empleado público común.
SE.IMPRS Dever.PRES.3.PL diferenciar.INF A.ACC2(DEF) o.DET empleado.público.VIP.ACC1 e A.ACC2(DEF) o.DET empleado.público.comun.ACC1
“Devem-se diferenciar bem o empregado público VIP e o empregado público comum”.
- (17) E.P7: Se trata de reivindicar a un grupo que no existe.
SE. IMPRS Tratar.PRES.3.PL reivindicar.INF A.ACC2(DEF) um.DET grupo.que.não.existe.ACC1.
“Trata-se de reivindicar um grupo que não existe”.
- (18) E.P8: (...) trata de espantar definitivamente a las inversiones en el Paraguay (...)
tentar.PRES.3.SG assutar.INF definitivamente A.ACC2(DEF) os.DET investimentos.ACC1 em.PREP o.DET Paraguai.
“tenta assustar definitivamente os investimentos no Paraguai”
- (19) E.P9: Gracias a esa ley se ha podido criminalizar, perseguir y encarcelar a dirigentes sociales.
Graças a essa lei conseguir.PRES.IMPRS criminalizar.INF, perseguir.INF e aprisionar.INF A.ACC2(DEF) dirigentes.sociais.ACC1.
“Graças a essa lei conseguiu-se criminalizar, perseguir e aprisionar dirigentes sociais”

No que diz respeito aos limites da variação (que tem relação com as manipulações de sentido dos objetos diretos), outra característica importante assinalada pelo manual da RAE (2010, p. 661-662) é que a escolha de usar ou não o MDO depende do grau de animacidade que se quer atribuir aos nomes que referem a seres vivos, i.e., da sua capacidade de ação:

- (20) O.P10: Me mostraron mi bebé, le miré dos segundos y se fue.¹⁷
Me.DAT.mostrar.PST.3.PL Ø.ACC2(DEF) meu bebê.ACC1, lhe.ACC1 olhar.PST.1.SG dois segundo e Ø.ACC1 ir.PST.3.SG embora.
“Me mostraram meu bebê, lhe olhei dois segundos e foi embora.”

Analisando o exemplo acima, contudo, percebemos como essa variação pode ser uma manifestação da mudança nos traços conceituais associados a cada morfema. Primeiramente, é importante notar que, caso o falante estivesse atribuindo um sentido de +animado ao seu recém nascido, no espanhol padrão, ele deveria empregar a construção “me mostraron a mi bebé”. Todavia,

17 3:07. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D8lq5ciVCNU>

a estrutura sem a MDO é empregada, indicando que o OD pode ser interpretado como –animado. O mais curioso, porém, é o que acontece logo na sequência, quando o falante utiliza o pronome “le” para retomar “el bebé”. Em um clássico caso de leísmo, o uso de tal pronome seria associado à interpretação do complemento como +animado. Poderíamos concluir, conseqüentemente, que o mesmo falante, na mesma oração, estaria aplicando regras variadas em relação ao traço +animado e sua associação com os diferentes fenômenos¹⁸. Na seção 5, veremos como a Nanossintaxe nos permite explicar tal situação de microvariação através de um arranjo mais fino de traços e suas diferentes possibilidades de combinação.

Finalmente, um último caso de variação que envolve a MDO abarca os topônimos. Segundo a RAE (2010, p. 659), embora a *Gramática académica* de 1931 recomendasse a MDO, atualmente, ele já não é mais usado para introduzir nomes de lugares. Assim, não se diz mais “visitaré a São Paulo”, mas sim “visitaré São Paulo”, seguindo a tendência de não utilizar a MDO com nomes inanimados. No EP, por outro lado, a tendência a marcar os nomes de lugares com o MDO “a” parece continuar usual (conforme se observa em 21a), o que, inclusive, licencia casos de leísmo associados a topônimos (21b):

- (21) O.P11: a. Hay personas que conocen al Paraguay, que se tomaron su tiempo de investigar, de venir acá.

Ter.IMPRES pessoas que conhecer.PRES.3.PL A.ACC2(DEF) o.DET Paraguai.ACC1, que se.REF dar.PST.3.PL seu tempo de pesquisar Ø.ACC1, de vir para cá.

“Tem pessoas que conhecem o Paraguai, que tiraram um tempo para pesquisar, para vir para cá.”

O.P11: b. nosotros no podemos controlarle al Brasil, no podemos controlarle ni al presidente ni a sus autoridades.¹⁹

Nós não poder.PRES.1.PL controlar.INF. LHE.ACC2(DEF) A.ACC2(DEF) o.DET Brasil.ACC1, não poder.PRES.1.PL controlar.INF LHE.ACC2(DEF) A.ACC2(DEF) o.DET presidente.ACC1 nem A.ACC2(DEF) suas autoridades.ACC1.

“Nós não podemos controlar o Brasil, não podemos controlar nem o presidente nem suas autoridades.”

Como se pode perceber, a MDO no EP é um fenômeno bastante frequente e aparentemente caótico. Contudo, ao apreciarmos os seus usos não padrão mais de perto, perceberemos que uma nova configuração dos traços associados a cada morfema ou item lexical envolvido nos fenômenos aqui analisados pode trazer um pouco de ordem a esse caos aparente.

18 Ou ainda, conforme sugestão de um parecerista, que que nem todos os falantes usam marcação diferencial de objeto. Erros de performance, nesses casos, foram desconsiderados por não se tratarem de exemplos isolados. Agradecemos, mais uma vez, pelos pertinentes comentários e pela cuidadosa revisão do trabalho.

19 7:06 e 6:02. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f5uHwp15CGM>

4.2. Leísmo: variação no espanhol paraguaio

Como já mencionado, no seu manual *Nueva Gramática de la Lengua Española*, a RAE (2010) apresenta três tipos de leísmo, de pessoa masculina (*A Mario le premiaron en el colegio*), pessoa feminina (*A Laura le premiaron en el colegio*) e de coisa (*Te devuelvo el libro porque ya le he leído*). Todos esses casos foram encontrados nos dados de fala e escrita espontâneas em EP:

(22) O.P12: a. A grandes rasgos, es lo que les puedo contar.

De modo geral, ser.PRES.3.SG o que LES.PL.DAT poder.PRES.1.SG contar.INF.

“De modo geral, é o que lhes posso contar.”

O.P12: b. (...) las declaraciones fueron desafortunadas, que nadie les obligó a decir lo que dijeron.²⁰

as declarações foram desafortunadas, que ninguém LES.ACC2(DEF) obligar.PST.3.SG a falar.INF o que falar.PST.3.PL.

“as declarações foram desafortunadas, que ninguém lhes obrigou a falar o que falaram”

É importante mencionar que, no primeiro caso, temos a mesma pessoa falando em momentos diferentes de uma mesma conversa. No exemplo (22a), o falante utiliza o pronome “le”, marcando o caso Dativo de acordo com a regra padrão, no entanto, na sentença (22b), observamos a substituição da forma “los” pela forma “les”. Segundo a norma da língua espanhola, contudo, o verbo “obligar” precisaria do pronome clítico de objeto direto. Nesse caso, também é necessário destacar que, mesmo não exigindo um complemento indireto, esse verbo possui regência verbal com a preposição “a” nos casos de marcação diferencial de objeto, ou seja, de nomes com traço +humano (RAE, 2005).

De maneira similar, no exemplo abaixo, encontramos uma ocorrência em que outro falante utiliza a forma padrão, porém, imediatamente se corrige e utiliza a forma não padrão (23b). O verbo “seguir”, todavia, é do mesmo tipo de “obligar”:

(23) O.P13: a. Yo no leí, no vi el programa en sí. No les puedo negar Ø.

Eu não ler.PST.1.SG, não ver.PST.1.SG o.DET programa.ACC1 em si. Não lhes.DAT poder.PRES.1.SG negar.INF Ø.ACC

“Eu não li, não vi o programa em si. Não lhes posso negar.”

O.P13: b. Lo... Les sigo, pero en ese caso no lo vi.²¹

Eu o... lhes.ACC2(DEF) sigo, mas nesse caso não o.ACC1 ver.PST.1.SG

“Eu o... lhes sigo, mas nesse caso não o vi, e por isso foi uma postagem dirigida ao zócalo.”

20 0:46 e 8:57. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sWIS_oy36Mo

21 5:16 e 5:17. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pVpciRTXwx0>

Outro exemplo interessante de leísmo aparece com o verbo “ver”. Conforme o *Diccionario Panhispánico de dudas* da RAE (2005), em determinadas construções que são definidas na obra como predicação secundária²² (“La vió gritar”/“La vió subir a un taxi”), verbos desse grupo podem aparecer tanto com o pronome complemento “lo”, quanto com “le”. O primeiro caso, mais frequente, parece ser a regra. O leísmo, contudo, de acordo com a RAE (2005), também pode ser frequente nas construções em que o verbo no infinitivo em posição de complemento do predicado possua, ele também, um complemento direto (“Le vió/oyó decir eso”). Os exemplos abaixo, entretanto, mostram que, no EP, podemos encontrar diferentes pronomes com o mesmo verbo, inclusive em contextos em que não haveria marcação excepcional de caso:

- (24) O.P14: ¿Le viste a Jesús, hablaste con él?²³
LHE.ACC2(DEF) ver.PST.2.SG o Jesus.ACC1, falar.PST.2.SG com ele.NOM?
Você viu o Jesus, falou com ele?
- (25) O.P15: a. - ¿Cómo lo ves a Marito?
O.P11: - Lo veo bien.
Como LO.ACC1 ver.PRES.2.SG o Marito.ACC1? - LO.ACC1 ver.PRES.1.SG bem.
Como você vê o Marito? - Vejo ele bem.
- O.P11: b. Yo le veo a él con buenas intenciones²⁴
Eu LHE.ACC2(DEF) ver.PRES.1.SG a.ACC1 ele.NOM com boa intenção.
Eu vejo ele com boa intenção.

Para além desses casos de variação em relação à posição de pronome de objeto direto, é importante enfatizar o fato de que o leísmo também se dá em contextos de duplicação pronominal, mesmo com objetos diretos, como nos casos (24) e (25b). Ou seja, em casos em que o complemento recebe Marcação Diferencial do Objeto e é regido pela preposição “a”, em contextos que envolvem topicalização, o pronome utilizado deveria ser o clítico de complemento direto “lo”, e não “le”.

Entretanto, em diferentes variedades do espanhol, incluindo o EP, já foi observado que o pronome “le” é usado também na duplicação com objetos diretos que recebem, tradicionalmente, a MDO (Detuvieron unos días a Henrique → A Henrique le detuvieron unos días). No EP, além disso,

22 Gostaríamos de agradecer aos pareceristas deste trabalho pela leitura atenta e pelos preciosos comentários que nos permitiram melhorar sua organização e deixar mais clara a argumentação. Um parecerista, em especial, nos chamou a atenção para o fato de que casos como “La vió subir a un taxi” seriam analisados como Marcação Excepcional de Caso (MEC). De fato, dentro de teorias gerativas, estas construções seriam analisadas como MEC, porém, optamos por deixar a referência a casos de predicação secundária para sermos fiéis ao termo empregado em espanhol.

23 0:13. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YyfiBG.EOEU>

24 17:36 e 18:07. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f5uHwp15CGM>

há outro fenômeno que ocorre no registro oral: a utilização do pronome “le” no singular, em situações de duplicação de objetos diretos no plural, como nos exemplos (26) e (27b), o que pode ser indicativo de um alto grau de gramaticalização desse item:

- (26) O.P15: Presumiblemente le redujeron a los encargados²⁵
Aparentemente LHE.ACC2(DEF) fazer.recurar.PST.3.PL A.ACC2(DEF) os.DET encarregados.ACC1.
Aparentemente, fizeram os encarregados recuar.
- (27) O.P11: a. Y tenemos que cuidarlo, y lo tenemos que cuidar todos”
E ter.PRES.1.PL que cuidar.INF LO.ACC1, e O.ACC1 ter.PRES.1.PL que cuidar.INF todos.
E temos que cuidá-lo, e temos que cuidá-lo todos.
O.P11: b. Nosotros no podemos controlarle al Brasil, no podemos controlarle ni al presidente ni a sus autoridades²⁶
Nós não poder.PRES.1.PL controlar.INF. LHE.ACC2(DEF) a.ACC2(DEF) o.DET Brasil.ACC1, não poder.PRES.1.PL controlar.INF LHE.ACC2(DEF) a.ACC2(DEF) o.DET presidente.ACC1 nem a.ACC2(DEF) suas autoridades.ACC1.
“Nós não podemos controlar o Brasil, não podemos controlar nem o presidente nem suas autoridades.”

Paralelamente, nos exemplos (28) e (29), novamente observamos que cada pessoa utiliza ambas as formas durante sua fala. Sendo assim, entendemos que cada um desses falantes possui conhecimento do uso padrão do pronome de objeto direto, porém, continua havendo uma tendência ao leísmo. Uma explicação para essa microvariação, no nível da gramática individual dos falantes precisa, necessariamente, ser elucidada através de uma análise mais fina. Veremos que a Nanossintaxe nos possibilita apresentar tal explicação na próxima seção.

- (28) O.P10: a. Me mostraron mi bebé, le miré dos segundos y se fue.
Me.DAT mostrar.PST.3.PL Ø.ACC2(DEF) meu bebê.ACC1, LHE.ACC2(DEF) olhar.PST.1.SG dois segundo e Ø.ACC1 ir.PST.3.SG embora.
“Me mostraram meu bebê, olhei-o dois segundos e foi embora”
b. Yo le pedía a dios que mi hijo esté bien.²⁷
Eu LHE.DAT pedir.PST.1.SG a deus.DAT que meu filho esteja bem
“Eu pedia a deus que meu filho estivesse bem”

25 5:15. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gk72J433LIE>

26 8:12 e 6:02. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f5uHwp15CGM>

27 3:07 e 1:54. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D8lq5ciVCNU>

- (29) E.P16: a. Le diagnosticaron depresión.
LHE.DAT diagnosticar.PST.3.SG depressão
“Diagnosticaram depressão”
b. La esposa de mi tío intentó suicidarse, es su segundo intento, y no le estaban trayendo al doctor²⁸.
... e não LHE.ACC2(DEF) estar.PST.3.PL trazer.GER ao médico.
“A esposa do meu tio tentou se suicidar, é sua segunda tentativa, e não estavam levando ela ao médico.”

Em conformidade com essa tendência, Alcaine (2003, p. 809) afirma que dados coletados já em 1995, de falantes paraguaios universitários e de programas de rádio, mostravam o uso do pronome “le”, com traço +animado, como a única forma pronominal para o masculino singular e plural, e o feminino singular. Verificamos, em nossos dados, coletados em 2019, que este uso continua:

- (30) E.P17: Tienen que declararles personas no gratas y echarles de Ciudad del este.
Ter.PRES.3.PL que declar.INF LHES.ACC2(DEF) pessoas não gratas e tirar-LHES.ACC2(DEF) de Ciudad del Este.
“Eles têm que declará-las pessoas não gratas e tirá-las de Ciudad del Este.”
- (31) O.P18: Paraguay va a dejar de ser un país que se le conoce por el contrabando...²⁹
Paraguay ir.PRES.3.SG deixar.INF de ser um país que SE.PRO LHE.ACC2(DEF) conhecer.PRES.3.SG pelo contrabando
“Paraguay vai deixar de ser um país conhecido pelo contrabando.”
- (32) E.P19: Ya le estoy invitando a mi amigo y amiga en esto.
Já LHE.ACC2(DEF) estar.PRES.1.SG convidar.GER meu amigo.e.amiga.ACC1 nisto.
“Já estou convidando meu amigo e amiga nisto.”

O levantamento realizado nesta pesquisa permitiu, como se pode ver, confirmar uma hipótese aventada sobre o leísmo em diferentes pesquisas anteriores, nomeadamente, a de que este fenômeno parece ser licenciado quando o nome que é retomado pelo pronome “le” possui os traços semântico-funcionais +animado e/ou +definido. Na seção 5, aprofundaremos esta análise em termos nanossintáticos.

28 No Paraguai, o “le”, nesta sentença, indica a esposa do tio. Assim, compreende-se que ela não estava sendo levada para o hospital (“al doctor”/“al hospital”). Em outras variedades, o “le” desta sentença seria interpretado como fazendo referência ao sintagma “al doctor”, e assim, poderia entender-se que “el doctor” não estava sendo levado para junto da esposa do tio.

29 0:40. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1608943945908980>

4.3. Complementos nulos

O fenômeno do complemento nulo tem seu primeiro registro no espanhol paraguaio há mais de 20 anos. No diálogo a seguir, datado de fevereiro de 2019, temos um exemplo da queda do pronome objeto direto neutro “lo” que, como no caso do português brasileiro, é um dos primeiros a cair em desuso em diferentes variedades:

- (33) O.P13: – Yo me voy (allá) hace unos 5 años por ahí.
Eu me.ACC1 ir.PRES.1.SG fazer.PRES.3.PL uns 5 anos por aí.
“Vou lá faz uns 5 anos por aí.”
O.P14: – Ah ya, hace..., eso no Ø sabíamos³⁰
Ah ok, fazer.PRES.3.PL..., não Ø.ACC1 saber.PST.1.PL
“Ah ok, faz..., não sabíamos.”

O mesmo acontece com os verbos “esperar” e “pagar”, embora, nestes casos, o pronome estaria retomando um referente específico e definido. Nos exemplos a seguir, podemos observar, portanto, como esse pronome é apagado de maneira generalizada quando o referente é –animado:

- (34) O.P10: (...) él ya estaba por nacer y tenía como 30 semanas no más, yo no Ø esperaba.³¹
ele já estava por nascer e tinha umas 30 semanas só, eu não Ø.ACC1 esperar.PST.1.SG
“ele já estava prestes a nascer e tinha umas 30 semanas só, eu não esperava ele”
- (35) E.P20: (...) si quieres hacerte una lipo o un aumento de algo y tenes dinero para pagar Ø cual es el problema?
se você quer.PRES.2.SG fazer.INF uma lipo.ACC1 ou um aumento.de.alguma.coisa.ACC1 e ter.PRES.2.SG dinheiro para pagar.INF Ø.ACC1 qual é o problema?
“(...) se você quer fazer uma lipo ou um aumento de alguma coisa e tem dinheiro para pagar, qual é o problema?”

De maneira similar, em diálogos escritos realizados de forma espontânea em aplicativos de bate-papo, ocorre o mesmo na posição de pronomes complementos que retomam referentes +definidos, mas –animados. Assim, nos exemplos a seguir, podemos observar que, uma vez mencionados, os objetos não são mais retomados por um pronome de complemento pelos falantes ou pelos interlocutores:

30 0:04. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YyfiBG.EOEU>

31 1:05. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D8lq5ciVCNU>

- (36) E.P21: – Me envían por favor el proyecto de ley de las trabajadoras domésticas!
Me.DAT enviar.PRES.2.PL por favor o.DET projeto.de.lei.ACC1 ...
“Me mandem por favor o projeto de lei das trabalhadoras domésticas”
E.P22: – El proyecto fue aprobado o sea ya es ley. No Ø tengo. Entra en la página del Senado ahí vas a encontrar Ø o en la página del Ministerio del Trabajo.
O projeto foi aprovado, ou seja, já é lei. Não Ø.ACC1 ter.PRES.1.SG. Entra na página do Senado, aí você ir.PRES.2.SG encontrar.INF Ø.ACC1 ...
“O projeto foi aprovado, ou seja, já é lei. Não tenho. Entra na página do Senado, aí você vai encontrar ou na página do Ministério do Trabalho.”
- (37) E.P23: – Directo Ø denuncié. E.P24: – Pero como Ø denunciaste?
Eu Ø.ACC1 denunciar.PST.1.SG de imediato. - Mas como você Ø.ACC1 denunciar. PST.2.SG?
“– Eu denuncie de imediato. – Mas como você denunciou?”
- (38) E.P2: Manden fotos chicxs, para poder compartir Ø desde nuestra página.
Mandar.IMP.2.PL fotos.ACC1 meninxs, para poder.INF compartilhar.INF Ø.ACC1 desde nossa página
“Mandem fotos, meninxs, para poder compartilhar em nossa página”

A partir dessa incipiente mas rica amostra de dados, acreditamos poder começar a propor algumas explicações para a variação observada. A próxima seção será dedicada a essa análise.

5. Leísmo, MDO e complemento nulo: um tratamento nanossintático

Ao longo da descrição dos dados do espanhol paraguaio, foi tornando-se claro que, no leísmo e nos usos não padrão do MDO, os substantivos que aparecem nessas construções são nomes que podem ser correlacionados ao traço +animado e/ou +definido. Tais traços do MDO parecem permitir, dessa forma, que esses ODs recebam o marcador “a” independentemente de serem associados ao sentido de pessoa, como seria previsto nos casos de marcação padrão.

Além disso, foi possível perceber um paralelo entre o licenciamento do leísmo e a impossibilidade de retomada de referido constituinte através de um pronome complemento nulo. Ou seja, o constituinte que também licencia o leísmo não pode ser facilmente apagado. Por outro lado, o constituinte que não licencia o leísmo (que não possui traços +animado e +definido), pode ser apagado e substituído por um complemento nulo:

- (39) a. ¿Viste a Maria? (+animado: Acc2 → la → le) . Sí, (la) ví. / Sí, le ví.
Ver.PST.2.SG A.ACC2(DEF) Maria.ACC1 – Sim, LHE.ACC2(DEF) ver.PST.1.SG
“Você viu Maria? – Sim, (eu) vi”
- b. ¿Viste la peli? (–animado: Acc1 → la) . Sí, Ø ví.
Ver.PST.2.SG o.DET filme.ACC1 – Sim, eu Ø.ACC1 vi.PST.1.SG.
“Você viu o filme? – Sim, (eu) vi”

Em termos nanossintáticos, estaríamos confirmando a hipótese de Fábregas de que o pronome Dativo “le” estaria expandindo seus contextos de uso para construções de Acusativo também. Isso seria permitido e até previsto, dentro do quadro nanossintático, por várias razões. A primeira delas é que uma restrição importante para a combinação de um item lexical com uma estrutura sintática é que tal item seja um superconjunto da árvore criada pela sintaxe, conforme estabelece o Princípio do Superconjunto (CAHA, 2009). Isto é, para que um item lexical seja combinado com uma estrutura criada pela sintaxe e a lexicalize de forma bem sucedida, a estrutura de traços que ele codifica deve ser idêntica à estrutura sintática criada ou ser um superconjunto dela.

No espanhol paraguaio, levando em conta nossas análises e a proposta de Rocquet (2013) teríamos as seguintes árvores codificadas em cada item envolvido nestas análises:

- (40) lo/la: Acc2(DEF) > Acc1 > N
le: Dat > Acc2(DEF) > N
a: Dat > Acc2(DEF)
“nomes”:
Ø: Acc2(DEF) > Acc1 > Nom > N
 Acc1 > N

A proposta acima se justifica pois, como observado na descrição dos dados, os pronomes de objeto direto podem aparecer em contextos em que fazem referência a um nome não associado a traços como +definido, +animado, portanto, um clássico caso de nome marcado com o caso Acc1. Porém, tais pronomes também devem codificar o traço Acc2, pois, nos usos padrão observados, são interpretados como +definido e +animado, leituras associadas ao traço Acc2 proposto por Rocquet (2013). Por este mesmo motivo, o pronome “le” também é associado ao traço Acc2.

Ao mesmo tempo, no entanto, o pronome “le” carrega o traço Dat, tendo em vista seu uso frequente em contextos de retomada de complementos indiretos, comumente associados ao sentido de dativo. Note-se que, neste sentido, ele carrega um superconjunto da estrutura da preposição “a”, o que permite seu uso em contextos anafóricos que compreendem tal item lexical. Propomos que a preposição “a”, por sua vez, codifica os traços [Dat > Acc2(DEF)], tendo em vista seus usos em contextos dativos, como no caso dos complementos indiretos, e também em contextos de acusativo associado ao sentido de animacidade e definitude (i.e. presença do traço [Acc2]).

Finalmente, a proposta nanossintática assume que todo substantivo pode codificar, para além do traço Nominal, traços como Nominativo [Nom] e Acusativo ([Acc1] e [Acc2] no nosso caso). Nas línguas românicas, diferentes pesquisas já demonstraram o desaparecimento de morfemas que

Consequentemente, a gramática do EP parece estar se aproximando de uma distribuição complementar dos traços da hierarquia $Dat > Acc2 > Acc1 > N$, ao passo que elimina itens lexicais que criam situações de ambiguidade ou falso sincretismo. Esta imagem pode ser observada no quadro abaixo:

Quadro 1: distribuição dos traços funcionais em itens lexicais do EP

Dat >	Acc2 >	Acc 1 >
	“a”	N
“le”		
		Ø
	“lo” / “la”	

Fonte: elaboração própria

Considerações finais

Na análise preambular apresentada neste trabalho, tentamos buscar na Nanossintaxe uma explicação para diferentes fenômenos que fazem da gramática do espanhol paraguaio uma variedade bastante distinta. Foi possível ver, assim, que essa proposta teórica permite entender as questões mais finas que podem estar por trás da variação observada. Nesse sentido, levantamos a hipótese de que são traços como Dat , $Acc2(DEF)$ e $Acc1$ que licenciam o uso não padrão do MDO e do pronome “le”. Ao mesmo tempo, vimos que a expansão desses usos provocou uma reorganização no sistema nominal do EP que parece estar influenciando a queda dos pronomes complemento “lo” e “la”.

Embora se trate de uma pesquisa incipiente, tendo em vista que é fruto de um projeto de Iniciação Científica, a riqueza dos dados aqui analisados nos deixa bastante motivadas para continuar investigando e descrevendo o espanhol paraguaio. Temos consciência, contudo, que muito embora tenhamos começado a responder questões como “por que a animacidade parece desempenhar um papel central na maneira sistemática como a MDO se correlaciona com o leísmo?” (FÁGREGAS, 2013), associando esse significado ao traço funcional $[Acc2]$, ou questões relacionadas à aparente aproximação dos fenômenos de leísmo e MDO no EP, a lista de perguntas sobre essa frutífera área continua crescendo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos” brasiguaios” entre os limites nacionais. *Horizontes Antropológicos*, vol. 15, n. 31, 2009, p. 137-166.

ALCAINE, Azucena Palacios. Acerca del contacto de lenguas: español y guaraní. In: Simposio Internacional sobre o Bilingüismo, 1., 1997, Galicia. Actas. Vigo: Servicio de Publicacións da Universidade de Vigo, 2003. p. 807-817. Disponível em: <https://www.academia.edu/25543489/ACTAS_DO_I_SIMPOSIO_INTERNACIONAL_SOBRE_O_BILING%20C3%20CISMO_ACERCA_DEL_CONTACTO_DE LENGUAS_ESPA%20C3%20OL_Y_GUARAN%20C3%208D>. Acesso em: 7 jun. 2019.

_____. Lenguas en contacto en Paraguay: español y guaraní. In: FERRERO, C. & LASSO.VON LANG, N. *Variedades Lingüísticas Y Lenguas En Contacto En El Mundo De Habla Hispana*. Bloomington, Indiana: AuthorHouse, 2005, p.35-43.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. SÃO PAULO: Parábola, 2011.

CAHA, Pavel. *The nanosyntax of case*. Tese de Doutorado. 334 f. University of Tromsø, Tromsø. 2009.

CYRINO, Sônia Maria. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, Ian.; KATO, Mary (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996.

DE CANESE, Natalia Krivoshein. Cultura y bilingüismo en el Paraguay”. *Suplemento Antropológico*, no 28, 1993. Disponível em: <<http://www.staff.unimainz.de/lustig/texte/culpares.htm>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

DE OLIVEIRA, Marilza. A perda da preposição a e a recategorização de lhe. In: 51º Seminário do GEL - UNITAU -Taubaté, 2003. *Estudos Linguísticos XXXIII*, 2004. p. 292-297. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudos-linguisticos/edicoes.php>>. Acesso em: 23 nov 2019.

FÁBREGAS, Antonio. The exhaustive lexicalisation principle. *Nordlyd*, v. 34, n. 2, p. 165-199. 2007.

_____. An argument for phrasal spell.out: Indefinites and interrogatives in Spanish. *Nordlyd*, v. 36, n. 1. 2009. p. 129-168.

_____. Differential object marking in Spanish: State of the art. *An International Journal of Hispanic Linguistics* 2. 2013, p.1-80.

FRANÇA, Jaciara. *Contactos lingüísticos en Paraguay y Uruguay: El contacto entre portugués y español en la frontera de Paraguay y Uruguay con Brasil*. 2014. 36f. TCC (Graduação). Curso de Lléngua I Literatura Espanyoles, Departament de Filologia Espanyola, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona. Disponível em: <<https://ddd.uab.cat/record/119412>>. Acesso em: 7 abr. 2019.

GALVES, Charlotte. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996.

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. *Novo manual de sintaxe*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

MORENO, Concha; FERNÁNDEZ, Gretel Maria Eres. *Gramática contrastiva del español para brasileños*. Sociedad General Española de Librería, 2007.

OLIVEIRA, Solange Mendes. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. In: *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_objeto_direto_nulo.pdf>. Acesso em: 23 nov 2019.

PANTCHEVA, Marina Blagoeva. *Decomposing Path: The Nanosyntax of Directional Expressions*. Tese de Doutorado. 301 f. University of Tromsø, Tromsø, 2011.

PARAGUAY. [Constituição (1992)]. *Constitución de la República del Paraguay*. Asunción: Presidencia de la República, 1992.

PÉRSICO, Marisa Martínez. El español americano y el bilingüismo paraguayo: interferencias y contacto de lenguas. *Illuminazioni*, n. 30, ottobre-dicembre, 2014, p. 53-62.

RAE: Real Academia Española. *Diccionario panhispánico de dudas*. 2005. Disponível em: <<http://lema.rae.es/dpd/srv/search?id=DRC2Ny6YAD6yEoSwaX>> Acesso em: 08 may. 2019.

_____. *Nueva gramática de la lengua española*. Espasa Libros, 2010.

STARKE, Michal. Nanosyntax: a short primer to a new approach to language. *Nordlyd*, v. 36, n. 1, 2010, p. 1-16.

_____. *Towards an elegant solution to language variation: Variation reduces to the size of lexically stored trees*. Não publicado. 2011. Disponível em: <<http://ling.auf.net/lingbuzz/001183/current.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996.

**CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-EXPERIMENTAIS SOBRE A ESTRUTURA
SUBJACENTE A *SLUICING* COM APAGAMENTO DE PREPOSIÇÃO
THEORETICAL-EXPERIMENTAL REMARKS ON THE UNDERLYING STRUCTURE
OF *SLUICING* WITH PREPOSITION DELETION**

*Cilene Rodrigues*¹
Ludmila Milhorce^{2, 3}

RESUMO

Apresentamos resultados de dois experimentos de julgamento de aceitabilidade de apagamento de preposição em português brasileiro (PB). No primeiro experimento, contrastamos apagamento de preposição em *sluicing* (Merchant (2001) e em interrogativas com duplo preenchimento do CP. No segundo experimento, consideramos apagamento de preposição em relativas cortadoras e em *sluicing*. Os objetivos são: (i) verificar se o apagamento de preposição está restrito ao contexto de *sluicing* ou se é um fenômeno geral na formação de CP interrogativo, (ii) analisar que tipo de estrutura é elidida em *sluicing*. Os resultados obtidos indicam que apagamento de preposição é um fenômeno restrito

1 Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: cilene.rodrigues@ucl.ac.uk.

2 Força Aérea Brasileira (FAB) e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: ludmila.milhorce@gmail.com.

3 A ordem de apresentação das autoras reflete o volume de trabalho realizado por cada uma:

- Cilene Rodrigues: elaboração dos estímulos experimentais, inserção e formatação dos estímulos na plataforma online utilizada, tabulação e análise estatística dos dados coletados, análise teórica dos dados obtidos, elaboração do artigo, revisão final.

- Ludmila Milhorce: elaboração dos estímulos e divulgação dos experimentos, revisão final.

As autoras agradecem a Letícia Sicuro Corrêa pelos comentários e sugestões sobre o design experimental e pela ajuda na verificação dos estímulos experimentais; Monica Chaves pela ajuda na análise das correlações estatísticas, e aos pareceristas da *Revista Linguística* pela leitura cuidadosa e pelas sugestões de mudança na forma de apresentação do texto.

a relativas e estruturas com *sluicing*, sendo, assim, compatíveis com análises em que apagamento de preposição em *sluicing* resulta de apagamento de estrutura clivada (Rodrigues et al., 2009). Essa conclusão levanta questionamentos sobre a natureza da restrição de identidade sintática observada em elisão.

Palavras-chave: apagamento de preposição, *sluicing*, interrogativas, relativas, clivadas

ABSTRACT

Results of two acceptability judgment tasks on preposition deletion (P-deletion) in Brazilian Portuguese are presented. The first experiment contrasts P-deletion under *sluicing* (Merchant (2001) with P-deletion under interrogatives double-filled CPs. In the second experiment, acceptability of P-deletion in relative clauses and in *sluicing* is considered. The goals are: (i) to verify whether P-deletion is restricted to contexts of *sluicing* or a general phenomenon of interrogative double filled CPs, (ii) to analyze the structure underlying sluiced CPs. The results suggest that P-deletion happens in sluiced CPs and in relative clauses, being, thus, compatible with clefting analyses for P-deleted *sluicing* (Rodrigues et al., 2009), raising, therefore, questions about the status of the syntactic identity constraint.

Keywords: preposition deletion; *sluicing*; interrogatives, relatives, clefts

1. Introdução

O fenômeno gramatical denominado *sluicing*, primeiramente apontado por Ross (1969), é definido como uma construção elíptica em que a porção sentencial de um constituinte interrogativo é elidida, deixando explícito somente o operador -QU na posição de especificador de CP. Ou seja, *sluicing* é um processo de apagamento do nóculo estrutural de Tempo (TP), como ilustra o exemplo abaixo do inglês.

- (1) Our boss just hired someone, but I don't know [_{CP} who_i _{TP} ~~our boss just hired who_i~~]

As elisões de modo geral levantam questionamentos sobre os processos formais possíveis nas línguas naturais, em especial aqueles relativos à recuperação de informação. Por exemplo, que restrições regulam esses processos e em que momento derivacional ocorrem? Algumas análises sintáticas para *sluicing* argumentam tratar-se de apagamento fonológico de um constituinte (TP) que é estruturalmente isomórfico a um correlato contido na sentença antecedente (cf. Ross, 1996;

Merchant, 2001); outras argumentam tratar-se de um processo de cópia em LF, sugerindo que as sentenças elididas são formadas via inserção sintática de um CP com um operador na posição de especificador e cópia, em LF, do TP da sentença antecedente (Williams, 1977; Chung *et al.*, 1995). Embora essas duas análises pressuponham processos derivacionais diferentes (apagamento *vs.* cópia), que se aplicam em momentos derivacionais diferentes (PF *vs.* LF), ambas entendem que *sluicing* só é possível quando o material elidido pode ser recuperado da sentença anterior. Em (1 - inglês), por exemplo, o TP elidido é idêntico em forma e conteúdo ao TP da primeira sentença. Portanto, sugere-se uma isomorfia de forma e conteúdo entre o constituinte elidido e seu correlato. Ou seja, em *sluicing*, o TP elidido é uma versão interrogativa do antecedente dado.

A exigência de isomorfia estrutural é verificada em exemplos como (2- alemão), onde o caso morfológico do operador remanescente tem de ser igual ao caso do seu correlato na sentença antecedente. [Fonte: Ross, 1969: 254]

- (2) Er will jemandem loben, aber ich weiß nicht, wen/*wer
ele quer someone.ACC agradar, mas eu know not, who.ACC/*Nom
'Ele quer agradar alguém, mas eu não sei quem'

Por outro lado, sentenças como (3a - inglês), em que ocorre elisão de VP com incompatibilidade de voz (ativa e passiva), podem sugerir que não há, em elisões, exigência de isomorfia estrutural entre o constituinte apagado e seu correlato. Porém, como observa Merchant (2012), a incompatibilidade de voz só é possível em casos de elisão baixa, onde apenas o VP é elidido, e, mesmo nessas elisões, a condição de identidade estrutural é respeitada já que o VP elidido é idêntico ao VP correlato, como representado em (3b), em que o Sintagma de Voz (VoiceP - Kratzer (1996)), foco da diferença estrutural em discussão, não faz parte do domínio elidido. O contraste de aceitabilidade entre (3a) e (4) evidencia que incompatibilidade de voz não é possível em elisões altas (e.g *sluicing*), que incluem o Sintagma de Voz⁴. [Fonte: Merchant, 2012:3]

- (3) a. The janitor must remove the trash whenever it is apparent that it should be [_{VP} removed]
b. The system should be used by anyone who wants to [_{VP} use it]
(4) *Someone murdered Joe, but we don't know who by

Existe, porém, um tipo de *sluicing* que recoloca em discussão a condição de isomorfia/identidade estrutural: *sluicing* com apagamento de preposição em línguas que não licenciam encalhamento

4 A não ocorrência de incompatibilidade de voz é observada também em casos de respostas fragmentadas e elisão lacunar (Merchant, 2012), que, como *sluicing*, envolvem apagamento de um nóculo sintático mais alto do que o Sintagma de Voz.

de preposição (*preposition stranding*). Este fenômeno ocorre no português do Brasil e em outras línguas, não podendo, no entanto, ser claramente observado da mesma forma que em línguas como o inglês, que encalham preposições em interrogativas regulares. Isto é, em inglês, a possibilidade de apagamento de preposição em *sluicing* (5a) está de acordo com a condição de identidade estrutural, já que encalhamento de preposição é possível também em perguntas canônicas (5b). Portanto, em línguas como o inglês, a preposição pode ficar encalhada (*stranded*) dentro do TP, sendo, conseqüentemente, apagada em PF em casos de *sluicing*. Assim, em (5a) a preposição está presente na estrutura subjacente ao TP elidido, o qual é, portanto, estruturalmente idêntico ao seu correlato.

- (5) a. John danced with someone, but I don't know (with) who
b. Who did John dance with?
c. John danced with someone, but I don't know [_{CP} who₁ [_{TP} ~~John danced with who₁~~]]

Em línguas, como o PB, em que encalhamento de preposição não é um processo regular, não ocorrendo em estruturas interrogativas (6b), opcionalidade da preposição em *sluicing* (6a) é inesperado. Isto é, em PB, se um TP elidido contiver uma preposição encalhada, então sua estrutura subjacente deveria ser agramatical, como representado em (6c):

- (6) a. O João dançou com alguém, mas eu não sei (com) quem
b. *Quem que o João dançou com?
c. O João dançou com alguém, mas eu não sei [_{CP} quem₁ *~~[_{TP} o João dançou com quem₁]]~~]

Para explicar a inesperada gramaticalidade de (6a), ou consideramos que não há isomorfismo estrutural em casos de elisão ou postulamos que elisão de TP em PF mascara efeitos de encalhamento de preposição, o que é problemático já que esses efeitos ocorrem apenas em elisões altas, como *sluicing*. Elisões baixas, como elisão de VP (7), não licenciam apagamento de preposição: [Fonte: Milhorange, 2014: 72]

- (7) A: O Pedro vai dançar com a Carla na sexta
B: E *(com) quem você vai?

Na próxima seção, discutiremos o apagamento de preposição em *sluicing* de maneira mais detalhada, dando especial atenção a duas propostas de análise dos dados do PB: encalhamento de preposição como uma restrição de PF (seção 2.1), e *pseudosluicing*: elisão de TP clivado (seção 2.2). Na seção 3, apresentamos dois experimentos de julgamento de aceitabilidade conduzidos por nós em PB. O primeiro experimento (seção 3.1) investiga a possibilidade de o apagamento de preposição em *sluicing* ter como fonte estruturas interrogativas com duplo preenchimento do CP. O segundo experimento (seção 3.2) investiga se em PB há uma correlação entre aceitabilidade de

sluicing sem preposição e aceitabilidade de relativas cortadoras (i.e. com apagamento de preposição), como sugerido em Rodrigues *et al.* (2009) e Milhorange (2014). A seção 4 é dedicada à conclusão. A contribuição do presente artigo para o entendimento do fenômeno de *sluicing* é, portanto, de testagem e discussão de duas hipóteses teóricas sobre a estrutura subjacente a *sluicing* com apagamento de preposição.

2. *Sluicing* e a generalização de preposição encalhada

Merchant (2001) apresenta uma análise formal bastante cuidadosa das restrições gramaticais que operam sobre o processo de *sluicing*. Uma dessas restrições ficou conhecida como *Generalização de Encalhamento de Preposição* (PSG – *Preposition stranding Generalization*): “Uma língua L permitirá o encalhamento de preposição em *sluicing* se e somente se L permitir encalhamento de preposição em casos canônicos de movimento –QU.” (Merchant, 2001: 92 - tradução nossa).

Dados de várias línguas foram apresentados por Merchant em suporte a PSG, indicando que línguas com encalhamento opcional de preposição em interrogativas também apresentam encalhamento opcional em *sluicing*. Entre essas línguas, Merchant cita o inglês em (5), o islandês em (8) e o norueguês em (9). [Fonte: Merchant, 2001: 93]

- (8) a. Pétur hefur talað við einhvern en ég veit ekki (við) hvern
Pétur tem falado com alguém mas eu sei não com quem
‘Pétur falou com alguém, mas eu não sei quem’
- b. Hvern hefur Pétur talað við?
Quem tem Pétur falado com
‘Com quem o Pétur falou?’
- (9) a. Per har snakket med noen, men jeg vet ikke (med) hvem
Per tem falando com alguém, mas eu sei não com quem
‘Per falou com alguém, mas eu não sei com quem’
- b. Hvem har Per snakket med?
quem tem Per falado com
‘Com quem o Per falou?’

Em contraste, línguas que não aceitam encalhamento de preposição em interrogativas também não aceitam em *sluicing*, como o grego (10) e o alemão (11). [Fonte: Merchant, 2001: 94]

- (10) a. I Anna milise me kapjon, alla dhe ksero *(me) pjon
A Anna falou com alguém, mas não sei-1SG com quem
'A Anna falou com alguém, mas não sei com quem'
- b. *Pjon milise me?
Quem falou-3Sg com
- (11) a. Anna hat mit jemandem gesprochen, aber ich weiß nicht
Anna tem com alguém falado, mas eu sei não
*(mit) wem
com quem
'A Anna falou com alguém, mas eu não sei com quem'
- b. *Wem hat sie mit gesprochen?
Quem tem ela com falado

No entanto, como apresentamos na Introdução, parece haver violação da PSG em línguas que licenciam apagamento de preposição em *sluicing*, mas não em estruturas interrogativas. Dentre essas línguas, temos o PB (6), o espanhol (12) e o servo-croata (13)⁵:

- (12) a. Juan ha hablado con una chica, [Espanhol – Rodrigues *et al.*, 2009: 2]
Juan tem falado com uma menina,
pero no sé (con) cuál
mas não sei-1Sg with qual
'Juan falou com uma menina, mas eu não sei (com) quem'
- b. ?*Qué chica ha hablado Juan con?
qual menina tem falado Juan com
- (13) a. Peter je glasao protiv neèega, [Servo-Croata – Stjepanović, 2008:181]
Peter é votado contra algo
ali ne znam (protiv) čega
mas não sei-1Sg contra o que
'Peter votou contra algo, mas eu não sei (contra) o que'
- b. *Čega je Peter glasao protiv?
o que é Peter votado contra

5 Temos também: finlandês (Hartman, 2005), polonês (Szczegielniak, 2005), chinês - dialeto mandarim (Wang, 2007), indonésio (Fortin, 2007; Sato, 2011), árabe (Algryani, 2011; Leung, 2014), romeno (Nicolae, 2012), malagaxe, (Paul & Potsdam, 2012).

Embora as propostas feitas sejam específicas para as línguas analisadas, podemos classificá-las em três tipos de análises:

I *Estratégia de resolução de preposição encaçada em PF*

Há variação paramétrica quanto ao momento derivacional em que a restrição sobre encaçamento de preposição se aplica no componente sintático ou em PF. Em línguas em que não há aparente violação da PSG (e.g. grego e alemão), a restrição se aplica na sintaxe. Em línguas que violam a PSG (e.g. PB, espanhol e servo-croata), a restrição se aplica em PF. Portanto, no segundo conjunto de línguas, a restrição sobre preposição encaçada é satisfeita vacuamente em casos de *sluicing*, já que a estrutura é elidida (Almeida & Yoshida, 2007; Fortin 2007; Stjepanovic, 2008; Leung, 2014)

II *Estratégia de clivagem da sentença elidida (pseudosluicing)*

Em línguas que não licenciam preposição encaçada, elisão de TP com apagamento de preposição são estruturas clivadas. (Szczeplniak, 2005, Rodrigues et al., 2009; Algryani, 2011; Paul & Potsdam, 2012).

III *Estratégia de inserção de pronome resumptivo*

Em línguas que não licenciam preposição encaçada, estruturas elididas com apagamento de preposição envolvem formação de estrutura interrogativa com inserção de pronome resumptivo na posição de complemento da preposição encaçada. (Wang, 2007; Nicolae, 2012)

A terceira estratégia (inserção de pronome resumptivo) não é viável para o PB, já que interrogativas não licenciam pronomes resumptivos, como exemplifica a agramaticalidade de (14)⁶.

(14) *Quem/qual rapaz você beijou ele?

Quanto às estratégias I e II, ambas já foram consideradas para os dados do PB. Portanto, nas próximas seções discutiremos essas duas estratégias.

2.1. Estratégia de resolução de preposição encaçada em PF

Almeida & Yoshida (2007) argumentam que o apagamento de preposição em PB não pode ser entendido como *pseudosluicing* (Merchant, 1998). Primeiramente, os autores observam que a retenção da cópula em (15) depende do não apagamento da preposição, havendo, para eles, um contraste em aceitabilidade entre (15b e 15d).

⁶ Talvez (14) seja possível para alguns falantes de PB. Consideramos, no entanto, que nem todos os falantes que aceitam apagamento de preposição em *sluicing* aceitam também interrogativas com resumptivo.

- (15) Maria dançou com alguém, mas ...
- eu não sei com quem
 - eu não sei com quem foi
 - eu não sei quem
 - ?? eu não sei quem foi

Os autores reforçam também que a não aceitabilidade do *pseudosluicing* em (15d) está relacionada à restrição de não encalhamento de preposições, pois quando ocorre *sluicing* sem apagamento de preposição, como em (16), a presença da cópula é aceitável.

- (16) João beijou alguém, mas eu não sei quem foi

Além disso, segundo Almeida & Yoshida, há diferenças no contorno entonacional da sentença em casos de *sluicing* e de *pseudosluicing* (17). Assim como no inglês (Merchant, 2001), no PB, o acento proeminente recai sobre o pronome interrogativo em estruturas de *sluicing*, já em estruturas de *pseudosluicing* mesmo o acento recai sobre a cópula. Crucialmente em (17b), com apagamento de preposição, o acento está no pronome -QU, o que os autores tomam como evidência de que estruturas com apagamento de preposição são casos *bona fide* de *sluicing*.

- (17) a. João dançou com alguém, mas eu não sei com QUEM
b. João dançou com alguém, mas eu não sei QUEM
c. João dançou com alguém, mas eu não sei com quem FOI
d. ?João dançou com alguém, mas eu não sei quem FOI
e. *João dançou com alguém, mas eu não sei com QUEM foi
f. *João dançou com alguém, mas eu não sei QUEM foi

Merchant (2001) diferencia *sluicing* de *pseudosluicing* com base no licenciamento de sintagmas interrogativos agressivos sem elo discursivo (*aggressively non-D-linked wh-phrases*). No inglês, esse tipo de sintagma é licenciado em *pseudosluicing*, mas não em *sluicing*:

- (18) a. John danced with someone yesterday. I wish I knew (with) who the hell it was!
b. *John danced with someone yesterday. I wish I knew (with) who the hell!

Almeida & Yoshida enfatizam que, em PB, o mesmo contraste se observa, sendo que sintagmas interrogativos agressivos sem elo discursivo não são licenciados em casos de apagamento de preposição. Portanto, apagamento de preposição não pode ser analisado como *pseudosluicing*:

- (19) a. *João dançou com alguém ontem. Eu só queria saber (com) quem dia bos!
b. João dançou com alguém ontem. Eu só queria saber *(com) quem diabos foi!

Outra diferença entre *sluicing* e *pseudosluicing* apontada em Merchant (2001) é o tipo de modificador que pode ocorrer como pivô da sentença truncada. *Pseudosluicing* não pode ocorrer com modificadores que pressupõem não-exaustividade, como *for example* e *else* em inglês, mas *sluicing* pode.

- (20) Someone should speak with you about this issue
- *Can you tell me who it is, for example?
 - Can you tell me who, for example?
 - *Who is it, for example?
 - Who, for example?
- (21) a. Mary was here, but I don't know who else
- *Mary was here, but I don't know who else it was
 - Mary spoke to the reporters, but I don't know (with) who else
 - *Mary spoke to the reporters, but I don't know (with) who else it was

Almeida e Yoshida apontam que o mesmo ocorre em PB ((22)-(23)), observando que os modificadores *por exemplo e mais* são licenciados em estruturas com apagamento de preposição ((22b) e (23c)):

- (22) Alguém deveria falar com você sobre esse assunto
- *Você pode me dizer quem é, por exemplo?
 - Você pode me dizer quem, por exemplo?
 - *(Com) quem é, por exemplo?
 - (Com) quem, por exemplo?
- (23) a. Maria estava aqui, mas eu não sei quem mais
- *Maria estava aqui, mas eu não sei quem mais é/estava?
 - Maria falou com os repórteres, mas eu não sei (com) quem mais
 - *Maria falou com os repórteres, mas eu não sei (com) quem mais é

Buscando acomodar os dados do PB à PSG de Merchant, Almeida & Yoshida propõem que há uma diferença paramétrica entre as línguas em relação ao momento derivacional em que a restrição sobre encalhamento de preposição se aplica. Em línguas como o grego e o alemão (cf. (10)-(11)), a restrição se aplica no componente sintático; isto é, antes do processo de elisão. Portanto, essas línguas não licenciam apagamento de preposição em *sluicing*. Em línguas como o PB, a restrição se aplica em PF, após o processo de elisão. Por isso, em PB, a restrição sobre encalhamento de preposição é satisfeito vacuamente, já que a estrutura contendo a preposição encalhada sofre elisão.

Embora acomode as diferenças translinguísticas observadas acima em relação à possibilidade de apagamento de preposição em *sluicing*, a solução proposta por Almeida e Yoshida não explica por que em algumas línguas a restrição sobre preposição encalhada se aplica ainda no componente sintático, enquanto em outras a mesma restrição se aplica em PF, ou seja, ao *output* do processo de elisão. Portanto, a proposta de Almeida e Yoshida não é explicativa, apenas acomoda os dados à generalização de Merchant. Além disso, essa análise é empiricamente frágil, já que apenas elisões altas (e.g. *sluicing*) licenciam apagamento de preposição. Como vimos em (7), elisões baixas não licenciam apagamento de preposição.

2.2. Estratégia de clivagem da sentença elidida (*pseudosluicing*)

Analisando dados do PB e do espanhol,⁷ Rodrigues *et al.*, (2009) argumentam que, nessas línguas, apagamento de preposição em contextos de *sluicing* resulta da possibilidade de clivagem do CP, seguido de apagamento do TP em PF. Essa estratégia de clivagem foi nomeada pelos autores de *pseudosluicing*⁸. Portanto, postula-se (24b) como sendo a estrutura elidida em (24a):

- (24) a. O João dançou com alguém, mas eu não sei quem
b. [_{CP} quem [_{TP} ~~é~~ [_{DP} a pessoa [_{RC} ~~com que o João dançou~~]]]]

Para Rodrigues *et al.*, as observações empíricas de Almeida & Yoshida não evidenciam a não-ocorrência de *pseudosluicing*⁹. Em contraste com as observações de Almeida & Yoshida sobre a presença da cópula (cf. dados em (17)), Rodrigues *et al.* apontam que a cópula pode aparecer em casos de *sluicing* com apagamento de preposição se receber acento de ênfases.

- (25) O João está saindo com alguém, mas eu não sei quem É

Sobre a leitura de exaustividade observada em clivadas, os autores argumentam que clivadas

7 Embora não tratemos dos dados do espanhol, é importante observar que, em contraste com o PB, em espanhol, o apagamento de preposição em contexto de *sluicing* parece estar restrito a estruturas com pronome interrogativo com elo discursivo (*D-linked wh-phrases*). Em um artigo recente sobre o espanhol, Stigliano (2018) argumenta que essas não são estruturas clivadas com apagamento de preposição, mas estruturas em que o pronome interrogativo permanece *in situ* e sobrevive ao processo de elisão em PF, que pode ou não elidir a preposição que precede o pronome interrogativo. Rodrigues & Saab (2019) discutem a proposta de Stigliano, mostrando que a mesma não explica os dados do PB.

8 *Pseudosluicing* talvez não seja o melhor termo para identificar o processo em questão. *Pseudosluicing* foi primeiramente usado por Merchant (1998) para nomear falsos casos de *sluicing* em japonês, estruturas com movimento -QU seguido de cópula apagada e sujeito nulo. Para uma discussão sobre essa questão de nomenclatura, a diferenciação entre os tipos *pseudosluicing* e possibilidade de ocorrência do *pseudosluicing* verdadeiro no PB, ver Rodrigues & Saab (2019).

9 Portanto, há aqui uma discordância em aceitabilidade entre Almeida & Yoshida e Rodrigues *et al.*, já que para Almeida & Yoshida (25) não é aceitável (cf. 14d).

em PB não apresentam este tipo de leitura, aceitando, portanto, modificadores como *por exemplo e mais*, como exemplificado em (26). Portanto, o fato de esses modificadores serem compatíveis com estruturas de *sluicing* com apagamento de preposição (cf. (22) e (23)) não pode ser tomado como evidência contra a estratégia de clivagem da estrutura elidida.

- (26) a. Me fala quem mais é que você quer convidar para sua festa
b. Quem, por exemplo, é que você vai convidar para a sua festa?

A não aceitabilidade de sintagmas interrogativos agressivos sem elo discursivo (cf. exemplo em (19b)) também é discutida em Rodrigues *et al.*, observando que esse tipo de sintagma interrogativo não é licenciado em estruturas elididas sem a presença da cópula, mesmo quando não há apagamento de preposição, como em (27). Portanto, o diferenciador neste tipo de estrutura é a presença da cópula e não a manutenção ou o apagamento da preposição. Seguindo Sprouse (2006), os autores analisam a obrigatoriedade da cópula nessas estruturas como sendo de natureza fonológica, envolvendo a integração do acento sentencial no domínio prosódico do sintagma –Qu.

- (27) a. *A Maria reclamou de alguma coisa, mas eu não sei (de) que diabos!
b. A Maria reclamou de alguma coisa aqui, mas eu não sei (de) que diabos FOI!

Além dos dados acima, Rodrigues *et al.* também apresentam casos de múltiplo *sluicing* em PB como evidência a favor da análise de *pseudosluicing*. Como demonstra o dado em (28), o PB licencia estruturas de *sluicing* múltiplo. No entanto, nesses casos, não é permitido apagamento da preposição, seja da primeira, da segunda ou ambas. Note que (28) contrasta com o inglês (29), em que a primeira preposição pode ser apagada.

- (28) Maria falou sobre alguma coisa para alguém, mas eu não sei *(sobre) o que *(para) quem

- (29) John talked about something to someone but I don't know (about) what *(to) whom

Adotando a análise de Lasnik (2006) para *sluicing* múltiplo, em que o primeiro -QU move-se para [Spec CP], enquanto o segundo sofre extraposição para à direita (como esboçado em (30)), Rodrigues *et al.* sugerem que em (28), ocorrendo apagamento de preposição, a estrutura elidida seria uma clivada e, portanto, a extraposição à direita do segundo elemento -QU violaria o *Right Roof Constraint* (Ross, 1967), tendo de cruzar mais de um domínio sentencial, como mostra a derivação em (31). Resulta, portanto, que não é possível apagamento de preposição em construções com *sluicing* múltiplo porque a estrutura elidida não pode ser uma clivada.

- (30) ...but I don't know [_{CP} what₁ [_{IP} John talked about ~~t₁~~ t₂]] [to whom]₂]

- (31) ...mas eu não sei [_{CP} o que [_{IP} é a coisa [_{RC} [sobre a qual]₁ [_{IP} o João falou t₁ t₂]]] [para quem]₂]



A literatura mais recente sobre o assunto apresenta outras evidências a favor da análise de *pseudosluicing*. Por exemplo, Rodrigues (2016) observa que embora *sluicing* reverso (Giannakidou & Merchant, 1998) seja possível em PB (32), apagamento de preposição não ocorre neste tipo de *sluicing* (33). Estas construções também não licenciam a presença da cópula, o que sugere que a porção elidida da sentença não é uma estrutura clivada (34).

(32) Não sabemos ainda se e QUEM a polícia interrogou antes do acidente

(33) Não sabemos ainda se e *(COM) QUEM a vítima conversou antes do acidente

(34) Não sabemos ainda se e *(com) quem (*é) a vítima conversou antes do acidente

Rodrigues (2016) aponta também que apagamento de preposição não é permitido quando o antecedente do TP elidido é uma sentença clivada ((35)-(36)). Para que ocorra apagamento de preposição, a sentença elidida tem de ser clivada, mas se ela for clivada (35), o movimento do elemento –QU incorre em forte violação de ilha, cruzando duas orações relativas, como ilustrado em

(36) Por isso, apagamento de preposição não é possível.

(35) O Arturo é o aluno que vai dançar com alguém na apresentação da escola, mas eu ainda não sei ?*(com) quem

(36) ...[CP quem₁ [TP é a pessoa [RC que o Arturo é o aluno [RC que vai dançar *t_i* na apresentação da escola]]

Em resumo, as evidências positivas e negativas disponíveis na literatura indicam que em PB, apagamento de preposição em sentenças com elisão de TP ocorre porque o constituinte elidido é um TP clivado. No entanto, a estrutura interna do TP clivado ainda é uma questão em aberto. Rodrigues *et al.* (2009) adotam estruturas clivadas contendo relativa padrão para os dados do PB (37a) e do espanhol, mas consideram também que, em PB, essas estruturas podem conter relativas cortadoras (37b), que, independentemente do fenômeno de elisão em análise, licenciam apagamento de preposição, como exemplificado em (38) (Tarallo, 1983; Corrêa, 1998; Kenedy, 2007; Kato & Nunes, 2009). Portanto, de acordo com essa possibilidade, o diferencial do PB, em relação ao licenciamento de apagamento de preposição em *sluicing*, seria o apagamento de preposições em relativas.

(37) O João dançou com alguém, mas eu não sei quem

a. [CP Quem [TP é a pessoa [RC com quem [TP o João dançou]]]

b. [CP Quem [TP é a pessoa [RC que [TP o João dançou]]]

(38) A menina que o João dançou na festa está aqui

Ainda, alguns linguistas nativos do PB chamaram a nossa atenção para o fato de que para eles preposições podem ser apagadas também em interrogativas com o CP duplamente preenchido (interrogativas com COMP Duplo – *Double Filled COMP* – Chomsky & Lasnik, 1977)¹⁰, como ilustrado em (39b). Assim, uma possibilidade é que, em PB, *sluicing* com apagamento de preposição envolve estruturas interrogativas com COMP Duplo, como em (39c). Obviamente, a viabilidade desta análise depende de como iremos analisar a categoria XP. Observe que ela não pode ser entendida como sendo C', já que projeções intermediárias não são alvos de operações sintáticas. Voltaremos a natureza do XP na seção 3.1.3 (discussão dos resultados do experimento 1).

- (39) a. Com quem que o João dançou?
b. Quem que o João dançou?
c. O João dançou com alguém, mas eu não sei [_{CP} quem [_{XP} ~~que o João dançou~~]]

Portanto, há pelo menos três possíveis estruturas subjacentes ao processo de *sluicing*: (a) clivada com relativa padrão, como em (37a); (b) clivada com relativa cortadora, como em (37b); (c) interrogativa com COMP Duplo, como em (39c).

Em relação a clivadas com relativa cortadora, resultados de pesquisa experimental (Milhorce, 2014) indicam que há de fato uma inter-relação entre licenciamento de relativas cortadoras e licenciamento de *sluicing* com apagamento de preposição: falantes aceitam apagamento de preposição tanto em relativas cortadoras quanto em *sluicing*.

No que se segue, apresentaremos dois estudos experimentais de julgamento de aceitabilidade, que buscam investigar se há de fato uma correlação entre apagamento de preposição no contexto de *sluicing*, interrogativas com COMP duplo e relativas cortadoras. No primeiro experimento, investigamos possível correlação entre apagamento de preposição em *sluicing* e em interrogativa com COMP Duplo. No segundo, investigamos possível correlação entre apagamento de preposição em *sluicing* e em relativas cortadoras, buscando replicar, portanto, os resultados de Milhorce (2014).

3. Contextos estruturais com apagamento de preposição em PB

3.1. Experimento 1: apagamento de preposição em *sluicing* e em interrogativas com COM duplo

Com o objetivo de investigar se a estrutura subjacente a *sluicing* com apagamento de preposição pode ser uma estrutura interrogativa com COMP duplo, realizamos um estudo experimental, considerando a hipótese de que o apagamento de preposição é igualmente licenciado nestes dois tipos

10 A aceitabilidade de sentenças como (39b&c) foi apontada por Jairo Nunes (comunicação pessoal).

de estruturas. Ou seja, estamos prevendo que falantes nativos de PB aceitam tanto (40) como (41):

(40) O João dançou com alguém, mas eu não sei quem (*Sluicing*)

(41) Quem que o João dançou? (COMP duplo)

3.1.1. Design experimental

Para verificar a hipótese acima, realizamos experimento *offline* de julgamento de aceitabilidade,¹¹ conduzido na plataforma *onlinepesquisa* (www.onlinepesquisa.com). Os fatores manipulados foram: tipo de estrutura (Interrogativas com COMP duplo vs. Interrogativas indiretas com *sluicing*) e tipo de preposição apagada (com vs. de). A variável Tipo de Preposição foi manipulada para que pudéssemos verificar se apagamento de preposição é um processo geral da língua, atingindo tanto preposições com mais conteúdo semântico (*com*) como preposições com menos conteúdo semântico (*de*). A preposição *com*, nucleando sintagmas preposicionados na posição de complemento verbal, (e.g. *O João dançou com você*) pode indicar que o evento é comitativo, ao passo que a preposição *de* no mesmo contexto estrutural (e.g. *O João precisa de você*) não apresenta nenhuma contribuição semântica clara para a interpretação do evento.

Todas as variáveis independentes mencionadas acima foram consideradas medidas repetidas. A variável dependente selecionada foram os valores atribuídos aos itens experimentais em uma escala Likert de 3-pontos, em que 1 era igual a totalmente inaceitável, 2, mais ou menos aceitável e 3, totalmente aceitável¹².

A partir do design 2x2, obtivemos quatro condições experimentais:

- COND 1 [COMP Duplo, COM]:

(42) Quem que o Pedro dançou na festa de aniversário da Fernanda?

- COND 2 [COMP Duplo, DE]:

(43) O que que a Maria discordou depois da reunião?

11 *Online e offline* são métodos experimentais usados na linguística experimental que, grosso modo, podem ser entendidos da seguinte maneira: método *online* mede o processo linguístico em atividade; método *offline* mede o seu resultado.

12 Neste experimento, optamos por realizar um teste linguístico simplificado com uso de escala Likert reduzida, de apenas 3 pontos, e poucos itens experimentais como veremos a seguir. Essa simplificação foi feita com o intuito de aumentar a amostra, incluindo participantes de diferentes dialetos.

- COND 3 [*Sluicing*, COM]:
(44) O Pedro dançou com alguém na festa de aniversário da Fernanda, mas eu não sei quem

- COND 4 [*Sluicing*, DE]:
(45) A Maria discordou de alguma coisa depois da reunião, mas eu não sei o que

3.1.2. Método

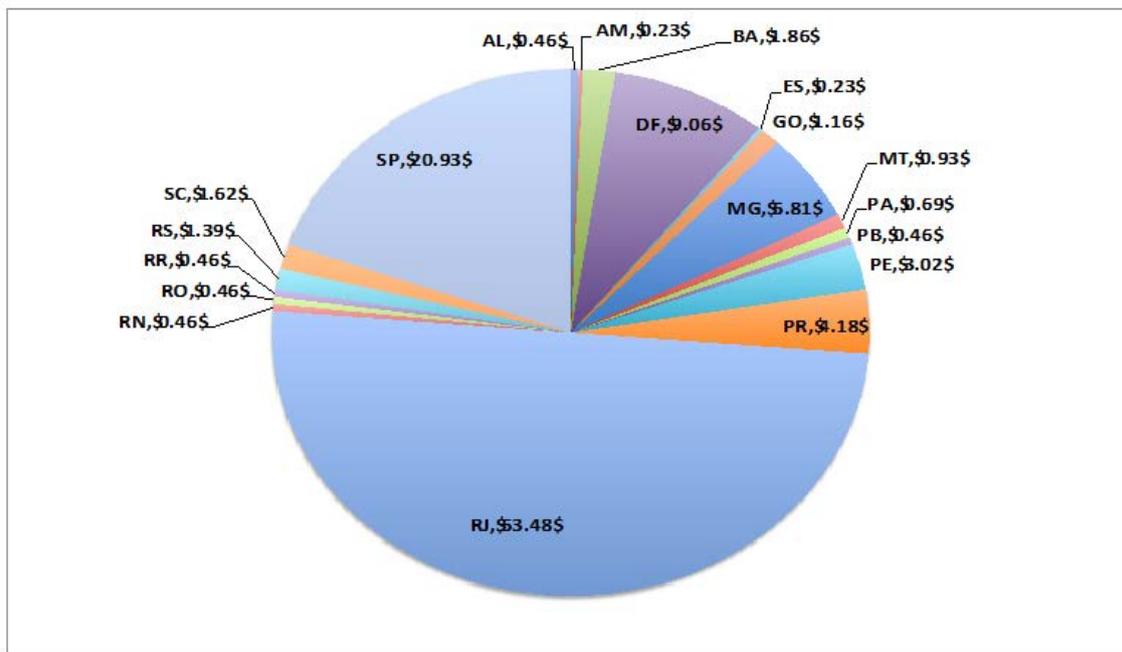
Participantes

Os participantes foram recrutados em mídias sociais, especialmente no *Facebook*. O convite contendo o *link* para o experimento, deixava claro se tratar de participação voluntária, restrita a falantes nativos do PB. 525 brasileiros participaram do experimento. Destes, 430 completaram a tarefa e declaram não ter histórico de problemas de linguagem na família, fazendo, portanto, parte da amostra final. A maioria dos participantes é do sudeste do Brasil, do sexo feminino, com idade entre 18 e 50 anos, curso superior ou pós-graduação. A tabela 1 resume os dados sociolinguísticos da amostra final. A percentagem de participantes por estados do Brasil é dada no gráfico 1.

Tabela 1: Dados sociolinguísticos dos participantes

430 NATIVOS DO PB	
Idade	Entre 18-30: 44,8% Entre 31-50: 42,46% Entre 51-70: 12,30% Mais de 70: 1,16
Sexo	Masculino: 32,02% Feminino: 67,98%
Desordens de linguagem na família	Não: 100%
Nível educacional	Fundamental: 0,23% Médio: 11,37% Superior: 41,53% Pós-graduação: 46,87%

Gráfico 1: Percentagem de participantes por estado



Material

O experimento consistiu de um questionário linguístico e de um questionário sociolinguístico, conduzidos conjuntamente na plataforma *OnlinePesquisa*, com o questionário linguístico precedendo o questionário sociolinguístico. Todos os itens foram apresentados na modalidade escrita. O questionário linguístico foi composto por 36 itens: 12 sentenças experimentais (3 por condição) e 24 sentenças distratoras compostas por sentenças com estruturas simples (matriz) (46), coordenadas (47), com orações relativas (48) e estruturas com dupla negação (49) ou com negação apenas no final da sentença (50). Essas distratoras foram elaboradas buscando equilíbrio entre os diferentes níveis de aceitabilidade.

- (46) A Maria comprou o carro do Pedro
- (47) Os ladrões atacaram a Maria e seu filho soltou um grito de susto
- (48) A Maria viu o cúmplice do ladrão que fugiu
- (49) O Pedro não deveria viajar não
- (50) Ela faz sempre essas coisas não

Como descrito na tabela 1, o questionário sociolinguístico incluiu dados sobre faixa etária, sexo, local de nascimento, cidade onde mora e tempo de residência, nível de escolaridade, existência de desordens da linguagem na família.

Procedimento

Ao acessar o *link* para o experimento, todos os participantes leram primeiramente uma introdução com informações sobre os direitos do participante (e.g. participação voluntária, anonimato, possibilidade de abonar a tarefa a qualquer momento, acesso aos resultados obtidos) e sobre os procedimentos da tarefa experimental. A introdução também continha dois exemplos de realização da tarefa, uma com negação no final de sentença e outro com coordenação no nível sentencial. Os estímulos linguísticos (36 sentenças no total) foram apresentados logo depois da página de introdução, de maneira aleatória, sendo a aleatorização feita por participante. Ao final do questionário linguístico, seguiu-se o questionário sociolinguístico.

3.1.3. Resultados

Os dados foram estatisticamente analisados por meio de ANOVA com medidas repetidas, e foram encontrados dois efeitos principais e uma interação entre fatores:

- Tipo de estrutura (Interrogativa com COMP Duplo vs. *Sluicing*): $F(1,429) = 1051$, $p < 0.000001$ (Gráfico 2)
- Tipo de preposição (de vs. com): $F(1,429) = 374$, $p < 0.000001$ (Gráfico 3)
- Tipo de estrutura vs. Tipo de preposição: $F(1,429) = 120$, $p < 0.000001$ (Gráfico 4)

Gráfico 2: Interrogativas com COMP Duplo vs. *sluicing*

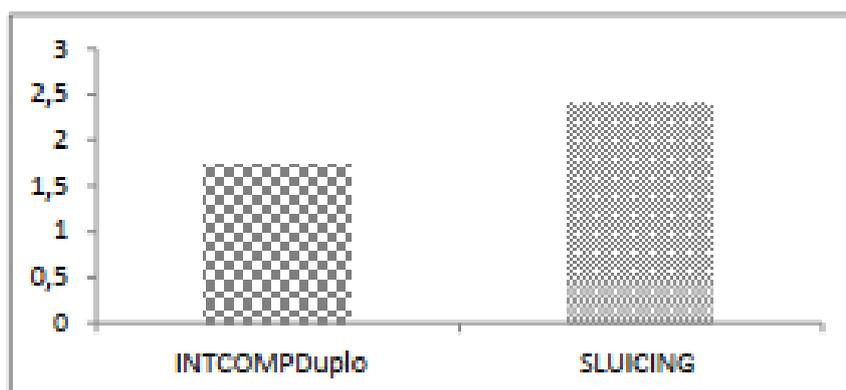


Gráfico 3: Tipo de preposição apagada: *De* vs. *Com*

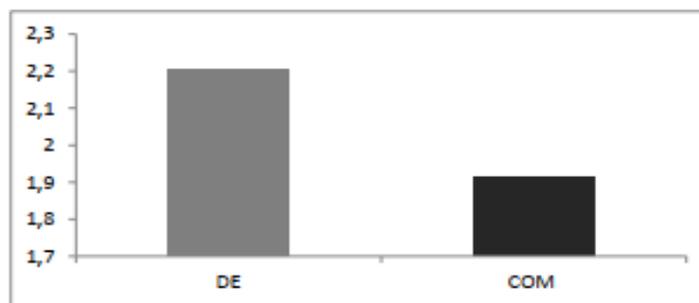
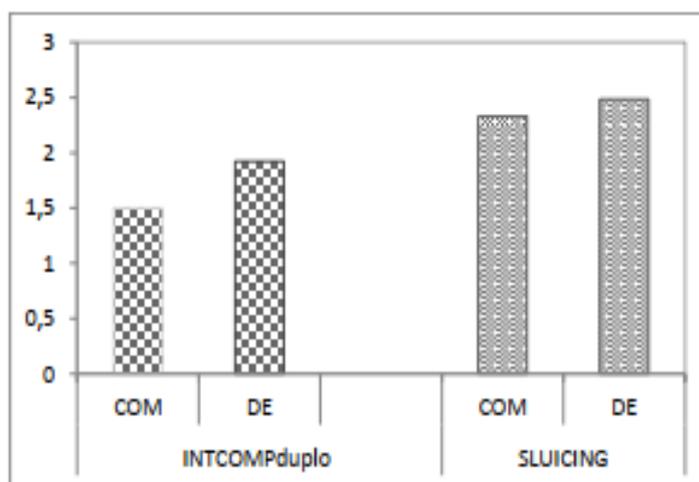


Gráfico 4: Tipo de estrutura em função do tipo de preposição apagada



Portanto, no geral, estruturas de *sluicing* receberam valores maiores que estruturas interrogativas com COMP duplo, refletindo o fato de que apagamento da preposição *com* tem aceitabilidade significativamente maior em estruturas com *sluicing* do que em estruturas Interrogativas com COMP duplo ($t(429) = 30.74, P < 0.000001$). Quanto ao tipo de preposição, nota-se que, em comparação à preposição *com*, o apagamento da preposição *de* tem grande aceitação tanto em *sluicing* como em interrogativas com COMP Duplo (gráfico 3).¹³

Discussão dos resultados

Os resultados encontrados vão de encontro à hipótese considerada, havendo diferenças significativas na aceitação de apagamento de preposição em interrogativas com COMP Duplo e *sluicing*, com aceitação significativamente maior em *sluicing*. Portanto, esses resultados não favorecem a análise em (39c), em que apagamento de preposição em *sluicing* envolve estruturas interrogativas com COMP Duplo.

13 As comparações entre pares abaixo reforçam esta conclusão:

- [Interrogativa com COMP Duplo, Com] vs. [Interrogativa com COMP Duplo, De] $t(429)=20.89, p < .000001$
- [Sluicing, Com] vs. [Sluicing, De] $t(429)=6.73, p < .000001$

Não há um consenso teórico sobre a estrutura das interrogativas com COMP Duplo em PB (Kato & Raposo, 1994; Miotto & Figueiredo Silva, 1995; Lopes-Rossi 1996, Miotto, 1997; Miotto & Kato 2005, Kato, 2014, Kato, *no prelo*). Kato e Raposo (1994), Lopes & Rossi (1996), Kato (2014, *no prelo*), por exemplo, sugerem que há uma relação entre interrogativas com COMP Duplo e interrogativas clivadas. Kato (*no prelo*) implementa essa análise como em (51), em que as interrogativas com COMP Duplo são clivadas reduzidas, derivadas de interrogativas clivadas com apagamento da cópula no componente fonológico: [Fonte: Kato, no prelo]

(51) *É quem que tá no banho?*

Miotto & Figueiredo Silva (1995) e Miotto (1997), por outro lado, argumentam contra essa relação, observando que a derivação de interrogativas com COMP Duplo a partir de clivadas como (52) enfrenta problemas fonológicos, semânticos e sintáticos. Miotto e Figueiredo-Silva (1995) e Miotto (1995) argumentam que no PB, em geral, vogais tônicas não são apagadas quando ocorrem entre atravamento sibálico nasal e outra consoante. Portanto, a sentença em (53) não pode ser derivada de (52), dado o contexto fonológico em quem a copula (vogal tônica) ocorre - entre um atravamento nasal e uma consoante. [Fonte Miotto, 1997: 648]

”(52) *Quem é que inventou o pecado?*

(53) *Quem que inventou o pecado?*

Miotto argumenta também que (53) é uma interrogativa neutra do ponto de vista semântico-pragmático, enquanto (52) carrega ênfases. Ainda, há restrições sobre a ocorrência de interrogativas com COMP Duplo que parecem não afetar as clivadas *é que*. (54), por exemplo, ilustra que expressões em foco podem ocorrer entre a cópula e o complementizador em clivadas *é que*, mas não em interrogativas com COMP Duplo. [Fonte: Miotto, 1997: 653]

(54) a. *O que é afinal que você quer?*

b. **O que afinal que você quer?*

Em clivadas, a expressão *é que* pode iterar (55a), enquanto, em interrogativas com COMP Duplo, não ocorre iteração do complementizador (55b). Portanto, (55c) (= (55a) com duplo apagamento da cópula) não pode ser a derivação de (55b). [Fonte: Miotto, 1997: 652]

(55) a. *O que é que é que você está querendo?*

b. **O que que que você está querendo?*

c. *O que é que é que você está querendo?*

De qualquer modo, tomando como base os resultados experimentais acima, concluímos que a estrutura subjacente a *sluicing* com apagamento de preposição não é uma interrogativa clivada (com

ou sem apagamento de cópula), já que, em oposição a estruturas de *sluicing*, interrogativas com COMP Duplo não licenciam apagamento da preposição *com*. Essa conclusão está de acordo com a observação de que nem todas as línguas com interrogativas clivadas e interrogativas com COMP Duplo licenciam *sluicing* com apagamento de preposição. Por exemplo, em francês, apagamento de preposição em *sluicing* não ocorre (56),¹⁴ embora a língua licencie interrogativas clivadas (57) e interrogativas com COM Duplo (58). [Fonte: (56): Almeida & Yoshida, 2007: 350], [(57) & (58): Tailleur, 2013: 1]

(56) Jean dançait *avec* quelqu' un, mais je ne me souviens pas *(*avec*) qui
Jean dançou com alguém mas eu não me lembro não com quem
'Jean dançou com alguém, mas eu não me lembro com quem'

(57) Où c' est que tu vas?
onde expl é que você vai
'Onde é que você vai?'

(58) Où que tu vas?
onde que você vai
'Onde que você vai?'

Ainda, não é claro que preposições possam ser apagadas em interrogativas clivadas com cópula. As sentenças em (59) não são aceitas por alguns falantes nativos de PB, que apresentam plena aceitação de apagamento de preposição em *sluicing*¹⁵.

(59) a. ?? Quem é que o João dançou na festa?
b. ?? É quem que João dançou na festa?

Para concluir, consideramos agora a possível variação dialetal no que tange ao apagamento de preposição em interrogativas com COMP Duplo e em *sluicing*. Dado que o PB é uma língua composta de diferentes dialetos, pode-se perguntar sobre a representatividade dos dados obtidos no presente experimento. Observamos, no entanto, que foram coletados dados de todas as regiões do Brasil, embora com variação quanto ao número de falantes por região. O gráfico 2 acima apresenta

14 Rodrigues *et al.* (2009) apresentam dados em que apagamento de preposição ocorre no contexto de *sluicing* em francês, no entanto, é observado que este apagamento é aceito plenamente apenas em casos de expressões –QU com elo discursivo. Portanto, o fenômeno em questão é bem mais restrito em francês do que em PB.

15 Embora os julgamentos apresentados em (59) careçam de testagem mais rigorosa, com uma amostra mais ampla.

a percentagem de falantes por estado. Desses estados, selecionamos aqueles com representação acima de 5% na amostra final e rodamos uma ANOVA para cada um deles, considerando os mesmos fatores do experimento geral. Os resultados, apresentados na tabela 2, mostram que os mesmos efeitos relatados acima são encontrados em todos esses estados. Portanto, a variação dialetal não desempenha um papel importante no estudo em questão.¹⁶

Tabela 2: ANOVA por estado

ESTADO	%	RESULTADO
DF	9,06	- Tipo de Estrutura F(1,38) = 136 p<.000001 - Tipo de Preposição F(1,38) = 67,7 p<.000001 - Tipo de estrutura *Tipo de Preposição F(1,38) = 10.5 p<.002450
MG	5,81	- Tipo de Estrutura F(1,28) = 87.7 p<.000001 - Tipo de Preposição F(1,28) = 17,6 p<.000250 - Tipo de estrutura *Tipo de Preposição F(1,28) = 5.235 p<.029929
RJ	53,48	- Tipo de Estrutura F(1,201) = 510 p<.000001 - Tipo de Preposição F(1,201) = 158 p<.000001 - Tipo de estrutura *Tipo de Preposição F(1,201) = 48.0 p<.000001
SP	20,93	- Tipo de Estrutura F(1,86) = 177 p<.000001 - Tipo de Preposição F(1,86) = 121 p<.000001 - Tipo de estrutura *Tipo de Preposição F(1,86) = 49.4 p<.000001

3.2. Experimento 2

Como discutido na seção 2.2, Rodrigues *et al.* (2009) consideram que a estrutura subjacente a *sluicing* com apagamento de preposição em PB e em espanhol seja uma clivada contendo uma oração relativa padrão (37a), repetida abaixo como (60a), mas levantam também a possibilidade de que, no PB, a relativa seja do tipo cortadora (37b), repetido abaixo como (60b).

(60) O João dançou com alguém, mas eu não sei....

- a. [_{CP} Quem _{TP} é a pessoa _{RE} com quem _{TP} o João dançou]]
- b. [_{CP} Quem _{TP} é a pessoa _{RE} que _{TP} o João dançou]]

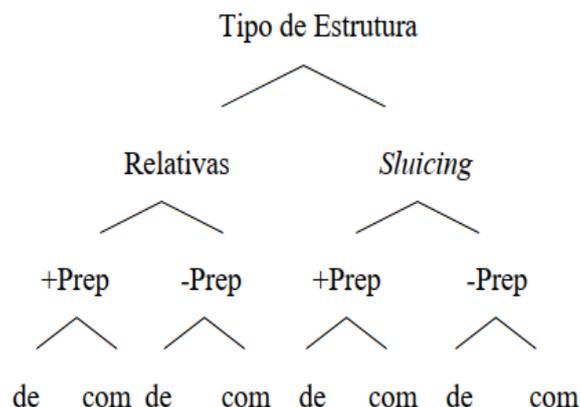
Assim, buscando um melhor entendimento da questão, realizamos um segundo experimento contrastando aceitabilidade de *sluicing* com apagamento de preposição e de relativas cortadoras em PB. Partimos da hipótese de que em PB, em oposição ao espanhol, *sluicing* com apagamento de

16 Observe que, embora o dialeto Mineiro seja inovador em diferentes aspectos gramaticais, os resultados estatísticos relatados acima não indicam apagamento generalizado de preposição em estruturas com COMP Duplo em Minas Gerais. Acreditamos, portanto, que os resultados relatados sejam de fato representativos do PB.

preposição é reflexo do licenciamento de relativas cortadoras. Isto é, tomamos a estrutura em (60b) como sendo a estrutura subjacente ao processo de *sluicing*.

3.2.1. Design experimental

O experimento 2 também foi uma tarefa *offline* de julgamento de aceitabilidade, conduzido na plataforma *onlinepesquisa* (www.onlinepesquisa.com). Foram manipulados os seguintes fatores:



Obteve-se, portanto, um design fatorial 2x2x2, em que tipo de preposição (de vs. com) foi tomado como fator grupal e as demais variáveis, medidas repetidas. A preposição foi tomada como fator grupal porque o experimento anterior (experimento 1) nos informa que o tipo de preposição não afeta a aceitabilidade de *sluicing* com apagamento de preposição. Como variável dependente, tomamos o valor decorrente do julgamento de gramaticalidade das sentenças, em uma escala Likert de 5-pontos, em que 1= não aceitável e 5 = plenamente aceitável. Foram testados 5 estímulos por condição (total 40 estímulos – 20 por grupo). A título de ilustração, considere os exemplos apresentados abaixo, por condição:

- COND 1: [Relativa, + DE]

(61) A professora duvidou de um aluno de literatura , mas eu não sei quem é o aluno de quem ela duvidou

- COND 2: [Relativa, +COM]

(62) A cantora dançou com um ator da Globo de novela, mas eu não lembro quem é o ator com quem ela dançou

- COND 3: [Relativa, -DE]

(63) O jogador gostou de uma modelo da Alemanha, mas eu não sei quem é a modelo que ele gostou

- COND 4: [Relativa, -COM]
(64) O médico conversou com uma cirurgiã do hospital, mas eu não lembro quem é a enfermeira que ele discutiu
- COND 5: [Sluicing, +DE]
(65) A cantora discordou de um guitarrista da Inglaterra, mas eu não lembro de quem
- COND 6: [Sluicing, +COM]
(66) A psicóloga discutiu com um médico da emergência, mas eu não sei com quem
- COND 7: [Sluicing, -DE]
(67) A secretária falou de um funcionário de empresa, mas eu não lembro quem
- COND 8: [Sluicing, -COM]
(68) A cantora brincou com um funcionário do hospital, mas eu não lembro quem

Foram feitos os seguintes controles: em todos os estímulos, o sujeito da matriz é um DP definido ($[_{DP} D_{def} NP]$), com N referindo-se a profissão. Metade desses DPs foi marcada com gênero feminino e a outra metade com gênero masculino. O antecedente do pronome –QU é sempre um DP indefinido com o formato $[_{DP} DET_{indef} [NP [_{pp} of DP]]]$, com N mais alto também referindo-se a profissão (50% Fem, 50% Masc). Na medida do possível, controlamos também o tamanho da sentença, embora aquelas contendo *sluicing* sejam sempre mais curtas. Para contrabalancear, usamos distratoras mais curtas e mais longas.¹⁷

Aos dois grupos criados, foram adicionadas 40 sentenças distratoras, envolvendo movimento –Qu (69), coordenação (70), concordância de gênero e número (71) e quantificação com retomada pronominal (72). Procuramos balancear a aceitabilidade das mesmas, explorando os valores da escala Likert usada no experimento.

- (69) Como que o pedreiro lamentou que o mecânico dele fez o muro da casa da professora?
- (70) O treinador das jogadoras dos times foram acusados de abuso de autoridade e de agressão física a menores de idade
- (71) Os computadores da secretária das vereadoras foram retidos por causa de fraudes em acordos com empresas privadas
- (72) Todas as mulheres carregam algum dinheiro na bolsa para elas comprarem alguma coisa na rua

17 O controle do tamanho da sentença é importante para que os estímulos (experimentais e distratores) sejam homogêneos, evitando que o tamanho das sentenças funcione como pista sobre o fenômeno que está sendo investigado ou que seja uma variável externa com interferência nos resultados.

3.2.2. Método

Participantes

Assim como no experimento 1, os participantes foram recrutados por meio de mídias sociais, principalmente pelo *Facebook*. O convite, contendo o *link* para o experimento, deixava claro se tratar de participação voluntária restrita a falantes nativos do PB. 147 falantes acessaram o experimento na plataforma, mas apenas 64 completaram a tarefa. Portanto, a amostra final é composta de 64 participantes (38 no Grupo 1 – Preposição *com*; 26 no Grupo 2 – Preposição *de*).¹⁸ A grande maioria dos participantes é do Rio de Janeiro, do sexo feminino, com idade entre 18 e 30 anos, com curso superior ou com pós-graduação. Não foi relatado histórico de desordens de linguagem na família. A tabela 3 resume os dados sociolinguísticos coletados.

Tabela 3 : Dados sociolinguísticos – Experimento 2

64 NATIVOS DO PB		
	Grupo 1 (26)	Grupo 2 (38)
Idade	Entre 18-30: 34,61% Entre 31-50: 30,76% Entre 51-70: 30,76% Mais de 70: 3,84%	Entre 18-30: 76,31% Entre 31-50: 15,18% Entre 51-70: 7,89%
Sexo	Masculino: 19,23% Feminino: 80,77%	Masculino: 26,31% Feminino: 68,42% Não especificado: 5,26%
Nível educacional	Médio: 7,69% Superior: 38,46% Pós-graduação: 53,84%	Médio: 26,31% Superior: 39,47% Pós-graduação: 34,21%
Estado	DF: 3,84% MA: 3,84% PA: 3,84% RJ: 88,46%	DF: 5,26% MA: 2,63% MG: 2,63% RJ: 86,84% RO: 2,63%

18 Um dos pareceristas perguntou se a pequena quantidade de participantes no experimento 2, em oposição ao número de participantes no experimento 1, teria alguma consequência experimental. Não há consequências experimentais já que o número de participantes nos dois grupos do experimento 2 é o suficiente para o tratamento estatístico. Mas, obviamente, esses números não nos permitem tecer comparações entre dialetos como realizado no experimento 1. A diferença em número de participantes entre os experimentos 1 e 2 reflete o fato de que quanto maior o experimento (i.e. quantidade de estímulos) maior o número de desistência por parte dos participantes.

Material

Assim como o experimento 1, o experimento 2 também consistiu em um questionário linguístico seguido de um questionário sociolinguístico, idêntico ao usado no experimento 1. Os questionários foram conduzidos conjuntamente na plataforma *OnlinePesquisa*. Todos os itens dos questionários foram apresentados na modalidade escrita. O questionário linguístico foi composto por 60 itens: 20 sentenças experimentais (5 por condição – considerando a variável grupo) e 40 sentenças distratoras, como descrito na seção de *design experimental*. Os estímulos foram exibidos aleatoriamente por participante.

Procedimento

Ao acessarem a plataforma, os participantes leram primeiramente um termo de consentimento livre e esclarecido, deixando claro seus direitos como participante voluntário. Em seguida, leram as instruções. A eles foi dito que iriam ler sentenças do PB e que a tarefa era, usando uma escala de 1 a 5, julgar intuitivamente quão aceitável era cada sentença apresentada. A apresentação dos estímulos experimentais foi precedida por um pré-teste contendo 3 sentenças da mesma natureza que as distratoras. Ao concluírem o questionário linguístico, os participantes responderam o questionário sociolinguístico (cf. tabela 3).

3.2.3. Resultados

Os dados foram analisados por meio de ANOVA com medidas repetidas, com os seguintes efeitos principais e interações entre fatores:

- Tipo de Prep (*com* vs. *de*): $F(1,74) = 26.9$ $p < 0.000002$ (Gráfico 5)
- Tipo de estrutura (Relativa vs. *Sluicing*): $F(1,74) = 10.0$ $p < 0.002253$ (Gráfico 6)
- Tipo de Prep vs. Tipo de estrutura: $F(1,74) = 6.64$ $P < 0.011984$ (Gráfico 7)
- Tipo de estrutura vs. presença/ausência da Prep: $F(1,74) = 56.1$ $p < 0.000001$ (Gráfico 8)
- Tipo de Prep vs. Tipo de estrutura vs. presença/ausência Prep: $F(1,74) = 8.62$ $P < 0.004437$ (Gráfico 9)

Gráfico 5: Preposição (com vs. de)

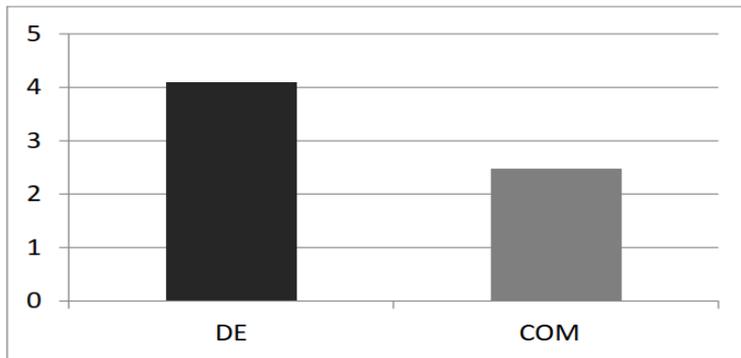


Gráfico 6: Tipo de estrutura (Relativas vs. Sluicing)

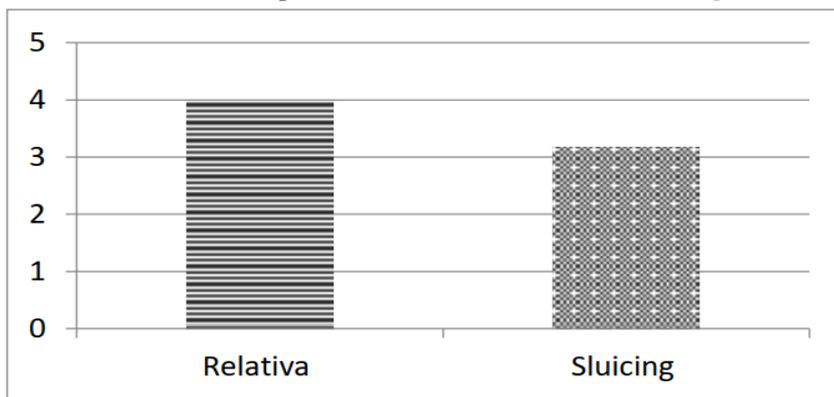


Gráfico 7: Preposição em função do tipo de estrutura

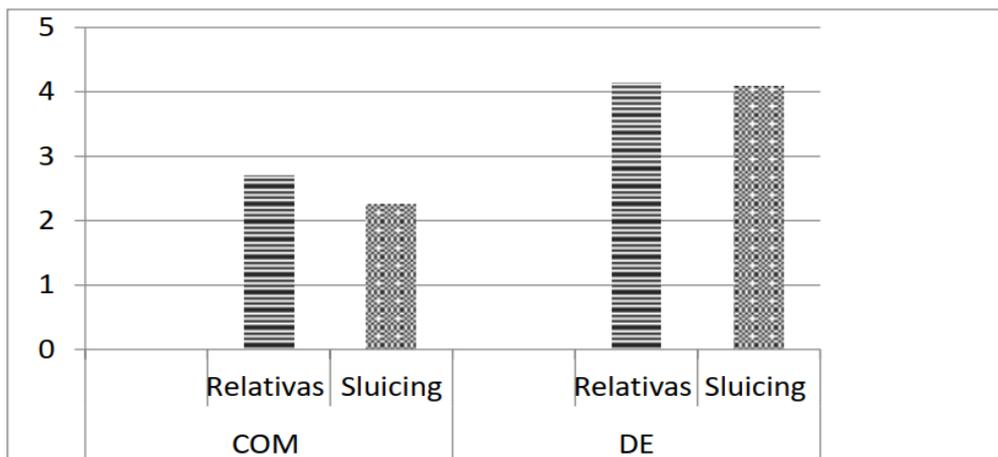


Gráfico 8: Presença/Ausência da Preposição em função do Tipo de estrutura

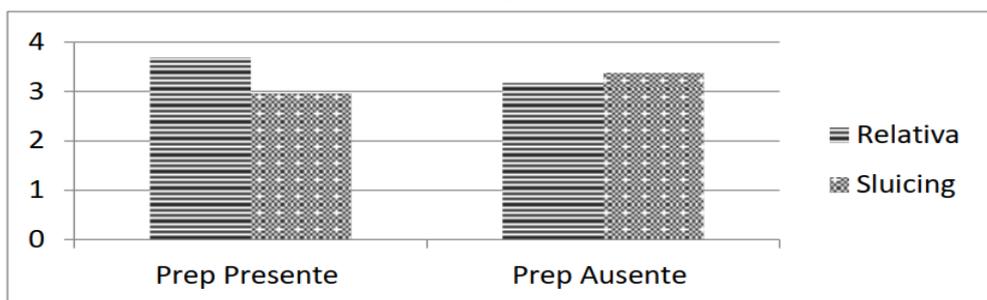
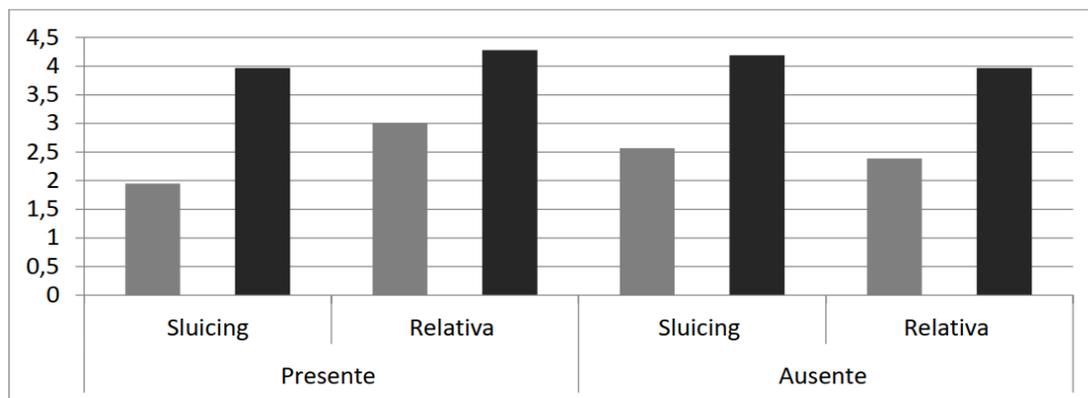


Gráfico 9: Preposição (com & de) em função do Tipo de estrutura e da Presença/Ausência de Preposição



Portanto, no geral, a preposição *de* foi significativamente mais aceita do que a preposição *com*, e estruturas relativas são mais aceitas do que *sluicing* na presença da preposição (*com*, *de*). As comparações entre pares relatadas abaixo evidenciam que na presença da preposição, a diferença de aceitabilidade entre sentenças com *sluicing* e sentenças com relativas é significativa. Na ausência das preposições, essas comparações não foram significativas.

- [COM_Relativa _Presente] vs [COM_Sluicing_Presente]: $t(37)=6.52$

$p < 0.0001$

- [SEM_Relativa _Presente]vs [SEM_Sluicing_Presente]: $t(37)=2.26$

$p < 0.0295$

Discussão dos resultados

Em relação ao tipo de preposição, os resultados obtidos vão na direção daqueles do experimento 1, com a preposição *de* tendo mais aceitação no geral, embora não tenha sido significativa a interação entre tipo de preposição e presença ou ausência da preposição.

Importante para a discussão em torno da hipótese de trabalho adotada é que no contexto de apagamento de preposição, tanto estruturas de relativas quanto de *sluicing* são aceitas, não havendo diferença significativa entre essas duas estruturas nesse contexto. Com base nesses resultados, podemos dizer apenas que relativas cortadoras e *sluicing* com apagamento de preposição coocorrem na língua, mas a análise de correlação de Pearson relatada abaixo indica uma correlação entre esses dois tipos de estruturas:

- [*Sluicing*, Ausência de *com*] & [Relativa, Ausência de *com*]: $r = 0.721$; $p = 0001$
- [*Sluicing*, Ausência de *de*] & [Relativa, Ausência de *de*]: $r = 0.573$; $p = 0001$

Portanto, podemos dizer que essas duas estruturas estão correlacionadas no PB, o que favorece a hipótese de que elisões de TP com apagamento de preposição em PB são casos de *pseudosluicing* envolvendo apagamento de estrutura clivada contendo relativa cortadora. Ou seja, concluímos que, em *sluicing*, o apagamento da preposição não é em decorrência da elisão do TP, mas em decorrência do tipo de estrutura subjacente à elisão. O TP elidido em PF, por conter uma relativa cortadora, não projeta a preposição.

Essa conclusão coloca em cheque a exigência de identidade sintática (isomorfia estrutural) em estruturas com elisão (cf. Seção 1). Se, em *sluicing*, a estrutura elidida for uma clivada, não há isomorfia estrutural com o TP correlato.

Uma possibilidade de análise seria considerar a identidade exigida em processos de elisão como sendo de natureza puramente semântica (Dalrymple *et al.*, 1991; Hardt, 1993). Essa linha de análise é razoável quando se considera o processamento. Uma vez que o processador sintático encontra a fronteira sentencial, representada pela conjunção *mas*, e dá início ao processamento da segunda oração, a representação semântica da sentença anterior é construída e armazenada na memória, mas o acesso à forma se torna indisponível, de imediato. Ou seja, a representação semântica se encontra mais acessível do que a forma (Frazier & Flores d'Arcais, 1989; Frauenfelder *et al.*, 1980; Frazier *et al.*, 1983; dentre outros). Logo, considerando questões de processamento, podemos considerar que a exigência de identidade seria de ordem semântica. No entanto, essa análise prevê incorretamente a possibilidade de alternâncias verbais em estruturas com *sluicing*. Como discutido em Merchant (2005), alternâncias causativas-incoativas, mesmo quando possíveis em uma determinada língua (73a-b), não são licenciadas em casos de *sluicing* (73c). Observe que, não havendo *sluicing*, a alternância é licenciada (73d).

- (73) a. They embroidered a table cloth with peace signs
b. They embroidered peaces signs on a table cloth
c. * They embroidered something with peace signs, but I don't know what on
d. They embroidered something with peaces signs, but I don't know what they embroidred peace signs on

Ainda, como apresentado na Introdução, alternâncias ativas-passivas também não são licenciadas (Merchant, 2012):

(74) *Someone murdered Joe, but we don't know who by

Crucial para a discussão é o fato de que, em PB, apagamento de preposição só é possível quando o sintagma preposicionado está sintaticamente presente na estrutura do TP correlato. Em (75a), embora o sintagma [para alguém] esteja implícito na semântica do TP correlato (o verbo *dar* é bitransitivo), o apagamento da preposição não ocorre no TP elidido (casos de *sprouting* – Chung et al., 1995). Em contraste, quando o PP é mapeado na sintaxe do TP antecedente (casos de *sluicing*), o apagamento da preposição pode ocorrer (75b):

- (75) a. Os jogadores deram a bola, mas eu não sei *(para) quem
b. Os jogadores deram a bola para alguém, mas eu não sei (para) quem

Portanto, a identidade semântica é necessária, mas não é suficiente em casos de elisão. Considerando a sintaxe e a semântica de estruturas elididas, Vicente (2008) propõe a seguinte generalização de *Isomorfismo sintático em sluicing*: “um constituinte elidido tem de ser sintaticamente isomórfico a um constituinte equivalente, a não ser que a violação da restrição de isomorfismo sintático reforce a proposição expressa pela sentença antecedente.” (Vicente, 2008: 5 – Tradução nossa)

Considerando *sluicing* de estruturas clivadas em espanhol, a linha de raciocínio de Vicente é a seguinte: o DP indefinido/quantificado dentro do TP correlato é retomado pelo elemento -QU que encabeça o CP elidido. Esse DP, por ser quantificado, denota, não uma entidade, mas um conjunto de entidades, das quais o elemento -QU escolhe uma. Dado que, em espanhol, clivadas são estruturas que forcem leitura exaustiva, seu valor de verdade reforça o valor de verdade de uma interrogativa comum. Nas clivadas do espanhol, o elemento -QU refere-se a uma e apenas uma entidade. Portanto, um -QU clivado, diferentemente de um -QU não clivado, está associado a duas pressuposições: existência e unicidade. Assim, em espanhol, a clivagem da interrogativa elidida via *sluicing* reforça o valor de verdade da sentença antecedente ao forçar a leitura de que o conjunto denotado pelo DP indefinido contém uma e apenas uma entidade.

Não iremos, neste artigo, aprofundar a análise proposta por Vicente. Apresentamos apenas algumas observações considerando os dados do PB. Primeiramente, como discutido acima (seção 2.2), não é claro que clivadas em PB forcem exaustividade, sendo (como exemplificado em

(26 – repetido abaixo como (76)), compatíveis com os modificadores *por exemplo e mais*.

- (76) a. Me fala quem mais é que você quer convidar para sua festa
b. Quem, por exemplo, é que você vai convidar para a sua festa?

Portanto, para acomodar línguas como o PB, a generalização proposta por Vicente não pode ser pensada em termos de exaustividade.

Clivadas são conhecidas também por acarretarem pressuposição de existência. Isto é, se a estrutura é clivada, então tem de existir pelo menos uma entidade que satisfaça as propriedades denotadas pelo predicado (Higgins 1973; Rooth 1985; den Dikken 2013). (77), por exemplo, acarreta a leitura de que existe algo que foi comido pela Branca de Neve.

(77) Eu não sei o que foi que a Branca de Neve comeu antes de adormecer

Embora um acarretamento de pressuposição de existência seja semanticamente mais fraco do que o acarretamento de pressuposição de exaustividade (que pressupõem tanto existência como unicidade), podemos argumentar que a pressuposição de existência é uma característica universal das estruturas clivadas, enquanto exaustividade não é. Assim, talvez a ideia de reforço presente na generalização de Vicente possa ser repensada, não em função de leitura exaustiva, mas em função de pressuposição de existência. Isto é, as clivadas reforçam o valor de verdade da sentença antecedente, ao reforçarem a pressuposição de existência de pelo menos uma das entidades que formam o conjunto de entidades denotado pelo DP indefinido/quantificado. Em línguas em que clivadas forcem leitura de exaustividade (espanhol), o elemento -QU da sentença elidida denota um conjunto unitário em correferência com o DP indefinido/quantificado da sentença antecedente. Em línguas como o PB, o -QU, também em correferência com o DP indefinido/quantificado da sentença antecedente, denota apenas um conjunto não vazio. Essa talvez seja a diferença responsável pelo fato de que apagamento de preposição em espanhol só é possível com pronomes -QU com elo discursivo (*D-linked wh-phrases*), enquanto, em PB, o apagamento ocorre com qualquer tipo de pronome interrogativo. Por isso, o fenômeno de apagamento de preposição é muito produtivo em PB.

Obviamente, uma análise dessa natureza sugere que, em contraste com clivadas, as interrogativas comuns não acarretam pressuposição de existência. Contrariamente a essa posição, Beaver (2001) argumenta que perguntas -QU também engatilham pressuposição de existência. Isto é, ao pronunciar (78), o locutor tem a pressuposição de que existe alguém que o professor reprovou. Por isso, não pode haver cancelamento, como em (79):

(78) Quem foi reprovado na disciplina?

(79) # Quem (que) foi reprovado na disciplina, embora ninguém tenha sido reprovado?

No entanto, dados como (80) indicam que cancelamento é possível.

(80) Quem foi reprovado na disciplina, se é que alguém foi?

Fitzpatrick (2005) considera que (79) é estranha não porque uma pressuposição foi cancelada, mas porque houve violação de condições pragmáticas sobre o uso de perguntas: um falante só pode fazer uso de uma pergunta interrogativa se ele não souber a resposta para ela. Ginzbug (2004) sugere que, em perguntas, a expectativa do locutor de que existe um referente associado a elemento -QU é uma implicatura conversacional (Grice, 1975) e não uma pressuposição, por isso pode ser cancelada, como em (80).

Portanto, vamos considerar, no presente artigo, que clivadas contrastam com interrogativas -QU canônicas no que se refere à pressuposição de existência.

Considerações finais

O objetivo principal das investigações experimentais aqui apresentadas foi analisar a natureza da estrutura subjacente ao fenômeno de apagamento de preposição em casos de *sluicing* em PB. Consideramos primeiramente a possibilidade de esses fenômenos estarem refletindo elisão de CP interrogativo com COMP Duplo (experimento 1). No entanto, os resultados obtidos se mostram contrários a essa possibilidade, já que preposições que podem ser apagadas em *sluicing* não podem ser apagadas em interrogativas dessa natureza (preposição *com*). Em seguida, consideramos a hipótese de que o fenômeno envolve apagamento de estrutura clivada contendo relativa cortadora (*Pseudosluicing* – Rodrigues *et al.*, 2009, Rodrigues, 2016). Os resultados obtidos no experimento 2 se mostraram favoráveis a essa hipótese, havendo correlação positiva entre esses dois tipos de estrutura.

Nossos resultados contribuem também para a discussão sobre a natureza da identidade entre o TP elidido e seu correlato. Dado que apagamento de preposição em contexto de *sluicing* parece envolver sentenças clivadas contendo orações relativas cortadoras, não é clara qual a natureza da restrição sobre a estrutura do TP elidido. Observamos que essa restrição não pode ser de ordem puramente semântica, e consideramos que talvez a mesma possa ser pensada como condição sobre a representação na interface sintaxe-semântica, na linha proposta por Vicente (2008).

REFERÊNCIAS

- ALGRYANI, A. 2012. *Sluicing* in Libyan Arabic. *Academy of graduate studies* 44-45 Tripoli, Libia. 41-63.
- ALMEIDA, D., & YOSHIDA, M. 2007. A problem for the preposition stranding generalization. *Linguistic Inquiry* 38: 349-362.
- BEAVER, D. I. 2001. *Presupposition and assertion in dynamic semantics*. CSLI Publications, Stanford University.
- CHOMSKY, N. & LASNIK, H. 1977. Filters and Control. *Linguistic Inquiry* 8: 425-504.
- CORRÊA, V. Orações relativas: 1998. *O que se sabe e o que se aprende sobre o português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp.
- CHUNG, S., LADUSAW, W., MCCLOSKEY, J. 1995. *Sluicing* and logical form. *Natural Language Semantics* 3: 239-82.
- DALRYMPLE, M., SHIEBER, S., PEREIRA, F. 1991. Ellipsis and high-order unification. *Linguistics and Philosophy* 14: 399-452.
- DEN DIKKEN, M. 2013. Predication and specification in the syntax of cleft sentences. In: HARTMANN, K. & VEENSTRA, T. (eds.) *Cleft structures*. Amsterdam: John Benjamins. 35-70.
- FITZPATRICK, J. 2005. The whys and how comes of presupposition and NPI licensing in questions. In: *Proceedings of the 24th West Coast Conference on Formal Linguistics*. 138-145.
- FRAUENFELDER, U.; SEGUI, J.; MEHLER, J. 1980. Monitoring around the relative clause. *Journal of verbal learning and verbal behavior* 19: 328-33.
- FRAZIER, L.; CLIFTON JR., C.; RANDALL, J. 1983. Filling gaps: decision principles and structure in sentence comprehension. *Cognition* 13: 187-222.
- FRAZIER, L.; FLORES D'ARCAIS, G. 1989. Filler-driven parsing: a study of ga-filling in Dutch. *Journal of Memory and Language* 28: 331-344.
- FORTIN, C. 2007. *Indonesian sluicing and verb phrase ellipsis*. Tese de doutorado, University of Michigan.

- GIANNAKIDOU, A. & MERCHANT, J. 1998. Reverse *sluicing* in English and Greek. *The Linguistic Review* 15: 233-256.
- GINZBURG, J. 2004. A quasi-naive semantics for interrogatives and its implications. In: GUTIERREZ-REXACH, J. (ed.) *Semantics: Critical concepts in linguistics*. London: Routledge. 353-373.
- GRICE, P. 1975. Logic and conversation. In: COLE, P., MORGAN, J. (eds.) *Speech acts*. New York: Academic Press. 41-58.
- HARDT, D. 1993. Verb phrase ellipsis: Form, meaning and processing. Tese de doutorado, University of Pennsylvania.
- HARTMAN, J. 2005. *Sluicing in Finnish*. Ms., Harvard University.
- HIGGINS, R. 1973. *The pseudo-cleft construction in English*. Tese de doutorado, MIT.
- KATO, M. A. 2014. The role of the copula in the diachronic development of focus construction”. In: CÔTÉ, M.-H., MATHIEU, E. (eds). *Variation within and across Romance languages*. Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins. 294-314.
- KATO, M. A. (no prelo) *Estudos sobre foco e interrogativas-Q no português brasileiro: mudanças sintáticas e fonológicas*.
- KATO, M. A., NUNES, J. 2009. A uniform raising analysis for standard and non standard relative clauses in Brazilian Portuguese. In: NUNES, J. (ed.). *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 93-120.
- KATO, M. A., RAPOSO, E. 1994. European and Brazilian Portuguese word order: question, focus and topic constructions. In: PARODI, C. QUICOLI, C., SALTARELLI, M., ZUBIZARRETA, M. L. (eds.) *Aspects of Romance Linguistics. Selected Papers from the LSRL XXVI*. Washington: Georgetown University Press. 267-278.
- KENEDY, E. 2007. A antinaturalidade do pied-piping em orações relativas. Tese de doutorado, UFRJ.
- KRATZER, A. 1996. *Severing the external argument from its verb*. In ROORYCK, J., ZARING, L. (eds.) *Phrase structure and the lexicon*. Springer: New York. 109-137.
- LASNIK, H. 2006. *Multiple sluicing in English*. Ms., University of Maryland, College Park.

- LEUNG, T. 2014. The preposition stranding generalization and conditions non *sluicing*: evidence from Emirati Arabic. *Linguistic Inquiry* 45: 332-340.
- LOPES-ROSSI, M. A. 1996. Estudo diacrônico sobre as interrogativas no Português do Brasil. In: ROBERT, I., KATO, M. A. (eds.).
- MERCHANT, J. 1998. Pseudosluicing: elliptical clefts in Japanese and English. In ALEXIADOU, A. (ed.) *ZAS Working Papers in Linguistics 10*. Berlin: Zentrum für Allgemeine Sprachwissenschaft.
- MERCHANT, J. 2001. *The syntax of silence*. Oxford: Oxford University Press.
- MERCHANT, J. & SIMPSON, A. 2012. *Sluicing: cross-linguistic perspectives*. Oxford: Oxford University Press.
- MILHORANCE, L. P. S. 2014. *Resolução de anáfora no contexto do sluicing: o caso do Português Brasileiro*. Tese de mestrado, PUC-Rio.
- MIOTO, C. 1997. Wh é que ≠ wh que. *Estudos Linguísticos* 26: 648–654.
- MIOTO, C. & M. C. FIGUEIREDO SILVA, C. 1995. Wh que =Wh é que? *DELTA* 11: 301-311.
- MIOTO, C., KATO., M. A. 2005. As interrogativas -QU do Português Brasileiro e do Português Europeu atuais. *Revista da ABRALIN* 4: 171-196.
- NICOLAE, A. 2012. *P-stranding in a language without P-stranding? the case of sluicing in Romanian*. Unpublished Ms., University of Bucharest.
- PAUL, I., POTSDAM, E. 2012. *Sluicing without wh-movement in Malagasy*. In: MERCHANT, J. & SIMPSON, A. (eds.) *Sluicing: cross-linguistic perspectives*. Oxford: Oxford University Press. 164-182.
- RODRIGUES, C., NEVINS, A. & VICENTE, L. 2009. Cleaving the interactions between *sluicing* and preposition stranding. In: WETZELS, L., WEIJER, J. van der (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 175-198.
- RODRIGUES, C. 2016. Guess what? Clefts are what we are silencing here. *Revista Linguística* 12: 29-36.
- RODRIGUES, C. & SAAB, A. 2019. *The limits of pseudosluicing (Remarks to Luis Vicente)*. MA, PUC-Rio, CONICET.

- ROOTH, M. 1985. *Association with focus*. Doctoral Dissertation, University of Massachusetts.
- ROSS, J. R. 1967. *Constraints on variables in syntax*. Tese de doutorado, MIT.
- ROSS, J. R. 1969. Guess who? In: BINNICK, R. I. et al. (eds.) *Proceedings of the fifth annual meeting of the Chicago Linguistics Society*. Chicago: University of Chicago. 252-286.
- SATO, Y. 2011. P-stranding under *sluicing* and repair by ellipsis: Why is Indonesian (not) special? *Journal of East Asian Linguistics* 20:339–382.
- SPROUSE, J. 2006. The accent projection principle: why the hell not? In: ed. EILAM, A., SCHEFFLER, T, TAUBERER, J. (eds.) *Proceedings of the 29th PennLinguistics Colloquium*, 349–359.
- STIGLIANO, L. (no prelo). P-stranding in ellipsis does not arise from copula source: evidence from non-exhaustive readings. In: BAIRD, M., GÖKSU, D., PESETSKY, J. (eds.) *NELS 49: Proceedings of the 49th Annual*.
- STJEPANOVIC, S. 2008. P-stranding under *Sluicing* in a Non-P-Stranding Language? *Linguistic Inquiry* 37:1790-190.
- STJEPANOVIC, S. 2012. Two cases of violation repair under *sluicing*. In: MERCHANT and SIMPSON (eds.). 68-82.
- SZCZEGIELNIAK, A. 2008. Islands in *sluicing* in Polish. In: ABNER, N. and BISHOP, J. (eds.), *Proceedings of the 27th West Coast Conference on Formal Linguistics*, Cascadilla Proceedings Project. Somerville, MA. 404-412.
- TARALLO, F. 1983. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania.
- VICENTE, L. 2008. Syntactic isomorphism and non-isomorphism under ellipsis. Ms. UCSC.
- WANG, C-A. 2007. *Sluicing* and resumption. In *Proceedings of NELS 37*. University of Massachusetts, Amherst: GLSA.
- WILLIAMS, E. 1977. Discourse and logical form. *Linguistic Inquiry* 8: 101-139.